

Peixoto, J. L. (2002). *Uma casa na escuridão*. Temas e Debates.

Notas prévias:

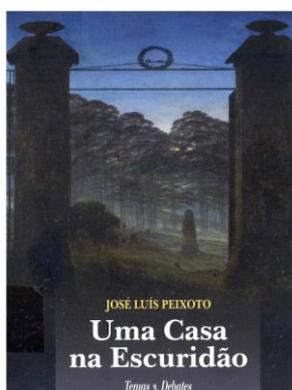
Produzido pelos Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia da Universidade de Aveiro.

Organização da paginação: topo da página, entre parêntesis retos.

Páginas sem conteúdo: 6, 8, 10, 12, 42, 44, 78, 80, 82, 108, 110, 112, 162, 164, 198, 200, 230 e 232.

[Capa]

Nota de revisor: abaixo segue-se a capa do livro com o título e autor: *Uma casa na escuridão* de José Luis Peixoto. Na capa, pode identificar-se a entrada de uma casa com os portões abertos, avistando-se uma floresta em ambiente escuro.



[Badana da capa]

Creio estarmos perante um grande ficcionista e, também, um grande prosador da língua portuguesa, capaz de extraordinárias notações do real, de ritmos inovadores e até de uma relação estrutural com as formas musicais que não têm precedentes entre nós. Vasco Graça Moura (Júri do Prémio José Saramago).

Nada neste universo de palavras é supérfluo, nada aqui falta. Cristina Robalo Cordeiro (Júri do Prémio da APE).

O fantástico é contado com a naturalidade do quotidiano. Essa ambiguidade é também reflectida numa escrita que desliza de um registo a outro sem que nos demos muita conta, da narração de quase realismo social ao rapto visionário, da voz à consciência, do relato minucioso dos trabalhos do campo à tirada quase bíblica sobre os infortúnios do ser humano numa terra eternamente ingrata. António Munoz Molina

Faulkner, Rulfo, Dotioso. Nomes solenes, mas necessários para enquadrar este produto tão actual e tão antigo [...] Peixoto descreve a paixão dos homens perdidos num mundo sem futuro com uma maturidade estilística surpreendente [...] o sumptuoso cartão de visita de um autor que soube extrair dos clássicos as justas lições e personalizá-las através de uma espessura narrativa insólita [...] L'Unità

Peixoto vem da poesia e do teatro. E isso sente-se. As suas páginas, depuradas na prosa lírica que as torna únicas, introduzem-nos num espaço rural queimado pelo sol, percorrido pelo canto das cigarras e suspenso num tempo mítico onde cada acção tem uma inevitabilidade

bíblica. Vogue Italia

[1]

Uma Casa na Escuridão

[2]

Lusografias

O Lázaro do Porto, Cristina Norton

Os Sonhos e Outras Perigosas Embirrações, António Manuel Venda

Nenhum Olhar, José Luís Peixoto

Este É o Meu Corpo, Filipa Melo

Os Sinos de S. Bartolomeu, Nuno de Figueiredo

O Segredo da Bastarda, Cristina Norton

A Demanda de D. Fuas Bragatela, Paulo Moreiras

Uma Casa na Escuridão, José Luís Peixoto

PRÓXIMO TÍTULO

Uma Visita a Bosch, Pedro Teixeira Neves

[3]

Uma Casa na Escuridão, José Luís Peixoto

[4]

Título original: Uma Casa na Escuridão

Autor: José Luís Peixoto

Capa: António Rochinha Diogo

Fotocomposição: *Alfanumérico, Lda*

Impressão: *SIG - Sociedade Industrial Gráfica, Lda*

(Bairro de S. Francisco, Lote 1-6, Camarate, 2685 Sacavém)

1.ª edição: *Outubro de 2002*

2.ª edição: *Novembro de 2002*

ISBN: 972-759-369-0

Depósito legal: 185 647 /02

Temas e Debates - Actividades Editoriais, Lda

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1 - 1500-499 Lisboa

Te!. 21 762 60 03 - Fax 21 762 62 47

E-mail: temas@temasdebates.pt

Para iniciativas com o autor: jose.peixoto@temasdebates.pt

[5]

MISERICORDIA TUA MAGNA EST SUPER ME

[7]

Pára, diz ela. A culpa não é minha.

Nem minha. Digamos que temos de pagar pelos pecados dos nossos pais.

Isso é desnecessariamente cruel, diz ela com frieza.

E desde quando é a crueldade necessária?, pergunta ele. E em que quantidade? Lê os jornais, não fui eu que inventei o mundo.

Margaret Atwood, *O Assassino Cego*

[9]

1. O Amor

[11]

Aleluia!

Louvai o Senhor, todos os povos, exaltai-O, todas as nações.

Grande é o seu amor para conosco e a sua fidelidade permanece para sempre.

Salmos, 117, 1-2

[13]

ERA UMA VEZ o FIM DE TARDE. Era um setembro entre os setembros da minha vida. Estava sentado na varanda, na cadeira de balanço, a ler um livro de páginas amareladas pela última luz. Baloiçava-me muito devagar, como se tivesse adormecido a balançar-me e as pernas continuassem mecânicas a fincar-se no chão e a elevar-me lentamente. Na outra ponta da varanda, diante da porta da cozinha, a minha mãe estava sentada no cadeirão grande.

A escrava miriam tinha acabado de lhe dar banho e de a pentear. Os gatos estavam deitados em pequenos montes a respirar no chão. Às vezes, levantava-se algum e, muito altivo, passava o corpo nas pernas da minha mãe, ou nas pernas da escrava miriam, ou nas minhas pernas. Ao ser penteada, a minha mãe tinha fechado os olhos. Tinha os cabelos estendidos nas costas do cadeirão, tinha a carne amolecida pela água, tinha a pele corada. Sem que os passos dos seus pequenos pés se ouvissem, a escrava miriam passou para a frente da minha mãe e baixou-se. Tirou do bolso do avental uma tesoura, segurou um dos pés da minha mãe no colo e começou a cortar-lhe as unhas. Levantei o olhar do livro para a ver. Entre os seus dedos finos, o pé gordo da minha mãe era um objecto grotesco. Voltei ao livro e senti as palavras fugirem-me diante do olhar. As palavras, nervosas, agitavam-se como se quisessem sair da página e desaparecer numa liberdade de palavras evadidas no céu. Baixei o livro e olhei para a frente. A montanha diante de mim, a paisagem toda, os últimos pássaros, o jardim e as ervas, tudo continuava na mesma.

[14]

Fechei o livro com um dedo a marcar a página e vi que era o livro inteiro que tremia. Aquele livro estivera, durante anos, na biblioteca. A sua lombada azul estivera na segunda prateleira, logo em frente da porta, durante anos. A sua lombada azul estivera durante anos entre livros de lombadas vermelhas. Quando eu era pequeno e brincava com os meus carrinhos, arrastava-os pelas prateleiras, que eram auto-estradas, e dos livros, que eram casas altas, aquele livro de lombada azul era sempre a minha casa. Eu segurava o meu carrinho entre o indicador e o polegar e levava-o até à minha casa que era aquele livro de lombada azul, estacionava ao lado das outras casas vermelhas e, na minha imaginação, entrava em casa, ficava a dormir numa noite que passava em segundos e voltava a entrar no meu carrinho e voltava a conduzi-lo pelas auto-estradas das prateleiras. Era esse livro que tremia na minha mão. Por um instante, temi uma revolução das palavras, mas, ao afastar o livro, reparei que era a minha mão que tremia. Era a minha mão direita que tremia. Desconfortável, fiquei um momento a olhar a minha mão a tremer como se não fosse minha, como se fosse a mão de outra pessoa. Fiquei a olhá-la sem conseguir pará-la. A partir desse dia, e durante todos os dias que vieram a seguir, a minha mão direita começava a tremer à hora de o sol se pôr e ficava a tremer durante toda a noite.

Nunca soube porque escrevia. Quando escrevia, sentava-me à escrivaninha, puxava uma folha branca, procurava a minha esferográfica e encontrava, uma a uma, as palavras. Durante anos, habituei-me a ver o meu pai cumprir o mesmo ritual. O meu pai escrevia sonetos. Depois do jantar, todos os dias, sentava-se à escrivaninha, acendia o cachimbo e começava a escrever e a riscar, a escrever e a riscar, a escrever, a ler em silêncio, a meditar, a riscar e a escrever. A minha mãe sentava-se a bordar. Ao fim do serão, o meu pai tinha um soneto pronto e íamos dormir. Quando alguém vinha jantar cá a casa, saíamos da sala de jantar para o salão. As senhoras tossiam baixinho e o meu pai lia alguns sonetos.

[15]

No fim todos batiam palmas que não se ouviam. As senhoras viravam a cabeça umas para as outras. Os senhores diziam muito bem e davam um aperto de mão ao meu pai. Quando fiz dezasseis anos, o meu pai ofereceu-me a esferográfica com que escrevi o meu primeiro conto, a minha primeira novela, o meu primeiro romance. Tudo o que fez de mim um escritor foi escrito com aquela esferográfica. A mesma que, exactamente dez anos depois de me ter sido oferecida, havia de lançar para o lume até vê-la não ser nada, nem uma brasa a esvair-se, nem um monte de cinza com a forma de esferográfica.

Naquela noite, durante todo o jantar, a escrava miriam entrou e saiu a trazer e a levar travessas cheias e vazias que a minha mãe comia, como se todas fossem a primeira. A minha mãe com molho a escorrer-lhe pelo queixo. A minha mãe, que antes só comia de garfo e faca, enchia a boca de pedacinhos cortados de lombo e arroz com uma colher. Comíamos lombo e arroz todos os dias. Todos os dias a minha mãe tinha molho a escorrer-lhe pelo queixo. Quando começámos a comer lombo e arroz todos os dias, quando a minha mãe deixou de comer de garfo e faca, tentei acompanhá-la. Tentava talvez que ela reparasse em mim. Queria talvez que ela olhasse para mim. Durante algum tempo, tentei comer a mesma quantidade de comida e repetir no mesmo momento. A escrava miriam entrava para pôr lombo e arroz no prato da minha mãe e punha também no meu. Nesses dias, ficava muito cheio. A comida enchia-me todo. Tinha lombo e arroz nos braços, nas pernas, no corpo todo. Sentia que o meu sangue era feito de molho e que o meu coração era feito de lombo e arroz.

Os meus pulmões eram feitos de lombo e arroz porque eu respirava lombo e arroz. Um dia, depois do jantar, sentado à escrivaninha, vomitei sobre três páginas de um conto que tinha começado a escrever. Nunca acabei de escrever esse conto e desisti de acompanhar a minha mãe. De qualquer modo, aquelas semanas de esforço não tinham tido qualquer efeito: a minha mãe não reparava em mim e, quando olhava na minha direcção, fazia-o com olhos cegos, olhos grandes de água que não viam o sítio para onde olhavam.

[16]

Voltei a comer normalmente, de garfo e faca, e desisti da minha mãe. Naquela noite, fiquei sentado, de guardanapo no colo, com o prato vazio, a olhar a mão direita a tremer. Na mesa, travessas rachadas, talheres velhos e gastos por muitos anos, pratos partidos por avós de avós. Levantei-me quando a minha mãe se levantou. Naquela noite, não me sentei à escrivaninha. A mão não parava de tremer e, dentro de mim, tremia uma preocupação. Fiquei na sala. Nessa altura, a maior amiga da minha mãe era a dona do palácio de siliae. Parado, ouvi-as a falarem ao telefone. A voz da minha mãe era um som distorcido pelos corredores e que me parecia uma memória ou qualquer coisa vaga e impessoal. Não percebia realmente o que ela dizia porque não me interessava. No entanto, ouvia-a, pois era o único ruído que se podia ouvir em toda a casa. Antes de a minha mãe discutir com a dona do palácio de siliae e de lhe chamar cabra e de a expulsar a pontapé pelas escadas abaixo, era costume ela vir cá e ficar a sussurrar um bule de chá com a minha mãe. Ela tinha uma escrava, creio que se chamava maria, que tinha um rosto doce e maternal. Tinha um rosto que confortava, um rosto que dizia pronto, pronto, já passou,

um rosto que fazia festas só de se olhar para ele. Assim que a minha mãe e a dona do palácio de siliaie se fechavam nos seus murmúrios, eu procurava a escrava maria e ficava horas escondido a admirar-lhe tanta ternura. No dia em que a minha mãe discutiu com a dona do palácio de siliaie, e lhe chamou cabra, e a expulsou a pontapé pelas escadas abaixo, senti que era o fim de uma fase da minha vida.

Sem conseguir escrever, sem conseguir pensar, sem ânimo, fui para a cama. Vesti o pijama e enfiei-me debaixo do peso dos cobertores e dos lençóis. Ainda que fosse demasiado cedo para ter sono, queria obrigar-me a dormir. A mão entre os lençóis tremia.

O último livro que tinha escrito deixara-me exausto. Um romance que tinha um pai e um filho que morriam, que tinha dois irmãos siameses que morriam, que tinha um homem muito velho que morria.

[17]

Um romance que tinha sido obsessivamente a minha vida durante um ano. Um romance onde as palavras eram tudo aquilo em que eu acreditava. Cheguei a pensar que tivesse sido essa a causa dos tremores na mão. Escrevia sempre com a esferográfica que o meu pai me dera. Escrevia sempre com a mão direita. A minha mão direita tem uma história. Quando era pequeno, a escrava madalena, mãe da escrava miriam, apercebeu-se de que eu fazia tudo com a mão esquerda. Disse à minha mãe, a minha mãe disse ao meu pai, e o meu pai mandou a escrava madalena atar-me a mão esquerda numa bolsa atrás das costas. Andei dois meses com a mão atada, a fazer tudo com a direita. Quando me desataram a mão, numa cerimónia que teve a presença de toda a família, até dos primos do estrangeiro, nunca mais consegui fazer nada com a esquerda. Passei a ser um menino normal. Creio que cheguei a lembrar-me disto quando estava deitado sem conseguir dormir. Dava voltas na cama. Virava-me para um lado e depois para outro, virava-me de costas para cima e depois de barriga para cima e depois de lado, virava-me e não estava bem em posição nenhuma. Os lençóis, que tinham sido frescos, transformaram-se numa pasta morna colada à pele, um incómodo viscoso e espesso. Então, fechei os olhos com força e fixei-me no que via. Esta era uma das coisas que fazia desde pequeno, que tinha descoberto por acaso e que imaginava ser eu a única pessoa a fazer no mundo. Fechava os olhos e via. Via o que se vê com os olhos fechados. Via o negro dentro de mim e via os pontos de luz que o quebram, as vagas de luz, as figuras abstractas de luz, os vultos de luz, as sombras de luz dentro da luz do negro dentro de mim. Isto é o que se vê quando fechamos os olhos e continuamos a ver: a cor negra e os pequenos seres de luz que a habitam. E não se consegue olhar fixamente nem para o negro, nem para a luz. Os pontos ou as linhas ou as figuras de luz fogem da atenção. O negro é tão absoluto, tão profundo e tão infinito que o olhar avança por ele sem encontrar um lugar onde possa deter-se. Mas, naquela noite, comecei a distinguir algo dentro desse negro.

[18]

Lentamente, devagar, um a um, os pequenos pontos luminosos deslizaram no negro e, pela primeira vez, vi que tinham uma direcção. Lentamente aproximaram-se uns dos outros numa harmonia que existia ainda sem lógica. Depois, lentamente, tudo muito lentamente, os pontos de luz formaram cordões de luz que eram linhas de luz sobre o negro. Depois, começou a surgir cada contorno de um rosto e de um corpo. Muito lentamente, muito devagar, um a um, começaram a surgir os traços do rosto mais lindo que alguma vez tinha visto e do corpo mais lindo que alguma vez tinha visto. Era um corpo de luz sobre o negro. Era uma mulher. Olhei-a até ser completa. Olhei-a até ter a certeza de que nunca, nunca iria ver uma mulher mais bonita na vida. Deslumbrante. E, mesmo depois dessa certeza, continuei a olhá-la. Ela olhava-me também. Tímida, sem saber talvez se podia sorrir. E a pele, que não podia tocar, era a pele de uma noiva pura que apetece beijar e não se pode, a pele impossível de uma noiva a caminhar

para o altar com flores nos cabelos. As mãos eram toda a ternura e toda a elegância do mundo, se houvesse mundo suficiente para tanta ternura e tanta elegância. Tinha um vestido leve, que era um pano branco a moldar-lhe o corpo. Tinha uns lábios finos. Tinha uns cabelos longos de mulher. Quando abri os olhos e me levantei da cama, tinha aquele milagre vivo dentro de mim. Descalço, despenteado, em pijama, atravessei a casa. Sentei-me à escrivaninha. Com a mão a tremer, segurei na esferográfica. E, assim que pousei a ponta da esferográfica sobre a folha de papel, a mão parou de tremer. Comecei a escrever as primeiras palavras daquele que, imaginava com uma certeza infinita, iria ser o meu melhor livro. Tinha vinte e cinco anos, seis meses e dezanove dias.

Escrevi até o princípio da manhã aparecer na janela. O sol a iluminar os olhos dos gatos espalhados na sala, sentados, deitados de olhos abertos. O sol a iluminar o sofá grande, o vermelho ruço debaixo de uma cobertura de pêlo dos gatos. O sol a chegar à escrivaninha e a ser dia nas folhas brancas. Escrevi duas páginas. Descrevi-lhe o rosto, os olhos, os lábios, a pele, os cabelos.

[19]

Descrevi-lhe o corpo, os seios sob o vestido, o ventre sob o vestido, as pernas. Descrevi-lhe o silêncio. E, quando me parecia que as palavras eram poucas para tanta e tanta beleza, fechava os olhos e parava-me a olhá-la. Ao seu esplendor seguia-se a vontade de a descrever e, de cada vez que repetia este exercício, conseguia escrever duas palavras ou, no máximo, uma frase. Quando a manhã apareceu na janela, levantei-me e voltei para a cama. Adormeci a olhá-la. Adormeci com ela dentro de mim.

Nunca me tinha apaixonado verdadeiramente. A partir dos dezasseis anos, conheci muitas mulheres, senti algo por todas.

Quando lhas lia no rosto um olhar diferente, demorado, deixava-me impressionar e, durante algumas semanas, achava que estava apaixonado e que as amava. Mas depois, o tempo. Sempre o tempo como uma brisa. Uma aragem suave, mas definitiva, a empurrar-me os sentimentos, a deixá-los lá ao fundo e a mostrar-me na distância que eram pequenos, muito pequenos e sem valor. E sempre só a solidão. Sempre. Eu sozinho, a viver. Sozinho, a ver coisas que não iriam repetir-se; sozinho, a ver a vida gastar-se na erosão da minha memória. Sozinho, com pena de mim próprio, ridículo, mas a sofrer mesmo. Nunca me tinha apaixonado verdadeiramente. Muitas vezes disse amo-te, mas arrependi-me sempre. Arrependi-me sempre das palavras.

Acordei a sorrir. Vesti-me rapidamente. Acendi um cigarro. A escrava miriam estava a coçar as costas à minha mãe na cozinha, eu disse até logo e saí. Havia gatos na varanda. Tive de escolher um caminho nos degraus para não pisar nenhum dos gatos que estavam na escada. No pátio, houve gatos que vieram passar o pêlo nas minhas pernas e despedir-se. Sentado no carro, fechei os olhos e, dentro de mim, vi que ela ainda estava a dormir. Tinha as mãos, os dedos finos, debaixo da cabeça. Tinha a pele do rosto serena. Respirava em silêncio, como um campo na primavera. Com os olhos abertos, entrei na auto-estrada a grande velocidade. Ia visitar o meu editor e já estava atrasado. Tinha-lhe prometido um romance antes do fim desse ano e tinha novidades que o iriam animar.

[20]

No banco ao meu lado, estavam as duas páginas que escrevera na noite anterior e sabia que, quando lhas mostrasse, ele iria sorrir, pois tanto ele como eu sabíamos que quando começo a escrever um livro não páro senão quando chego ao ponto final do último parágrafo da última página. Por duas vezes, ia batendo nos separadores centrais da auto-estrada. Uma vez por estar a olhar para as páginas no banco, outra por ter fechado os olhos para ver se ela já tinha acordado. Ainda estava a dormir, como, uma flor, como um céu limpo. Entrei na cidade e todos os

semáforos se acenderam à minha passagem. Estava quinze minutos atrasado. Normalmente, os guardas costumam implicar com os atrasos e, a rodas as desculpas, respondem a hora da visita é às quatro, mas naquele dia estavam estranhamente cordiais. Nem sequer me revistaram, perguntaram-me só em que pavilhão é que ele estava, perguntaram-me se lhe tinha trazido algum maço de tabaco e, perante a minha resposta negativa, mandaram-me seguir.

Quando cheguei à sala de visitas, ele já lá estava. Vestido com o uniforme azul, veio ter comigo de braços abertos e disse só tu é que te lembras de mim. Naquela altura, o meu editor já estava preso havia quase três anos. Tinha sido apanhado em flagrante a recusar o livro de um jovem escritor, dizendo-lhe sabe como é, as pessoas já lêem pouco, quanto mais um autor novo de quem nunca ouviram falar. No tribunal, onde fui testemunha de defesa, pesaram sobretudo contra ele várias cartas, assinadas por si próprio, onde tinha escrito unicamente: junto devolvemos o original enviado para leitura, lamentando informar que o mesmo não foi seleccionado para publicação. Apanhou dez anos de cadeia. No princípio, foi muito difícil. Os editores e os pedófilos são os mais maltratados nas prisões. Embora ele nunca me tenha dito, suponho que o tenham violado.

Na hora da visita, todos nos olhavam de lado. As crianças mais ranhosas, mais despenteadas, filhos de traficantes e de chulos apontavam para o meu editor, aproximavam-se e davam-lhe caneladas. As ciganas velhas passavam por ele, cuspiam para o chão e amaldiçoavam-no.

[21]

Os homens, sem motivo, perguntavam-lhe se ele, queria levar um murro. As miúdas de cabelos oxigenados da cor do sol atiravam-lhe beatas de cigarro acesas para cima. Ali, toda a gente sabia que ele era editor e toda a gente o desprezava. A mim, os editores nunca me incomodaram. Desde criança que me habituei a vê-los. Eu falava com eles. Os editores ficavam admirados e não sabiam se me deviam responder. Olhavam para a escrava madalena que fugia com o olhar. Eu voltava a falar com eles. Os editores respondiam e faziam-me as graças que se fazem às crianças. A escrava madalena não dizia nada a ninguém. Eu era pequeno e não sabia que esse era um segredo que tínhamos. Por isso, os editores nunca me incomodaram. Entravam pela porta da cozinha. A escrava madalena, piedosa, oferecia-lhes um prato de sopa e entrando na sala e pedindo todas as licenças dizia ao meu pai que estava um editor na cozinha. O meu pai mandava-a perguntar qual era o assunto que o tinha trazido ali. A escrava madalena voltava à cozinha punha a pergunta aos olhos órfãos do editor, e este, invariavelmente, dizia que vinha saber se o novo livro de sonetos estava pronto. A escrava madalena ia de novo à sala e, quando regressava à cozinha, ora simplesmente dizia ainda não, ora trazia o pequeno volume de páginas manuscritas e atadas com uma fita vermelha numa bandeja de prata. Eu era muito pequeno e muitas vezes andava a brincar na cozinha e muitas, vezes assisti a isto. Três dias depois de acabar de escrever o meu primeiro romance estava na sala com o meu pai quando entrou a escrava madalena. Disse que estava um editor na cozinha. O meu pai mandou-a perguntar qual era o assunto que o tinha trazido ali. Quando regressou, dizendo que o editor tinha vindo saber se o novo livro de sonetos estava pronto, o meu pai mandou-a dizer que ainda não, mas que eu tinha acabado de escrever um romance e mandou-a perguntar quando o poderia ter publicado.

A escrava madalena foi à cozinha e voltou, dizendo um mês. O meu pai tirou da gaveta uma fita vermelha e atou o manuscrito. A escrava madalena foi buscar a bandeja de prata à sala de jantar.

[22]

Nunca, por mais que me cruze com pessoas a lerem os meus livros nas paragens de autocarro, nunca, por mais que veja universitários a caminharem despreocupados com os meus livros

debaixo do braço, nunca, por mais que traduzam os meus livros e haja pessoas a lê-los em línguas cheias de consoantes, nunca hei-de ficar indiferente no momento em que alguém esteja a ler um livro meu perto de mim. Nas palavras que escrevi permanece aquilo que pensei durante um momento, ou durante um ano, ou durante a vida toda. Nas palavras que escrevi permanece aquilo que fui, aquilo que não sei se ainda sou. Quando alguém lê um livro meu perto de mim, sou uma criança envergonhada. Na sala de visitas da prisão, enquanto o meu editor lia, eu cruzava e descruzava as pernas, cruzava e descruzava as pernas, acendi um cigarro e apaguei-o, acendi outro cigarro e apaguei-o. Dentro de mim, ela acordou muito lentamente, estendeu os braços finos, fechou as mãos de dedos delicados e esfregou os olhos com a suavidade bonita das crianças que acordam. A calma com que me sorriu fez-me sorrir e acalmou-me também. Abri os olhos. O meu editor acabou de ler. E levantou o olhar do papel e parou-o no meu. Dois homens verdadeiros. Levantámo-nos e abraçámo-nos, amigos, irmãos naquele instante grande. De pé, ficámos abraçados no centro da sala de visitas. As outras pessoas, presos e famílias, atiravam-nos toda a espécie de lixo para cima: latas, guardanapos sujos, cascas de fruta, lenços usados.

Nas semanas seguintes, todas as noites, depois de jantar, a minha mãe deitava-se de lado no sofá grande. Os gatos deitavam-se em cima dela, como um cobertor de gatos de muitas cores a deixar-lhe só a cabeça de fora. A escrava miriam sentava-se no chão com um alguidar cheio de azeitonas retalhadas e outro alguidar vazio. Eu sentava-me à escrivaninha. E a escrava miriam segurava numa azeitona com dois dedos e fazia-a desaparecer nos lábios em forma de azeitona da minha mãe. O pequeno fruto dava-lhe uma volta na boca, e o caroço era cuspidado na mão da escrava miriam, e fazia toe no fundo do alguidar vazio ou fazia tic quando um monte de caroços cobria já o fundo do alguidar.

[23]

Sentado à escrivaninha, a minha espera era doce porque era a certeza de um instante que ia chegar. Sentado à escrivaninha, a doçura da minha espera estava em todos os lugares da sala: na cal cansada das paredes; na luz que desenhava as sombras ténues da minha espera; nos tapetes ruços e gastos; nos quadros que, de tanto conhecer as suas paisagens, já não via; na janela e na noite que a continuava até se deter na montanha lá ao longe: grande e negra. Quando a minha mãe e a escrava miriam se iam embora, eu começava a escrever. Nunca fui tão feliz como durante essas noites. Fechava os olhos e via-a dentro de mim. A mulher mais bonita do mundo. E ia conhecendo mais do seu rosto, ia conhecendo mais do seu olhar que me via e que brilhava. Ficávamos durante horas só a olharmos um para o outro. Às vezes, fechava os olhos para a ver quando era de noite. Depois, havia uma luz que começava lentamente a atravessar-me as pálpebras. Abria os olhos, e era já de dia. Naquelas horas, conhecemo-nos. Eu via uma mulher que me olhava: os seus olhos atentos a cada brilho com que os meus olhos interiores lhe diziam que qualquer coisa na beleza ou no mundo me conduzia para ela. Naquelas horas, sem falarmos, construíram-se certezas dentro de nós. Ainda hoje o não sei explicar. A beleza, como o amor, são mistérios proibidos. Naquelas horas, a beleza e o amor eram simples. Nos nossos olhares, abriam-se caminhos para a beleza e para o amor. Eu olhava para ela no mesmo momento em que ela olhava para mim. Esse era o mistério, o milagre, o labirinto simples que usámos para nos conhecermos e para dizermos palavras de silêncio: palavras maiores, profundas, abismos, palavras que eram de sangue e que ali, eu um rapaz, ela uma rapariga, pareciam palavras de sol terno, e de sol suave, e de sol brando. Sei hoje que, durante aquele tempo, amava e era amado. Durante aquele tempo, a beleza da mulher de luz que estava dentro de mim tinha-se misturado com esse sentimento.

Esse sentimento. Esse sentimento que era um entusiasmo a mandar em todos os meus instintos, uma febre de onde não conseguia sair mesmo que quisesse, esse sentimento que era uma palavra: amor: uma palavra estranha porque era importante, eu achava que era uma

palavra importante, mas sabia que era uma palavra que eu, desde os meus dezasseis anos, tinha tornado vulgar.

[24]

Esse sentimento que era uma palavra, e eu perguntava-me a mim próprio sobre quantas pessoas a teriam tornado vulgar. Eu sentia que sentia totalmente esse sentimento. Amava e era amado. Naquelas noites, escrevia. E as palavras, o texto diante de mim, davam-lhe uma vida exterior a mim. Depois de a minha mãe acabar de comer todas as azeitonas, depois de se levantar pesada e ir para a cama, depois de a escrava miriam enfiar o alguidar cheio de caroços dentro do outro já vazio e ir para a cama também, escrevia. Encostava-me na cadeira. Quando eram os instantes em que parava de escrever, pousava o braço direito ao lado das folhas escritas e via-o tremer. Já não, me preocupava. A certeza do nosso amor era calma. Ao escrever, algo de nós se tocava. Ao escrever, sentia-a passar por mim, sentia-a atravessar-me. Depois, fechava os olhos e via-a sorrir. Ainda dentro de mim, mas um pouco do seu rosto de anjo e da lonjura do seu olhar e dos seus gestos brandos a existir na página, no texto. Às vezes, levantava-me, segurava as folhas a tremerem-me na mão e lia devagar. Após cada frase, parava e ouvia-a lida na memória. Ela era o texto. Cada palavra a dizia, cada palavra era o nome dos seus gestos e de tudo o que em si era belo. Ela era o sentido das palavras. Ela não era nem material, nem imaterial. Ela era o sentido das palavras. Nem sequer terra, nem sequer céu, estrelas, noite. Existia para lá do que podemos tocar ou entender. Ela era aquilo que existia, porque era sentida por mim. Existia dentro de mim e existia no texto para quem o lesse. Existia porque existia, porque existia para ser sentida. As noites passavam e conhecíamos-nos. Por ela estar dentro de mim e dentro do texto escrito pela minha mão, cheguei a pensar que era parte de mim. Enganei-me. Ela era maior do que eu. Dentro de mim, ela existia para lá de mim. Ela era linda. Eu pensava que conhecia o significado do amor.

[25]

O amor é o sangue do sol dentro do sol. A inocência repetida mil vezes na vontade sincera de desejar que o céu compreenda. Levantam-se tempestades frágeis e delicadas na respiração vegetal do amor. Como uma planta a crescer da terra. O amor é a luz do sol a beber a voz doce dessa planta. Algo dentro de qualquer coisa profunda. O amor é o sentido de todas as palavras impossíveis. Atravessar o interior de uma montanha. Correr pelas horas originais do mundo. O amor é a paz fresca e a combustão de um incêndio dentro, dentro, dentro, dentro, dentro dos dias. Em cada instante de manhã, o céu a deslizar como um rio. À tarde, o sol como uma certeza. O amor é feito de claridade e da seiva das rochas. O amor é feito de mar, de ondas na distância do oceano e de areia eterna. O amor é feito de tantas coisas opostas e verdadeiras. Nascem lugares para o amor e, nesses jardins etéreos, a salvação é uma brisa que cai sobre o rosto suavemente.

Eu acreditava mesmo que o amor é o sangue do sol dentro do sol. A inocência repetida mil vezes na vontade sincera de desejar que o céu compreenda. Eu acreditava que se levantam tempestades frágeis e delicadas na respiração vegetal do amor. Como uma planta a crescer da terra. O amor é a luz do sol a beber a voz doce dessa planta. Algo dentro de qualquer coisa profunda. Eu acreditava que o amor é o sentido de todas as palavras impossíveis.

Atravessar o interior de uma montanha. Correr pelas horas originais do mundo. Eu acreditava que o amor é a paz fresca de um incêndio dentro, dentro, dentro, dentro, dentro dos dias. Em cada instante de manhã, o céu a deslizar como um rio. À tarde, o sol como uma certeza. Eu acreditava que o amor é feito de claridade e da seiva das rochas.

Eu acreditava que o amor é feito de mar, de ondas na distância do oceano e de areia eterna. Eu acreditava que o amor é feito de tantas coisas opostas e verdadeiras.

Eu acreditava que nascem lugares para o amor e que, nesses jardins etéreos, a salvação é uma brisa que cai sobre o rosto suavemente.

Deitava-me de manhã. Acordava ao fim da tarde. Sentava-me na cadeira de baloiço e fumava cigarros em jejum com os olhos parados na montanha.

[26]

Lá ao fundo, o seu corpo de árvores e de terra tinha sido para mim um pavor desde criança. Durante anos, ao olhar a montanha, imaginava-me uma pedra pequena, uma pedra muito pequena, envolta em negro, asfixiada, imaginava-me um grão pequeno de terra no interior negro de algo tão grande que, ali no negro infinito, não conseguia imaginar. E pensava na escuridão, durante anos, durante séculos, morto rodeado de mortos, morto entre milhões de mortos, na escuridão. Sem me aperceber, todo esse pavor desapareceu nesses dias em que conheci o amor e em que vivi embalado. E, lá ao fundo, a montanha era um silêncio gigante e muito verde. A montanha era a sua distância e o céu infinito que a rodeava. Fumava cigarros em jejum até o meu braço direito começar a tremer. Sorria. Na luz a iluminar o mundo de transparência, o meu braço tremia e eu sentia-me sorrir, porque dentro de mim era ela que fazia o meu braço tremer. E ela estava sentada, envolta numa escuridão que me parecia benévola. O seu rosto branco olhava-me. Os seus joelhos a saírem do vestido eram uma manhã de luz. As suas mãos pousadas no colo eram o silêncio magnífico das coisas brancas, belas e puras. Eu olhava-a a sorrir quando ela sorria. Ela sorria sempre. Quando a noite entrava uniforme em tudo, levantava-me e desaparecia no corredor longo da casa. Talvez passasse pela minha mãe a falar ao telefone, talvez passasse pela escrava miriam a arrumar qualquer assunto ou a varrer com os olhos baixos no fundo da vassoura, talvez passasse pela minha mãe parada a esquecer-se de alguma coisa, talvez passasse por uma memória da escrava madalena preocupada com tudo e a tomar conta de tudo, talvez passasse pela escrava miriam a seguir a minha mãe com um leque ou um copo de água, talvez passasse pela escrava miriam ou pela minha mãe, e entrava na sala, sentava-me à escrivaninha, apaixonado de amor, a pensar em frases e em palavras.

Outubro trouxe uma chuva constante, trouxe uma aragem a polir o mundo de nitidez. Na primeira semana de outubro, o cheiro da terra molhada e da erva entravam pela casa e enchiam-na de outubro.

[27]

Indiferente a tudo, o meu sorriso. A minha alegria. Acordava a sorrir, mantinha o sorriso em todos os lugares e adormecia a sorrir. E ela sorria-me de luz e de um amor que lhe lia nos olhos também a sorrir. Os lábios a serem um desejo interior de felicidade. Os olhos a serem um desejo interior de felicidade e um sorriso. Este sorriso de dias e dias contagiava. Creio que vi a minha mãe sorrir mais do que o habitual, todas as pessoas falavam para mim a sorrir e creio mesmo que vi a escrava miriam quase a sorrir. Foi num dia depois de eu tomar banho. A escrava miriam chegou com as roupas num braço e, com o outro, estendeu-me uma toalha gasta e velha. Levantei-me da banheira e quando a olhei, nu e ridículo, pareceu-me encontrar o início de um sorriso na timidez do seu rosto. A escrava miriam não sorria desde que a sua mãe morrera. O meu pai, doente, na cama, rodeado pela minha mãe a segurar-lhe a mão, pela escrava madalena ao longe, pela escrava miriam e por mim, mandou a escrava madalena ir buscar o machado à parede da sala de armas. A minha mãe mostrou no rosto a tristeza infinita, mostrou uma vida inteira de esperança a terminar numa humilhação. A minha mãe desistiu de si. Triste, triste, a chorar no seu interior, a gritar no seu interior uma amargura imensa, um oceano de amargura no seu interior, mágoa. A minha mãe, e o seu sofrimento, e a sua vida inteira, saíram do quarto. Eu e a escrava miriam ficámos sozinhos e calados a ver o meu pai tão doente. A escrava madalena entrou no quarto, segurando o machado com ambas as mãos, e pousou-o no colo do meu pai. O meu pai, magro e branco, segurou o machado e disse aproxima-te. A escrava

madalena aproximou-se com a cabeça baixa e os braços ao longo do corpo. Eu e a escrava miriam, imóveis, abrimos mais os olhos. O meu pai, usando as suas últimas forças, levantou o machado no ar e acertou no peito da escrava madalena. Ao cair de costas sobre a cama, manteve os olhos abertos no tecto. Ninguém gritou. Ouvia-se só o som do machado na carne, o som das costelas a partirem-se. Ninguém gritou. A lâmina do machado a descolar-se da carne e do sangue, a sair de dentro do peito.

[28]

O sangue frio e fresco e líquido sobre a pele e, mais vermelho, a afundar-se nos lençóis brancos. E, quando a escrava madalena caiu sobre a cama, o meu pai olhou o corpo e o sangue, olhou-a, levantou o machado e acertou-lhe no rosto. A lâmina enterrou-se-lhe ao lado do nariz, entre os lábios e os olhos. O meu pai, com os olhos a serem dois poços muito fundos de água límpida, perdeu a força e caiu morto sobre o corpo e o sangue da escrava madalena. Nesse dia, com uma vaga noção da vida, acreditei que tinha aprendido o significado mais profundo do amor.

A noite, o tempo que a minha mão direita passava a tremer e em que escrevia, era a estrada que me ordenava os dias. Dentro de mim, ela passava tempo com a doce sonolência que lhe permanecia no corpo depois de ser escrita, depois de eu, a escrever, depois de nos misturarmos nas palavras. E ela olhava-me. A ver-me muito. O tempo passava quase indistinto de si próprio. Tinha prometido ao meu editor que o iria visitar e, com uma semana de atraso, para cumprir a promessa, tive de acordar cedo. Com a cabeça pesada de sono, com os olhos embaciados, afastei os ramos de hera que tinham crescido na porta da garagem. A nossa casa estava toda envolvida em hera. De mês a mês, a escrava miriam carregava a escada e afastava as folhas pequenas e os ramos mais viçosos que cresciam nas janelas e no brasão. Na primavera, os pássaros faziam ninhos entre os ramos e as folhas de hera. Também então, a escrava miriam carregava a escada e derrubava os ninhos com uma cana. Os passarinhos, acabados de nascer, ficavam a piar no chão, abandonados nos seus corpos nus e feios, na sua pele negra e nas suas cabeças grandes; piavam até a voz esmorecer, até morrerem, até a pele começar a misturar-se com a terra e apodrecerem, até serem só os seus pequenos esqueletos lavados pela chuva. A nossa casa estava toda envolvida em hera. Vista da montanha, a nossa casa era um pequeno monte de verde com janelas, com uma varanda e com um brasão de pedra. Estivera a escrever toda a noite e, no banco ao meu lado, tinha já trinta páginas escritas. Ao escrevê-las, sentira palavra a palavra, quase letra a letra.

[29]

Eram as trinta páginas mais importantes da minha vida. Ao escrever, tinha vivido. Eram trinta páginas que eram o meu amor todo e a minha esperança. Sentado à escrivaninha onde os anos passavam, olhávamo-nos muito: ela dentro de mim e o meu olhar dentro de mim, junto dela. O meu braço tremia e, com a esferográfica, escrevia em folhas brancas cada uma das palavras que a diziam. Ela sentia as palavras a tocarem-na. Ela fechava lentamente os olhos. E o tempo em que mantinha as pálpebras fechadas era tocar-me, era tocar o sol e, na pele, absorver toda a sua luz. Eu, que não podia ter nos braços aquela vida interior que era a minha vida toda, que não podia dar-lhe a mão, que não podia sequer passar-lhe os dedos devagar pelo rosto, fazia tudo isso escrevendo. Nas palavras escritas tocávamo-nos realmente. Como duas pessoas sobre a terra. Nas palavras, existiam os nossos olhares enternecidos. Dentro de cada uma das palavras, existiam mil palavras, e também cada uma dessas mil palavras tinha dentro de si mil palavras. E mesmo essas palavras que existiam dentro de outras palavras eram enormes, porque também elas tinham dentro de si mil palavras que tinham dentro de si mil palavras. Nas palavras escritas, éramos possíveis. O nosso amor. Tudo. O mundo. Por isso, aquelas eram as trinta páginas mais importantes da minha vida. Na pequena estrada de pedra que antecede a auto-estrada, conduzia

o carro e sabia que a amava. As árvores vergavam-se um pouco mais à minha passagem e, antes de mim, deixavam cair folhas amarelas, como se deixassem cair lágrimas.

Quando o guarda nos abriu o portão, éramos muitas pessoas à espera. Entrámos em fila. O guarda a conferir o nome dos presos que vínhamos visitar. Está em que pavilhão? Entrávamos. Depois, escrevíamos num papel tudo o que trazíamos para os presos. Quantos maços de cigarros? O guarda a suspeitar das minhas trinta páginas e a examiná-las.

Depois, esvaziávamos os bolsos em cima do balcão, descalçávamo-nos, tirávamos o cinto e passávamos na máquina. Apitava. Tire os anéis, as pulseiras e os fios. Passe outra vez. Apitava. Passe outra vez. Apitava. Apitava.

[30]

O guarda, irritado connosco ou com a máquina, revistava-nos. Pode seguir. Na sala de visitas, o uniforme azul do meu editor. Sentei-me e ele nem disse olá, nem perguntou como estás? olhou para as trintas páginas na minha mão, como se as pedisse. Estendi-lhas. Agarrou-as muito depressa, abriu muito os olhos e mergulhou-os dentro da página. Indiferente às crianças que faziam uma roda à nossa volta e que, em coro, gritavam cabrão, cabrão, lia.

Como se estivesse sozinho no mundo, lia. Eu olhava-o incomodado.

E, pela primeira vez, a alegria simples do amor que sentia foi perturbada. Via-o ler como se devorasse, como se devorasse aquela que me pertencia, como se devorasse aquela que era pura e que eu adorava num amor puro. Via-o ler como se a tocasse ou quisesse tocar, o que para mim era o mesmo crime. Nojento. Segurava as páginas com ambas as mãos e era como se lhe segurasse a cintura nua. Os olhos arregalados examinavam cada pormenor do seu corpo e viam apenas pele e sexo onde eu via amor, amor, ternura e pureza. Às vezes lançava a língua de fora para humedecer os lábios e era ainda mais nojento. Eu não aguentava. Sentia um fogo a arder-me. Tentava fechar os olhos para a ver dentro de mim e não conseguia. Fazia força com as pálpebras, fazia toda a força que podia e não conseguia fechar os olhos. Só conseguia ver a avidez dos seus olhos, só conseguia ver o grande silêncio da minha morte devagar, a minha tortura mais infinita, o fogo a rasgar-me com lâminas de fogo. E quando, finalmente satisfeito, me estendeu as páginas e um olhar de prazer saciado, levantei-me e saí. Sei que o meu editor ficou a olhar para mim, sem conseguir falar. Quebrei a roda de crianças à nossa volta e, nas minhas costas, cada vez mais longe, ouvia-as gritar cabrão, cabrão.

Depois, veio o mês da noite. Os dias não nasceram durante um mês. Os relógios, alheios ao mundo, continuavam a dar as horas, mas era sempre noite. A luz da electricidade não tinha força suficiente para iluminar a escuridão do mês da noite. Se alguém acendia uma lâmpada, não se distinguia sequer a luz pequena da presença de uma lâmpada acesa.

[31]

Às vezes, ia à varanda. Olhava o céu negro, o lugar onde imaginava nuvens a passarem lentas à frente do lugar onde imaginava a forma embaciada da lua, as estrelas apagadas nos seus sítios. Olhava a escuridão absoluta, as ruas vazias, o medo dos sons nocturnos. Ouvia a chuva. Sentia a chuva a tocar-me a pele, como pontos finos de luz imaginada. Dentro de mim, o rosto dela era uma voz zangada: as suas sobranceiras franzidas e zangadas, os seus olhos acusadores e zangados: como uma voz zangada, a brigar comigo por não acreditar nela. Eu acreditava nela, mas não conseguia esquecer o que imaginava do meu editor a lê-la, não conseguia esquecer aquilo que para mim era terrível. Conheçamo-nos o suficiente para nos zangarmos.

Pensávamos que nos conhecíamos. Eu não me conhecia a mim próprio, mas achava que a conhecia. Pertencíamos um ao outro o suficiente para nos zangarmos. E o mês da noite envolvia-me. A minha mãe passava o tempo a dormir onde se encostava. A escrava miriam aparecia com os olhos a brilhar nos recantos mais escuros da casa. A minha mão direita tremeu durante todo o mês da noite. E não conseguia escrever. Escrevia pouco. Quando fechava os olhos para a ver,

no seu rosto zangado conseguia apenas ver a sua beleza entristecida. Via apenas o seu olhar belo e tão triste por estar dentro de mim e me ter sido roubado. A sua pele, os seus ombros, os seus cabelos desfigurados por terem perdido a pureza, só triste, na sua imagem. E não conseguia escrever. Escrevia pouco. A minha mão direita tremeu durante todo o mês da noite e, disso, só o sofrimento, só a ansiedade. E não conseguia escrever. Escrevia pouco. Pensava muito. Dava muitas voltas. E escrevia uma palavra e um ponto final: palavra. Passava horas para me obrigar a escrever uma palavra e, depois, passava horas a repeti-la, encantado pela sua tristeza, pois todas as palavras eram tristes. Ao acordar, abria sempre a janela do meu quarto, acendia um cigarro, pousava a mão direita no parapeito e pensava sempre nela e no meu editor e em mim. Às vezes, ouvia alguma ave noturna distante ou algum cão a uivar. E, por muito longe que estivesse, parecia sempre próxima dentro daquela escuridão sem distância.

[32]

O ciúme é o ódio e o medo. É ver um rosto a sorrir e querer esmagar esse rosto e essa cabeça que sorri com uma pedra, querer pousar essa cabeça no chão e largar-lhe em cima uma pedra pesada, querer ver uma pedra esmagar essa cabeça, deixar uma pedra cair e vê-la partir esse crânio, vê-la partir os dentes e o sorriso todo, os olhos a furarem-se como gemas e ver espalhar-se no chão tudo o que estava dentro da cabeça: o sangue, os miolos desfeitos, pedaços de osso e de cartilagem. Olhar para o pescoço decapitado, com veias rasgadas a entornarem sangue, e sorrir. É querer fugir para onde tudo não exista. É ver só o silêncio das vozes e assustar-se muito. É tremer tanto nas noites que existiram, que eu senti, dentro da noite grande, da noite única do mês da noite.

Se não estava a escrever, andava pela casa como se fingisse ir a algum sítio, a fugir. Como se tivesse algum destino, como se fosse fazer alguma coisa, andava pela casa por não conseguir estar parado, por ter de sair de onde estivesse para ir para qualquer lugar de onde teria de sair para ir para outro lugar de onde teria de sair também. Ela perseguia-me dentro de mim. Eu caminhava pelo corredor, entre vultos de gatos. Entrava na sala. Sentava-me. Ela olhava-me, acusando-me ou pedindo-me que acreditasse. E levantava-me. Caminhava pelo corredor. Entrava na sala de jantar, dava uma volta à mesa. Entrava num dos quartos de visitas, cheirava o ar fechado, deitava-me na cama fria, ouvia talvez a chuva lá fora. Ela, de pé dentro de mim, dizia-me num olhar grande que não tinha motivos para sofrer. E levantava-me. Caminhava pelo corredor: caminhava comigo o som dos passos de uma multidão de gatos. Entrava na cozinha, entrava na despensa. Ela perseguia-me dentro de mim. Entrava no salão, sentava-me numa das cadeiras de seda. Ela. Os homens pintados nas paredes, em caçadas infinitas, olhavam-me através da escuridão com uma lança parada e apontada a um javali. Ela. Os anjos pintados no tecto esticavam a cabeça atrás das nuvens para me verem. Ela. Caminhava pelo corredor.

[33]

Entrava na casa de banho. Enchia a bacia de água, a loiça que era branca e grossa na minha memória, mergulhava as mãos, mergulhava os braços até aos cotovelos, limpava-me na toalha suave por ser velha. Ela, num olhar, pedia-me que acreditasse. Descia ao piso de baixo. Ela perseguia-me dentro de mim. Entrava na biblioteca, escolhia um livro com as pontas cegas dos dedos, abria-o e fechava-o. Ela olhava-me. Entrava na sala de armas e saía com o frio do metal debaixo da pele e a envolver-me. Ela olhava-me. Sentava-me à lareira apagada da sala de baixo. O seu olhar não me deixava respirar. As folhas de hera batiam nos vidros da janela. Entre os ramos e as folhas, a imagem negra da noite e da chuva. Sentado, tombava sobre mim o peso da casa, o peso das paredes. A casa mais velha do que todas as pessoas vivas. A casa que guardava no seu peso austero o tempo todo dos mortos e das gerações. A casa a envelhecer ainda mais: as porcelanas a estalarem nas prateleiras, os retratos antigos do corredor a serem caras estranhas, os tapetes gastos, os objectos a partirem-se lentamente ao longo de muitos anos.

Levantava-me e subia as escadas. Caminhava pelo corredor e os gatos afastavam-se dos meus pés. Entrava no meu quarto. Ela perseguia-me dentro de mim. Ela encontrava-me sempre. Quando me deitava na cama, de olhos fechados, a vê-la, demorava muito tempo até adormecer.

No mês da noite, sem a noção do tempo, as horas todas iguais. Fechado, o ódio e a dor, misturados, a escurecerem-me mais. O silêncio, uma faca, quando o meu editor dentro do meu pensamento. O rosto do meu editor, a pele das suas mãos, os seus lábios: uma faca. No mês da noite, a minha escuridão rasgada. E ela, o seu vestido branco, o seu corpo que um dia tinha sido puro, e que tinha nos meus olhos de então perdido a pureza. O ódio e a dor: todas as coisas que não se viam no espelho e que eram a parte de mim que era eu. O meu rosto a arder. Uma faca a rasgar-me a pele em brasa. E a escuridão ofegante, negra, negra, mais negra, mais negra que negra, absoluta e negra. A escuridão obsidiante. A casa de sombras.

[34]

E a minha mão direita a tremer o mundo, o desconforto a sair de todos os objectos e a pousar no interior da ansiedade e do medo. Ela olhava zangada, triste, e afastava-se dentro de mim, a desaparecer devagar, mais pequena, ao longe, mais ténue, na escuridão que a envolvia.

Eu, a minha mão direita a tremer, eu, a noite infinita em todos os minutos, eu, o fogo, eu, a lâmina de uma faca a desenhar sangue na minha pele, eu, o mês da noite e todas as coisas que em vão tentaram matar-me.

No mês da noite, sem a noção do tempo, o telefone tocava a qualquer hora. Em dias nocturnos em que chovia constantemente, chuva, chuva dentro da escuridão, chuva que existia para mostrara escuridão do mundo lá fora, era quase sempre a dona do palácio de siliae que nos ligava. Muitas vezes o telefone tocava quando a minha mãe estava a dormir, e a dona do palácio de siliae, muito admirada, perguntava já está a dormir?, e bocejava. No mês da noite, sem a noção do tempo, a minha mãe acabava de almoçar e para ela era como se fosse de tarde, telefonava, e para a dona do palácio de siliae era como se fosse de madrugada. Sem a noção do tempo, o telefone tocava a qualquer hora. Soava como uma sirene dentro de nós, como um grito dentro da escuridão enorme da casa. Quando, naquela hora da noite, o telefone tocou, ouvi os passos da minha mãe no chão de madeira, os passos confusos da minha mãe gorda, ouvi depois os passos leves da escrava miriam cada vez mais próximos, ouvi as suas mãos pequenas na porta do meu quarto, ouvi a sua voz sumida a chamar-me. O corredor e os gatos. Atendi o telefone e era um poeta. Dizia-me para ir depressa à prisão, que o meu editor, que o meu editor. Uma cortina de noite mais nocturna. Pensei no ódio em cada palavra, mas fui ao meu quarto vestir o casaco que tinha as chaves do carro no bolso. Dentro de mim, ela aproximou-se zangada. Mas, lamentei-o mais tarde, os meus ciúmes eram mais fortes do que o seu rosto. Os faróis abriam caminhos na estrada. Não havia outros carros. Ninguém saía de casa. A chuva tinha parado. Entrava pela janela o cheiro interior da terra molhada, o cheiro germinal da terra por dentro, molhada de ervas viçosas a crescer, talvez verdes na escuridão.

[35]

No meio da estrada, havia ramos caídos, troncos inteiros atravessados, havia pedras e lama, havia animais mortos: cães afogados, cabras e ovelhas, vacas a dormirem mortas. A auto-estrada vazia. A cidade vazia. Ninguém nas ruas mais movimentadas. Nenhum carro parado nos semáforos. Atravessei toda a cidade na escuridão. O rio era um lugar negro e imenso. As casas formavam as colinas. Na escuridão, eu sabia que as colinas da cidade eram feitas de telhados e janelas.

Quando cheguei à prisão, como se fosse noutra cidade, como se fosse noutra país, estava uma pequena multidão, estavam guardas barricados atrás de sacos de areia, com flechas apontadas para o telhado da prisão, e estavam muitas pessoas a ver. Saí do carro e aproximei-me incrédulo. No telhado da prisão estavam todos os presos. No meio deles, como um líder,

estava o meu editor. Tinham ferros nas mãos, pedaços de camas, correntes. Quando o meu editor dava um grito, todos os presos levantavam os ferros e gritavam também. Atrás dos seus gritos, a desenhar-lhes as sombras, ardiam chamas muito altas de colchões. As chamas no alto da prisão eram um ponto de luz e de ódio na imensidão negra do mundo. Um ponto de luz rodeado por todo o céu negro e por toda a terra negra. E o meu editor gritava e logo todos os presos gritavam no telhado da prisão. O meu editor era finalmente respeitado. As chamas tentavam subir pelo céu da noite. Entre os guardas, muito quietos, a vigiarem cada movimento, houve um que se ergueu e que deu três passos para trás com uma lança. De repente, avançou um pouco e, inclinando o corpo para a frente, girou o braço e fez a lança voar. O tempo e o espaço são onde a distância. E um minuto pode ser um metro ou mil metros, e um metro pode ser um segundo, horas ou quilómetros. Quando a distância está desregulada, o tempo e o espaço transfiguram-se um no outro. O tempo, o espaço, a distância, são as pessoas dentro do tempo, do espaço e da distância. Por isso, a lança soltou-se da mão do guarda num instante que era mil instantes ou que era uma hora ou um ano inteiro de vida.

[36]

Por isso, a lança ficou sozinha no ar, parada em segundos a avançarem. Por isso, tantas noites naquela lança apontada no ar e nos olhos do meu editor. Os homens no telhado da prisão com uma expressão de raiva. As chamas dos colchões como chapas de metal incandescente. A lança única a desaparecer devagar. Firme, o cabo de madeira grossa. A lâmina de ferro escuro. As vozes suspensas. A distância muito grande: o tempo distante, o espaço distante. E a lança mais longe, a avançar na noite como um ser da noite. A cara suada do meu editor. E a lança única a chegar ao peito do meu editor. A ponta da lâmina a fazer um ruído mudo e a entrar lentamente, a entrar toda dentro dele e a sair-lhe pelas costas. Inundada de sangue, a escorrer sangue.

Atravessado pela lança, o meu editor ficou de pé dois passos para trás e dois passos para a frente e não caiu senão quando perdeu a força nas pernas. Caiu sobre os joelhos e depois caiu morto para a frente. Ficou de joelhos, com o corpo apoiado no cabo da lança. A cabeça tombada, os braços abandonados. E toda a gente ficou parada: os presos com os ferros na mão, o guarda que tinha atirado a lança, os guardas de cabeça esticada atrás dos sacos de areia, a multidão. E o primeiro dia depois do mês da noite começou a nascer. A luz começou a levantar-se serena e firme e definitiva. O corpo do meu editor. A luz a iluminá-lo. Vencidos, tristes e solenes, os presos deixaram cair os ferros das mãos no fundo dos braços. Caminhando entre as cinzas, voltaram às celas. Os guardas saíram de trás dos sacos de areia e, sem pressa, avançaram para a prisão. Aos poucos, as pessoas afastaram-se em silêncio até me deixarem sozinho. A manhã nascia cada vez mais em tudo. As aves pequenas levantaram-se atrás das coisas e encheram o céu. Um brilho de cristal era o ar fresco. A primeira claridade. O mundo a nascer. Fiquei. O meu olhar a atravessar a manhã. O meu olhar na forma do corpo do meu editor. Fiquei. Até chegarem dois guardas ao telhado da prisão. Até o segurarem pelas pernas e pelos braços e o levarem. Com uma lança a atravessá-lo.

[37]

O mundo acordava. As portas abriam-se. A luz subia no céu e descia em fios sobre a terra. Senti-me feliz por o meu editor ter morrido. Sorri por saber que ele nunca mais poderia tocá-la. Nunca mais poderia ler as páginas que a descreviam e que também eram o seu rosto e a sua pele. Mas, ainda os meus olhos não se tinham habituado à claridade da primeira manhã depois do mês da noite, ainda os meus olhos viam o seu vulto desenhado a traços de claridade no telhado da prisão, e diante de mim próprio já me sentia envergonhado por estar feliz com a morte. Lembrei-me do meu editor vestido com o uniforme azul, a esperar-me quando era sábado, nas horas da visita. O meu editor sorria. Lembrei-me, havia ainda mais tempo, quando ele chegava à cozinha, agitado, e mandava a escrava madalena dizer que eu tinha ganho um

prémio num país onde as pessoas viajavam muitos quilómetros para comprarem os meus livros. O meu editor sorria. A memória era um tempo em que nasciam as manhãs e onde tudo acabava bem. Fechei os olhos para a ver. Depois do susto, estava triste. Tinha os olhos grandes de criança cheios de um lago calmo, tinha uma pequena ruga na pele branca e lisa da testa, tinha os lábios finos a tremerem muito brandamente. Os meus olhos dentro de mim foram serenos a olhá-la. Pela primeira vez, como se lhe desse a mão, falei-lhe. Disse-lhe vamos para casa. Como se me desse a mão, os seus olhos foram ainda mais doces e os seus lábios finos e belos repousaram num sorriso.

Faltava uma semana para o fim de novembro. O dia que se seguiu à morte do meu editor foi um tempo de paz, um tempo bom, foi um dia calmo em que o vento gritava depois das janelas, insistindo medo na serenidade. Foi o dia em que esquecemos os ciúmes, em que pareceu não acontecer nada senão o nosso amor grandioso, as palavras que escrevi ao serão e a vida simplesmente. Nesse dia, retomei o hábito de me sentar ao fim da tarde na varanda. Acendi um cigarro e o fumo desaparecia assim que tocava no ar. Nas ondas suaves da cadeira de baloiço, vi o mundo varrido pelo vento, vi as árvores da montanha vergarem-se sob o vento confuso, para um lado e para outro, dando a impressão de que era a montanha inteira que se mexia.

[38]

Vi o vento, num instante, descer da montanha e desfazer as linhas de fumo que subiam das chaminés e fazer voar as roupas nos estendais e pousar nos ramos da olaia do nosso jardim, como se estivesse cansado de destruição.

A olaia, no centro do jardim, não era muito grande, mas era a árvore mais velha do nosso jardim abandonado. Quando havia um homem que chegava de manhã para tratar do jardim, o homem lançava um balde com uma corda para dentro do poço que estava ao lado do jardim. O homem levantava o balde cheio de água. Não andes a brincar ao pé do poço. Sai do pé do poço. A minha mãe tinha muito medo do poço. Qualquer dia há uma desgraça nesta casa. A minha mãe dizia-me nunca vás para o pé do poço. A minha mãe dizia-me promete-me que nunca, nunca vais brincar para o pé do poço. O homem levantava o balde cheio de água. As manhãs eram limpas. Eu ficava a vê-lo. A primeira árvore onde o homem se inclinava para despejar água era a olaia. Depois, voltava com o balde ao poço várias vezes. Despejava água em todas as outras árvores, em cada uma de todas as outras árvores. Entre o balde e a terra, a água brilhava. No fim, voltava a lançar o balde para dentro do poço, e voltava a caminhar na direcção da olaia, e voltava a despejar um balde inteiro de água sobre a terra onde as raízes da olaia, como mãos, como dedos, como unhas, se agarravam. A olaia era a árvore maior do jardim. O meu pai sentava-se ao fim da tarde na cadeira de baloiço e contava-me sempre a história de como o pai do seu pai se tinha enforcado naquela olaia e de como os homens, no dia seguinte, antes do enterro, serraram o ramo onde a corda tinha sido pendurada, e contava-me sempre a história de como o seu pai tinha nascido debaixo daquela olaia no momento em que a avó do meu pai podava as rosas, e contava-me sempre a história de como um amigo dele, que nunca cheguei a conhecer, se tinha apaixonado por uma escrava debaixo daquela olaia. Fora debaixo daquela árvore, tão grande e tão velha, que eu tinha sonhado coisas que nunca aconteceram. Na maior parte das vezes, tinha imaginado esses sonhos enquanto olhava para a estátua.

[39]

A estátua estava no jardim desde o dia em que a olaia ganhou as primeiras folhas. Era uma mulher de pedra. O seu corpo branco de mármore tinha todas as formas alisadas pela chuva e pelo vento e pelas noites. Era uma mulher nua de pedra. Era uma mulher morta de pedra. Os seus olhos brancos e cegos viam apenas um mundo que era feito só de frio. Os seus lábios de mármore existiam para beijar um silêncio invisível. As suas mãos, pousadas sobre o peito, seguravam a tristeza. O mundo era tão longe de toda aquela beleza triste. O seu olhar piedoso

e cego. Os seus lábios calados durante anos e, no entanto, a dizerem a sua voz de mármore. As suas mãos. Os dedos. Os cabelos sobre os ombros, como água de pedra a escorrer de uma fonte. Debaixo da oiaia, eu olhava para a estátua e imaginava sonhos de mulheres de mármore que olhavam para mim e, nos meus olhos, viam aquele mundo maravilhoso e terrível que a estátua via.

Faltava uma semana para o fim de novembro. Na noite desse dia, o jantar: lombo e arroz. Eu e a minha mãe sentados à mesa. A minha mãe, direita, a fixar detalhes de uma sala de jantar longe daquela onde estávamos. Eu, com os braços estendidos ao lado do prato, sobre a toalha manchada de nódoas de lombo e de bagos secos de arroz, olhava a minha mão direita a tremer. Havia o silêncio da tranquilidade. A escrava miriam entrou e a sua presença não tocou o silêncio. O chão não sentiu os passos dos seus pés delicados. O volume do seu corpo era pouco mais do que o seu avental. Carregava uma travessa carregada de comida. O molho ainda fervia pequenas bolhas e a travessa ardia como metal fundente. Sem a expressão de uma ruga no rosto, a escrava miriam segurava-a com as duas mãos e pousou-a com todo o cuidado, em silêncio, sobre a mesa. O tempo de comer. Depois, os gatos a encherem o chão da sala, a minha mãe deitada no sofá, os dedos da escrava miriam a deslizarem óleo nos braços e nas pernas da minha mãe até ela respirar longamente, mais longamente e, depois, rressonar. Depois, a escrava miriam a ajudá-la a levantar-se e a levá-la para a cama.

[40]

Depois, eu na sala; depois, eu a fechar os olhos; depois, eu e ela; depois, depois; depois, eu sentado à escritaninha, as folhas à minha frente, a esferográfica e ela em cada palavra: luminosa. Os seus olhos a fecharem-se por cada palavra, cada palavra que passava através de mim. As palavras atravessavam-me. Ela: os seus olhos. Ela e os seus olhos atravessavam-me.

Na noite, eu era atravessado por luz. Na noite, quando faltava uma semana para o fim de novembro, havia uma luz que vinha da primavera e que me atravessava. Eu sorria tanto. Eu fechava os olhos por cada palavra. Eu era tão feliz.

E havia já a luz da manhã na janela. Nos quadrados de vidro da janela, havia já o desenho baço da montanha: a neblina no corpo gigante da montanha. Os pássaros cantavam invisíveis no céu, como se os pássaros fossem o som da luz da manhã. Levantei-me da cadeira. Os gatos, enrolados, redondos no chão do corredor, levantavam a cabeça para me verem passar. A luz da manhã era cinzenta nos rostos dos retratos. Entrei no quarto. Havia luz a contornar as portadas fechadas da janela, luz como fogo. Eu, que era feliz, despi-me lentamente. Entrei na cama. O peso bom dos lençóis e dos cobertores e do mundo. Pousei as pálpebras sobre os olhos. Adormeci a vê-la adormecer.

[41]

2. O Amor é tudo o que existe

[43]

Vós, Senhor, sois o meu Deus, anseio por vós. A minha alma está sedenta de Vós, o meu corpo anela por Vós, numa terra árida, exausta, sem água. Desejo contemplar-Vos no santuário, para ver o Vosso poder e a Vossa glória, O Vosso amor é mais precioso do que a vida, os meus lábios Vos louvarão. Quero bendizer-Vos em toda a minha vida, levantar as minhas mãos em Vosso nome. Salmos, 63, 2-5

[45]

PEDAÇOS DAQUILO QUE SABIA SER o DIA entre aquilo que me parecia ser a noite. Pedacos do quarto sozinho, com a luz única da janela fechada, entre um sítio escuro onde tudo acontecia sem esforço. Eu acordava e voltava a adormecer. Eu acordava e sabia que o dia existia depois do quarto sozinho e fechado, depois da penumbra. Eu voltava a adormecer e era inundado pelo mundo do sono. Quando acordava, tentava agarrar-me a esses instantes enquanto tentava que qualquer movimento me despertasse completamente, mas voltava a adormecer, e não sei quanto tempo passava até voltar a acordar, e o quarto, e o dia, e passava um momento, e voltava a adormecer. Depois, houve uma vez em que acordei e, sem explicação, estava completamente desperto. Não voltei a fechar os olhos. Esfreguei os olhos com as mãos fechadas. Não pensei nas vezes em que tinha acordado e adormecido. Acordei. Deixei para trás o mundo do sono. E levantei-me. Abri as portadas da janela e encandeei-me com a luz. Era uma das horas da tarde próximas do fim da tarde. Aos poucos, ao acordar, reconstruí-me. A memória regressava e as ideias nasciam da memória. Vesti-me e saí para o corredor. Os gatos indiferentes às minhas pernas. Para os gatos, eu a passar era as minhas pernas que eram o incómodo de um objecto que estava ali naquele instante, como se sempre tivesse estado ali e como se fosse estar ali para sempre. Mas eu passava. Eu atravessava o corredor, escolhendo um caminho entre os gatos. Na porta aberta da sala, vi a minha mãe deitada no sofá grande, dormia de boca aberta e babava-se.

[46]

Tinha gatos que lhe dormiam sobre o corpo e tinha um gato sentado na testa. Quando esse gato mexia o rabo, tocava-lhe levemente com o pêlo nos lábios, e a minha mãe contraía o rosto, e fechava de repente a boca, e sorvia a baba que lhe escorria pela cara. Na cozinha, os olhos da escrava miriam pediram que me sentasse. Sentei-me, e deu-me uma tigela com sopas de leite. O miolo do pão era uma esponja que eu assentava com a colher sobre a língua, e que apertava, e que me enchia a boca de leite fresco. Quando engoli o último cubo de miolo de pão, segurei a colher dentro da tigela com o polegar e bebi o leite, que tinha migalhas brancas a flutuar. Pousei a tigela sobre a mesa: o barulho da tigela na madeira, o barulho da colher na loiça. A escrava miriam não olhou para mim. Sentei-me na varanda, na cadeira de baloiço, e acendi um cigarro.

No fim de tarde da varanda, no momento em que acabava de fumar, no momento em que desviava o olhar da estátua do jardim, no momento em que os pássaros subiam o céu na direcção da montanha, vi o príncipe de calicatri entrar no nosso pátio. Vi-o aproximar-se sem uma expressão no rosto, com um andar vagaroso e habitual. Subiu as escadas em silêncio, enquanto eu me levantava. Frente a frente, olhámo-nos por um instante antes de nos abraçarmos. O príncipe de calicatri tinha sido o meu mais precioso amigo de infância. O príncipe de calicatri era e seria sempre o meu maior amigo. Éramos amigos para sempre. Na varanda, naquele fim de tarde, dois dias depois da morte do meu editor, treze anos desde a última vez que nos tínhamos visto, abraçámo-nos. Eu e o príncipe de calicatri tínhamos a mesma idade. Brincámos muito até ao dia em que fez doze anos. Durante a festa, entre balões e fitas e cores, quando já todos tínhamos fatias de bolo em pequenos pratos, quando as cortávamos com a parte lateral dos garfinhos de prata, o príncipe de calicatri subiu a uma cadeira e, batendo com a faca de cortar o bolo num prato, disse a vossa atenção, por favor. Os adultos a um canto da sala de jantar, as crianças espalhadas à volta da mesa, todos ouvimos a voz do príncipe de calicatri a mudar, ora fina de criança, ora grave de quase adulto, todos o ouvimos dizer decidi que vou correr mundo.

[47]

Após o instante que foi necessário para que as suas palavras fossem entendidas, os adultos riram-se em coro e as crianças mantiveram-se em silêncio. O príncipe de calicatri, furioso, saltou da cadeira para cima da mesa e começou a pontapear tigelas de salada de fruta, bolos de creme,

podins e doces. Quando saltou da mesa para o chão e correu pela porta aberta, todas as pessoas da sala estavam cobertas de fios de ovos e de creme e de pedaços de bolo.

Ouviam-se já os seus passos rápidos a subirem as escadas em fúria, quando o seu pai, atrasado, ordenou vá já para o seu quarto. Ao acabar esta frase, ouviu-se o estrondo de uma porta no piso de cima. Depois, as senhoras estavam abaladas, a mãe do príncipe estava quase a desmaiar, o pai falava com os senhores indignados, as crianças estavam caladas, as escravas entravam e saíam com panos e escovas que não tiravam as nódoas dos vestidos compridos das senhoras, nem dos fatos escuros dos senhores, nem das roupas douradas das crianças. Enquanto os senhores saíam com as crianças pela mão, ouviam-se os gritos estridentes do príncipe de calicatri e, numa voz que era um esforço da garganta, numa voz de lágrimas e de fúria, entendia-se vou correr mundo, vou correr mundo. A mãe de um lado e o pai do outro despediam-se com apertos de mão e gestos de vergonha e, com meneias dos ombros e do olhar, repetiam desculpe, desculpe. O príncipe de calicatri ficou fechado no quarto durante seis meses e só eu estava autorizado a entrar. Os pais ficavam à porta, com olhares preocupados, e de cada vez que, através da porta, tentavam falar com ele, recebiam sempre a mesma resposta, um grito que dizia vou correr mundo. Os pais iam levar-me à porta do quarto e, a medo, tentavam dizer saia, por favor. E ele respondia vou correr mundo. Se sair, damos-lhe um carro de corrida verdadeiro. E ele respondia vou correr mundo. E olhavam-me com o olhar baixo quando eu dizia sou eu, e a porta se abria lentamente. Dessas conversas, recordo a sua determinação.

[48]

Dizia-me vais ver. Eu perguntava-lhe não tens medo? Ele ria-se. Passados seis meses, com voz de condenação e de derrota, o pai do príncipe aproximou-se da porta do quarto, bateu e disse pode ir correr mundo. Como se não tivesse passado mais do que uma hora naqueles seis meses, o príncipe saiu e, sorrindo, começou a dizer preciso disto, preciso daquilo.

Nos dias seguintes, o pai comprou três escravas para o acompanharem na viagem e escondeu algumas lágrimas quando o levou ao comboio. E vimo-lo caminhar na estação com as três escravas carregadas de malas, e vimo-lo acenar da janela e desaparecer. Durante os anos que andou a correr mundo, nunca esperei nem uma carta, nem um telefonema. No entanto, quando o vi entrar no pátio, quando o vi à minha frente, reconheci-o imediatamente e, naquele rosto, reconheci o seu rosto envelhecido de criança. O príncipe de calicatri.

Entrámos em casa. Sentámo-nos. Os gatos rodearam-nos de olhares. O príncipe de calicatri era velho. Tinha vinte e cinco anos e era velho. O seu rosto enrugado olhava o chão resignadamente, conformado, e deixava ver os cabelos brancos, muito fracos, que lhe cobriam a cabeça. Sentados, depois de estarmos novamente juntos, depois do tempo que foi necessário para as nossas presenças serem naturais um ao outro, ele disse vim para morrer, disse conheço o mundo todo, não há mais nada que me possa espantar. Disse trago dentro do meu coração, como num cofre que não se pode fechar de cheio, todos os lugares onde estive, todos os portos a que cheguei, todas as paisagens que vi através de janelas.

Nos seus olhos, soube que era verdade, porque os seus olhos parados foram como um rio sob a noite. O seu rosto, ao dizer vim para morrer, foi como se, aos meus olhos, tivesse iniciado a sua morte, como se a cada momento estivesse mais próximo de morrer, como se, depois de o dizer, a morte se tornasse visível. Com o mesmo olhar, contou-me das doenças que mataram as escravas que tinha levado e, sorrindo, contou-me de como tinha ouvido o meu nome pronunciado em muitos países. Falou-me do país onde os homens vendiam livros em canoas numa lagoa maior que dez cidades, disse-me que percebeu que o meu nome estava escrito num dos livros.

[49]

Falou-me de um velho e desdentado vendedor de livros numa canoa, a pronunciar o meu nome no meio de uma língua indecifrável. O príncipe de calicatri sabia dizer obrigado em mais de noventa idiomas; sabia dizer o meu nome é príncipe de calicatri em mais de cinquenta idiomas; mas não sabia ler, nem sabia escrever. E repetiu o meu nome na voz daquele velho. Falou-me depois do país onde as mães liam os meus livros aos filhos, disse-me que as palavras que eu inventava eram as primeiras palavras que aquelas crianças aprendiam. Falou-me depois do país onde os meus livros eram queimados, onde os guardas perseguiram as pessoas que escondiam os meus livros dentro de caixas de sapatos, dentro dos forros dos casacos, dentro dos fundos falsos das malas. E disse que eu não imaginava a importância das minhas palavras no mundo. Eu, rodeado de silêncio, disse-lhe que não havia palavras que me pertencessem.

Perguntou-me o que é que eu escrevia nos livros. Respondi-lhe que me escrevia a mim. Escrevo-me. Escrevo o que existo, onde sinto, todos os lugares onde sinto. E o que sinto é o que existo e o que sou. Escrevo-me nas palavras mais ridículas: amor, esperança, estrelas, e nas palavras mais belas: claridade, pureza, céu. Transformo-me todo em palavras. Ele olhou-me, e tudo isto ele sabia antes de me ter perguntado. Depois, contei-lhe da mulher que existia dentro de mim e que eu escrevia. Ela é a mulher mais bonita do mundo. Encontro-a quando fecho os olhos. Ela é o amor, porque nem o sol, nem as manhãs, nem a terra. E tudo é uma força infinita a erguer-me. Quando escrevo, tocamo-nos. O amor é tudo o que existe. Algo do seu rosto e da sua limpidez atravessa-me e fica escrito em palavras que são suas. E tudo isto é um mistério de beleza, tudo isto é um segredo impossível de desvendar, tudo isto é impossível e verdadeiro. Com ela, sei que cada instante poderá ser o meu último arrependimento. Olhava-me ainda, e também isto ele sabia antes de me ouvir. Nessa altura, os passos silenciosos da escrava miriam entraram na sala.

[50]

Invisível, perguntou se queríamos tomar alguma coisa. Mudo, o príncipe de calicatri olhava-a com um fascínio que envolvia aquela figura pequena, magra, fina, frágil. O príncipe parado. A escrava parada. O príncipe a olhá-la. A escrava a olhá-lo. Os dois como se não houvesse mais mundo. Sei que interrompi algo. Disse agora não, obrigado. A escrava miriam saiu. Passou um momento em que não aconteceu nada senão o príncipe de calicatri a pensar. E levantou-se de repente, despediu-se apressado e foi-se embora, como se fugisse.

Nessa noite, a minha mão a tremer fez-me vê-la durante tempo a passar. Tempo a passar. Sentado à escrivaninha, a mão a tremer e a esferográfica. E escrevi muito o seu corpo. A sua beleza distante dentro de mim. E ela via-me com olhos de quem vê algo muito bonito, e também esse gesto era lindo. E o seu corpo era pequeno; e a sua pele era o sítio onde os meus dedos gostavam de poder passar lentamente; e os seus ombros eram onde os meus lábios morreriam; e o seu pescoço, límpido de uma luz alva e branda, era onde queria encostar o meu rosto e ficar até o silêncio e a paz me levarem. Por diversas vezes, a escrava miriam entrou na sala e parou a olhar-me, como se me quisesse dizer algo. A escrava miriam nunca parava a olhar-me, a escrava miriam nunca me dizia nada, mas naquela noite, depois de parar a olhar-me por três ou quatro vezes, perguntou quem é aquele senhor que aí esteve? A sua voz foi mais suave do que a suavidade grande que sempre foi a sua voz. Respondi-lhe e ela saiu, envergonhada por perguntar e por existir. O príncipe de calicatri. Lembrei-me do que ele disse. Homens em barcos numa lagoa a venderem os meus livros, a dizerem o meu nome. A importância do meu nome muito maior do que a minha consciência, mas menor do que eu, menor do que a importância de eu existir num sítio e num instante. O meu nome: três palavras escritas num papel: três palavras: o nome do meu avô paterno, o nome do meu avô materno e o nome de família do meu pai. Duas estradas que se unem numa só, num caminho sempre em frente, sem ramificações.

[51]

Quando nasci, já os meus avós tinham morrido. Do lado do meu pai, o meu avô era alcoólico e, antes de morrer, deixou de reconhecer os filhos; a minha avó teve doze filhos que, num dia, desapareceram pelo mundo; a minha avó era epiléptica e tinha a língua retalhada pelos ataques. O nome do meu avô paterno: nobre, grandioso dentro do tempo. Do lado da minha mãe, o meu avô tinha uma bengala de marfim, lembro-me da sua fotografia numa moldura, um rosto satisfeito que nos olhava; a minha avó andou vestida de luto durante muitos anos e era uma mulher. O nome do meu avô materno: também nobre, feito de idades e, depois, feito de gerações. E o nome da família do meu pai: ele vivo e os meus tios todos vivos e juntos, felizes, a falarem do meu avô e a esconderem as lágrimas num sorriso envergonhado. Tudo isto carrego no meu nome. Tenho orgulho de tudo isto. Tenho mais orgulho no meu nome do que em mim.

Na manhã seguinte, fui acordado pela escrava miriam a chamar-me para ir ao telefone. No corredor, como se caminhasse num sonho, tropecei em corpos moles de gatos e, por duas vezes, caí sobre um coro de vozes a miar. A ideia baça de um telefone frio na minha mão e, dentro da mesma nuvem, ouvi alguma coisa dizer-me que o enterro do meu editor iria ser ao fim da tarde. Voltei para a cama. Quando acordei, pareceu-me que o mundo inteiro: a morte do meu editor, ela dentro de mim, o regresso do príncipe de calicatri, a montanha diante da casa: pareceu-me que o mundo inteiro era a memória confusa de uma coisa sonhada.

Fechei os olhos e vi-a. Sem reparar em mim, estava sentada e passava os dedos pelos cabelos longos, como se os penteasse. Quando se apercebeu de que estava a vê-la, ficou um pouco envergonhada e depois sorriu. E acreditei de novo e regressei a mim na minha vida. Na varanda, a montanha iluminada e grande. Telefonei ao príncipe de calicatri e pedi-lhe que me acompanhasse ao enterro do meu editor. A sua voz sumida não respondeu. O dia era a água depois de ter chovido muito. O cheiro da terra molhada.

[52]

A pele de água na cal dos muros, as poças de água limpa, as pedras lavadas. Quando atravessasse os portões da sua propriedade e, após fazer o caminho longo de parreiras, com os pneus a amassarem um emaranhado de ramos, estacionei no pátio diante da casa e vi que tinha ervas mais altas do que a minha cintura. As janelas da casa estavam pregadas com tábuas. Havia muito tempo que ninguém ia à casa do príncipe de calicatri. Os seus pais tinham morrido exactamente dois meses após o início da viagem. As pessoas diziam que tinham morrido de desgosto, mas, na realidade, morreram porque não comeram um pedaço de pão, nem beberam um gole de água durante exactamente dois meses. Foram encontrados sentados na sala, como se tivessem adormecido muito magros e muito tristes. E o herdeiro não estava lá nem para os chorar, nem para tomar conta da casa. O herdeiro, o príncipe de calicatri, andava a correr mundo. Vim para morrer, lembrei-me das suas palavras enquanto subia as escadas. Bati à porta e a minha mão fechada a bater abriu-a. Entrei no corredor. Os meus passos eram um som exterior a mim na escuridão. Conhecera aquela casa sempre a brilhar: os salões cheios de escravas a limparem o pó, as madeiras sempre acabadas de envernizar, tudo novo. Naquele dia, pela claridade negra das janelas fechadas, só a sujidade de anos: o pó, os ratos a correrem assustados. Encontrei o príncipe de calicatri sentado na cadeira mais escura do canto mais negro da sala. A mesma cadeira de onde, havia anos, tinha gritado vou correr mundo. Não lhe perguntei o que tens? Perguntou-lho o meu olhar. Do fundo da escuridão última, disse-me estou sozinho. E as suas palavras vindas de dentro do negro eram solenes, como uma sentença, como uma condenação em cada palavra. Disse-me que era fraco. Disse-me que, na minha casa, ao ver a escrava miriam, tinha sentido o que sentem os homens vivos, os homens que têm ainda uma vida diante deles, os homens que podem fazer planos e sonhar. E sei que o seu rosto se contorceu quando disse amor. Brilharam lágrimas no lugar negro do seu rosto. Como uma criança com medo. A chorar, triste, a fazer pausas para engolir lágrimas limpas e frias, disse que a escrava miriam era uma menina, disse que ao vê-la quis proteger o seu olhar sempre, quis guardá-la nos seus braços, disse que ela podia ter sido a mulher que o teria salvo.

[53]

Disse que os seus olhos simples, o seu corpo lindo e pobre, lhe tinham pedido que ficasse com ela e a tratasse bem e a fizesse feliz. O príncipe de calicatri chorava. Disse que sabia, com toda a força, que não podia fazer ninguém feliz, sabia que não poderia protegê-la do mundo nunca e que, por isso, ia ficar ao longe, sempre ao longe, a amá-la e a sofrer, porque a sua beleza lhe doía, porque não a poder ter era uma dor universal dentro dele. Disse que ia morrer e que o seu sofrimento ia ser muito grande. O príncipe de calicatri chorava. Abracei-o. Pousei a sua cabeça no meu ombro e encostei-lhe os meus lábios no cabelo, devagar.

No carro, esperei que ele se vestisse. Sentado, com o céu a desfazer-se em tons de azul depois do pára-brisas, com o céu como fumo azul claro e escuro e branco a desfazer-se, pensava no príncipe e para mim era misterioso o seu sofrimento. Não compreendia. Cheguei a pensar que a viagem o tinha enlouquecido. Mas, na verdade, o príncipe de calicatri já sabia aquilo que eu só havia de saber muito tempo depois. Dentro de mim, igual a mim, também ela parecia preocupada e sem compreender. Sob o céu, as paredes da casa tinham perdido a cal e a chuva tinha-as enegrecido. Marcas de chuva negra desenhavam-lhe manchas negras e manchas de gotas negras paradas a escorrer. O príncipe de calicatri veio com umas roupas do pai: velhas, roídas pela traça, enxovalhadas, a cheirar a mofo. Rodei a chave. O som do motor, enquanto atravessámos devagar as ervas altas.

O meu pai ficou no jazigo dos homens da família. Das seis prateleiras que o jazigo continha, o meu pai ficou na segunda da esquerda. Em cima, estava o seu pai. No lado direito, estava o pai do pai, o pai do pai do pai e o pai do pai do pai do pai do meu pai. Em baixo, estava o lugar vago para mim. A minha prateleira. Muitas vezes pensava que, quando eu morresse, o jazigo ficaria completo, seríamos todos pais e filhos uns dos outros.

[54]

Seis gerações de pais e filhos mortos. Depois, chegava-me uma tristeza e uma angústia, porque me lembrava de que, se algum dia tivesse um filho, ele não teria lugar no jazigo. Mas, quando ia no carro com o príncipe de calicatri, quando nos dirigíamos para o mesmo cemitério onde o meu pai e todos os meus avós descansavam no jazigo que me esperava, quando ela sorria dentro de mim, quando o fim de tarde apagava lentamente a luz do mundo sobre nós, quando passávamos pelas ruas da cidade e pelas casas como se não tivéssemos nenhuma recordação delas, não era nisto que pensava. Não pensava já no lugar do meu filho futuro no jazigo. Nem angústia, nem tristeza, no olhar silencioso com que conduzia. Nesse fim de tarde, ela a sorrir dentro de mim, a luz a extinguir-se lentamente, as ruas e as casas, acreditava que nunca iria ter filhos, pois aquela que amava com amor de uma grandeza insuportável nunca poderia ser mãe; acreditava que todas aquelas gerações morreriam mais quando eu morresse; acreditava que esse seria um fim grandioso, pois seria o lugar de um amor infinito. E chegámos. O cemitério. A palavra que, quando fiz dezoito anos, deixou de ser uma palavra. A palavra que, quando fiz dezoito anos, passou a ser uns muros altos e brancos, uns muros frios e tristes, passou a ser umas árvores altas a tocarem o céu de tristeza, uns ciprestes distantes a trazerem o medo e a noite aos dias, passou a ser uma extensão de pedras com rostos de pessoas, muitas pessoas a sorrirem em fotografias antigas, muitas pessoas tornadas pedra e morte. No dia em que fiz dezoito anos, eu, a minha mãe e a escrava miriam fomos levar o meu pai e a escrava madalena ao cemitério. O meu pai ia num caixão de mogno. A escrava madalena enrolada num lençol manchado de sangue. Dois homens pagos levantaram o meu pai e levaram-no para o jazigo. Seguimo-los devagar. A minha mãe magoada, a escrava miriam em silêncio e eu despedaçado por dentro, a pensar que tinha talvez perdido tudo. E, na altura, não reparava que a minha mãe sofria o fim absoluto da sua esperança, sofria por ter entregado a vida a quem não a quisera, sofria por tudo para sempre.

[55]

E, na altura, não reparava, não imaginava sequer, que a minha mãe preferia ter morrido. A minha mãe queria que o meu pai a tivesse chamado e lhe tivesse acertado com dois golpes de machado. A minha mãe queria que o meu pai a tivesse amado como ela, calada e submissa, o amara. Sempre com esperança, sempre com esperança. E quando a porta do jazigo se abriu, e durante o tempo breve em que esteve aberta, foi como se os nossos peitos estivessem abertos. Eu e a minha mãe, a noite dentro de nós e a sair no ar fresco do cemitério. A porta fechou-se e, fracos, abraçámo-nos a chorar com uma força que não era nossa, porque era maior. Depois, voltámos à carrinha. Os homens seguraram o lençol da escrava madalena. A expressão da minha mãe era já aquela que, a partir desse dia, permaneceu durante anos no seu rosto: um olhar bruto, analfabeto, despreocupado, desinteressado; um olhar quase irracional, a querer apenas comer e dormir; um olhar a esconder, de si próprio e das pessoas, todos os anos que falhara. E o corpo da minha mãe, que ainda era elegante, começou ali a tomar a forma que havia de ter durante anos: os movimentos desleixados, o peso. Eu, nesse dia, fazia anos. Nesse dia, fazia dezoito anos que tinha nascido. E, nesse dia, exactamente dezoito anos após ter nascido, vi atirarem a escrava madalena enrolada num lençol para a vala das escravas. O som do corpo. Ossos partidos dos braços, das pernas ou das costelas a formarem ângulos na superfície branca e vermelha de sangue do lençol. A minha mãe e o seu rosto impassível. A escrava miriam a sofrer muito. Eu. Mas, no dia em que chegámos ao cemitério, no dia do enterro do meu editor, a morte não me incomodava. Após o portão, o caminho de jazigos, passámos pelo jazigo dos homens da minha família. Dirigi-lhe um olhar de tristeza branda. O príncipe de calicatri vinha atrás com passos seguros e lentos. Ela tinha esquecido o olhar em mim e era bonita, bonita: os seus cabelos cobertos por uma claridade que existia só para os fazer brilhar, os seus olhos com a pureza da água a escorrer e a reflectir pontos de luz no seu corpo limpo, a sua pele de ternura e de amor.

[56]

Quando chegámos ao lugar onde iriam erguer a sepultura do meu editor, era tarde de mais. A noite começava já nos muros do cemitério. Dois homens deitavam as últimas pás de terra sobre a terra sobre o caixão. O meu editor tapado para sempre por terra. Pelo-mundo. Ninguém tinha ido ao enterro do meu editor e nós tínhamos chegado tarde de mais. O meu editor iria ter uma campa rasa, sem mármore, sem palavras escritas, sem o nome, apenas terra, apenas um monte pequeno de terra e um número. Apeteceu-me chorar, mas não chorei pois não percebi se o faria pelo meu editor ou por mim próprio. Apercebemo-nos de que não havia ali mais nada que pudéssemos fazer. Voltámo-nos e preparámo-nos para sair. O príncipe de calicatri segurou-me no braço e disse que queria ver a campa dos pais. Sem que eu lhe tivesse ensinado o caminho, avançava na direcção correcta e andava à minha frente com passos grandes. Rodeando sepulturas, as suas roupas velhas atravessavam o cemitério. Os ciprestes eram muito altos. A noite começava um pouco dentro de cada coisa. E, nas campas, os rostos de mulheres, de crianças, de homens. Muitas pessoas que um dia foram vivas e que, na morte, ficaram para sempre com aquela cara a sorrir. Pessoas que tiveram um nome. E o príncipe de calicatri caminhava. Rodeando sepulturas. As suas roupas velhas a atravessarem o cemitério. Os passos na areia. A cidade muito longe, depois dos muros, e nós a caminharmos num mundo grande de morte, um mundo só ali. As flores antigas sobre as campas, flores velhas de aquilo que alguém esqueceu. E, antes de chegar à campa dos seus pais, o príncipe de calicatri pediu-me que o esperasse à distância. E vi-o aproximar-se devagar, vi-o ajoelhar-se e, sem que o pudesse ouvir, reparei que falava. Passaram instantes de silêncio. Muito cansado e velho, voltou a aproximar-se de mim. Os passos na areia. Lentamente, nós a caminharmos num mundo definitivo: o céu infinito e escuro, o peso do seu tamanho negro; a terra, a sua profundidade, onde tudo desaparece, infinita como o céu; o mármore frio. E, de repente, um relâmpago no meu interior, a explosão de mim em mim.

[57]

Com o corpo suspenso, com a voz parada, segurei o braço do príncipe de calicatri. O que vi: numa campã branca, uma fotografia de vermelho esmaltado com o rosto daquela que estava dentro de mim. Um nome escrito com letras de bronze. Uma data de ter nascido e uma data de ter morrido. Uma campã abandonada, sozinha, com o rosto bonito e jovem e morto daquela que estava dentro de mim. Fechei os olhos com muita força, com muita força, para a ver e para ela me dizer que não, que não era ela que estava naquela fotografia, que não, que não era dela aquele rosto que era o dela, que não, que não devia acreditar, que havia qualquer coisa que explicava tudo, que havia uma explicação qualquer. Mas ela, dentro de mim, dentro do fundo mais interior de mim, olhava-me de silêncio. O rosto da fotografia era ela, por isso o nome era o nome dela. A data de ter morrido a ser um tempo de anos antes daquele dia. Quando olhei o príncipe de calicatri, desmoronei-me devagar, como se tivesse perdido todas as forças. Ele pousou-me a mão no ombro e disse vai, é melhor que vás.

No carro, depois do portão de ferro, depois dos muros, sob a memória da sombra dos ciprestes, era ainda o dia a resistir um último instante. Nesse momento final, conduzi cego. A cidade e os semáforos a angustiarem-me de pessoas. Eu tinha dentro de mim um cadáver. Aquela que eu amava. Aquela que eu queria amar para sempre era um cadáver. Na auto-estrada, as lágrimas e o medo.

O olhar e os gestos tinham perdido a razão de existir. A razão das coisas todas tinha perdido a razão. Como se fosse um prolongamento do meu corpo, o carro subia pela estrada da montanha. Eram os meus gestos que conduziam o carro, mas parecia que não eram os meus gestos que conduziam o carro. A estrada da montanha entrava cada vez mais dentro do caminho do carro. Passava por árvores que existiam por ignorarem que tudo tinha acabado.

O carro era conduzido mais pela minha vontade do que pelas minhas mãos, mais por uma vontade interior do mundo do que pela minha vontade, mais pelo caos e pelo desespero de tudo do que por uma vontade interior do mundo. As minhas mãos, ou a minha vontade, ou uma vontade interior do mundo, ou o caos e o desespero de tudo, pararam o carro no cimo da montanha.

[58]

Fora do carro, o silêncio dos segredos. De um lado e de outro, árvores encadeadas. De um lado, árvores e, depois, toda a extensão da terra: a minha casa a ser a primeira a seguir ao fim da montanha, estranha por ser pequena, as paredes que me rodearam, que rodearam a minha vida, a caberem na minha mão, a caberem entre dois dedos; depois, outras casas muito longe, casas espalhadas, ainda mais pequenas, a casa do príncipe de calicatri a ser um pontinho escuro, rios nocturnos, árvores nocturnas, o silêncio de não existir ninguém a ouvi-lo e escuridão; depois, a cidade até à dobra do horizonte, todas as casas e todas as pessoas indistintas. Do outro lado, árvores e, depois, o oceano: a distância infinita, porque não havia sequer horizonte, o oceano misturava-se com o céu e não se conseguia distinguir o oceano do céu, não se conseguia dizer ao certo se toda aquela distância era apenas o oceano, ou apenas o céu, ou apenas o vazio infinito a avançar na distância da morte. Do cimo da montanha, o mundo dividia-se no lugar dos homens, da sua vida pequena, e no lugar infinito onde a sua vida se desfaz. Um e outro eram lugares absurdos no peso do meu sofrimento. Caminhei na direcção das árvores, na direcção da encosta do lado da minha casa. Passei entre as primeiras árvores, na encosta do lado da minha casa. Anoiteceu completamente.

Os carvalhos muito grandes. As estrelas espalhadas, as nuvens a passarem como pessoas tristes, o céu da noite sem lua, o céu da noite escuro e sem lua. Eu acreditava que o amor é a inocência sufocada mil vezes qã vontade ridícula de desejar que o céu compreenda. E a cidade lá ao fundo, uma extensão de luzes pequenas, de vidas, de pessoas enganadas. Caminhava perdido de mim. Os meus passos a quebrarem ramos pequenos. Os meus passos no chão grosso

de folhas de carvalho. O cheiro vegetal do musgo, da resina e da água. Caminhei muito entre sombras. Cada vez mais longe de mim, cada vez mais dentro da escuridão obsidiante do medo. Formas negras de granito moldavam o vulto de alguma parte do corpo de um gigante enterrado.

[59]

Sentei-me. O meu braço direito tremia. Ela, dentro de mim, olhava-me e era uma menina triste no seu olhar. Os cabelos desciam-lhe pelo rosto, como água de uma cascata bela e nocturna. Os olhos sussurravam-me um olhar de criança a sofrer uma dor adulta e ainda criança, uma dor grande de criança. Ela dentro de mim, e eu tão sozinho. Um cadáver dentro de mim. A morte. O medo. E a floresta, os sons negros da montanha. As corujas a piarem lamentos muito longe. O vento a atravessar os carvalhos. E o frio a entrar-me pelas mangas do casaco, pelas calças. Frio negro a envolver-me o corpo de frio e de escuridão. Frio negro a roubar o meu corpo de mim e a entregá-lo ao frio e à escuridão. E envolvi as pernas com os braços e fiquei a ser parte da noite, a ser uma pedra a fechar tudo dentro de mim, a apertar tudo dentro de mim. Eu sozinho a ser a noite toda, a ser o frio e o medo e a morte e a tristeza e eu infinito. O tempo passava em horas que não distinguia. Ela olhava-me com um olhar de montanha ou de sol. E, quando esse olhar se tornou insuportável, levantei-me e comecei a correr. As lágrimas, do frio ou de tudo, cresciam-me nos olhos. Entre carvalhos, corria, a querer fugir talvez de mim. E não encontrava o caminho para sair dali. As pedras, as árvores. E passei várias vezes nos mesmos sítios. O pânico. A escuridão absoluta. Só o céu negro, as estrelas longínquas e eu sozinho. Os mesmos carvalhos repetidos na noite. O silêncio de só ouvir os meus ruídos, e os meus ruídos a assustarem-me, e o silêncio a assustar-me. De repente, o pânico de qualquer coisa. De repente, o terror. E corria perdido entre carvalhos e escuridão. A noite a encher tudo de noite. E eu a querer fugir, a querer encontrar uma saída, a sentir-me de repente ameaçado. O pânico. E eu com um cadáver dentro de mim. Ela. Um cadáver dentro de mim a olhar-me com olhos de inferno. E não consegui correr mais. Parei-me no mesmo lugar. Sentei-me na mesma pedra. Ela olhava-me. Eu tremia aterrorizado. A minha respiração era rápida e desenhava formas de vapor a desfazerem-se no espelho negro que me reflectia em todos os lados.

[60]

E o olhar dela, aos poucos, foi ganhando ternura. Como o olhar de uma mãe a ver o seu filho bonito. Quase o olhar de uma pétala de rosa a flutuar na corrente suave de um rio. E, dentro disso dentro de mim, às vezes, lembrava-me da fotografia na campã, e estremecia. Mas ela, como se me apertasse nos braços, acalmava-me com a serenidade do olhar, com brisas. E, como um céu a nascer, ela olhou-me com uma tempestade de ternura e, dos seus lábios, a voz mais pura, a voz mais limpa de menina. Disse-me não tenhas medo, amor, eu estou aqui e não vou abandonar-te nunca. E senti a beleza toda do universo. Toda a beleza do universo a explodir dentro de mim. Abri os olhos, e o dia tinha nascido. O dia grandioso, o mundo todo, nos meus olhos. Eu acreditava que se levantam tempestades frágeis e delicadas na respiração vegetal do amor. Como uma planta a crescer da terra. O amor é a luz do sol a beber a voz doce dessa planta. E tudo brilhava de limpo e puro. E, sob o céu, muito longe, distingui a casa. Levantei-me e, sem me enganar, caminhei até ao carro.

Passaram dias. O céu de nuvens como pedras a mudarem lentamente de forma; a chuva miúda que o vento apontava de encontro às janelas; a montanha longe e grande mesmo assim, sem me assustar, porque a voz dela dentro de mim dizia-me sempre não tenhas medo, não tenhas medo, amor. E a voz dela era mais do que uma voz ou do que um som de palavras, porque era uma voz que eu entendia dentro de mim. À tarde, sentava-me na cadeira de baloiço ao lado do sofá grande. O aquecedor a gás e um cobertor sobre as pernas agasalhavam-me. Virado para a janela, baloiçava-me e olhava a chuva. Os gatos dormiam sobre o tapete ou sobre o sofá. Uma multidão de gatos a dormirem confortáveis. À noite, sentava-me à escrivaninha, com as páginas

escritas de um lado, com uma folha branca diante de mim, uma folha branca, com a esferográfica na mão direita. À noite, a minha mãe deitava-se no sofá grande. Os gatos, um a um, subiam para cima dela. Gatos cinzentos, brancos, castanhos, pretos. Um a um, os gatos subiam para cima dela e deitavam-se e cobriam-na. O olhar da minha mãe era vago.

[61]

A expressão do seu rosto inexpressiva. Parava o olhar de encontro a algum objecto, como se pensasse, e eu sabia que não pensava em nada. A minha mãe não pensava em nada. Às vezes, eu olhava a minha mãe e gostava de a poder abraçar. A escrava miriam entrava na sala com um cesto cheio de laranjas e com um saco vazio. Sentava-se no chão, com as pernas juntas, com os joelhos a aparecerem ao fundo da saia, e descascava laranjas com as unhas, e enfiava os gomos entre os lábios da minha mãe, e a minha mãe cuspiam-lhe os caroços na palma da mão, e ela despejava-os no saco cheio de cascas e de caroços. A escrava miriam tinha um olhar muito triste e muito belo. Passaram dias. Numa dessas tardes, a cadeira de baloiço, o aquecedor a gás, a respiração dos gatos, a chuva na janela, a montanha ao longe, pensei no meu editor. Pensei que ele, enterrado sob a chuva, devia estar a sentir-se sozinho. O meu editor enterrado sob a chuva. Ela estava aconchegada dentro de mim e era bela como uma criança. E foi nessa tarde que decidi que nunca iria publicar as páginas onde a descrevia. Decidi que nunca mais iria deixar que alguém lesse as páginas que eram só minhas e só dela e só nossas. Nessa tarde, a cadeira de baloiço ondulava branda. O aquecedor a gás ardia devagar. Os gatos dormiam. Nessa tarde, chovia lá fora. A montanha era muito, muito longe. A escrava miriam estava parada. A minha mãe estava parada. A casa envelhecia.

Quando eu era pequeno, a casa era antiga. Era a casa de muitas pessoas que lá tinham vivido antes de nós, mas era nossa, porque essas pessoas eram gente que tinha gostado de nós. Porque os pais do meu pai tinham gostado dele e ele gostava de mim. Os quartos de visitas tinham as camas feitas com lençóis limpos de linho, a cozinha estava arrumada, os homens pintados nas paredes do salão estavam sempre numa tarde de primavera, os livros da biblioteca não tinham pó, a sala de armas reflectia a luz do sol, a lareira da sala de baixo estava sempre a arder no inverno com braçadas de lenha que a escrava madalena carregava. Quando eu era pequeno, brincava com carrinhos à volta da mesa da cozinha.

[62]

Fazia corridas e, embora fosse eu contra mim, os carrinhos que eu queria que ganhassem ganhavam sempre. Passava entre as pernas da escrava madalena e, quando algum gato assomava à porta, a escrava madalena enxotava-o, porque o meu pai não gostava de gatos. A escrava miriam era da minha idade e, enquanto eu brincava, ela passava com panos e com escovas e com baldes cheios de água. Às vezes, o meu pai dizia que não queria que a escrava miriam trabalhasse tanto, e ninguém o entendia, porque ela era uma escrava, e eu não o entendia, porque era pequeno. Às vezes, quando eu tinha fome, a escrava madalena punha-me o babete e, quando estava a soprar uma colher de sopa ou de papa, chegava a minha mãe e ficava vermelha e gritava, dizia eu é que trato do meu filho, gritava até chegar o meu pai. Então, calava-se e levava-me para a sala e dava-me a sopa ou a papa, enquanto chorava, e eu não entendia, porque era pequeno. Depois, quando o meu pai morreu, quando a escrava madalena morreu, a casa parou como um corpo que deixa de viver, mas que continua a existir apenas para acumular lixo e pó, um corpo de paredes usadas a acumular cada vez mais cicatrizes, um corpo de loiças rachadas na pele, de mobílias a ranger nas articulações dos ossos, de tapetes gastos sobre o rosto. Os gatos começaram a avançar pela casa. Primeiro, na cozinha; depois, nos corredores; depois, nos quartos, na sala, na casa toda. A escrava miriam, sempre a fazer comida, sempre a tomar conta dos recados da minha mãe, nunca mais conseguiu tratar da casa. Quando

o meu pai morreu, quando a escrava madalena morreu, morreu a vida na casa. A casa atravessou o tempo, como um homem suspenso, de olhos fechados, sob a tempestade.

Quando eu era pequeno, a minha mãe gostava muito de mim. Na sua voz de mãe, chamava-me por um nome de menino e apertava-me muito de encontro ao seu peito. A minha mãe queria que eu dormisse a sesta e contava-me histórias que sabia de cor. A minha mãe era minha amiga e contava-me muitas histórias. A minha mãe era muito nova e bonita. Eu podia fazer as piores maldades, que a minha mãe, depois de se zangar um pouco, depois de me ralhar um pouco, continuava sempre a preocupar-se comigo e a dizer-me tens de comer tudo para seres grande.

[63]

Quando íamos à cidade, eu andava de mão dada com a minha mãe nas lojas de roupas e, depois, a minha mãe comprava-me um carrinho ou uma corneta de plástico. Eu gostava muito de a ver feliz e, às vezes, ia ao jardim e arrancava uma flor para lhe dar. Quando eu era pequeno, fazia coisas e a minha mãe ria-se. No inverno, íamos para a sala de baixo. Sentava-me no chão a brincar em cima de uma manta de retalhos e a minha mãe, sentada à lareira, contava-me histórias da família dela e coisas verdadeiras, como se eu fosse grande. As tardes cinzentas passavam lentamente na janela e, dentro de casa, a luz amarela do lume. Quando eu era pequeno, soube-o mais tarde, a minha mãe não tinha ninguém com quem conversar. Quando estávamos à mesa da sala de jantar, a minha mãe dizia frases, hoje esteve muito vento, ou temos de comprar velas, e o meu pai comia em silêncio. Às vezes, o meu pai falava como se falasse sozinho, dizia coisas para se ouvir a dizê-las; às vezes, dizia piadas, e a minha mãe ria-se muito, ria-se mais do que a piada que as piadas tinham. Quando eu era pequeno, era feliz e, só mais tarde percebi, a minha mãe sofria muito. Ninguém me contou nada. Nunca ninguém falou nisso. Nunca ninguém me contou nada. Só depois do dia em que fiz dezoito anos, só depois do dia em que enterrámos o meu pai e a escrava madalena, reconstruí a minha memória, pensei e percebi que a minha mãe sofria muito. Quando a minha mãe chorava. Quando a minha mãe me abraçava. A minha mãe, a pessoa de quem eu gostava com a ingenuidade e a beleza toda do amor das crianças, a minha mãe sofria muito. Na sua mesinha de cabeceira havia uma fotografia do casamento. O meu pai tinha os lábios apertados e a minha mãe sorria. No dia em que se casaram, a minha mãe acreditou que podia ser feliz. A minha mãe casou-se com dezanove anos. Depois, foi como se mantivesse sempre esses dezanove anos, como se envelhecesse sempre dentro desses dezanove anos, sempre mais velha, mas sem nunca deixar de ter dezanove anos.

[64]

A minha mãe foi criada para acreditar que conheceria um homem bom, que se amariam e que seriam felizes. A minha mãe acreditava mesmo nisso. Casada, a minha mãe seguia o meu pai nos seus pensamentos com uma fidelidade absoluta e, a sofrer muito, fechou os olhos, a sofrer muito, fingiu que estava tudo bem quando o meu pai se começou a interessar só pela escrava madalena. A minha mãe tinha um filho, era casada e, mesmo nos momentos mais humilhantes, a minha mãe acreditou sempre que o meu pai ainda iria olhar para ela com os mesmos olhos com que lhe perguntara queres casar-te comigo? Só assim: queres casar-te comigo?, e um olhar que ela entendeu ser um olhar de amor para a vida inteira. E, quando o meu pai e a escrava madalena se olhavam sobre a mesa da sala de jantar, a minha mãe fingia que não via; e, quando o meu pai e a escrava madalena se fechavam num quarto e faziam sons de homem e mulher, a minha mãe fingia que não ouvia. A minha mãe sabia e fingia, até para ela própria, que não sabia. A minha mãe foi muito nova e bonita até ao dia em que fiz dezoito anos. Depois de enterrarmos o meu pai, a minha mãe perdeu o interesse pela vida como se perdesse a própria vida.

Nos dias que passaram, houve uma tarde em que a dona do palácio de siliae entrou na sala quase a suar, quase ofegante, e, no meio da respiração descompassada, tentou dizer

inventaram a música, inventaram a música. E estas palavras foram partidas com pedaços de respiração. A minha mãe, desinteressada, perguntou música? O que é isso? A dona do palácio de siliae tentou explicar que era uma coisa mágica, que eram sons mágicos que se faziam com instrumentos. A dona do palácio de siliae disse que era uma coisa que se ouvia, mas que também ela nunca tinha ouvido a música. A música. Parecia uma palavra estrangeira, mas ao mesmo tempo parecia uma palavra da nossa língua. Parecia uma palavra feita de pedaços de palavras da nossa língua. A explicação da dona do palácio de siliae pareceu-me uma descrição da voz daquela que estava dentro de mim.

[65]

Uma coisa mágica, uma coisa que nos encanta, que nos deixa enternecidos, sons bonitos, mais bonitos do que algum som que já tenha sido ouvido. Dentro de mim, ela sorriu. Por essa altura, ela falava muito comigo. Dizia-me amor. Tudo o que ela me dizia acabava com a palavra amor. Ela tratava-me por amor. Ao acordar, dizia-me bom dia, amor. Na varanda, enquanto eu fumava um cigarro, dizia-me é tão bom estar contigo, amor. Depois de a escrever, enquanto a minha mão tremia, dizia-me gostei tanto, amor. E aquelas palavras, naquela voz, eram mágicas, encantavam-me, deixavam-me enternecido, eram belas, mais belas do que qualquer palavra que já tivesse sido ouvida. A dona do palácio de siliae e a minha mãe falavam da música, como se procurassem chegar a alguma conclusão. Levantei-me, admirado, pois nunca as tinha visto ter uma conversa que pudesse ter um mínimo de interesse ou de importância. A escrava maria estava sentada na cozinha. Os seus olhos tinham uma generosidade grande. Atravessei a cozinha. Entrei na despensa e fiquei a espreitá-la através do armário de rede. Esse era um hábito meu. Quando a dona do palácio de siliae nos visitava, a escrava maria vinha sempre com ela. Eu procurava-a, escondia-me e espreitava-a. Nessas visitas, encontrava no olhar da escrava maria, nos seus gestos, aquilo que a minha mãe tinha perdido. Ao longe, a imagem da escrava maria era a imagem de uma memória boa de infância: a ternura. Naquela tarde, atrás do armário de rede, ouvi baterem muito levemente à porta. A escrava miriam tinha ido levar uma travessa com chá e com torradas e com bolinhos à sala, por isso, saí da despensa e fui abrir a porta. O rosto do príncipe de calicatri. Era a primeira vez que nos víamos depois de o ter deixado no cemitério. Fomos para a sala de baixo. Sentámo-nos em duas cadeiras muito gastas e com muitas linhas desfiadas. A cadeira do príncipe de calicatri tinha uma mola solta que se lhe espetava mesmo no meio das costas. Sentámo-nos. Eu sem lhe querer falar daquela que tinha dentro de mim. Ele sem me querer falar da escrava miriam. Eu a saber que ele não queria que eu lhe falasse da escrava miriam.

[66]

Ele a saber que eu não queria que ele me falasse daquela que tinha dentro de mim. Sentámo-nos. Os gatos traziam os corpos de encontro às nossas pernas e, um após outro, apertavam-se com muita força nas nossas canelas. Perguntei-lhe se ele já sabia que tinham inventado a música. Ele ficou um pouco surpreendido e contou-me de um país distante onde havia um palácio maior do que a montanha, um palácio rodeado de jardins tão imensos que, se uma criança os tentasse atravessar a pé, seria já velha quando chegasse ao palácio. Contou-me que, havia, muitos anos, mil homens inteligentes se tinham fechado nesse palácio a tentar inventar a música. A palavra música parecia natural quando o príncipe de calicatri a dizia. E, ao contar-me isto, sorriu de satisfação. O príncipe de calicatri, que sabia tudo sobre o mundo, que sabia a resposta a todas as perguntas do mundo, estava entusiasmado. Subi à cozinha e pedi à escrava miriam para averiguar se havia alguma forma de podermos ouvir a música. Saiu a repetir, música, música, música, para não esquecer a palavra. Estávamos sentados nas cadeiras velhas quando a escrava miriam desceu as escadas. Muito, muito envergonhada. O príncipe de calicatri muito, muito envergonhado. Os dois alharem para trás, em direcções opostas. E a

escrava miriam disse que andavam pela cidade muitos homens que tocavam a música em troca de nada. Eram homens, que tocavam a música para quem lhes pedisse. As pessoas, não entendiam que o fizessem sem pedir nada em troca e diziam que estavam loucos por causa da música. A escrava miriam disse que um desses homens tinha chegado, ao pátio da nossa casa. Disse que se chamava senhor violinista e que, talvez por causa da música, andava perdido havia dois dias. Mandeí que fosse chamá-lo imediatamente.

Subimos ao andar de cima. Uma multidão de gatos seguia-nos. Com o príncipe de calicatri atrás de mim; abri a porta da sala. Sobre o vapor e o aroma-do chá; disse mandei a escrava miriam ir buscar um homem que nos vem tocar a música. Com risinhos, a minha mãe e a dona do palácio de siliae levantaram-se ao ouvir isto e fomos para o salão.

[67]

No corredor, a dona do palácio de siliae olhou incomodada para as roupas velhas do príncipe de calicatri. De braço dado com a minha mãe, começou a andar mais depressa. Enquanto o príncipe de calicatri dispunha as cadeiras em forma de plateia, abri as portadas das longas janelas do salão. A luz do dia assentou sobre o pó, como mais uma camada de pó. Sentámo-nos. Esperámos, olhando para a frente, calados, atentos, a imaginar, como se já estivéssemos a presenciar alguma coisa. A escrava miriam entrou e parou-se ao lado da porta, a abrir a passagem para o senhor violinista. Com passos decididos, irrompeu pelo salão. Trazia uma malinha preta, um fraque preto, uma camisa branca e um laço. Sem parar, fez-nos uma pequena vénia com a cabeça e sorriu-nos. Parou-se junto à mesa diante de nós. Pousou a malinha e, como se estivesse a abrir o baú de um tesouro com as pontas dos dedos, abriu-a. Lá de dentro, retirou um instrumento muito polido que tinha, mais ou menos, a forma de uma cabaça com linhas a atravessá-la. Retirou também uma vareta. Segurou o instrumento da música com uma mão e a vareta com a outra. Olhou-nos sério. Pousou o instrumento da música no ombro e assentou-lhe a vareta sobre as linhas.

Um som ou alguma coisa verdadeira a existir. A nascer, a crescer, a viver. Uma coisa verdadeira e infinitamente bela a agitar-se no ar do salão. Um lamento. Uma angústia a transformar-se de repente numa alegria grande. A caminhar, a correr, a dançar. Um sonho bom a transformar-se numa alegria branda. Glória e espanto. Um som a existir muito. O ar do salão cheio de um milagre invisível. Um segredo profundo a atravessar-nos. Uma emoção a continuar para onde não se imagina. A vida condensada e repetida. Um momento ao qual não tínhamos a certeza de poder sobreviver. Recordações e a explicação simples da vida. O mistério mais impossível e a revelação mais clara. Cores: branco, azul, verde, branco, luz, negro, azul, céu, branco. Nenhuma cor. Água. Silêncio a falar a língua da claridade numa voz de manhãs. Um som ou alguma coisa verdadeira. Tudo isto e nada disto era a música.

[68]

O rosto do senhor violinista variava entre uma serenidade de rios sob a primavera e um pânico súbito de rios sob o inverno. Lento ou repentino, fazia a vareta deslizar sobre as linhas do instrumento da música. De pé, o seu corpo ondulava. O senhor violinista era magro e velho às vezes. Atrás da nossa fila de quatro cadeiras, estava a escrava miriam e a escrava maria. Ambas estavam muito paradas, como estátuas de pé, com as mãos pousadas sobre a saia. Não consegui imaginar o que pensavam. O príncipe de calicatri estava com uma expressão normal, natural, como alguém que entendesse. A minha mãe estava suspensa. Sem respirar, de olhos muito vivos. Era impossível distinguir um movimento no corpo todo da minha mãe. Dentro de mim, ela estava com os olhos fechados e estava deitada no chão do meu interior. A dona do palácio de siliae mexia-se na cadeira, mexia a cabeça no pescoço e parecia querer falar com alguém. De repente, a vareta parou sobre as linhas e parou a música. Silêncio. O senhor violinista

afastou o instrumento da vareta. Levantámo-nos a bater palmas. Ainda enfeitiçados, levantámo-nos a olhá-lo e a bater palmas. O entusiasmo eram os nossos gestos e éramos nós.

Fora desta euforia, só a dona do palácio de siliae, que juntava as mãos sem vontade e que dizia à minha mãe palavras rápidas que a minha mãe não escutava. O rosto da minha mãe, tive a certeza, era igual ao do dia em que o meu pai lhe perguntou queres casar-te comigo? Era o rosto de um deslumbramento. Era o rosto de ter descoberto a vida. O senhor violinista, sempre sobre as nossas palmas, abriu a caixinha preta de madeira, dispôs o instrumento da música entre paninhos de veludo e fechou a caixinha. E fiquei admirado quando a minha mãe, leve, se aproximou do senhor violinista e, segurando-o pelo braço, o encaminhou para o corredor. Seguíamos para a sala. Íamos em silêncio com os nossos passos, quando a dona do palácio de siliae, incomodada com as roupas velhas do príncipe de calicatri, com as sobranceiras dobradas num incómodo, encostou os lábios ao ouvido da minha mãe e sussurrou a música é uma porcaria. A minha mãe parou. Olhou-a como se não tivesse percebido bem.

[69]

A dona do palácio de siliae preparava-se para falar muito, mas apenas sussurrou a música é uma porcaria, estou muito decepcionada. A minha mãe agarrou-a pela gola do casaco e, numa agilidade inusitada da sua perna grande e gorda, empurrou-a com pontapés ao longo do corredor. O príncipe de calicatri ficou parado. O senhor violinista ficou parado. Curioso, segui a minha mãe e vi-a chamar cabra à dona do palácio de siliae, e vi-a empurrá-la com um pontapé que a fez cair pelas escadas abaixo. A escrava maria desceu logo a seguir, muito rapidamente, nas pontas dos pés. Vi ainda a escrava maria levantar a dona do palácio de siliae enquanto, caída, gritava que nunca mais iria voltar à nossa casa, e vi-as afastarem-se. Eram dois vultos que, ao longe, se fundiam num só: a escrava maria a amparar a dona do palácio de siliae que coxeava. A minha mãe não presenciou nada disto, pois havia muito que tinha virado as costas e entrado dentro de casa.

Estavam os três sentados no sofá grande da sala, rodeados de quase todos os gatos que havia na casa. A minha mãe tão diferente, falava como se estivesse envergonhada. O senhor violinista preparava-se para responder, abria a boca e, no momento em que a primeira palavra ia sair, a minha mãe dizia de novo uma palavra tímida, e o senhor violinista, que não tinha dito nada, calava-se. O príncipe de calicatri, muito direito, com olhar de estátua, era como se não estivesse lá. Após um instante mais longo de silêncio, o senhor violinista inspirou, para ganhar fôlego e dizer algo, mas foi a minha mãe que, sem olhar para ele, lhe disse queremos ficar consigo. Uma frase que era estranha por fazer sentido e por ser tão rápida dentro de tanta timidez. Queremos ficar consigo. E, com a mesma urgência instantânea, disse venha, quero mostrar-lhe o seu quarto. O rosto decidido e entusiasmado da minha mãe. O rosto admirado do senhor violinista. E levantaram-se, e saíram. Sentei-me. O príncipe de calicatri disse a música é uma das maiores invenções da humanidade. Irá trazer muita felicidade e muita tristeza. Os gatos moveram-se lentamente quando a escrava miriam entrou na sala.

[70]

Dirigiu-se ao tabuleiro com o resto do chá da dona do palácio de siliae, recolheu-o e saiu. O príncipe de calicatri tentou não olhar para ela, mas, com a cara virada para mim, olhou sempre para ela. A escrava miriam tentou não olhar para ele, mas, com a cara virada para o tabuleiro do chá, olhou sempre para ele.

E os dias. Os dias. A minha mãe acordava de madrugada e ia acordar o senhor violinista aos lençóis brancos, brancos de linho. Quando abria a janela, o sol novo entrava. O senhor violinista pedia para ela se virar enquanto ele se vestia e ela, a mentir, dizia que já tinha visto muitos homens nus. O senhor violinista, magro na sua camisola interior e nas suas ceroulas, corava. Na cozinha, ficava a vigiá-lo durante o tempo em que ele, intimidado, engolia pão com

manteiga e café com leite. De mãos dadas, levava-o para o salão e ficava a ouvi-lo até ao almoço. Nessa altura, já a escrava miriam, no tempo disponível que ganhara, tinha arrumado e lavado e esfregado metade da casa. Na sala, o sofá grande já não tinha nem um pêlo de gato e o seu vermelho ruço já se tinha tornado o vermelho nobre do sofá grande da minha infância. Na madeira da escrivaninha, notavam-se de novo as cornucópias e as curvas e as espirais dos desenhos, desenterrados sob camadas de sujidade gordurosa. Com uma rapidez espantosa, a casa rejuvenescia. Era como se o tempo tivesse parado num instante e, a partir desse instante, tivesse começado a andar para trás. As paredes limpas, os pratos substituídos, os talheres a brilharem luz no extremo dos contornos. Até os gatos andavam mais asseados. Todos os gatos cheiravam a um perfume suave de flores e tinham marcas de escova no pêlo. Alguns tinham laços dourados ao pescoço. Durante o dia, mais nítida ou mais distante, a música soava por todas as divisões da casa. A minha mãe ficava sem comer durante períodos longos e, na hora das refeições, quase não comia, pois ficava só a olhar para o senhor violinista. A minha mãe, cada vez mais magra, rejuvenescia e, também para ela, o tempo parecia correr ao contrário. Ao princípio da noite, o senhor violinista ia deitar-se exausto.

[71]

A minha mãe ficava comigo na sala. Conversávamos. A sua alegria verdadeira tinha regressado. Eu também estava feliz. No início, pensei que a minha mãe se tivesse apaixonado pelo senhor violinista, mas depois, ao ouvi-la, percebi que tinha encontrado o amor na própria música. Percebi que aquele amor era bom, pois nada exigia. A minha mãe ouvia a música toda a manhã e toda a tarde. Depois de jantar, falava comigo e, a meio da conversa, ia imitando a música com a voz. Às vezes, a minha mãe falava da música e fazia um sorriso que era maior do que o seu rosto e maior do que ela, os olhos brilhavam-lhe muito, como se fosse chorar de alegria. Quando a minha mãe ia deitar-se, despedia-se de mim com um beijo na testa. Eu sentava-me à escrivaninha, fechava os olhos para ver a mulher que estava dentro de mim. À frente, tinha uma folha branca. Na mão direita, a tremer, tinha a esferográfica. Ela: as palavras. E a sua beleza era tão imensa. A sua beleza era infinita depois do último limite do infinito. E, embora soubesse que estava morta, nunca tentei descobrir quem era. O seu nome estava gravado em mim. A data em que nascera e a data em que morrera estavam gravadas em mim, como estavam gravadas na pedra da campa, mas nunca tentei descobrir quem tinha sido em vida. Nunca tentei descobrir o que tinha feito, ou onde tinha vivido, ou quem eram os que a tinham visto solta no mundo. Mas, às vezes, chegava ao meu rosto uma tristeza grande, e perguntava-lhe estas coisas. Ela dizia-me não perguntes isso, amor, pois nada antes de nós é importante. E ela ficava triste. E eu ficava triste até ao momento em que a sua beleza era, de novo recuperada em mim e eu era, de novo, cego e feliz durante séculos dentro de cada instante. Mas, num, serão, o vento era brando nos vidros das janelas; a montanha estava lá longe, grande, negra dentro da noite; e a minha mãe olhava-me nos olhos e falava-me dos mistérios e das magias da música. A minha mãe falava-me na vida verdadeira e do amor verdadeiro. Nesse serão, tive uma ideia que me pareceu a mais espantosa das ideias. Uma ideia que ardeu dentro de mim um incêndio. Um clarão. E, até pôr a ideia em prática, não pensei noutra coisa.

[72]

Mas não quis que fosse logo nessa noite. Esperei até à noite seguinte. Até lá, não pensei noutra coisa.

Na noite seguinte, a minha mãe deu-me um beijo na testa antes de se deitar. Nervoso, com a mão direita a tremer, ouvi os seus passos desaparecerem no corredor. Todos os gatos da sala estavam sentados nas patas traseiras a olharem-me fixamente. Os seus olhos eram luzes no chão. Quando me levantei, todos eles levantaram a cabeça ao mesmo tempo. Na varanda, a surpresa da noite a cobrir-me com vento fresco. A explosão imóvel da lua atrás das nuvens

lançava uma claridade nocturna sobre o mundo, desenhava todos os contornos de pedra das nuvens, rodeava a montanha de uma neblina que a tornava mais negra. Obriguei-me a acender um cigarro. Um cigarro era os minutos que tinha planeado para esperar. Entre os dedos da minha mão direita, o cigarro tremia. Nervoso, abria a boca e, sem apressar o tempo, soltava formas grossas de fumo que começavam a viver diante dos meus olhos e que subiam no ar, a contorcerem-se em moldes que a noite esculpia, até desaparecerem para outra vida onde eu já não as imaginava. Dentro de mim, ela sabia exactamente aquilo que eu ia fazer. Fazia uma cara preocupada, uma beleza preocupada, e dizia-me não, amor, não faças nada. Estamos bem assim. Eu não me zangava, pois eu nunca me zangava com ela, e disse-lhe eu não estou bem assim. Tenho de saber realmente que és minha. Mesmo minha. Foram essas as únicas palavras que dissemos durante todo o dia. Na varanda sobre a noite, o cigarro diminuía. Os meus olhos eram verdadeiros. A esperança dentro de mim era verdadeira: a fé absoluta. Acreditava, sem conseguir imaginar o contrário. Era uma certeza que construía nos meus olhos. Era o desejo sincero de uma certeza. Um desejo a ser, ele próprio, o reflexo perfeito de uma certeza. Quando a pequena brasa se aproximou dos meus dedos, lancei o cigarro no ar, e vi-o descrever a forma de um arco num pensamento breve, e vi-o cair a rebentar de fagulhas no chão do pátio e ficar aceso até se extinguir, como um coração ou como uma pedra preciosa a morrer.

[73]

Entrei na casa. Os gatos olhavam-me como se soubessem. As portas fechadas. O corredor era mais longo do que alguma vez fora. E sempre a escuridão obsidiante, densa, eterna, insaciável, definida, morta, última, perdida, deserta, ordenada. Entrei no quarto do senhor violinista. Aproximei-me da sua respiração. A janela entornava claridade cinzenta sobre a cama. Pousei-lhe a mão no ombro e abanei-o. O senhor violinista abriu um pouco os olhos e murmurou sílabas, pensando talvez que estivesse a sonhar. Abanei-o novamente e disse-lhe acorde. Olhou-me sem perceber. Impaciente, disse-lhe vista-se. Enquanto enfiava as pernas nas calças, enquanto abotoava a camisa, olhava-me sem perceber. Não perguntou nada. Caminhávamos no corredor. Os meus passos e os passos dele. Ela, dentro de mim, quase sem forças, dizia não, amor. O seu rosto era uma súplica. A varanda, o ar fresco e a noite. Descemos as escadas. Abri a porta da garagem. Guardei a picareta e a pá no porta-bagagens. Sei que a minha cara era muito séria enquanto conduzia. A esperança era todos os meus gestos. Acreditava tanto que ia ser feliz. E sonhava com esses dias de felicidade futura. Imaginava-me sentado na varanda, ao fim da tarde, e ela sentada a meu lado, e a minha mãe no salão, feliz com a música que também nós ouvíamos, e que se fundia devagar com a luz sob os nossos olhos. A esperança e a noite. Ela, ao meu lado, transformada em mulher e vida. Dentro da noite, com ela dentro de mim, acreditava que tudo isto seria possível.

Estacionei o carro no silêncio. O portão do cemitério estava fechado com uma corrente de ferro com um cadeado de ferro. Sem perceber nada, o senhor violinista percebia cada vez menos, e assustou-se quando abri o porta-bagagens para tirar a picareta e a pá. Rodeámos o cemitério até encontrarmos uma pedra encostada ao muro. Lancei a picareta e a pá para o outro lado. Disse suba. O senhor violinista deu-me a malinha preta do instrumento da música e começou a subir. Já com as mãos no cimo do muro, dava pequenos pulos e não conseguia apoiar-se. Empurrei-o pelas pernas e ouvi o som do seu corpo a cair desamparado na terra do outro lado do muro.

[74]

Vi, depois, as suas mãos esticadas para receberem a malinha. Ao mesmo tempo que lha entregava, trepei o muro com o impulso do entusiasmo. Entre as campas, caminhávamos calados. Os sorrisos das fotografias dos mortos olhavam-nos. As nuvens eram montanhas de pedra que atravessam o céu com uma resignação de olhos grandes. A lua, embaciada, iluminava

de escuridão a escuridão das campas, das ervas que a brisa agitava, das lágrimas nos olhos brancos. e cegos das estátuas. As nossas sombras caminhavam entre sombras. Vindos de muito longe, uivos de uma ave noturna atravessavam o ar fresco, como gritos de uma mãe a ver o seu filho morto. Chegámos à sepultura dela. A partir daí, não foi preciso explicar nada ao senhor violinista para que ele percebesse. Arrastámos a pedra que a cobria e começámos a cavar. Eu levantava a picareta e espetava-a na terra. Ele recolhia os torrões soltos e húmidos com a pá e lançava-os para um monte que crescia ao lado do buraco aonde, aos poucos, descíamos. O céu não, tinha estrelas. O céu era toda a escuridão do cemitério; dos nossos olhares e de toda a escuridão que desenterrávamos do interior, da terra. A minha força era do tamanho da minha esperança, Não demorou muito até que a picareta acertasse no caixão. Cavei com cuidado e o senhor violinista retirou a terra com cuidado. Tirámos os cintos das calças e usamo-los, para erguer o caixão. A noite. A cova negra da sepultura, como se chegasse ao centro da terra. O caixão a subir lentamente. A distinguir-se cada vez mais na escuridão, no ar fresco da noite. O caixão solene. A subir lentamente. O peso dela nos meus, braços. Pousámos o caixão na terra. Ao tentar abrir a tampa, a madeira podre partiu-se com a resistência inocente do papel. E o corpo dela: os ossos; pedaços de pele dura e castanha derretida, entornada sobre os ossos; pedaços de pele seca e castanha; o lugar cego dos olhos; os dentes; o vestido branco, rasgado, e velho, colado à pele; os ossos finos dos dedos; os cabelos longos, negros e secos. Era como se a noite toda existisse e descesse sobre aquele corpo que era o centro do mundo. Os ciprestes erguiam-se ao céu com as raízes cravadas naquele corpo.

[75]

Dei um passo pequeno para trás. O senhor violinista tirou o instrumento da música de dentro da malinha e tirou a vareta. Assentou-o no ombro. Fechou os olhos. A música encheu o cemitério como água que submergisse as campas e os troncos dos ciprestes e o corpo dela. O vento levava a música pela distância, como um véu branco a voar na noite. E o vento e li música tocavam-lhe o rosto como uma carícia. Eu olhava-a, imaginando que; li qualquer momento, a pele castanha que tinha colada aos ossos se transformaria na pele branca que via dentro de mim, que a carne se insuflaria sob a pele e que, de repente, as pálpebras se abririam para mostrar dois olhos a brilharem como pedras preciosas, como diamantes lindos e vivos. Eu olhava-a, imaginando que se levantaria em movimentos frágeis e que, dirigindo-se lentamente para. mim, iria sentir-lhe o corpo fino dentro dos meus braços. E os cabelos, e a pele suave do pescoço. A música era triste. O mármore das campas era frio apesar da música. Nós éramos dois homens de pé, iluminados por um cadáver deitado num caixão, submersos pela música. O senhor violinista tocava a música. Às vezes, abria os olhos para espreitar. Ao ver que tudo estava imóvel, voltava a fechar os olhos e concentrava-se na força daqueles instantes longos, quase eternos, em que à esperança fervia em nós. Estivemos horas assim. Até a madrugada ser tão fria. Até os primeiros instantes do dia nascerem. O senhor violinista parou de tocar a música. E só a luz limpa do primeiro sol da manhã. E só a luz a lavar a noite do mundo. A limpar as formas e as linhas. A pousar claridade nas cores. O silêncio dos nossos gestos. E os sons todos do mundo tão distante: pássaros num céu, carros numa cidade, respiração noutras pessoas em nós. O corpo dela imóvel. O corpo dela imóvel. O vento a agitar-lhe levemente os cabelos. Os buracos cegos dos olhos a verem o céu. Ajoelhei-me sobre o caixão. Quase sem lhe tocar, passei-lhe a mão sobre os ossos dos dedos, sobre um fio muito fino de ouro que tinha ao pescoço, sobre os cabelos mortos. Uma lágrima desceu pelo meu rosto. Amor. Aproximei-me dela e beijei-a.

[76]

Nos lábios, senti dentes frios e pedaços grossos de pele dura. Dentro de mim, senti a angústia e o incêndio gelado de ser aquele o momento único que marcava o início da solidão. Pensei estou sozinho para sempre. Senti que estava sozinho para sempre. Nesse beijo, houve o luto de baixar

os braços ao longo do corpo, de olhar as mãos vazias. Nesse beijo, houve a imagem de eu ser uma criança que sorria, e de ter tanta pena por nunca poder ser essa criança e nunca mais poder sorrir assim. Ajoelhado sobre o caixão, deixei que a minha cabeça se apoiasse no seu ombro. Os meus braços, pousados ao lado do seu corpo magro, envolviam-no. Os seus cabelos colados, duros, secos, tocavam-me no rosto. Fechei os olhos só a senti-la. Dentro de mim, os seus olhos eram únicos e brilhavam tristeza no negro. Passou um tempo que não conheci porque existiu apenas na escuridão que estava depois dos meus olhos fechados. E quando levantei as pálpebras foi sem vontade. O seu corpo morto dentro do caixão, olhei-o. Os sapatos que foram brancos e que estavam sujos de tempo, o vestido rasgado, o fio de ouro baço. O seu rosto cego e morto. O senhor violinista segurava a tampa podre do caixão com as duas mãos. E aproximou-a dela, aproximou-a, aproximava-se no ar, e pousou a tampa do caixão sobre o seu rosto, sobre o fio de criança, sobre o vestido que um dia tinha sido novo e puro, sobre os sapatos que um dia tinham sido comprados com a ilusão da felicidade. Com o desânimo de ela não ter ressuscitado, com a mágoa de ela nunca mais poder viver, com a tristeza do fim de toda a esperança, voltámos a pousar o caixão no fundo da cova, voltámos a cobri-lo de terra, voltámos a assentar a pedra pesada sobre ela. E pousámos algo de mim no fundo da cova, e cobrimos algo de mim de terra, e pousámos a pedra pesada sobre algo de mim.

Quando chegámos a casa, a minha mãe andava aflita à procura do senhor violinista. Ao ver-nos, agarrou-o pelo braço; disse cheguei a pensar que tinha fugido, e sorriu; e desapareceram. Entrei pesado na cozinha e, depois, no corredor. Os gatos afastavam-se, a abrir-me uma passagem.

[77]

Vinda do salão, a música cansada arrastava-se por todos os instantes eternos da casa. Dentro de mim, também ela estava exausta. Os cabelos despenteados cobriam-lhe os olhos. Sobre o peso do tempo do cansaço de olhar, um lamento, disse-me amor. No quarto, deitei-me a fumar. A chuva começou a cair nas janelas. O som da chuva sobre a casa e sobre todas as coisas. A música a chegar do interior da casa e do interior de todas as coisas. Estava vestido e deitado sob o lençol e os cobertores. A chuva cobria os vidros das janelas. A água atirava-se aos vidros das janelas, a querer entrar, e a arrastar-se pelo vidro, e a olhar-me para ver a mágoa espetada no meu peito. O fumo que soprava de dentro de mim enchia o ar do quarto. Apaguei o cigarro no cinzeiro de cobre que tinha a forma de uma pequena braseira. Tapei a cabeça com o lençol e os cobertores. E dormi durante muitos dias seguidos.

[79]

3. As Invasões

[81]

Senhor, Deus do meu socorro, clamo a Vós dia e noite.
Chegue até Vós a minha oração, inclinai os Vossos ouvidos à minha súplica.
A minha alma está saturada de males, e a minha vida quase toca o sepulcro.
Já estou no rol daqueles que baixam à tumba, sou como um homem sem amparo.
Estou deitado entre os mortos, igual aos que jazem no sepulcro, dos quais já não Vos lembrais,
uma vez separados da Vossa mão.
Lançaste-me no poço mais profundo, nas trevas, nos abismos.
Salmos, 88, 2-7

[83]

QUANDO ACORDEI, não sabia do mundo senão a derrota. Doía-me o corpo morno sob a roupa amassada, mole e morna. Caminhava em passos desencontrados pelo corredor. Era dia, mas estava perdido no tempo. Não sabia as horas, porque estava num instante sem horas, num tempo sem horas, entre as horas. Olhei para um relógio sem o ver, porque não acreditava que os meus olhos pudessem ver. As cores baças. Os objectos a mudarem de lugar. A claridade indistinta da escuridão. A escrava miriam apareceu a correr e, assim que me viu, desapareceu a correr. O seu rosto preocupado foi um momento. A música crescia e morria pela casa como alguma coisa que nascesse e ao mesmo tempo não existisse como água. Entrei na sala e sentei-me. Todo o meu corpo. Primeiro, o reflexo de alguma coisa dentro de mim: o brilho. Depois, o olhar grande. A palavra amor. A voz dela a ressonar como um sino de vento amor. Acordei devagar. A música era o espaço da sua ausência. O silêncio a nascer sem existir. O dia era verdadeiro. Na janela, atrás da chuva, a montanha grande, imensa como uma vida enorme de terra. A minha mãe entrou na sala. O senhor violinista e a escrava miriam ficaram à porta, a espreitar curiosos. A minha mãe olhou-me com um olhar de preocupada e bonita e perguntou-me o que é que aconteceu filho? Com a vergonha do meu olhar escondido a ser a resposta que só a minha mãe entendia, virou-se para a porta e mandou o senhor violinista ir para quarto, e mandou a escrava miriam ir buscar-me leite com chocolate e torradas e biscoitos.

[84]

Ficámos sozinhos. A cobrirem todo o chão da sala, os gatos dormiam. A minha mãe, sem precisar de me ouvir, disse não estejas triste, filho. Não desanimes. A minha mãe disse que gostava muito de mim. A minha mãe pousou a mão sobre a minha. Sentir a sua mão nas costas da minha mão, o peso e o calor da sua mão, foi sentir que também eu gostava muito dela. Levantei a cabeça para a olhar e, nesse momento, sentimos tanta vontade de nos abraçarmos, porque soubemos mesmo que éramos duas pessoas a ser a mesma pessoa, porque soubemos que a beleza do amor que sentíamos, o afecto, era sentido exactamente da mesma maneira, com as mesmas formas, pelo outro. A minha mãe e eu sentíamos exactamente a mesma coisa quando nos olhámos a ser mãe e filho. E eu, como se descobrisse, senti toda a força infinita do amor que nunca muda, do amor que permanece igual depois de anos e anos. A minha mãe fraca e bela, linda. A minha querida mãe que me pegava ao colo e que, naquele dia, já eu era homem, já fazia a barba, e achava por isso que era homem, já me apaixonava e padecia por mulheres, e achava por isso que era homem; a minha querida mãe, naquele dia, pousou a mão sobre a minha mão, e eu olhei os seus olhos lindos e castanhos, doces e tão belos de menina, e soube tão profundamente que o nosso amor era mais imutável do que as rochas, do que a montanha, do que o céu todos os dias, todos os dias, todos os dias até ao fim do último fim depois do fim da eternidade. E, só quando a escrava miriam entrou com um tabuleiro que trazia leite com chocolate e torradas e biscoitos, a minha mãe levantou a mão, como se levantasse uma pena. O peso da sua mão, levemente sobre a minha, como se ainda lá estivesse. A escrava miriam saiu. A minha mãe pousou-me o tabuleiro no colo. E bebi o leite morno a olhá-la, e comi as torradas a olhá-la, e comi os biscoitos a olhá-la. A chuva batia contra os vidros da janela e contra o dia cinzento. E quis ser sempre feliz como naquele instante. Sempre feliz, para nunca decepcionar a minha mãe. Sempre feliz, para a minha mãe ter sempre orgulho de mim.

[85]

A minha mãe voltou para o salão. A música recomeçou, a estender-se, a caminhar pela casa. Sentei-me na cadeira de baloiço ao lado do sofá grande. O aquecedor a gás e o cobertor sobre as pernas agasalhavam-me. A chuva eram gotas grossas a caírem sobre o telhado e nos vidros da janela. Aos poucos, apercebi-me de que era inverno, de que era dezembro. Ela, dentro de mim, dizia-me amor. Chamava-me. Amor. Olhava com olhos preocupados. Olhei-a e fui eu que lhe disse não te preocupes. Disse-lhe hoje sei que não serás mais minha do que já és, porque

és tanto, porque se não fosse o teu rosto seria muito mais infeliz, pois seria ignorante, porque se não fosse o teu olhar, não conheceria a beleza e chamaria belo ao que apenas é indiferente. Disse-lhe hoje sei que és absolutamente minha, porque te escrevo, porque te vejo, porque estás dentro de mim, e essa distância insuperável é um passo pequeno que dou sem sentir. Disse-lhe hoje sei que te amo. Ela estava feliz dentro de mim. Eu sentia que as palavras que podia dizer eram ridículas. Hoje sei que te amo era ridículo. És absolutamente minha era ridículo. No entanto, ela estava feliz dentro de mim e eu sabia que aquelas eram as únicas palavras que podia dizer. Apenas podia dizer hoje sei que te amo, apenas podia dizer és absolutamente minha, porque tinha uma certeza profunda e porque aquelas eram as únicas palavras que podia dizer. Ela estava feliz dentro de mim. Eu não estava triste. Levantei-me.

Apanhei na escrivantina as páginas que tinha escrito a descrevê-la. Sentei-me. Pousei o cobertor no colo. Pousei as páginas no cobertor. Apesar de a escrava miriam ter levado o tabuleiro havia já muito tempo, estava ainda na sala o cheiro morno a leite com chocolate, a torradas e a biscoitos. Comecei a ler as páginas, uma a uma, e das palavras lidas crescia em mim toda a beleza que tinha visto ao escrevê-las. A noite desceu na janela. A minha mão direita começou a tremer. Sentei-me à escrivantina. Segurei a esferográfica e escrevi o seu rosto, a beleza magnífica. E estávamos mais próximos do que se fôssemos duas pessoas ao lado uma da outra, porque ela estava dentro de mim e eu estava dentro dela dentro de mim.

[86]

Não sei quanto tempo passou até ao dia em que o príncipe de calicatri chegou com um casaco impermeável a escorrer água, com um guarda-chuva a escorrer água e com os cabelos e as roupas, mesmo assim, a escorrerem água. A serenidade no seu rosto molhado era demasiada; até para o seu rosto habituado à serenidade. Como a chuva na janela, a música envolvia o calor da casa como se escorresse ténue pelas paredes. O príncipe de calicatri, parado, formava à sua volta uma poça de água, e os gatos rodeavam-no num círculo que era absolutamente concêntrico em relação à poça de água. Eu estava meio adormecido na cadeira de baloiço e no sono morno do cobertor e do aquecedor a gás e, sem despertar completamente, acordei só um pouco para olhar o príncipe de calicatri que me olhava, e acordei só um pouco para ouvir a sua voz. O príncipe de calicatri disse começaram as invasões. Estás foram as suas únicas é exactas palavras. Nem uma gota de espanto a mais. Naquele momento, não entendi: o alcance daquela frase suspensa. Aquela frase que, na minha incompreensão, perdurava em cada silêncio e em cada silêncio. Eu, atordoado pelo conforto, como um borracho a levantar a cabeça maior do que o corpo e a olhar cego o mundo invisível depois do ninho, ouvi a voz do príncipe de calicatri, e não entendi. Eu, ignorante das pessoas a correrem nas ruas da cidade e dos velhos a tentarem adormecer em quartos viúvos e dos homens desesperados e, dos mendígos escondidos em qualquer lugar escuro e das crianças perdidas da mãe e das mães à chuva a gritarem pelos filhos e de todas as vidas, diferentes e da chuva e de todas as coisas que estavam a acontecer naquele preciso momento e de todas as coisas que podia ter imaginado que estavam a acontecer naquele preciso momento mas que não imaginei, eu, ignorante, ouvi a voz do príncipe de calicatri e não entendi. A sala: o aquecedor a gás com dois riscos que lhe fiz quando era pequeno e sabia brincar; o cobertor que perdera aos poucos a cor e que ganhara uma cor que já não era uma cor, a escrivantina talvez a derreter-se na nitidez tão baça da sua forma e dos seus desenhos. E o príncipe de calicatri, que trazia no seu corpo a chuva e o frio, falou-me das invasões: corações arrancados do peito, olhos rasgados com lâminas que continuavam a rasgar o interior do crânio depois dos olhos, dentes partidos com martelos, gente com petróleo na garganta e fósforos acesos na língua. Falou-me, de um país aonde chegaram as invasões e onde todas as pessoas que lá viviam tinham sido obrigadas a comer pregos e, depois, tinham sido obrigadas a comer pedras até os pregos lhes furarem a pele da barriga.

[87]

Falou-me de um país inteiro que desapareceu depois de chegarem as invasões. Falou-me de um país aonde chegaram as invasões, e onde todas as pessoas foram fechadas em casa, e onde todas as casas foram incendiadas. E o príncipe de calicatri disse-me que as invasões se aproximavam cada vez mais. Cada vez mais perto. Tinham entrado pela fronteira numa coluna compacta que avançava em direcção ao mar. E as pessoas fugiam aterrorizadas. Com os olhos vermelhos de pavor, ainda a tremer, as pessoas enchiam as estradas com os carros carregados de tudo o que lhes era mais caro e tentavam salvar as coisas importantes para viver: colchões, comida, roupas; as coisas importantes para o Silêncio: pequenos brinquedos antigos, joias entregues pela mão velha dos pais mortos; as coisas importantes: a vida. Os carros com grandes volumes atadao ao tejadilho, que lhes aumentavam a largura e a altura, para mais do dobro como se fossem carros de vários andares, com pessoas dentro e pessoas em cima. Disse-me que os que ficavam, os velhos, os inválidos, os imprudentes, eram torturados das maneiras mais atrozés ou, chacinados. Disse-me que morrer era melhor das sortes entre aqueles que desgraçadamente caíam nas mãos dos invasores. Disse-me que, num país, distante, tinha um dia assistido às invasões. Disse-me que se tinha enterrado a si próprio debaixo de uma árvore e que aí ficara durante dois meses, comendo apenas raízes e insectos cegos. Disse-me que não iria ter forças. Disse-me que tinha vindo para morrer e que já não tinha forças. No calor da sala, depois de ter dito as palavras ridículas do meu amor, tudo isto era para mim impossível de entender. Para mim, naquele momento, sob o calor da sala, o aquecedor a gás, o cobertor, hoje sei que te amo era importante, és absolutamente minha era importante, tudo o que o príncipe de calicatri me tinha dito não era importante e era impossível de entender.

[88]

Desinteressado, pensei mesmo em mudar de assunto e perguntar-lhe se queria jantar connosco, mas o seu olhar grave demoveu-me, e permaneci em silêncio, como se estivesse a pensar e a entender. O príncipe de calicatri disse-me que, desta vez, não tinha forças. Disse-me que não ia fugir e que não se ia esconder. Disse-me que, como os infelizes, ia esperar pelas invasões. Disse-me que a única diferença entre ele e os outros que ficavam, os velhos, os inválidos, os imprudentes, era que ele sabia: ele trazia dentro do coração, como num cofre que não se pode fechar de cheio, todos os lugares onde estivera, todos os portos a que chegara, todas as paisagens que vira através de janelas. No coração, levava as certezas mais fortes de tudo o que aprendera. No coração, levava as respostas às perguntas mais importantes do mundo. O príncipe de calicatri disse-me vim para morrer. Disse-me não tenho forças e não vou fugir. Depois, caiu sobre os joelhos e pediu-me que fugisse para longe, pediu-me que levasse a minha mãe e a escrava miriam para longe. Os seus olhos verdadeiros pararam nos meus olhos cegos e, ajoelhado aos meus pés, pediu-me que fugisse para longe, pediu-me que levasse a minha mãe e a escrava miriam para longe. Acabou de dizer isto e deixou a cabeça cair sobre o meu colo.

Palavras rodopiantes e confusas que não se distinguíam senão por breves segundos e a que respondia num instinto aprendido em muitas conversas. Tal um sonâmbulo. Tal a realidade a ser um sonho que apenas se recorda em pedaços sem nexos. Assim foi ouvir o príncipe de calicatri. O conforto da minha obsessão não me deixou entendê-lo. O conforto de estar sentado na cadeira de baloiço, de ter o cobertor sobre as pernas, de estar envolto pelo calor do aquecedor a gás, de saber que estava longe da chuva que escorria pela janela. O conforto, a obsessão, o conforto; a obsessão, o conforto de a querer minha, minha, absolutamente minha, de querer cada um dos seus instantes, e de a ter sempre dentro de mim, sempre dentro de mim.

[89]

O conforto da minha obsessão não me deixou entendê-lo, porque as suas palavras eram tão distantes das únicas palavras que naquele momento eu podia entender. E a música entrava por baixo da porta, e através da porta fechada, e através das paredes. Os gatos moviam-se

lentamente, num sistema preciso, onde sempre que um gato saía do lugar, outro entrava para o seu espaço vazio, sendo o lugar deste, por sua vez, ocupado por outro, pois o chão da sala estava tão cheio de gatos que havia apenas o espaço livre de um corpo de gato. E o príncipe de calicatri estremeceu quando, nas suas costas, a escrava miriam entrou trazendo música e frio e, no silêncio da timidez, lhe pediu o casaco molhado. Nesse momento, também para o príncipe de calicatri as invasões se tornaram um assunto impossível de entender. A escrava miriam pediu-lhe o casaco e o príncipe de calicatri sentiu-se atravessado por aquela voz. Não pensou nas invasões: corações arrancados do peito, olhos rasgados com lâminas que continuavam a rasgar o interior do crânio depois dos olhos, dentes partidos com martelos, gente com petróleo na garganta e fósforos acesos na língua. Não pensou em sangue ou em fogo embora existisse sangue e fogo no interior daquela voz que o atravessava. A voz da escrava miriam a pedir-lhe o casaco molhado. Apressou-se a despi-lo e, sempre de costas voltadas, entregou-lho, com tanto medo de a poder tocar que nem mesmo as suas mãos pareciam tocar o casaco. Assim que a escrava miriam saiu, levando consigo o casaco e o olhar tímido, o príncipe de calicatri, arrastando gatos com os seus passos, sentou-se no sofá grande, triste. Triste. Triste, sem pensar em corações arrancados do peito, sem pensar em olhos rasgados com lâminas que continuavam a rasgar o interior do crânio depois dos olhos, sem pensar em dentes partidos com martelos, sem pensar em gente com petróleo na garganta e fósforos acesos na língua. Triste de outra tristeza. O exacto contrário da minha alegria: hoje sei que te amo a ser hoje sei que te amo; és absolutamente minha a ser nunca, em nenhum momento, serás minha.

[90]

Triste de uma tristeza de amor. Triste de uma tristeza que, ali, naquela sala quente do cobertor e do aquecedor a gás, eu conseguia entender. Quando a minha mão direita começou a tremer, a noite chegou, apagando a música nos objectos e trazendo apenas a voz da chuva, como um manto a cair pontilhado sobre a casa. A minha mãe entrou na sala. O príncipe de calicatri levantou-se e cumprimentou-a com uma vénia. A minha mãe, olhando algo, com o olhar distraído de saber que o príncipe de calicatri lhe estava a fazer utna vénia, como se o estivesse a ver, moveu silenciosamente os lábios e foi assim que o cumprimentou. Sentado no sofá grande, o rosto do príncipe de calicatri passou lentamente da preocupação da escrava miriam para a preocupação das invasões. Na cadeira de baloiço, a minha mão direita tremia. A minha mãe sentou-se no sofá grande. Entre ela e o príncipe de calicatri havia um espaço vazio: Era talvez o espaço do silêncio. Fechei os olhos. Dentro de mim, ela repetia a imagem da inocência e do brilho, como a água de uma nascente muito límpida. Quando abri os olhos, como se voltasse à sala de onde não tinha saído, ainda o príncipe de calicatri e a minha mãe em silêncio. Um e outro olhavam fixamente os gatos; como se pensassem muito, como se os olhos de vidro fossem janelas de uma casa com gente, a viver lá dentro, e os olhos de vidro fossem só as janelas que, vistas da rua, não servem senão para imaginar. E, os gatos, enchiam a sala, e os que estavam encostados ao aquecedor a gás lançavam no ar um cheito quente a gato, a pêlo de gato; a carne de gato e a hálito de gato. E cada segundo naquele silêncio era para mim penoso, porque era uma pequena vergonha. O príncipe de calicatri, era uma parte de mim. A minha mãe era uma parte de mim. As conversas que eu tinha com o príncipe de calicatri não eram as conversas que eu tinha com a minha mãe. As coisas que o príncipe de calicatri sabia de mim não eram as coisas que a minha mãe sabia de mim. Cada um era uma parte diferente de mim. E vê-los ali juntos e em silêncio era embaraçoso. A ideia de que podiam começar a falar enchia-me de vergonha.

[91]

A minha mãe podia contar as coisas que lhe conto só a ela. O príncipe de calicatri podia contar à minha mãe coisas que só lhe conto a ele. De repente, aquelas duas partes distintas de mim podiam juntar-se ali, fora de mim. Sem o meu consentimento. Essa era uma possibilidade que

eu considerava com pudor, com embaraço, com vergonha. Levantei-me e chamei o príncipe de calicatri. Caminhei com ele pelo frio do corredor. Na cozinha, aquecida pelo fogão, o senhor violinista comia sopa com uma colher que fazia um caminho longo no ar até à boca. A escrava miriam, com um avental atado na cintura, encostada ao fogão, a mexer a panela, nem nos olhou, nem nos viu, porque estava de costas e porque não fizemos nenhum barulho, nem a falar, nem a caminhar, nem a respirar. Mas sentiu-nos, porque todo o seu corpo delicado se contraiu, como se aguardasse uma vergastada. que não sabia quando lhe cairia sobre as costas. Sentei o príncipe de calicatri à mesa com o senhor violinista e abandonei-o. Como se fosse apenas fazer qualquer coisa sem importância e voltasse logo a seguir, abandonei-o. Fui para o meu quarto e fechei-me à chave.

Estava deitado na cama, de olhos fechados, olhava-a e, de vez em quando, trocávamos palavras; amor, que me pareciam tão importantes naquela hora; palavras, amor, que naquela hora não me pareciam ridículas; palavras, amor, que não me pareciam gastas, que me pareciam extraordinárias e terríficas e tão importantes. Na cozinha, o príncipe de calicatri. O senhor violinista acabou de comer a sopa e descascou uma maçã. Da lâmina da navalha, saiu um fio de casca de maçã que se enrolou, enrolou e que pareceu interminável até ao momento em que acabou. Depois, cortou a maçã em cubinhos que enfiou na boca e que lhe formaram ângulos na face. Esta parecia ser a única coisa que acontecia no silêncio. Mas, dentro do príncipe de calicatri e dentro da escrava miriam, fervia um tremor, ora irado, ora brando, uma arma de ar, que era igual dentro dos dois um desassossego que dominavam com esforço, para que não lhes tremesse o corpo, para que, não comesçassem a gritar.

[92]

Um desassossego que era um tremor que o corpo continha, que era um grito que a voz amordaçava. O senhor violinista mastigou o último cubinho de maçã, engoliu-o com um movimento da garganta, levantou-se e saiu. Para o senhor violinista, levantar-se e sair foi natural e fê-lo com a indiferença dos actos naturais. Para o príncipe de calicatri e para a escrava miriam, vê-lo levantar-se e sair foi o início do pânico. Quando ficaram sós, a escrava miriam percebeu de repente que a comida que preparava não precisava da sua atenção. A panela estava a ferver, e sentiu-se ridícula por estar a olhar para ela. Podia sair também, foi o seu primeiro impulso, mas não tinha nada para fazer fora dali e seria indelicado deixar o príncipe de calicatri sozinho. Por isso, contra si própria, virou-se na sua direcção. Durante segundos ou horas, não se olharam, ignorando-se e sendo únicos um para o outro. Depois, a escrava miriam, atraída por um ardor morno no sítio do peito em que estava o coração, começou a mover o olhar pela cozinha de maneira a fazê-lo passar pelo rosto do príncipe de calicatri. A sentir a mesma coisa, também ele fez o mesmo. Num instante, a que davam toda a atenção dos sentidos, o olhar dele passava pelo rosto dela; depois, noutra instante, o olhar dela passava pelo rosto dele. E paravam com os olhos em lado nenhum, e, recordando, reconstruíam os rostos um do outro dentro de si, e viam-nos livremente na memória, até ao momento em que o tempo começava a desfazê-los e em que precisavam de olhá-los novamente para poderem novamente recordá-los e reconstruí-los dentro de si. Numa dessas ocasiões, num acaso, o momento em que o príncipe de calicatri olhou para a escrava miriam foi o mesmo momento em que ela olhou para ele, e olharam-se de frente. Um raio de vergonha dentro deles fê-los desviarem o olhar abruptamente. Respiraram e, devagar, ao mesmo tempo, ganharam coragem para se olhar de novo. Mas, ao olharem-se de frente, desviaram outra vez o olhar num instinto. Respiraram e, ainda mais devagar, ganharam coragem para se olharem de novo. Olharam-se de frente e, desta vez, fizeram um esforço que julgavam impossível para manterem o olhar parado.

[93]

Olharam-se de frente num tempo a passar dentro deles. E o príncipe de calicatri olhou-a, como se os olhos lhe tremessem de lágrimas. E a escrava miriam olhou-o da mesma maneira. Talvez tenha passado muito tempo. Nenhum dos dois o soube medir. E foi a escrava miriam que, como se tivesse medo das palavras ou da sua voz, disse príncipe de calicatri. E, depois de dizer príncipe de calicatri, não podia recuar. Como se se tivesse lançado num mergulho e, no ar, enquanto caía, se apercebesse de que não podia voltar atrás.

E perguntou o que sente por mim? As suas palavras, no ar da cozinha, ditas pela sua voz, não pareciam palavras dela. Parecia que também ela estava parada a ouvir. Uma pergunta desamparada. Palavras pequenas. Uma pergunta que se repetia a si própria em cada instante de silêncio. O que sente por mim? O que sente por mim? Esta pergunta desamparada fazia sentido na pele do rosto da escrava miriam, porque era dita a dizer também todos os olhares que tinham trocado e todas as palavras que não tinham sido ditas, mas que tinham sido sentidas. O príncipe de calicatri, que sabia a resposta a todas as perguntas do mundo, também sabia mentir, e disse não sinto nada. Disse não sinto nada. Olhou-a nos olhos, e disse não sinto nada. Não sinto nada. Apenas disse não sinto nada. Por uma única vez, disse não sinto nada. Não sinto nada. E levantou-se de repente, e foi-se embora, como se fugisse. A escrava miriam continuou parada. Era impossível distinguir um único movimento em todo o seu corpo, porque o seu corpo não se mexeu sequer como uma rocha quando uma brisa a toca, como a lua quando as crianças lhe atiram pedras, como a morte. Continuou parada. O seu rosto pareceu envelhecer: os cabelos perderam o brilho, a pele feriu-se de exaustão, os olhos perderam a última esperança.

Eu, no quarto, não pensava em nada para além daquilo que via. Olhava para ela. Via-a dentro de mim. Olhava para ela, sem pensar. Eu, no quarto, sabia que, sem ela, definharia como uma flor fechada num armário, como uma árvore a quem cortaram a raiz e seca lentamente, como qualquer coisa vegetal a morrer devagar, asfixiada, velha e faminta.

[94]

Olhava para dentro de mim, e todo o quarto olhava para dentro de mim, todas as coisas olhavam para dentro de mim: a cama que encolheu à medida que eu crescia, a mesinha de cabeceira onde a minha mãe pousava pratinhos de bolachas quando eu era pequeno e ficava doente, os tapetes onde os gatos dormiam com a respiração descansada de nada temerem. Uma vez o meu pai e a escrava madalena fecharam-se no meu quarto. A minha mãe batia à porta e chorava. Quando eu era pequeno sentava-me no meio da minha cama e fingia que estava num barco a remos. Movia os braços, fazendo girar os remos imaginários que mergulhava na água imaginária. O sol imaginário descia sobre o horizonte imaginário e espalhava-se na água imaginária, quando eu era pequeno e me sentava no meio da cama a fingir que estava num barco a remos. A escrava madalena e o meu pai fechados no quarto, e a minha mãe batia devagar à porta, batia com as pontas dos dedos na madeira da porta, porque sabia que o meu pai se zangava muito. Na gaveta da mesinha de cabeceira guardei sempre todas as coisas que não me faziam falta, mas que eu não tinha coragem de deitar fora: pedaços de brinquedos, moedas de países distantes, bilhetes de espectáculos onde me tinha divertido muito: coisas que eu tinha guardado com a inocência de as achar preciosas. Nunca deitei fora as coisas que guardei na gaveta da mesinha de cabeceira. Se vivesse mil anos, nunca deitaria fora as coisas que guardei na gaveta da mesinha de cabeceira. A minha mãe, no corredor, de pé, batia à porta, quando o meu pai e a escrava madalena se fecharam dentro do meu quarto. Às vezes, eu encostava duas cadeiras de costas voltadas uma para a outra e pousava-lhes sobre as costas um tapete. As cadeiras eram as paredes e o tapete era o telhado da minha casinha. Sentava-me dentro da minha casinha e ficava lá muitas horas. Quando o meu pai e a escrava madalena se fecharam dentro do meu quarto, a minha mãe batia à porta e chorava. Quando o meu pai e a escrava madalena saíram do quarto, traziam as faces coradas, traziam os cabelos desleixados e passaram pela minha mãe, e não olharam para a minha mãe.

[95]

Ela parada, de pé, no corredor, olhava-os. A minha mãe tinha o rosto molhado de lágrimas. Eu estava no fundo do corredor, sentado no chão, com os carrinhos todos à minha volta, e olhava para a minha mãe. Naquele dia de dezembro, quando saí do quarto onde tinha estado só a vê-la, só a olhar para dentro de mim e a vê-la, a minha mãe esperava-me na sala de jantar, e nem estranhei que o príncipe de calicatri não estivesse sentado na cadeira onde se sentavam as pessoas que nos vinham visitar, nem disse nada, pois, só conseguia pensar no momento em que pudesse, de novo, fechar os olhos livremente, em que pudesse vê-la, apenas vê-la durante horas, em que pudesse abrir os olhos e, ainda a vê-la, pudesse escrever e escrever, que era a minha forma de amar e de descansar e de ficar tudo bem. Não reparei na escrava miriam. Não reparei se entrou, não reparei se os seus passos foram leves no chão encerado da casa de jantar, não reparei se passou a terrina da sopa no centro da mesa, não reparei se fico numa espera silenciosa que comêssemos, não reparei se poussou as duas mãos sobre o avental, não reparei se baixou o olhar, não reparei se trouxe a travessa com a comida, não reparei se nos tirou os pratos da frente. Depois de jantar, na sala, a minha mãe pediu-me podes ir amanhã à cidade e tratar do meu assunto, por favor? Abanei a cabeça afirmativamente. Tens a certeza de que podes ir amanhã à cidade e tratar do meu assunto? Abanei a cabeça afirmativamente. A minha mãe sorriu. Impaciente esperei que saísse. A sua presença, o seu encantamento quando falava da música, o seu júbilo quando falava da música, os seus olhos a brilharem como os olhos de uma rapariga quando falava da música. A vontade de ver aquela que estava dentro de mim era a minha impaciência. Fiquei sozinho. Fechei os olhos. Abri os olhos. Escrevi muito. De manhã, com o princípio do dia, consegui dormir.

Cheguei à cidade ainda com os olhos inchados de sono. Demorei duas horas no trânsito a atravessar a cidade até ao centro. Nos carros, as famílias buzonavam mesmo que os semáforos estivessem vermelhos.

[96]

Os vidros embaciados não me deixavam ver dos rostos mais do que vultos embaciados, vagamente com a forma de rostos, vagamente com olhos, vagamente com bocas, vagamente com a cor de pele. Não consegui estacionar no centro. Subi na direcção do miradouro e, numa rua estreita e inclinada, estacionei num pequeno pedaço de passeio livre. Saí do carro a adaptar penosamente o corpo à sua nova posição. Caminhava e pensava nela. Apetecia-me estar com ela. Fechar os olhos e estar com ela. Por causa dessa urgência, pensei em caminhar o mais depressa que podia e tratar do assunto da minha mãe o mais depressa que podia, para voltar a casa. Desde que ela me tinha aparecido que passara todo o tempo com ela, a pensar nela, a respirar para ela, a esquecer-me de cada vez que respirava, pois tudo era para ela, tudo era ela, ela. Perto do miradouro, enquanto descia, as mulheres passavam por mim a puxar os filhos numa aflição de fim do mundo. As crianças não percebiam, como eu não percebia, e avançavam puxadas pelos braços esticados, algumas a chorar. As escravas seguiam logo atrás, a andarem também o mais depressa que podiam. Às vezes a correrem durante alguns metros, às vezes a saltarem. As escravas, com os olhares baixos, carregadas com sacos em ambas as mãos e à cabeça. As portas das livrarias tinham grandes filas de mulheres encostadas à parede que esperavam com a impaciência de quem não pode esperar. E, entre momentos, saía uma mulher, uma criança e uma escrava carregada de livros. O meu romance estava em algumas montras: uma capa branca, as letras grandes do título e as letras pequenas do meu nome. Todos os livros eram brancos e tinham na capa apenas as letras do título e o nome do autor. Eu descia a rua e havia mulheres que enfiavam o meu livro num saco, havia mulheres que apontavam para ele e que não reparavam na minha presença. Eu era um homem a descer a rua. Na cidade, um homem a descer a rua é ninguém. Na cidade, há muitos homens a descerem cada uma das ruas. Na

cidade, há muitos homens e muitas ruas, como há muitos livros nas livrarias. Muitos livros de capa branca, muitas vidas entre duas capas brancas, com um título e com o nome do autor.

[97]

Muitos homens, cada um com o seu nome, muitas vidas a descenderem ruas. Muitos homens que são ninguém quando, calados, descem uma rua da cidade. Muitos livros que não são nada quando estão fechados numa montra. Eu era um homem a descer uma rua. O meu romance era um livro numa montra. Quando cheguei ao centro, apercebi-me de que havia militares a fazerem exercícios no centro da praça. Apesar da multidão que os envolvia, quando passei de carro não notei nada, porque os vidros estavam embaciados e não conseguia distinguir nada. Aproximei-me, pus-me em bicos de pés nas costas da multidão de homens que envolvia os militares e vi alguns que faziam flexões no chão, alguns que atiravam lanças a alvos e alguns que corriam e gritavam. Continuei o meu caminho.

À minha volta, a cidade era o rugido da grande máquina de gente aterrorizada, e eu já não pensava apenas nela. Mesmo assim, às vezes, aproximava-se-me um aperto do coração e eu pensava que tinha de ir tratar do assunto da minha mãe e que tinha de ir para casa, para o meu quarto, fechar os olhos e vê-la, estar com ela, passar todo o tempo com ela, a pensar nela, a respirar para ela, a esquecer-me de cada vez que respirava, pois tudo era para ela, tudo era ela, ela. Numa placa de mármore, li o nome da rua que tinha escrito num papelinho guardado no bolso das calças. Procurei o número da porta. Subi a distância das escadas de madeira e cheguei a uma sala onde as pessoas esperavam com cara de esperar. O que estava a acontecer nas ruas não tinha nenhuma importância ali. O que estava a acontecer nas ruas não estava a acontecer ali. Naquela sala, ninguém dizia a palavra invasões, porque as palavras que eram ditas não tinham significado. Naquela sala, ninguém se preparava para fugir. Ninguém tinha medo, porque ninguém sentia nada. Era uma sala cinzenta. Naquela sala, ninguém lia nenhum romance, ninguém descia nenhuma rua. Naquela sala, ninguém imaginava o interior de um romance, ninguém imaginava uma rua. Era uma sala que existia sozinha e que era cinzenta. Naquela sala, nada existia para lá daquela sala: as invasões não existiam, os romances não existiam, o amor não existia.

[98]

Amor não era sequer uma palavra ridícula; não era sequer uma palavra que custa dizer, pensar ou escrever; não era sequer uma palavra gasta. Era uma palavra que não existia. Naquela sala, o tempo estava parado. Naquela sala, o tempo estava parado num movimento maquinal. O tempo passava por obrigação, mas a sua passagem não se distinguia. O tempo estava parado. Naquela sala, havia um balcão sujo pelos corpos que se tinham encostado ali durante anos. Corpos sujos. Havia bancos de madeira onde as pessoas se sentavam, quase a dormir, com as pálpebras pesadas. Havia pessoas de pé com os ombros de encontro às paredes cinzentas. Havia homens carecas do outro lado do balcão, com a pele amarela ou branca. Havia gavetas enormes de arquivos de ferro, gavetas que os homens carecas abriam e que eram muito grandes, gavetas cheias de papéis ordenados. Os homens carecas falavam com as pessoas encostadas ao balcão. Os homens carecas levavam o dedo à boca e folheavam papéis. As pessoas encostadas ao balcão preenchiam papéis. O tempo não passava. As pessoas encostadas ao balcão não resolviam os seus assuntos. Eu não resolvia o assunto da minha mãe. A tarde entrava na sala e iluminava a sala com a luz da chuva através das grades de uma pequena janela, demasiado alta para que alguém pudesse espreitar para a rua. Tentei fechar os olhos para a ver, mas sentia na pele o calor da respiração das pessoas da sala, sentia o vapor colar-se à pele, como se colava às paredes, e não conseguia fixar-me nela. O seu rosto tornava-se baço nos meus olhos, ou naquilo que usava para ver dentro de mim. O vapor quente colado à pele. A minha atenção toda nos ruídos: as palavras sussurradas como passos de ratos de fugir, palavras pequenas com a urgência de

serem ditas, o tom quotidiano do desinteresse. Abria os olhos. Aquelas pessoas deviam estar ali há muito tempo. Aquelas pessoas deviam ter envelhecido ali. Tudo era pesado. O silêncio breve era pesado. O mínimo movimento de um rosto era pesado. Os olhares cruzavam-se. Cada pessoa esperava. Os olhares vigiavam-se mutuamente.

[99]

Eu dava pequenos passos sem sair do lugar, mexia os pés devagar, criava em mim próprio a ilusão de que estava a ir a algum sítio, criava em mim a ilusão de que dependia de mim o tempo de espera. Tinha de tratar do assunto da minha mãe e tinha de ir para casa, para o meu quarto, fechar os olhos e ver aquela que estava dentro de mim, estar com ela, passar todo o tempo com ela, a pensar nela, a respirar para ela, a esquecer-me de cada vez que respirava, pois tudo era para ela, tudo era ela, ela. Quando esta urgência era mais forte do que tudo, pensava em tratar do assunto da minha mãe noutro dia. Pensava em chegar a casa e mentir. Pensava em chegar a casa e inventar uma desculpa. Pousou um pombo no parapeito da janela. As pessoas que esperavam voltaram-se todas para ver o pombo, como se vissem um milagre impossível. Fui-me embora.

Desci as escadas de madeira a correr. A rua. As mulheres a passarem seguidas pelas escravas carregadas de sacos. A água da chuva a infiltrar-se pelas linhas de terra que contornavam as pedras da calçada. No centro, uma multidão diferente de homens rodeava os militares. Apoiados nas bengalas, com as mãos a cobrirem os punhos de prata, ajeitavam os monóculos ou afiavam a ponta dos bigodes, contorciam as linhas da testa, levantando a sobancelha e um pouco das cartolas, e cheios de gravidade e preocupação repetiam as invasões, as invasões. Lembrei-me das palavras do príncipe de calicatri e, enquanto olhava para aqueles homens, pensei para dentro de mim que todos iam morrer. Disse essas palavras no sítio dentro de mim onde existe apenas som e vozes e a minha voz. Mas eu não acreditava que essas palavras pudessem ser a verdade, da mesma maneira que aqueles homens não acreditavam. Nenhum de nós acreditava no futuro. Mas, naquele momento, estava contrariado por não ter tratado do assunto da minha mãe e, por isso, olhei para aqueles homens e pensei que todos iam morrer. Apoiados nas bengalas, os homens olhavam para os militares e diziam os nossos rapazes vão acabar com eles. Às vezes, os homens riam-se. Afiavam os bigodes. E, se passava uma mulher sozinha, levantavam a cartola.

[100]

E, se passava uma escrava sozinha, tentavam apalpá-la. Ajeitavam os monóculos e riam-se. Subi a rua em direcção ao miradouro. As mulheres, as crianças e as escravas continuavam à porta das livrarias. Lembrei-me de quando o meu pai me levava àquelas livrarias. As escravas subiam as ruas carregadas de sacos cheios de livros. Lembrei-me de quando o meu pai me comprou um livro grande cheio de desenhos que, quando se viravam as páginas, se erguiam numa construção de papelão e se transformavam em desenhos com volume. Era um livro mágico. No ar que respirava, a chuva recente tinha lavado o frio. Eu não sabia para onde ia o frio quando a chuva o expulsava. Passavam por mim mulheres com crianças seguidas por escravas carregadas de sacos. Depois da chuva, a cidade era quase bonita. Entrei no carro. Entrei em casa. A minha mãe, presumindo a resposta, não me perguntou se lhe tinha tratado do assunto. Poupei uma mentira. Entrei no quarto. Fechei a porta. Deitei-me na cama. Fechei os olhos.

Também nessa noite escrevi. As palavras eram cada vez mais difíceis. Escrevi durante todas as noites que se seguiram. Cada vez me custava mais encontrar palavras que a descrevessem. Olhávamo-nos durante horas seguidas, durante dias seguidos. Fechava os olhos para a ver e, quando os abria, não sabia quanto tempo tinha passado. Outras vezes, tentava abrir os olhos e não conseguia. Os olhos colavam-se. Nessas ocasiões ela ria-se e dizia amor, como se dissesse amor a uma criança. Durante o dia, a música passava pelo brilho das painéis

de cobre na cozinha, passava pelo brilho das molduras no corredor, pelo brilho das ferragens da sala de armas, pelo brilho dos olhos dos gatos. Quando, ao fim da tarde, me sentava na varanda a fumar, havia o ruído dos carros que passavam na pequena estrada lá ao longe. Iam todos na direcção da montanha e, depois, na direcção do mar. Eu não sabia, nem imaginava, aquilo que deixavam para trás. Nos primeiros dias, os carros avançavam com alguma velocidade, depois mais devagar, depois mais mais devagar, depois mesmo devagar, depois parados.

[101]

As famílias saíam dos carros. Os homens saíam dos carros e andavam à sua volta sem saber o que fazer, davam pontapés nos pneus, talvez a falarem sozinhos, talvez a resmungarem sozinhos. As mulheres perseguiam-nos e diziam-lhes coisas que eles não queriam ouvir. As crianças brincavam, sentadas no chão. O carros ficavam parados com metros de malas de viagem atadas ao tejadilho. Eu imaginava vagamente aqueles que tinham chegado ao mar e que tinham percebido que não podiam fugir para mais lado nenhum. Imaginava vagamente o seu desespero. Mas eu não reparava nessas pessoas distantes, olhava para a estátua do jardim. Olhava para o sítio do poço e, nesse olhar, estava à beira do poço a olhar para a sua água profunda. Olhava para a olaia, e o meu olhar desvanecia-se na beleza. O mármore da estátua, a sua pele, tinha uma cor ténue de musgo. Olhava para a estátua e, ao longe, sentia que o meu olhar era a ternura de um dedo que lhe deslizava pela superfície da pele: no seu rosto, nos seus ombros, nos seus dedos finos de mármore. Olhava para a olaia e, ao longe, sentia o seu cheiro fresco de madeira. Naqueles dias, a escrava miriam passava por mim, como um fantasma ou como uma sombra, mas eu não reparava, porque para mim o mundo inteiro era feito de fantasmas e de sombras. Naqueles dias, para mim, o mundo não existia realmente. O mundo não existia senão como um reflexo baço de alguma coisa que era minha, talvez como uma memória minha, talvez como um pedaço de algo que eu imaginasse. O mundo era-me indiferente porque o meu braço começava a tremer no início da noite e eu tentava escrever. Palavras cada vez mais difíceis. Às vezes, durante as horas todas de uma noite, só uma palavra. Conseguia só uma palavra. E ela era essa palavra. E enchia-me de uma felicidade talvez absurda. Uma certeza de felicidade. E o tempo era tão distante.

Ser feliz por momentos é algo de que não se deve ter vergonha. Momentos que o fim toma ridículos. A felicidade, como o amor, é um sentimento ridículo. Mas a felicidade, como o amor, só é ridícula quando vista de fora. A felicidade, como o amor, só é ridícula antes ou depois de si própria.

[102]

A felicidade são momentos que, no seu presente fugaz, são mais fortes do que todas as sombras, todos os lugares frios, todos os arrependimentos. Ser feliz em palavras que, durante essa respiração breve, mudam de sentido. E nem a forma do mundo é igual: o sangue tem a forma de luz, as pedras têm a formâ de nuvens, os olhos têm a forma de rios, as mãos têm a forma de árvores, os lábios têm a forma de céu, ou de oceano visto da praia, ou de estrela a brilhar com toda a sua força infantil e a iluminar a noite como um coração pequeno de ave ou de criança. Momentos que o fim torna ridículos. Momentos que fazem viver, esperando por um dia, depois de todas as desilusões, depois de todos os arrependimentos e fracassos, em que se possam viver de novo, para de novo chegar o fim e de novo a esperança e de novo o fim. Não se deve ter vergonha de se ser feliz por momentos. Não se deve ter vergonha da memória de se ter sido feliz por momentos.

Acordei com a música e com os gritos de terror que atravessavam as paredes. A escrava miriam entrou no quarto, agarrou-me pelo braço, levantou-me da cama e vestiu-me. Gritos de mulheres e de crianças atravessavam a música e, durante algum tempo, pareciam mesmo fazer parte da música. Os gritos dos homens eram mais espaçados, mas eram gritos que vinham do

interior da garganta e que a rasgavam. Atravessei o corredor sozinho. Os gatos corriam como se soubessem de alguma coisa, ou como se conhecessem algum lugar onde quisessem esconder-se. Ao olhá-los percebi que não. Corriam apenas. Iam de uma à outra ponta do corredor e voltavam. Iam e vinham a correr. Os gritos, a música, o telefone tocou. A escrava miriam correu para atender. Tropeçou num gato e caiu. O telefone tocou outra vez. Ainda com os joelhos no chão, a escrava miriam atendeu. Não disse nenhuma palavra e, como se não tivesse força no braço, estendeu-me o telefone. Era o príncipe de calicatri. Disse-me que as invasões tinham chegado. Na sua voz, o pânico. Perguntou se estava tudo bem. Disse-lhe que estava tudo bem. Pedi à escrava miriam para me fazer um chá.

[103]

Sentei-me na cadeira de baloiço da varanda. O ar que envolvia toda a terra e o céu eram feitos de fumo. O fumo subia dos telhados de casas que ardiam muito longe, era fumo negro, e subia ao céu. O sol brilhava envolvido e tapado pelo fumo. A luz do sol transformava o fumo em riscos de lápis no céu. E os gritos eram mais próximos, parecia que todas as pessoas estavam a gritar ao mesmo tempo. Eu olhava sobre os gritos, olhava a montanha e parecia-me que era a montanha que gritava. Tinha no bolso da camisa a esferográfica que o meu pai me dera. Pousei a mão de encontro ao peito e senti a esferográfica, lembrando-me das palavras que tinha escrito. Fechei os olhos para a ver. Ela ainda dormia. Abri os olhos e sorri. A escrava miriam trouxe o chá. Estava quente. Esperei com a chávena a aquecer-me as mãos. A música era branda. Imaginei o senhor violinista a tocar e a minha mãe a olhá-lo, sentada. Os gritos. Os gritos. Crianças a chorarem, mulheres a chorarem, homens a chorarem. Crianças a gritarem de dor, mulheres a gritarem de dor, homens a gritarem de dor. Fechei os olhos. Vi-a dormir e bebi o chá em pequenos goles que me aqueciam por dentro. Senti uma palmada no ombro. Abri os olhos e estavam mais de dez soldados à minha frente. Tinham barba até à barriga e os olhos sujos de raiva. Tinham roupas de ferro e espadas vermelhas de sangue. Levantaram-me da cadeira. A chávena partiu-se no chão. Empurraram-me para a cozinha. Empurraram a escrava miriam. Empurraram-me e deram-me pontapés ao longo do corredor. Eu tropeçava nos gatos, caía, levava as mãos ao chão e, debaixo das minhas mãos desamparadas, encontrava corpos de gatos que fugiam assim que sentiam o meu peso na espinha. O corredor era o barulho dos gatos que saltavam assanhados de um lado para o outro, a fugirem sem terem para onde fugir, num pânico de gatos de todas as cores, gatos com dentes finos e com garras. Os soldados seguiram a música e, aos empurrões, aos murros nas costas e aos pontapés, levaram-nos para o salão de baixo. Partiram o instrumento do senhor violinista contra a parede. Olharam para ele. Ele olhou. Tinha medo nos olhos.

[104]

Esticou um braço e abriu a mão, num gesto que lhes pedia que parassem. Eles ainda não tinham começado. Um soldado levantou a espada no ar e cortou-lhe a mão pela linha do pulso. O senhor violinista segurou o antebraço decepado, olhando para o pulso que jorrava sangue. Olhou para o sangue com olhos de terror, olhou como se não acreditasse. O mesmo soldado levantou novamente a espada no ar e cortou-lhe a outra mão. Outro soldado caminhou para a minha mãe e, com ambas as mãos, empurrou-lhe o peito com toda a força. A minha mãe caiu de costas. Ouviu-se o barulho do seu corpo a cair. A sua carne a cair despedida sobre o chão. Pousou-lhe um joelho sobre a barriga e esticou o braço para outro soldado que lhe pôs na mão um objecto invisível. Agarrou a cabeça da minha mãe e, percebi nesse momento, o pequeno objecto que segurava entre o polegar e o indicador das suas luvas de ferro era uma agulha. Espetou a agulha com força em cada um dos ouvidos da minha mãe. Furou-lhe os tímpanos. As mãos do senhor violinista ficaram no chão como duas folhas de uma árvore de sangue e de carne. A minha mãe ficou deitada no chão, com a boca aberta, calada, com os ouvidos a escorrerem um fio de sangue.

Porque repelis, Senhor, a minha alma, e me ocultais a Vossa presença?
Sou infeliz e agonizante desde a minha juventude, suportei os Vossos terrores, cheguei ao fim.
Por cima de mim passaram as Vossas iras, os Vossos terrores aniquilaram-me.
Como chagas rodeiam-me todo o dia e assaltam-me todas juntas.
Afastastes de mim o amigo e o companheiro, a minha companhia são as trevas.
Salmos, 88, 15-19

[113]

ERA DE DIA porque a luz do dia entrava na sala. Talvez fosse de manhã ou talvez fosse de tarde. A luz era indistinta. Eu despertava sem saber que despertava e sem saber de onde despertava. Sentia um incêndio onde sentia o corpo. A sala e os objectos da sala pareciam feitos de fumo, ou de vapor, ou de qualquer coisa de ar. Vi a escrava miriam, a minha mãe e o senhor violinista entrarem na sala. Tinham os olhos do sofrimento. A minha mãe vinha pela mão da escrava miriam, como se estivesse cega. O senhor violinista vinha atrás. Os seus pulsos estavam roxos de sangue. Os gatos caminhavam e as suas patas eram pequenas almofadas. A escrava miriam sentou a minha mãe no sofá, no espaço onde deveriam estar as minhas pernas. O senhor violinista ficou de pé. Os meus braços e as minhas pernas estavam no chão. Os braços vestidos: as mangas da camisa rasgadas e manchadas de sangue, abotoadas no pulso. As pernas vestidas: o vinco nas calças rasgadas e manchadas de sangue. Os pés calçados: as meias esticadas para cima, os atacadores dos sapatos com laços largos e perfeitos. Os pedaços de pele que estavam à vista eram brancos. Os pedaços de carne viva estavam secos. A escrava miriam segurou os meus dois braços como se carregasse lenha, apertando-os de encontro ao peito, e saiu. Entrou, agarrou cada uma das minhas pernas e levou-as também. Voltou com um pano e um alguidar com água. Molhou o pano na água e passou-mo no rosto. Molhou o pano na água e limpou-me as feridas de onde antes saíam os meus braços e as minhas pernas.

[114]

Os gatos enchiam a sala. Havia gatos em cima do sofá grande. Havia gatos que me passavam pela barriga e me pousavam as patas na cara. A minha mãe e o senhor violinista olhavam para nada, como se tivessem perdido o entendimento das coisas, o entendimento das paredes, da janela, do chão. A escrava miriam pegou-me ao colo. Nos seus braços, atravessei o corredor e descí as escadas. Pousou-me numa cadeira diante da lareira apagada. Saiu e voltou com a minha mãe e o senhor violinista. Aproximou-os também da lareira. Saiu e voltou com braçadas de lenha e pinhas, formando uma construção de lenha na lareira. Incendiou uma pinha com dois fósforos e acendeu o lume. Subiu as escadas. As chamas cresciam e crescia a sua cor. Ouviam-se os passos pesados da escrava miriam no andar de cima e ouviam-se os passos leves dos gatos como um martelar constante de novelos de lã a caírem sobre o chão de madeira. O calor fazia as feridas doerem mais. O meu corpo era pequeno e eu ainda não me tinha habituado a ter um corpo pequeno. Ficava quieto, mas apetecia-me mudar as pernas de posição, porque, apesar de não ter pernas, ainda as sentia e era como se estivessem paradas e eu me apetecesse mexê-las, mudá-las de posição. Fechei os olhos. Dentro de mim, ela dormia com uma respiração serena que era interrompida por sucessões de soluços de choro. E eu pensei na ternura, pensei que ela era querida, que ela era a minha querida linda. Pensei no céu a afastar-se para que um caminho de luz chegasse do sítio mais alto do céu, quase de um sítio mais céu do que o céu, depois do céu, de um sítio de céu mais puro, de um céu insuportavelmente luminoso; o céu a afastar-se e uma estrada de luz a traçar uma linha entre ela, entre a pele serena e preocupada do seu rosto e o céu. No andar de cima, ouvi os passos da escrava miriam apressarem-se e ouvi depois outros passos mais firmes. A porta abriu-se. Os passos começaram a descer as escadas. A voz do príncipe de calicatri aproximou-se a dizer o meu nome. A minha mãe e o senhor violinista olhavam as chamas do lume.

[115]

O príncipe de calicatri abraçou-me e, quando se afastou, reparei que tinha uma mancha de sangue na camisa. Perguntei-lhe, pedi que me mostrasse. Levantou devagar a camisa e, no lugar do coração, tinha um buraco de vermelho vivo. O príncipe de calicatri não tinha coração e, nesse buraco cavado no peito, estava uma ausência muito grande. O príncipe de calicatri já não sabia a resposta a todas as perguntas do mundo. Ao arrancarem-lhe o coração, como quem arranca uma jóia incrustada no punho de uma espada, tinham-lhe arrancado os mistérios mais profundos da sua sabedoria, porque todos eles estavam guardados no seu coração. E, enquanto segurava a camisa, olhava para as minhas chagas. E não soubemos qual de nós era mais digno de piedade. E caíram-nos pela cara lágrimas que não conseguimos e que não tentámos conter. E não soubemos se chorávamos por nós próprios ou um pelo outro. Lentamente, o príncipe de calicatri baixou a camisa e aproximou-se. Sentou-se entre mim e a minha mãe. O senhor violinista estava ao meu lado. As chamas agitavam braços de chama. Éramos quatro pessoas mutiladas a olhar um lume. Eu pensava. Perguntei ao príncipe de calicatri que horas eram. Perguntei ao príncipe de calicatri que dia era. A voz e os números. Olhámo-nos nos olhos. Fazia vinte e seis anos. Era o dia em que eu fazia vinte e seis anos. Olhei a minha mãe, que não me olhava e que não me ouvia. Havia vinte e seis anos que eu, pequeno e nu, tinha nascido de dentro da minha mãe. Havia vinte e seis anos que a minha mãe me tinha visto pela primeira vez. Havia vinte e seis anos que a minha mãe me amava. Lembrei-me de todas as vezes em que, para mim, tinha sido aquele dia. Lembrei-me de quando fiz cinco anos e a minha mãe insistiu em fazer uma festa. Lembrei-me de quando fiz dez anos e achava que era muito grande. Lembrei-me de quando fiz dezasseis anos e o meu pai me deu a esferográfica com que escrevi o meu primeiro conto, a minha primeira novela, o meu primeiro romance. Lembrei-me de quando fiz dezoito anos e levei o corpo do meu pai morto ao cemitério. Era de manhã. Pedi ao príncipe de calicatri que fosse buscar mais lenha. Quando voltou, as chamas subiram até entrarem pela chaminé. As feridas, o espaço vago das pernas e dos braços, doíam-me.

[116]

Pedi-lhe que fosse à escrivaninha da sala buscar as páginas que tinha escrito. Voltou e segurou-mas à frente dos olhos. A beleza que descreviam era mais dolorosa do que não ter braços, não ter pernas e ter só o sangue e a carne viva. Pedi que me tirasse as folhas da frente. Pedi que me entalasse as folhas nas calças, por baixo da camisa. Ela, dentro de mim, dormia um sono que era um rio a deslizar, um rio a deslizar sem veios de corrente na superfície lisa da água. Torci o pescoço até apanhar com a boca a esferográfica que o meu pai me tinha oferecido naquele dia, exactamente dez anos antes daquele dia, e atirei-a ao lume com um movimento da cabeça. Ficámos calados a vê-la arder. Ardia. Ardera. Ardida. Ardeu até não ser nada, nem sequer uma brasa a esvair-se, nem um monte de cinza com a forma de esferográfica.

A escrava miriam desceu e, com a cara virada para nós, como se estivesse a desafiar-nos, disse que o almoço estava pronto. O príncipe de calicatri escondeu a cara, a tentar esconder-se todo. A escrava miriam agarrou a minha mãe e subiu. O príncipe de calicatri pegou-me ao colo e seguiu-a. O senhor violinista seguiu-nos. No colo do príncipe de calicatri, o canto do meu ombro enfiou-se dentro do buraco de onde lhe arrancaram o coração. Quando nos sentámos todos, fechei os olhos e vi que ela estava a acordar, e os seus olhos eram velhos, e a sua pele era amarela, e os seus cabelos eram baços. Comemos a sopa. Comi um prato de sopa, dado na boca pela escrava miriam. Quando chegou o lombo e o arroz, chegaram também os soldados com as barbas até à barriga e os fatos de ferro. Eram sete soldados e um deles disse qualquer coisa numa língua estrangeira, disse aie uaeia ioae. Depois, empurraram-nos das cadeiras. Eu fiquei deitado no chão, com a boca na alcatifa. Sentaram-se e, com as mãos, comeram a carne e o arroz. Limparam as mãos gordurosas nas nossas roupas enquanto nos levavam para o quarto do sótão. Era um quarto que estava vazio havia mais de vinte anos. Um dos soldados, com a

barba até à barriga, com um fato de ferro ligeiramente enferrujado, entrou com mais dois homens: um deles tinha um buraco muito grande e circular que lhe atravessava a barriga, o outro não tinha olhos, nem orelhas, nem nariz, nem língua.

[117]

Os soldados das barbas até à cintura e dos fatos de ferro empurraram-nos para um canto do quarto, junto da janela, e agarraram a escrava miriam, atiraram-na para a cama, deitaram-se todos em cima dela, um a um, cada um a usá-la, a mudarem uns depois dos outros, até ao último deles acabar de usá-la, acabar de subir e abotoar as calças de ferro. Depois, saíram, trancando a porta. Estávamos todos juntos num canto, a olhar. A escrava miriam levantou-se lentamente. Os cabelos cobriam-lhe desordenadamente a cara. Os seus olhos eram duas brasas na escuridão e olhavam-nos sérios, como se soubessem o segredo do ódio ou de qualquer coisa inumana. A escrava miriam, enquanto arranjava as roupas, olhava-nos grande e poderosa, olhava o príncipe de calicatri, e ele escondia-se, a querer fugir. A escrava miriam encostou-me a uma almofada. As pessoas começaram a espalhar-se pelo quarto. O homem do buraco grande e circular que lhe atravessava a barriga disse que aqueles eram os soldados que tinham invadido o país, disse que a cidade estava cheia de gente morta e de gente mutilada, disse que o tinham apanhado num restaurante quando estava a beber café e que lhe tinham arrancado o almoço semidigerido da barriga, disse que se chamava visconde de dedodida. O homem do buraco grande e circular que lhe atravessava a barriga, o visconde de dedodida, falava muito. Nós estávamos tristes e falávamos o mínimo. O visconde de dedodida falava muito. Disse que não sabia nada do homem que não tinha orelhas e que não tinha olhos e que não tinha nariz e que não tinha língua, disse que não lhe conhecia nem o nome e nem a idade e nem nada. A partir desse instante, começámos a chamar-lhe o ninguém. Dissemos também os nossos nomes. Quando lhe disse o meu nome, ele disse que já tinha lido livros meus e quis falar sobre o assunto. Eu disse-lhe que não queria falar sobre isso naquele momento, e a voz dele desvaneceu-se em respeito e súbita compreensão. Passados alguns instantes, virou-se para a minha mãe e perguntou-lhe o nome.

[118]

Eu disse-lhe que a minha mãe não podia ouvi-lo e, uma vez mais, num súbito respeito; o visconde de dedodida calou-se. Passámos muito tempo fechados no quarto. O príncipe de calicatri nunca olhou para a escrava miriam. Ela olhava para ele sempre que lhe apetecia e, quando não olhava, ficava a sensação de que estava a ignorá-lo por despeito. O senhor violinista começou a falar com a voz muito sumida para o visconde de dedodida, perguntou-lhe se conhecia a música. O visconde de dedodida disse que sim, e falaram sobre isso que era o sofrimento do senhor violinista. O visconde de dedodida tratava o senhor violinista apenas por violinista. Como já não tocava a música, não havia motivo para continuar a ser senhor e, a partir desse dia, começámos todos a tratá-lo apenas por violinista. Enquanto falavam, a minha mãe e o ninguém estavam parados. Pedi ao príncipe de calicatri que tirasse as páginas que me tinha entalado nas calças, debaixo da camisa, e que as escondesse debaixo do colchão. Ele fez o que lhe pedi em silêncio e com resignação. Chegou a noite. Senti tremer o braço que já não tinha. Dentro de mim, também ela estava como se tivesse sido mutilada. Ambos sabíamos que eu não podia voltar a escrever e, a meio da noite, ela disse-me não vou aguentar, amor. Naquele dia, percebemos tão profundamente que nunca nos tínhamos tocado de facto. Percebemos as ilusões. Percebemos que nunca mais sentiríamos sequer a satisfação pequena, que para nós era tudo, de nos tocarmos através da escrita. Ela disse-me não vou aguentar, amor. Como uma coisa repetida, as palavras dela a dizerem-me a vontade de desistir de tudo que também eu guardava onde se guardam os segredos. Como uma coisa repetida, obsidiante e cega. Todos os que estavam no quarto, sentados no chão, deixaram os corpos encostar-se mais à parede, escolheram um lugar

no chão e dormiram. A escrava miriam adormeceu sobre a cama. Eu fiquei acordado. A meio da noite, ela disse-me não vou aguentar, amor. E o tempo a passar. Eu incompleto. O mundo incompleto. Como se, de repente, tivesse reparado que faltava algo importante e mundial.

[119]

Como se tivessem desaparecido os carvalhos entre as árvores, como se tivesse desaparecido uma cor; como se tivesse desaparecido uma pessoa a viver entre todas as outras e todas as outras pessoas mudassem as suas vidas para sempre. Como se desaparecesse uma letra do alfabeto e, a partir desse momento, todos os livros tivessem de ser escritos sem essa letra.

Compreendi o medo muito perto do terror. Conheci o sofrimento de repente, como se descobrisse um homem suspenso, imóvel, perdido e imóvel dentro de ser só o sofrimento e o mundo. Poucos momentos no céu e tudo sem sentido. O medo e o sofrimento como um gesto desse mundo de sonhos esquecidos e de rostos inúteis. Compreendi que no sofrimento existe um espelho com todo o tempo, um espelho que é concreto e invisível.

Tudo é concreto e invisível: dentro de mim e longe de mim.

Longe do toque dos meus dedos e dentro do meu peito. Compreendi que o fumo e o vento existem dentro do sofrimento. Quem conhece o fumo e o vento conhece o respeito pelo terror. O medo existe dentro do terror, muito perto do terror, como os homens existem muito perto de perder tudo. O medo, muito perto do terror, é um silêncio de homens e de mulheres que existe no momento em que todos, homens e mulheres, percebem que existem muito perto de perder tudo. Dor e sofrimento nos olhos. Conheci o sofrimento de repente e foi muito cedo. O medo como um crepúsculo de nuvens. O medo incrível e impossível. O medo entre muros de medo. O medo é um segredo que só o silêncio de um rosto conhece. O medo entre muros de medo. Mulheres e homens, todos sozinhos, suspensos e imóveis num segredo único: o medo muito perto do terror.

Como se desaparecesse uma letra do alfabeto e, a partir desse momento, todos os livros tivessem de ser escritos sem essa letra. Como se tivesse desaparecido uma pessoa, ou uma cor, ou os carvalhos entre as árvores. Como se, de repente, tivesse reparado que faltava algo importante e mundial. O mundo incompleto. Eu incompleto. E o tempo a passar. De manhã, os soldados abriram a porta.

[120]

E levaram-nos. A casa estava limpa. Eu ia ao colo do príncipe de calicatri. Parámos no pátio, em frente ao portão da garagem. As folhas de hera que antes cobriam a casa tinham desaparecido. Olhei para o jardim e imaginei a casa coberta de hera. Olhei para a casa e vi que a hera tinha desaparecido e que restavam apenas as paredes caiadas de fresco e o brasão limpo e polido. O pátio estava coberto pelos corpos de centenas de gatos mortos. Um dos soldados puxou a mangueira e disse aie ioaúia, fazendo gestos que nos mandavam despir. Começaram a tirar as roupas encharcadas de sangue. O príncipe de calicatri despiu-me. O visconde de dedodida começou a despir o ninguém e este, depois de entender, acabou de despir-se sozinho. O visconde de dedodida olhou para as mãos e começou devagar, a medo, a despir-se. Perto da escada, um soldado estava ao lado de um monte de gatos pequenos, um monte de gatos acabados de nascer, um monte de gatos que lhe chegava à cintura. Tinha na mão um saco de serapilheira a pingar sangue grosso. E enchia o saco de gatos pequenos, e batia com ele na parede com muita força. O som dos corpos pequenos dos gatos a moerem-se. E despejava os corpos dos gatos num outro monte que tinha atrás de si. Um monte de corpos ensanguentados de gatos acabados de nascer. Um monte de gatos mortos que também lhe chegava à cintura. E voltava a encher o saco com mãos cheias de gatos vivos do monte que se mexia e que estendia um coro ensurdecedor de gatos acabados de nascer e que miavam a estridência das suas pequenas bocas, das suas pequenas línguas, dos seus pequenos dentes. Excepto o visconde de

dedodida, que continuava com as ceroulas vestidas, estávamos todos nus. O conjunto dos nossos corpos mutilados era ridículo. Houve um soldado que se chegou perto do visconde e, com uma cara ameaçadora, disse iae, iae. O visconde de dedodida segurava as ceroulas com as duas mãos e olhava para o chão, com medo, sem se mexer. O soldado levantou a espada e encostou-lhe o bico no queixo, disse iae, iae. O visconde de dedodida, encolhido, muito magro, com um buraco circular a atravessar-lhe a barriga, continuou sem se mexer, distinguindo-se apenas um tremor ligeiro nos pernas finas.

[121]

Aproximou-se outro soldado que disse ioeao oa. O outro soldado baixou a espada. Nos seus lábios nasceu um sorriso e, depois, uma gargalhada. Os dois soldados riram-se e afastaram-se a rir. O visconde de dedodida sentiu os nossos olhares admirados, mas, nesse momento, começou a jorrar água da mangueira e o soldado que a segurava apertou o dedo na ponta para que o esguicho fosse mais forte. Acertava-nos com a água na cara e nas feridas. O sangue seco dissolvia-se e desaparecia os nossos corpos, deixando apenas os desenhos cruéis das chagas e das cicatrizes que começavam a formar-se. À nossa volta, a terra transformou-se em poças de lama, com água vermelha de sangue diluído em água. O outro soldado continuava a bater com o saco de gatos acabados de nascer na parede. O som dos gatos a miar era cada vez mais fraco. O monte de gatos desfeitos em sangue era cada vez maior. O soldado chegou com toalhas e estendeu-as para nós. Foi o príncipe de calicatri que me limpou. Depois, chegou com roupas. Quando o príncipe de calicatri me vestiu de lavado com uma camisa de mangas curtas e com uns calções, estávamos todos completamente nus, excepto o visconde de dedodida que nunca tirou as ceroulas. Os soldados apontavam para ele, diziam ioeao oa, e riam-se, mas o visconde de dedodida nunca tirou as ceroulas. Vestiu as calças, que ficaram imediatamente molhadas por as ter vestido sobre as ceroulas molhadas. Olhei para a minha mãe toda nua. Os ombros, os seios. Olhei para os pêlos do sexo da minha mãe e virei a cara. O outro soldado bateu pela última vez com o saco de serapilheira na parede, despejou pela última vez os gatos mortos sobre o monte e afastou-se. Eram um monte de gatos mortos, gatos que tinham acabado de nascer e de morrer: um monte de cabeças, pequenas pálpebras fechadas, bocas abertas e fechadas, pequenas patas desencontradas de corpos, corpos com o pêlo molhado de sangue. Enquanto nos vestíamos, o soldado que tinha a mangueira apontou-a para a mancha de sangue na parede e a água fê-la desaparecer lentamente até se ver, de novo, a cal da parede.

[122]

Os soldados rodearam-nos. Um dos soldados segurou-me no colo. O seu fato de ferro no meu corpo. Os soldados obrigaram-nos a subir as escadas. Deixaram o príncipe de calicatri e o ninguém na varanda. O pátio estava coberto pelos corpos de centenas de gatos mortos. O cheiro da manhã no pátio era o calor do pêlo dos gatos que começava a apodrecer, era a carne dos gatos a endurecer agarrada à estrutura frágil dos seus ossos, era os olhos fechados dos gatos a apodrecerem num líquido grosso e viscoso. Deixaram a escrava miriam e a minha mãe na cozinha. As panelas brilhavam. O chão parecia feito de tábuas velhas que fossem novas. Deixaram o visconde de dedodida e o violinista no salão. Todas as mobílias tinham sido substituídas por um cadeirão almofadado e por uma mesinha de vidro. Um cadeirão com flores brancas, talvez lírios, estampadas no tecido. O soldado que me levava ao colo deixou-me na sala de baixo. Estava cheia de brinquedos. A lareira estava apagada. Olhei em volta. Não parecia a mesma sala onde a minha mãe, quando eu era pequeno, estendia uma manta de retalhos e me deixava a brincar. No entanto, era uma sala cheia de brinquedos. A minha mãe estendia uma manta de retalhos. Eu sentava-me com os brinquedos à minha volta, carrinhos, bonecos de plástico, e a minha mãe sentava-se à lareira e contava-me histórias da família dela e coisas verdadeiras. Eu brincava, empurrava os carrinhos pelos altos e baixos da manta de retalhos,

fazia brrrrrum com a boca, a imitar o barulho dos motores, fazia iiiiii a imitar as travagens bruscas, e a minha mãe contava-me histórias da família dela num tom sereno. Eu ouvia e, às vezes, perdia-me na conversa e perguntava quem é tal? A minha mãe, sempre no mesmo tom, com a voz de uma paciência muito grande, respondia é o irmão de tal e tal, ou é o afilhado da prima de tal. E essas tardes pareciam infinitas. Da lareira, vinha um calor brando que me corava a pele do rosto e me fazia ser tão feliz. Mas nem a manta de retalhos, nem a minha mãe estavam ali. Estava eu sozinho e estavam brinquedos novos de cores garridas. Estava a lareira apagada. A luz é o que mais envelhece na memória. Mas, naquela manhã, a luz era absolutamente nítida e assim havia de permanecer por muito tempo de cada vez que me lembrasse daquela manhã.

[123]

Era uma luz que entrava pela janela, que atravessava as grades e que se estendia quadriculada pelo chão. Lá fora, existia talvez o sol. E era essa luz, nítida, implacável, que iluminava aqueles brinquedos de uma crueldade que eu não entendia, tratando-se de luz e tratando-se de brinquedos de crianças. Se eu, quando era pequeno, tivesse entrado naquela mesma sala onde estava, aquela sala de brinquedos, de sol e de lareira extinta, teria corrido para os brinquedos; primeiro, iria brincar com todos ao mesmo tempo; depois, iria descobri-los um a um e iria ficar durante horas só a brincar num mundo onde um martelo verde de plástico seria o instrumento de construir castelos no cimo de uma colina, onde um carrinho-de-mão de plástico amarelo serviria para carregar palha para as vacas de um estábulo inventado, mas verdadeiro, porque eu poderia vê-lo. Eu estava ali, e aquela casa onde tinha nascido parecia-me estranha, como um lugar desconfortável. Através da janela, vi o ninguém e o príncipe de calicatri a carregarem uma camioneta com pás cheias de gatos mortos. Fechei os olhos. Ela olhava-me como se tivesse estado sempre só à espera para me oferecer o seu olhar mais piedoso. Sem que eu pudesse responder-lhe, perguntando a si própria, perguntou-me e agora, amor? O que é que podemos fazer agora, amor? Ficou o silêncio como se fosse a resposta de uma angústia. Ficou o silêncio como se fosse a resposta que mais nos apavorava. Ela disse não vou aguentar, amor. Ela disse não vou aguentar, amor. Ela disse não vou aguentar, amor. O rosto dela contrastava mais com a escuridão que a rodeava. Os seus cabelos. O seu vestido tão branco. Passou muito tempo em que a olhei, como se me despedisse com o silêncio, com a angústia, com a mágoa da nossa despedida definitiva. Abri os olhos. Através da janela, vi que o pátio estava limpo. O sol entrava cruel pela janela. O meu peito chorava. Chegavam carros ao pátio e chegavam muitas pessoas: mulheres, crianças, homens com fatos de todas as cores. Assim que saía um carro, chegava logo outro. As vozes enchiãam aos poucos toda a casa.

[124]

Entraram por todas as portas. As crianças e algumas mulheres entraram pela porta da cozinha. Os homens entraram pela porta do jardim. As restantes mulheres entraram pela porta da frente. De repente, a porta do corredor abriu-se e, através dela, passou uma torrente de crianças: primeiro as mais velhas, maiores, mais altas; depois, as mais pequenas, a correrem desengonçadas na primeira experiência de correr; depois, seis ou sete crianças a gatinhar; depois, duas ou três mulheres cada uma a carregar duas ou três crianças ao colo. A sala, que estava vazia com a minha mágoa, encheu-se de repente de uma confusão de crianças a gritarem e a rirem e a chorarem. Eu estava muito quieto a ver as crianças a descobrirem os brinquedos, a montarem-se em cavalinhos de plástico, a atirarem cubos às paredes ou a riscarem livros de colorir com canetas de feltro. Mas um dos rapazes mais velhos aproximou-se lentamente de mim. Admirado, pôs-me a palma da mão na cara. Enfiou-me um dedo no nariz e depois na boca. Investigou-me os dentes. Ia a enfiar-me um dedo no olho esquerdo e eu fechei-o instintivamente. Surpreendido, o rapaz virou-se para os outros e gritou duas vezes

aioa, aioa. Rodearam-me todos. Ficaram por um instante só a olhar-me. As meninas disseram aeo iaoaoa, ouia ia ia oeuia. Os rapazes afastaram-se e ficaram algumas raparigas à minha volta, a pintarem-me os lábios com canetas de feltro vermelhas e a pentear-me os cabelos e as sobrancelhas com pentes de plástico. Pegavam-me na cabeça e viravam-na ora para um lado, ora para outro. Nesse momento descobri que também eu era um brinquedo.

À hora de almoço, entraram de novo as mulheres e entrou a escrava miriam e entrou também a minha mãe. Vinham carregadas com tabuleiros de sopa e de papa. A escrava miriam e a minha mãe tiveram de voltar atrás para ir buscar mais tabuleiros. Havia talvez cerca de trinta crianças na sala. Estavam todas sentadas ou deitadas em almofadas sobre a alcatifa. As crianças mais velhas, juntas a um canto, comiam sozinhas.

[125]

Cada mulher tinha cinco ou seis crianças num círculo à sua volta e ia dando colheradas de comida a umas e a outras, conforme podia ou conforme as crianças protestavam ou abriam a boca depois de engolirem. Os babetes escorriam papa e sopa. A minha mãe estava sentada perto de mim e dava colheres de papa às crianças mais novas. Deitadas sobre xales, à volta dela, eram como pétalas de uma flor de crianças. Em cada três colheradas de papa, uma era para ela, esticava o braço para enfiar outra na minha boca e só uma colherada entrava nos lábios de uma das crianças. Quando os pratos ficaram vazios, limpavam as bocas às crianças, subiram as escadas e fecharam a porta. As meninas voltaram a aproximar-se de mim. As suas mãos pequenas. Os cabelos lisos sobre o rosto. E, como se o almoço lhes tivesse dado uma ideia, foram buscar pratinhos e talheres de plástico e cozinharam uma comida feita com esponja de almofadas que me enfiavam na boca e que eu cuspiam.

Ao fim da tarde, o príncipe de calicatri entrou na sala e levou-me para cima. Quando entrámos no quarto, já lá estavam todos. Encostados à janela, olhavam para o chão. Estava um soldado em cima da escrava miriam. Estavam três ou quatro soldados à espera. Ainda no colo do príncipe de calicatri, olhei pela janela. Chovia sobre a distância que separava a casa da montanha. O meu olhar atravessou toda essa distância e, quando o príncipe de calicatri me pousou no chão, sobre os tapetes sobre a madeira, entre o som dos soldados em cima da escrava miriam, tinha ainda o olhar molhado pela chuva que se lhe colou quando atravessou o ar, o tempo e a distância que separava a casa da montanha. Passou tempo inútil de esperar. Os soldados deixaram a porta aberta e foram-se embora. A escrava miriam limpava-se lentamente com uma ponta da colcha. Nestes momentos, olhava-nos de frente. Baixávamos o olhar. O príncipe de calicatri baixava o olhar e, no sítio de onde lhe tinham arrancado o coração, sentia o coração muito apertado, apertado, até se esmagar em sangue negro, até desaparecer. Foi quando a escrava miriam se levantou da cama que percebemos que íamos ficar todos a viver naquele pequeno quarto.

[126]

Anoitecia. A escrava miriam agarrou os dedos da minha mãe e saíram. Ouvimo-las a descerem as escadas. Ficámos num silêncio que só foi perturbado pelo visconde de dedodida que tossiu como se não entendesse o silêncio. As cortinas de tule, estendidas ao lado da janela, agitaram-se quase imperceptivelmente com uma aragem que tinha vindo morrer ao quarto. Apesar de não terem passado mais do que alguns minutos, era já de noite quando ouvimos os seus passos a subirem as escadas. Entraram pela porta ainda aberta. A escrava miriam trazia uma terrina de sopa, a minha mãe trazia quatro colheres. Sentaram-se todos no chão à volta da terrina. Eu já estava no chão. A minha mãe distribuiu uma colher a cada um, menos a mim e ao violinista, pois não tínhamos mãos. Sentou-se a meu lado e foi ela a primeira pessoa que mergulhou a colher na terrina e, num movimento sereno, que acompanhou com a palma da outra mão por baixo, fez com a colher o caminho até à minha boca. Depois, foi uma colherada

para a boca dela e outra para a minha. Também o príncipe de calicatri comia assim, à vez: uma colher de sopa para ele, outra para o violinista. Ao mesmo tempo, todas as outras pessoas comiam levando a colher à terrina e depois à boca. O ninguém teve de ser ensinado pelo visconde de dedodida, que lhe pôs a colher na mão, que lhe levou a mão à terrina e que lha levou depois à boca. A escrava miriam era a que comia com mais apetite. O príncipe de calicatri quase não comia. Por acidente, em várias ocasiões, o visconde de dedodida chocou com a colher no braço da minha mãe. A manga do seu casaco enchia-se de sopa. O ninguém fazia o percurso da colher a medo, com a mão a tremer, mas acabava sempre por acertar na terrina e na boca. Ao comer fazia o barulho oco de quem come e não tem língua. O visconde de dedodida comia com gosto, mas a comida chegava-lhe à barriga, ao buraco grande e circular que lhe atravessava a barriga, e escorria-lhe sobre as pernas. A sopa era de couve e de água.

Quando as colheres começaram a bater no fundo seco da terrina, afastaram-se todos, menos eu que não tinha pernas. Era o princípio da noite.

[127]

O espaço do braço no meu corpo, o sítio onde o braço não estava, tremia. O medo entrava pela porta aberta. A porta aberta era o sítio por onde os soldados podiam entrar. Olhávamos a porta aberta e só o ninguém e a escrava miriam não tinham medo. O ninguém não tinha medo porque era cego e surdo. A escrava miriam não tinha medo. As minhas chagas pareciam cicatrizar, mas faziam-me doer o corpo inteiro. A dor que sentia nos ombros avançava pelo corpo todo. A dor que sentia nas virilhas avançava. A dor que sentia dentro de mim, no lugar onde ela dormia, avançava dentro de tudo dentro de mim. A luz do candeeiro sobre a mesinha de cabeceira era única no quarto e arrastava a minha sombra no chão, arrastava a minha dor e o meu sofrimento permanente e o meu braço invisível a tremer. No quarto, havia apenas a cama, a mesinha de cabeceira, a janela e um roupeiro vazio. O chão de madeira e as paredes pintadas de branco. No tecto, havia vigas de madeira grossa que sustentavam as telhas. Aquele era um quarto sozinho que existia no sótão. Aquele era o ponto mais alto da casa. Para chegar da sala de baixo até ao quarto era preciso subir as escadas até ao corredor, atravessar o corredor, depois subir as escadas até ao quarto. Para chegar do salão ao quarto era preciso atravessar o corredor até à sala de baixo, subir as escadas até ao corredor de cima, atravessar esse corredor e, depois, subir as escadas até ao quarto. Quando se estava naquele quarto sentia-se toda a casa por baixo. Havia muitos anos, aquele tinha sido um quarto de escravas. Mas isso foi antes da escrava miriam, foi mesmo antes da escrava madalena. Às vezes, o meu pai e a escrava madalena fechavam-se naquele quarto onde não dormia ninguém. Primeiro, ouviam-se os passos nas escadas de madeira. Ouviam-se os gemidos da madeira. Depois, ouvia-se um remoer de passos breves no chão. Depois, ouvia-se a cama a arrastar solavancos e instantes nas tábuas antigas do chão. A minha mãe, sentada à lareira, se estivesse a contar-me uma história, levantava a voz. Continuava a contar-me a história como se não ouvisse nada. Eu, sentado na manta estendida no chão, perdia o sentido da história e abria os olhos, não sabendo se devia avisar a minha mãe, não sabendo se devia falar.

[128]

Aquele era um quarto sozinho que existia no sótão. Naquele momento, naquele quarto, o medo entrava pela porta aberta. Com uma desenvoltura e com uma coragem que nenhum de nós tinha, a escrava miriam atravessou a porta e desceu as escadas. Ficámos, assustados e curiosos, a ver o seu corpo diminuir: desapareceram primeiro os pés, depois as pernas, depois as costas e, por fim, desapareceram os seus cabelos. Ficou apenas o som dos passos a afastarem-se, a afastarem-se até desaparecerem também. Olhámos uns para os outros. Voltou carregada de cobertores, de mantas e de almofadas. Lançou-as para o chão. Ninguém teve coragem de dizer

nada, excepto o visconde de dedodida que disse temos de dividir os lugares para dormir. A cama ficou para a escrava miriam, porque ninguém falou, e porque ela tinha dormido lá na noite anterior, e porque tinha sido sempre na cama que os soldados se tinham deitado em cima dela. Todos os outros ficaram deitados no chão, excepto eu que fiquei dentro do roupeiro, pois era o único que lá cabia. Estenderam-se as mantas e os cobertores. Dispuseram-se as almofadas. O quarto era pequeno. O príncipe de calicatri foi obrigado a ficar por baixo da cama. Antes de se deitar, levantou-me no ar e estendeu-me dentro do roupeiro. O príncipe de calicatri, meu amigo, olhou-me nos olhos e, muito baixinho, disse dorme bem, descansa. Estávamos todos deitados às escuras. A porta ainda estava aberta. A casa inteira estava em silêncio. A porta do roupeiro estava aberta e, com a luz fraca do luar que entrava pela janela, conseguia ver os vultos a respirarem sob os cobertores: o príncipe de calicatri debaixo da cama, a escrava miriam sobre o colchão, a minha mãe, o violinista, o ninguém e o visconde de dedodida.

O silêncio invisível que era o meu braço, a morte que era o meu braço, tremia. Com o meu braço amputado a tremer, também eu tremia todo, como se tudo me tivesse sido arrancado, como se eu tivesse sido amputado de mim. Antes de fechar os olhos, já conhecia a escuridão.

[129]

Fechei os olhos: ela. Sabendo que não podia abraçar-me, tinha os braços estendidos para mim. O seu rosto era exactamente o mesmo que tinha visto no cemitério, na fotografia da campa. Um rosto frio. Uma fotografia triste de um rosto morto, emoldurado, pregado ao mármore. O seu corpo sob o vestido branco. O vestidinho branco, fino, de menina. As suas pernas eram de pele impossível. Depois, o corpo sob o vestido branco. Os ombros magros. Os braços estendidos. As mãos. Os dedos. Depois, o seu rosto. O mesmo que tinha visto no cemitério, na fotografia da campa. Tudo de criança, tudo inominável e lindo: os cabelos lindos, a testa lisa e branca, as sobrancelhas serenas, os olhos a serem dois abismos até ao centro do mundo, o nariz perfeito, e os lábios, finos, graciosos, lindos, lisos, serenos, perfeitos, e os lábios a serem duas linhas sobre o centro do mundo, e os lábios a abrirem-se lentamente, lentamente, os lábios a abrirem-se lentamente, a separarem-se devagar, uma linha no meio dos lábios a desaparecer aos poucos, e os lábios a dizerem não vou aguentar, amor. A voz triste. A tristeza toda de tudo. Não vou aguentar, amor. Quis dizer-lhe que também eu era não ter força. Quis dizer-lhe que também eu estava morto. Em vez disso, olhei-a a saber que também ela me olhava. Falhei. Fracassei. Quis dormir. Quis descansar de uma exaustão tão imensa. O silêncio não me deixou.

O príncipe de calicatri foi a primeira pessoa a acordar. Aliás, suponho que também ele não tivesse dormido. Durante a noite, quando todos os outros respiravam a respiração de dormir, senti muitas vezes o vulto do príncipe de calicatri a dar voltas no sítio onde estava deitado, debaixo da cama. De madrugada, no momento mais frio do dia, quando a noite envelhece num frio que gela os ossos, quando a noite prepara a sua morte na escuridão sobre todas as coisas e sobre o frio, o príncipe de calicatri levantou-se. Muito lentamente, com muito cuidado, para não acordar ninguém, levantou-se. Pondo os pés entre os corpos deitados, aproximou-se da janela. Olhava a distância fria da madrugada, quando eu soprei um barulho com os lábios a chamá-lo.

[130]

Veio direito a mim. Os seus olhos no meio da escuridão. Inclinou-se sobre a porta aberta do roupeiro. Não dissemos nada. Ele disse o meu nome. Não dissemos nada. Ele disse não tenho coração. Ele disse trazia dentro do meu coração, como num cofre que não se pode fechar de cheio, todos os lugares onde estive, todos os portos a que cheguei, todas as paisagens que vi através de janelas. Não dissemos nada. Ele disse não tenho coração e, no entanto, a dor alastra a partir do espaço vazio do meu coração. Não dissemos nada. Ele disse não tenho coração e sofre mais. Não dissemos nada. Eu sabia o frio dos seus olhos. Era o medo. Era o sofrimento da

noite a crescer desmedida no seu fim. As suas palavras eram sussurradas e, como um som de cemitério, como o canto do vento nos ciprestes, arrastavam-se sobre os corpos que dormiam no quarto, e só a mim as palavras chegavam perceptíveis. Ele disse vim para morrer, bem o sabes. Ele disse vim para morrer, porque pensava que sabia a resposta a todas as perguntas do mundo. Ele disse não sabia uma resposta. Ele disse não sabia que morrer custa muito. É muito difícil morrer, disse ele. Sabendo tudo, ou não sabendo nada sobre o mundo e sobre a vida, morrer custa muito, disse ele. É muito difícil morrer, disse ele. Não dissemos nada. Ele disse a morte é impossível. Ele disse o amor é impossível. Ele disse tudo o que desejamos é impossível. Cada palavra do príncipe de calicatri era verdadeira, como era verdadeira a lentidão dos olhares escuros, como era verdadeira a lentidão dos rostos. Faltava-nos a energia de estarmos vivos e, no entanto, a morte era impossível. Também eu já sabia isso. O negro frio da madrugada era cada vez maior no quarto. Pelos vidros da janela entrava mais negro, mais frio e mais madrugada. Havia um silêncio assombrado. Dentro do roupeiro, havia o cheiro a madeira velha, havia o cheiro a roupa que apodreceu. A voz do príncipe de calicatri sussurrada dentro do roupeiro. Ele disse aquilo que ela era desapareceu de mim e ficou apenas o terror. Ele disse a escrava miriam. Ele disse ela abandonou-me no medo. Não dissemos nada.

[131]

Os nossos olhares eram desenhos de sofrimento. Não dissemos nada. Eu disse também aquela que está dentro de mim vai abandonar-me. Não dissemos nada. Eu disse também os meus braços e as minhas pernas têm apenas a forma da dor que cresce das minhas chagas com a forma de braços e de pernas. Não dissemos nada. Os nossos olhares eram desenhos de sofrimento. Eu disse sim, príncipe de calicatri, a morte é impossível. Eu disse o amor é impossível. O amor é impossível, disse eu. A minha voz dissolveu-se no fim das palavras. O príncipe de calicatri aproximou-se mais de mim e envolveu-me com os braços durante muito tempo. E a manhã nascia devagar. E a luz entrava devagar sobre os corpos que dormiam no quarto. E uma pele de luz sobre o cansaço. E tudo muito devagar. E a escuridão filtrava a luz. E os sons transformavam-se em manhã. E os braços do príncipe de calicatri envolviam-me. E a manhã acabava finalmente de nascer.

O visconde de dedodida acordou assim que a luz chegou ao seu rosto meio tapado pelo cobertor. Levantou-se e disse bom dia, como se estivesse satisfeito por dormir no chão e por ter um buraco a atravessar-lhe a barriga. O visconde de dedodida, por se ter deitado com a roupa que tinha usado na véspera, tinha o seu grande buraco circular à mostra, pois a sua camisa tinha também ela um buraco com a mesma forma e o mesmo tamanho. O visconde de dedodida falava como se estivesse sozinho no quarto e como se falasse para alguém que o estivesse a ouvir. Que dia lindo, disse, aproximando-se da janela. Que dia lindo, repetiu, abrindo a janela. Um a um, todos acordaram. A porta ainda estava aberta. A cama rangeu quando a escrava miriam se sentou com o cobertor até à cintura. O violinista aproximou-se do roupeiro com olhos doces e disse bom dia. O visconde de dedodida dizia bom dia a toda a gente e sorria. Eu olhava para ele e achava que tanto horror o tinha enlouquecido. O violinista dizia bom dia e sorria quando era necessário porque era bem educado. O príncipe de calicatri estava sentado no chão, encostado ao roupeiro, e eu apenas lhe conseguia ver um ombro e metade da parte de trás da cabeça.

[132]

Quando o violinista se aproximou do roupeiro, o príncipe de calicatri sussurrou-lhe porque é que o visconde tem um buraco na camisa? Sussurrando também, o violinista contou que, na véspera, tinham passado o dia inteiro no salão e que um homem muito gordo se sentara na poltrona e que todos os soldados da casa se aproximavam dele com veneração, e que todas as mulheres se aproximavam dele com o olhar baixo. Contou que ele e o visconde de dedodida passaram o dia inteiro de pé, com dores nas pernas, ao lado desse homem gordo e importante que lhes dava

ordens numa língua estranha que eles apenas entendiam porque sempre as acompanhava de gestos. Mandava o violinista coçar-lhe as costas com os cotos dos braços, mandava o visconde de dedodida limar-lhe as unhas ou mandava os dois agacharem-se no chão para estender um pé em cima de cada um. Contou que o visconde de dedodida passou o dia inteiro de pé entre a poltrona e uma mesinha de vidro cheia de frutas, e que o homem gordo e importante esticava o braço para apanhar uma fruta e batia sempre no visconde de dedodida. Foi então que, aborrecido, mandou um soldado cortar a camisa do visconde de dedodida. Depois de o soldado sair com duas rodelas de pano numa mão e com a tesoura na outra, o homem gordo passou a tarde a enfiar o braço através da barriga do visconde de dedodida, e a escolher da mesinha de vidro toda a espécie de frutas que depois lhe pedia que descascasse. Como se contasse estas coisas em segredo, o violinista parou de sussurrar e afastou-se. Por cima do ombro do príncipe de calicatri, eu via o visconde de dedodida com os cotovelos assentes no parapeito da janela, a sorrir, atravessado por um raio de sol.

A minha mãe e o ninguém acordaram com o movimento das pessoas no quarto ou, talvez, com a aragem matinal que entrava pela janela. Que dia lindo, disse o visconde de dedodida, e continuou a falar. Quando, no meio das palavras que dizia, disse primavera, reparei subitamente que o tempo passava, que o tempo continuava a existir e a passar.

[133]

Vagamente, pensei então que, enquanto estávamos ali, naquele quarto, havia outras pessoas noutros sítios a fazerem outras coisas. Havia a cidade. Havia o mundo. Fechei os olhos. Dentro de mim, ela parecia não ter dormido. Os seus olhos organizavam o silêncio e eram, pela primeira vez, muito escuros. A sua pele era escura. Tive medo. Todo o mundo, e aquele quarto, e a escuridão dentro de mim. Lembrei-me do cemitério. Lembrei-me do seu rosto na fotografia da campa. Lembrei-me do seu corpo seco depois de podre. Tive medo. Enquanto todos acordavam, enquanto a luz da manhã refrescava os rostos, tive medo. Pedi ao príncipe de calicatri que me levantasse. Pedi-lhe que fosse buscar as páginas que estavam guardadas debaixo do colchão. Ergueu-as diante de mim. Também as páginas estavam subitamente velhas. Algumas, as primeiras, tinham estado nas mãos do meu editor. O meu editor que tinha sido a única pessoa, além de mim e dela, a lê-las e que estava morto. Tinham estado guardadas na escrivaninha. A escrivaninha onde o meu pai escrevia sonetos e onde eu escrevi um romance que tinha um pai e um filho que morriam, que tinha dois irmãos siameses que morriam, que tinha um homem muito velho que morria. Tinham estado entaladas entre a minha roupa e o meu corpo. Mornas, quando eu já não tinha nem braços, nem pernas, nem esperança. Tinham estado debaixo do colchão da escrava miriam, onde os soldados, vestidos com fatos de ferro e de barbas até à cintura, se deitavam em cima dela. Também as páginas estavam velhas e amputadas e exaustas. Olhei as palavras, como olhei a minha vida, transformada em papel e tinta no passado. Pedi ao príncipe de calicatri que voltasse a guardar as folhas, pedindo-lhe para guardar a minha vida. Os outros não olharam para mim, ou olharam desinteressados. O príncipe de calicatri levantou o colchão e pousou-o sobre as folhas, como se pousasse mil anos de terra. O mundo, aquele quarto, dentro de mim, tudo, era como um inverno muito frio, ou como um mês da noite, ou como um som de cemitério. Pedi ao príncipe de calicatri que me levasse à janela. Quis ver a montanha e a serenidade cruel da primavera.

[134]

A escrava miriam tinha saído. Voltou a entrar. A porta estava aberta como estivera toda a noite. As mãos da escrava miriam traziam um tabuleiro com leite, pão, tigelas e colheres. Quando o pousou no chão do quarto, ficámos admirados a olhar. Ela sentou-se no chão, começou a migar uma fatia de pão para dentro de uma tigela, cobriu-a com leite e começou a comer. Todos os que puderam imitaram-na e começaram também a comer as sopas de leite. O

ninguém, eu e o violinista ficámos parados. Depois, a escrava miriam aproximou-se de ninguém e, ao tocar-lhe com a colher nos lábios, ele abriu a boca. Depois, o príncipe de calicatri sentou-se ao lado do violinista. Depois, a minha mãe encostou-se a mim a dar-me sopas de leite. Via na sua mão a colher, via o miolo de pão branco com o leite. Sentia o leite morno na boca, o pão era uma esponja de leite morno. A minha mãe olhava-me e os seus olhos sofriam. Eu tinha pena da minha mãe, porque sabia que ela tinha sido triste durante toda a vida. A minha mãe. A minha mãe tão triste. Naquela manhã. Durante toda a vida. O pão e o leite na colher, a avançar até à minha boca. Como quando eu era pequeno. Apeteceu-me chorar. A minha mãe, que desejou durante toda a vida o meu pai e que nunca o possuiu. A minha mãe que, vencida, descobriu a música, para se apaixonar por ela, para a amar obsessivamente e para logo em seguida a perder, para logo em seguida voltar a ficar sem nada. A minha mãe foi triste naquela manhã, como havia de ser durante toda a vida. Como quando eu era pequeno e, sem compreender a sua tristeza, ficava a comer sopas de leite que ela me dava na boca. Naquele quarto atravessado pela claridade da primavera, ao olhar a minha mãe, o seu rosto, os seus olhos tristes, percebi que já nada era como quando eu era pequeno.

As tigelas todas vazias e todas enfiadas umas dentro das outras. As colheres todas dentro da última tigela. O visconde de dedodida, depois de apanhar com as pontas dos dedos as migalhas de pão que havia no tabuleiro, aproximou-se de mim e sussurrou como são as crianças? Eu não imaginava que o visconde soubesse que eu passava o dia rodeado de crianças, e, sem saber o que responder, apenas disse são bonitas.

[135]

O visconde de dedodida, com o olhar intenso, depois de perceber que eu não diria mais nada, sussurrou mas, como são?, são acabadas de nascer?, são grandes?, como são? Eu disse há crianças muito pequenas, acabadas de nascer, e há também crianças maiores. Eu não compreendia o interesse súbito do visconde de dedodida pelas crianças, mas imaginei que se tratava apenas de curiosidade. Enganava-me. E a escrava miriam agarrou o tabuleiro com ambas as mãos. Olhámos todos para ela. A porta estava aberta como estivera toda a noite.

A escrava miriam era a única que entrava e saía sem ter medo, como se entrar e sair fosse natural. O visconde de dedodida perguntou-lhe podemos sair? Perguntou-lhe eles não nos fazem mal se sairmos? A escrava miriam continuou em silêncio, como se a pergunta não lhe fosse dirigida. Saiu. O visconde de dedodida saiu atrás dela. Saímos todos atrás dele. O príncipe de calicatri levava-me ao colo e, com um dedo, puxava o ninguém. A minha mãe sem saber para onde ia. Descemos as escadas. Éramos aventureiros à descoberta do mundo. Havia o fresco escuro da manhã nas escadas. No corredor, percebemos que ainda estavam todos a dormir. Entrámos na cozinha. A escrava miriam lavava as tigelas.

O visconde de dedodida passava já a porta da varanda. Pedi ao príncipe de calicatri que me levasse à varanda. A montanha tão grandiosa. A manhã estava na terra, nas ervas pequenas e verdes e viçosas que nasciam e cresciam. A manhã estava na terra fresca.

A manhã estava na terra, nas pedras limpas. O céu era a cor infinita da manhã sem nuvens, a explosão absoluta da cor da manhã. Por um momento, era de novo a vida, porque os pássaros que sobrevoavam a casa vinham da montanha e alguns carregavam palhas ou ramos no bico. Os seus corpos frágeis atravessavam o ar e, na minha memória, estava o peso de um pássaro fechado na minha mão, o corpo de um pássaro na gruta que os meus dedos e a palma da minha mão formavam. O visconde de dedodida estava no jardim, sentado no banco por baixo da oláia. Olhava a estátua e, às vezes, fechava os olhos, talvez para ver dentro de si os pormenores da beleza da estátua, ou talvez para sentir a luz do sol na pele.

[136]

Aquela devia ser uma manhã de sábado. Eu olhava a montanha, olhava a estrada lá ao fundo, olhava o jardim, e pensava que aquela devia ser uma manhã de sábado. O mundo tinha a claridade e a calma graciosa das manhãs de sábado. O mundo era igual às manhãs em que eu, o meu pai, a minha mãe, a escrava madalena e a escrava miriam saíamos de carro para ir ao mercado. Quando chegávamos, a minha mãe e a escrava madalena iam para a zona dos legumes e das hortaliças. E a minha mãe inspeccionava as verduras que lhe pareciam melhores, conversava com os vendedores, trocavam graças e, quando comprava, dois molhos de espinafres, três molhos de nabijas, os vendedores colocavam os legumes dentro de um prato fundo de cobre muito usado. Três quilos e duzentos de tomate para salada. Está bem assim, freguesa? Três quilos e trezentos de feijão verde. Está bem assim, freguesa? Depois, despejavam os legumes dentro de uma alcofa que a escrava madalena carregava. A minha mãe sorria por ser freguesa. E os legumes e o prato de cobre brilhavam muito porque era sábado de manhã. Nesses dias, o sol era bom. O meu pai levava-me numa mão e levava a escrava miriam na outra. Íamos para um lado do mercado em que havia homens a venderem pés de árvores para plantar. Cada homem tinha uma fila de troncos finos dispostos em fila. As raízes estavam envolvidas em terra dentro de um saco de plástico atado com cordéis. O meu pai aproximava-se e explicava-nos. Isto é um pessegueiro. Isto é um limoeiro. Isto é uma nespereira. Os vendedores diziam escolha, freguês. Alguns diziam, que lindo casalinho que leva aí, são seus filhos? O meu pai sorria e nunca, nunca lhes respondia. Na varanda, ao colo do príncipe de calicatri, eu pensava que aquela devia ser uma manhã de sábado. Um dos soldados saiu da porta da cozinha. Eu e o príncipe de calicatri ficámos calados com medo de termos feito algo de mal. Mas o soldado passou por nós, sonolento, a passar os dedos pela barba como se a penteasse, com os olhos ainda pouco abertos e, num tom rotineiro, disse ai uia, continuando o seu caminho.

[137]

A partir desse dia, sentimo-nos mais livres para sair do quarto. O medo permaneceu, mas passámos a só nos recordarmos dele quando as dores das chagas não nos deixavam pensar em mais nada, ou quando entrávamos no quarto e os soldados estavam todos em fila, à espera de vez para usarem a escrava miriam.

Passaram-se muitos dias nessa primavera. As crianças à minha volta. Os gritos das crianças. Os mais pequenos a crescerem quase diariamente e, às vezes, as mulheres de barriga grande a ficarem, de um dia para o outro, com uma barriga vazia de pele pendurada, com os olhos encovados, e crianças novas a aparecerem, a beberem leite, a comerem papa ou sopa e a gritarem. Aos poucos, comecei a conhecer os rostos de todas as mulheres que vinham à sala dos brinquedos. Eram todas muito bonitas, excepto uma. Havia mulheres de todos os géneros: pequenas, altas, louras, morenas, ruivas. Eram todas muito bonitas, excepto uma. Essa andava sempre sozinha no meio de todas as outras. Não falava. Não sorria. Tinha os olhos carregados de uma tristeza triste e autêntica. Às vezes, quando as mulheres vinham dar papa ou sopa às crianças, quando a minha mãe me dava colheradas clandestinas de papa ou de sopa, sentia que essa mulher feia estava parada a olhar para mim. A minha mãe roubava colheres de papa ou de sopa às bocas das crianças para me dar. A mulher feia via e não dizia nada, não nos denunciava. As outras mulheres, muito bonitas, não reparavam em mim. Eu não reparava nelas, porque tinha dentro de mim a mulher mais bonita do mundo. E fechava os olhos. Tantas vezes fechava os olhos. Ela, dentro de mim, olhava-me tão séria. Dizia não vou aguentar, amor. Eu abria de novo os olhos e, como uma condenação, a primavera a entrar pela janela, as crianças à minha volta, os gritos das crianças.

Passaram-se muitos dias nessa primavera. O quarto e a janela. O cheiro do roupeiro a ser noturno, de noite, e a ser fresco, de manhã. No tempo que passávamos no quarto, descobríamos aos poucos o que acontecia por toda a casa.

O príncipe de calicatri, nos intervalos de carregar pedras e de arranjar o jardim, roubava e escondia uma maçã na cova do peito, na cova de onde lhe tinham arrancado o coração.

[138]

Ao anoitecer, levantava a camisa, retirava a maçã do buraco onde outrora tivera um coração de sangue e repartia-a comigo. Os soldados chegavam para se deitarem em cima da escrava miriam e, quando acabavam, iam-se logo embora, deixando atrás de si um cheiro a suor e a sexo que se dissolvia devagar nas brisas frescas que entravam pela janela. Nesses dias, a minha mãe começou a entristecer ainda mais. Como se o silêncio não lhe fosse suficiente. A escrava miriam acariciava as mãos da minha mãe. Passava-lhe os dedos sobre os dedos. A minha mãe estava muito cansada e triste. Numa tarde, depois de se ouvir um estrondo que vinha do quarto, o príncipe de calicatri subiu as escadas a correr e encontrou a minha mãe caída no chão, com uma corda atada ao pescoço. A minha mãe. Encontrou um banco caído e a minha mãe com uma corda velha atada ao pescoço. Uma corda atada numa das vigas do tecto e no pescoço da minha mãe. Uma corda velha que não aguentou o peso da minha mãe pendurada numa viga do tecto. A minha mãe caída no chão, com uma corda atada ao pescoço. A minha mãe que, ao serão, ficava a olhar para o meu pai a escrever sonetos; a minha mãe que me contava histórias sobre a família dela; a minha mãe esquecida; a minha mãe branca e pura. Quando me levaram ao quarto, quando vi a minha mãe, apeteceu-me dizer-lhe tantas palavras verdadeiras. Mãe infinita, como uma resposta ao céu fértil da infância. Mãe ofendida, como a água a correr nos rios de noite, como uma casa no alto de um monte a arder durante toda a noite, como a ternura e a bondade a atravessarem a terra da noite. Quando me levaram ao quarto, quando vi a minha mãe magoada sobre a cama, apeteceu-me dizer-lhe tantas palavras verdadeiras que não lhe disse, menos por ela não as poder ouvir do que por eu não as poder dizer. Depois, noutro dia, encontraram a minha mãe no centro de uma poça de vômito, nem morta, nem viva. A minha mãe que adorei, no meio de uma poça de vômito, com um frasco vazio de comprimidos ao lado.

[139]

A minha mãe nua, sem força nas pernas, a levar um banho de mangueira no pátio. Nem morta, nem viva, a minha mãe e os seus olhos quase fechados. Depois, noutro dia, encontraram a minha mãe com os pulsos mergulhados na bacia cheia de sangue morno e de água que, antes da ferida, antes do sangue, era igual à água que bebiam as crianças, era igual à água que a minha mãe, quando eu era criança, me dava a beber. A minha mãe nos braços do príncipe de calicatri, com sangue a pingar-lhe pelos ângulos dos cotovelos. A minha mãe com ligaduras à volta dos pulsos, como uma louca. A minha mãe. Ninguém falava nela, porque era imensa. Ela era a fonte. Eu amava-a dolorosa e tranquilamente. A partir desses dias, soube permanentemente que ela era a fonte.

Passaram-se muitos dias nessa primavera. A porta do quarto continuou sempre aberta e, aos poucos, percebemos que podíamos sair sempre. Os soldados passavam por nós e diziam ai uia. Começámos também a dizer ai uia. Ao fim da tarde, o príncipe de calicatri ia deixar-me na varanda, entalado numa cadeira, a ver a montanha e o céu e as pessoas que passavam e que, às vezes, sorriam. No primeiro instante da noite, o meu braço amputado começava a tremer. Às vezes, nos dias melhores, o príncipe de calicatri chegava, enfiava-me um cigarro nos lábios e acendia-o. A montanha era grande até se dissolver devagar na noite. Depois, no quarto, lia as folhas que a descreviam e, dentro do roupeiro, custava-me adormecer. E as crianças, as manhãs, as tardes, as mulheres que chegavam para dar a sopa ou a papa. A minha mãe, com ligaduras nos pulsos, a dar-me colheres cheias na boca. E a mulher mais feia a olhar para mim. Depois desses dias, sabia já que as mulheres que iam dar comida às crianças, que engravidavam e que depois pariam em quartos de alguidares de água a ferver e toalhas, eram todas casadas com o homem gordo e importante que passava os dias no salão com o visconde de dedodida de um lado e o violinista do outro. Todas as mulheres bonitas, todas as dezenas de mulheres bonitas que entravam na sala de baixo à hora de almoço, e a mais feia também, a que ficava a olhar para mim, eram todas casadas com esse homem gordo.

[140]

Todas as crianças eram filhas dele. O homem gordo e importante só saía do cadeirão para dormir e para fazer filhos. Numa dessas ocasiões, para se divertirem, os soldados levaram o visconde de dedodida para o pátio e, isto vi eu através da janela, enquanto duas meninas me cortavam o cabelo com tesouradas ao acaso, encostaram-no a uma tábua de madeira e começaram a treinar a pontaria, atirando-lhe lanças ao grande buraco circular que lhe atravessava a barriga. O visconde de dedodida, encostado à tábua, tremia e contraía a cara com muita força de cada vez que vinha uma lança na sua direcção. Os soldados acertaram sempre no alvo que era o buraco que o visconde de dedodida tinha na barriga. Não o magoaram. Mas, quando o mandaram desencostar-se da tábua, ia a cambalear, porque, com o medo, as pernas tinham perdido o equilíbrio. Eu tinha o cabelo cortado pelas tesouradas imperfeitas das crianças e foi o príncipe de calicatri que, mais tarde, me acertou o cabelo e disfarçou as malhadelas como pôde. Os dias passavam. E passavam. E os dias passavam. E passavam. Nesses dias a passar, a porta do quarto continuou sempre aberta e, depois de percebermos que podíamos sair do quarto, percebemos que podíamos sair da casa. Quem fez essa descoberta foi o príncipe de calicatri que, num fim de tarde, depois de me deixar na varanda, se aventurou para lá do portão do pátio. Passou por dois soldados na rua que lhe disseram ai uia e voltou todo sorridente para me contar. A partir desse dia, começaram todos a sair, mas voltavam sempre porque todas as casas distantes tinham soldados, todas as estradas tinham soldados, e não havia nenhum lugar para onde fugir. À hora a que nos libertavam das nossas tarefas, ao fim da tarde, a casa ficava calma. As mulheres iam pôr as crianças a dormir. O homem gordo e importante adormecia no cadeirão e era levado sobre os braços entrançados de soldados para a cama. Levavam-no com muito cuidado para não o acordarem, despiam-no e tapavam-no. O homem gordo e importante dormia e babava-se.

[141]

A casa ficava calma. As paredes recebiam o fresco. Os objectos descansavam. O ar era límpido. O príncipe de calicatri deixava-me na varanda a olhar a montanha e entrava de novo para dentro da casa, como se entrasse para o fundo mais negro de um poço ou para o fundo das últimas entranhas de uma pessoa. Ia vigiar a escrava miriam. Não a espreitava. Ficava a ouvi-la. Queria apenas ficar perto dela, a ouvi-la. Se ela estava na cozinha, ele ficava parado no corredor. Tentava não fazer nenhum barulho a existir. Os pés completamente inertes no estrado sobre a madeira. O ar parado nos pulmões. Se ela estava no quarto com os soldados, ele ficava sentado nas escadas, a chorar, sem lágrimas, em silêncio. Eu olhava a montanha. Às vezes, lembrava-me de coisas. O visconde de dedodida e o ninguém, de mãos dadas, passavam por mim, atravessavam o pátio e saíam pelo portão. Quando os sentia passarem pelas minhas costas, ouvia o visconde de dedodida dizer vou só ali passear o ninguém. Eu via os dois homens descenderem as escadas de mãos dadas, atravessarem o pátio de mãos dadas e desaparecerem. As mãos do ninguém eram grossas. Os dedos eram grossos e a pele era retalhada. As palmas das mãos eram grossas e tinham calos antes do início dos dedos. O príncipe de calicatri e o ninguém faziam o trabalho duro do jardim e da casa inteira. Ninguém conhecia o ninguém. Às vezes, o visconde de dedodida tentava imaginar a história do ninguém, dizia os seus braços são fracos, se calhar era um duque, vivia num palácio à entrada da cidade e, quando chegaram as invasões, estava deitado em cima de alguma escrava; outras vezes dizia porque lhe terão arrancado as orelhas, os olhos, o nariz e a língua?, se calhar era poeta; outras vezes dizia se calhar nasceu assim. O visconde de dedodida dizia sempre muitas coisas. Às vezes, o príncipe de calicatri aproximava-se de mim e dizia acho que estou a conhecer o ninguém, o seu rosto é parecido com o de um homem que encontrei a vender castanhas numa estação de comboios de um país atravessado por comboios, numa estação onde ninguém saía, num país onde ninguém parava porque o país era apenas com posto por terra e linhas de comboios, um homem que vivia

sozinho num país de comboios, a vender castanhas numa estação onde ninguém saía; outras vezes dizia, acho que estou a conhecer o ninguém, o seu rosto é parecido com o de um homem que encontrei na praça de uma cidade, num país onde todas as pessoas que não eram daquela cidade se tinham esquecido daquela cidade, num país de quem todas as pessoas que não eram daquele país se tinham esquecido daquele país, outras vezes dizia acho que estou a conhecer o ninguém, o seu rosto é parecido com o de um homem que encontrei numa sala a falar com o seu filho, dizia-lhe não vá correr mundo, fique comigo, fique com a sua mãe, era uma sala grande dentro de uma casa grande dentro de um país pequeno junto ao oceano.

[142]

O príncipe de calicatri conhecia muitos países distantes. Ninguém conhecia o ninguém. Eu, às vezes, achava que o ninguém era a solidão. O ninguém era o abandono. O seu corpo sem vontade, cego, surdo, mudo, parecia ser uma lembrança da solidão e do abandono. Como se nós, mutilados, precisássemos de saber constantemente que era possível perder sempre mais. A solidão. O abandono. Eu, às vezes, achava que o ninguém não era uma pessoa, mas uma sombra que se perdera. Eu não conhecia o ninguém. Ninguém conhecia o ninguém. Ao fim da tarde, quando saía de mãos dadas com o visconde de dedodida, distinguia-lhe o cansaço no andar. Eu, na varanda, olhava a montanha. Fechava os olhos, via-a triste dentro de mim. Em certas tardes, via-a a chorar dentro de mim. Ou, de olhos abertos, lembrava-me da minha mãe. A minha mãe, rodeada para sempre de silêncio, com o coração surdo de silêncio, com a cabeça desesperada de silêncio. Num fim de tarde, quando o fresco era sobre a pele, começou a sair fumo de uma janela. Era da sala de armas que, num daqueles dias, tinha sido convertida em arrecadação. Do meio do fumo e das chamas, alguns soldados tiraram a minha mãe. Tinha a pele negra, coberta por uma rede vermelha de riscos vermelhos de sangue ou de carne viva, porque a sua pele queimada tinha estalado em cortes profundos. Veredas de carne viva cravadas na pele.

[143]

Pousaram-na numa banheira de água fria. Respirava com dificuldade. Eu estava ao colo do príncipe de calicatri; o violinista escondia os olhos entre o braço e o ombro, porque não queria ver; o visconde de dedodida e o ninguém estavam ainda de mãos dadas, pois tinham voltado a correr do seu passeio assim que viram fumo a sair da casa. Juntos, formávamos uma coluna de corpos que tapava a porta da casa de banho. A escrava miriam molhava toalhas na água e limpava com muito cuidado o rosto da minha mãe. Nas nossas costas, sem olharem para nós, talvez sem repararem em nós, os soldados conversavam. Quando a água da banheira já estava negra com a fuligem que saiu do corpo da minha mãe, a escrava miriam enfiou o braço até ao ombro dentro da água e esvaziou a banheira. Voltou depois a enchê-la de água limpa. Submerso na água fria, o corpo nu da minha mãe, raiado de feridas que se abriam mais quando o peito dela se enchia de ar e que se fechavam quando o ar lhe saía lentamente pelos lábios. Passado algum tempo, voltou a esvaziar a banheira e envolveu a minha mãe em toalhas. Olhou para nós, e foi o visconde de dedodida e o príncipe de calicatri que a carregaram para o quarto. Atrás ia a escrava miriam e o violinista que tentava segurar-me nos seus braços sem mãos. Pousaram a minha mãe na cama sobre um lençol branco lavado. Ficámos a olhar para a minha mãe queimada. De olhos fechados, como se dormisse, demorava muito tempo a inspirar e muito tempo a soprar uma brisa de ar cansado. A noite entrou pela janela. Estávamos como quando a porta do quarto estava fechada, como quando nos obrigavam a ficar ali. Eu olhava para a minha mãe. Todos os outros olhavam para qualquer lado. O meu braço direito, que não era sequer uma memória, começou a tremer. Fechei os olhos. Ela disse não vou aguentar, amor. Abri os olhos. A escrava miriam levantou-se e saiu. O som dos seus passos a descerem. Depois de alguns momentos,

voltou. Trazia o ninguém pela mão. Tínhamo-nos esquecido dele no corredor, à porta da casa de banho.

No dia seguinte, depois de uma noite em que a escrava miriam tomou o lugar da minha mãe entre os corpos deitados no chão, depois de uma noite em que eu pouco dormi, com o braço ou a ideia do braço a tremer dentro do roupeiro, depois de um dia em que mãos pequenas de crianças me passaram pelo rosto, não quis ir para a varanda e pedi ao príncipe de calicatri que me levasse para o quarto.

[144]

Queria ver a minha mãe. A minha mãe, como uma mulher desconhecida. Nunca entendi verdadeiramente a minha mãe, por isso não sei se alguma vez terei chegado a entender verdadeiramente alguém. Estava sozinho, a olhá-la. A pele dos ombros à mostra, chicoteada por valas a rasgarem-lhe a carne. Riscos fundos de sangue seco, de carne vermelha, a atravessarem-lhe a pele como terra seca, terra ressequida. Um rasgão a atravessar-lhe o rosto. Estava sozinho, a olhá-la, quando a escrava miriam entrou empurrada por soldados. Dois deles pegaram na minha mãe e deitaram-na no chão. A minha mãe, de olhos fechados, respirou bruscamente como se suspirasse. A escrava miriam deitou-se na cama ainda morna do corpo da minha mãe. Nua, via-lhe a cruz que lhe atravessava o ventre e o peito, de cada vez que um soldado se levantava de cima dela. Quando o último acabou e saiu, a escrava miriam continuou deitada sobre os lençóis enxovalhados. A escrava miriam, que tinha sido uma menina tímida, que tinha sido uma menina que não olhava ninguém de frente, estava deitada sobre a cama, com os cabelos longos estendidos, com os braços abandonados, a ignorar-me e a ignorar o mundo. A janela estava aberta. A porta estava aberta. Uma corrente de ar ligava a janela e a porta, passando pelo corpo espalhado da minha mãe. O príncipe de calicatri entrou no quarto. O seu rosto e os seus passos apontavam apenas para a escrava miriam. Os seus passos foram silentes na madeira. A escrava miriam não se moveu. Ele sentou-se ao seu lado. Levantou o braço. Levantou lentamente o braço, e a mão, e os dedos, na ponta da mão caída, pararam por instantes no ar. Pousou os dedos, a mão morta sobre os cabelos da escrava miriam. O rosto dela permaneceu imóvel. Os olhos abertos. A pele branca e lisa. Passou as costas dos dedos devagar pela linha que contornava o rosto da escrava miriam. Baixou-se lentamente.

[145]

Baixou-se muito, muito lentamente. Pousou os lábios sobre os lábios dela. Ela fechou os olhos. Ambos os rostos fizeram a expressão de chorar, quando os lábios estavam sobrepostos. O príncipe de calicatri abraçou-a com muita força. A escrava miriam abraçou-o com muita força. Os seus corpos quiseram explodir um contra o outro. Quando se separaram para não se separarem pelo olhar, ambos sabiam que era tarde de mais. Um e outro sabiam que eram a única coisa que tinham e que já não podiam ter nada. Sentados na cama, ficaram com as mãos juntas. As mãos dele dentro das mãos dela e as mãos dela dentro das mãos dele. Levantaram-se e saíram. A partir desse dia, partilharam a miséria.

No quarto, eu olhava a minha mãe. O seu corpo espalhado no chão. A janela aberta com a tarde a desaparecer. Os colchões dobrados num monte alto. Ouvia as andorinhas que tinham feito ninhos de barro nos beirais da casa. Ouvia os grilos que enchiam já toda a lonjura dos campos. Era o fim do mês de abril. Eram muitos os dias que tinham passado nessa primavera. A minha mãe, como a minha própria incapacidade, a minha própria derrota. E esperava. Caminhava na minha direcção, crescia, o momento em que todas as palavras iriam doer. O quarto seria mais pequeno. As palavras seriam impossíveis. Eu seria menos do que um homem humilhado. E esperava. Quando me cansei, fechei os olhos. Ela, dentro de mim, estava também cansada, também morta e cansada, cansada, muito cansada. Os seus olhos tão grandes. Disse não aguento mais, amor. Olhei-a e quis despedir-me. Soube que havia uma estrada negra onde

eu nunca poderia entrar e soube que essa estrada negra era dentro de mim. Vi-a afastar-se. De repente e muito devagar, vi os seus olhos, a sua pele, os seus cabelos, o seu vestido branco afastarem-se por essa estrada. Devagar, longe. Devagar. Longe. Longe. Longe. Os seus olhos, a sua pele, os seus cabelos. Até desaparecer. Até nem a imagem de uma palavra. Só a escuridão. A escuridão que se vê quando se fecha os olhos e se vê: a cor negra e os pequenos seres de luz que a habitam. Sem conseguir olhar fixamente para o negro ou para a luz.

[146]

O negro dentro de mim. As figuras de luz que o quebravam. Um negro tão absoluto, tão profundo e tão infinito que o olhar avançava por ele sem encontrar um lugar onde pudesse deter-se. Abri os olhos. Dentro de mim era vazio. Com o olhar sobre o corpo da minha mãe, via na janela o céu subitamente negro. A noite. A ideia do meu braço a tremer. O céu negro como o meu interior. E o céu, negro, negro, negro, rasgou-se como se todo o céu e toda a sua escuridão fosse um pano negro sobre o mundo. O céu rasgou-se num ruído de rochas a afastarem-se depois de milhões de anos. E o céu gritou um trovão que era a voz do mundo e da escuridão, um trovão que era a voz de todo o sofrimento do mundo. Um grito de terror. O céu e o mundo a dizerem um grito negro que explodia dentro de mim. Todo o sofrimento do mundo explodiu dentro de mim. A chuva começou a cair em gotas grossas sobre a noite. A chuva era feita de gotas grossas e negras que caíam do céu e que lançavam sobre a terra todo o sofrimento e toda a escuridão. Entrava chuva no quarto. Entrava vento que estendia as cortinas de tule sobre o corpo quase morto da minha mãe. Entrava vento que trazia chuva e mais sofrimento e mais escuridão. A noite e a escuridão e o sofrimento eram como se tivesse passado os portões de ferro da morte. O céu gritava trovões, e a morte, repetida, enchia a casa e explodia dentro do meu peito vazio e negro.

O príncipe de calicatri entrou no quarto. O príncipe de calicatri tinha o início da tempestade nos olhos. Fechou a janela. Não quis dizer-lhe nada. Ele não quis dizer-me nada. Naquele instante, não era necessário que disséssemos nada um ao outro. Pedi-lhe que me trouxesse as folhas que estavam debaixo do colchão e pedi-lhe que mas segurasse onde as pudesse ler. A minha mãe estava espalhada no chão. A sua respiração ou uma aragem. O príncipe de calicatri voltou com as folhas. O príncipe de calicatri não sabia ler, mas os seus olhos, parados na superfície da parede, pareciam ler a parede. Eu lia as páginas que eram o corpo daquela que tinha desaparecido dentro de mim.

[147]

Os trovões atravessavam as paredes e enchiam o quarto daquela voz negra. Naquele momento, não queria fechar os olhos. Tinha medo. Lia palavra a palavra, querendo acreditar que ela ainda estava onde a podia ver. As duas palavras mais frequentes nas páginas escritas com o seu corpo eram amor e morte. Numa linha em que estavam lado a lado, olhei-as fixamente e vi que se mexiam. Com os trovões a gritarem toda a fúria de um sofrimento negro, diante dos meus olhos, as duas palavras mexeram-se na página e trocaram de lugar: amor morte, amormorte, ammoorrte, maomrotre, moratmeor, morteamor, morte amor.

O tempo aumentava o meu medo. No dia seguinte, o sol foi negro, as vozes das crianças foram negras. A tempestade ergueu-se lentamente da terra. As nuvens caminharam lentamente no céu, afastando-se, como se partissem de cabeça baixa. No dia seguinte, depois de tudo, o pânico lento e seguro. Estava ainda mais sozinho. Estava completamente só. Sabia que, no mundo, ninguém poderia compreender a minha dor. Era o único guardião de uma dor que me mutilava ainda mais, que me mutilava completamente. Eu estava rasgado por dentro. Eu estava rasgado onde existia dentro de mim. A minha memória estava atravessada por feridas de lâminas, por sangue. O meu pensamento era sangue e ossos destroçados. A morte. Tantas vezes desejei a morte. Desejei a morte sinceramente. É tão triste desejar a morte com

sinceridade. É tão triste não encontrar nada na vida, olhar todas as escolhas da vida e todas serem uma só e essa única possibilidade ser a miséria e o sofrimento e a solidão definitiva. Com olhos cansados, via a minha mãe. Se pudesse, tinha chorado. Se pudesse, tinha chorado com todas as minhas forças. Se pudesse, tinha gritado até arrancar a última réstia de sofrimento e de vida de mim, até transformar o meu sofrimento, a minha vida, num grito que impressionasse o mundo. Olhava a minha mãe e éramos companheiros de uma desolação tão imensa. Só eu e a minha mãe estávamos no quarto. Entrava pela janela uma luz que era uma sombra fria de medo.

[148]

Lá longe, estava certo, existia a montanha, existia o tamanho gigante da montanha. Essa certeza era saber que a montanha era um corpo que se elevava aos céus para mostrar aos homens que estão condenados a viver no medo e que, quando vencem o medo, encontram apenas a derrota. O cadáver do dia entrava pela janela do quarto. Tocava o meu rosto e o da minha mãe com o frio da morte. Não tinha mãos, as minhas mãos apodreciam num lugar qualquer longe de mim, e sentia a minha mão a tremer. Fechei os olhos. O negro dentro de mim a ser insuportável. A minha vida a ser essa escuridão vazia, sem possibilidade de fugir. A memória dela a olhar-me. O seu rosto tão bonito da primeira vez que o vira. Dentro de mim, carregava o primeiro lugar em que a vira. Para sempre, carregaria dentro de mim o primeiro lugar em que a vira. A escuridão obsidiante a repetir-se a si própria vezes e vezes. Um espelho de escuridão a reflectir apenas escuridão em todas as direcções. A ausência dela a ser tudo o que não existia. Tudo o que existia era ela não existir. Eu, com a voz do meu pensamento, perguntava onde estás, amor? Perdido, abandonado, perguntava onde estás, à amor? Perguntava ao vazio, à ausência, e o vazio, a ausência, não me respondiam. Os meus olhos abriram-se. Sentia a minha mão a tremer. A noite polia o luto no ar do quarto. Sentia a minha mão a tremer. A minha mãe estava deitada no chão, com a pele queimada, rasgada por sangue seco. Eu estava imóvel e sofria.

O tempo aumentava o meu medo. Outro dia. Outro dia e a mesma escuridão em tudo. Chegaram todos ao quarto, ninguém disse nada. Ficaram. O visconde de dedodida ficou sentado no chão, por baixo da janela, com o ninguém e o violinista ao lado. O príncipe de calicatri ficou sentado no chão e encostado ao roupeiro. Eu estava ao lado dele. Olhávamos todos para a escrava miriam. Molhava bolas de algodão numa garrafa de álcool e passava-as lentamente na pele da minha mãe. Desabotoava-lhe a roupa até ao início dos seios e passava-lhe álcool pelos ombros. Devagar, pela forma bela dos ombros, pela suavidade do peito.

[149]

Entraram cinco soldados com fatos de ferro e barbas até à cintura. Os olhares sérios nas caras negras, sobre as barbas. Agarraram a escrava miriam e puxaram-na. O seu corpo, nas mãos deles, era algo que se puxava e que se empurrava, que se punha em qualquer lado e que não tinha sequer o valor de um corpo. Lançaram a escrava miriam sobre a cama. Rasgaram-lhe a roupa e o primeiro tirou o sexo de dentro do fato de ferro. Apenas o sexo a ser o único pedaço de carne que saía do ferro. E enfiou o sexo dentro da escrava miriam como se lhe espetasse a lâmina de uma faca. Espetou uma faca dentro da escrava miriam. Facadas consecutivas de raiva, de ódio. A escrava miriam, com o pescoço torto sobre a cama, tinha os olhos muito abertos e olhava para o tecto como se estivesse a ver alguma coisa grande. Os seus cabelos espalhados sobre os lençóis, a sua cabeça e todo o seu corpo moviam-se a cada solavanco do soldado. Todos os nossos rostos, até o do ninguém, até o da minha mãe, estavam subitamente entristecidos. A noite era o silêncio dos soldados que esperavam a vez, era os movimentos e a respiração do soldado que usava a escrava miriam e era o silêncio da nossa tristeza. O rosto do príncipe de calicatri era o de descobrir uma verdade terrível e de descobrir que era uma

criança perante essa verdade. Todos os soldados usaram a escrava miriam até que o último guardou o sexo dentro do fato de ferro, sem olhar para ela, e saiu. Depois de o som dos passos se extinguir nas escadas, todos os que estavam sentados debaixo da janela se levantaram e se deitaram. Vestidos, taparam-se com os cobertores e fecharam os olhos. Depois, o príncipe de calicatri levantou-se. Aproximou-se da cama. Ajeitou o corpo da escrava miriam. Enquanto apertava os lábios numa linha muito fina, fazia festas com as pontas dos dedos na testa e nos cabelos da escrava miriam. O príncipe de calicatri já não sabia a resposta a todas as perguntas do mundo. Deixou a escrava miriam para me pegar ao colo e me enfiar no roupeiro. Voltou depois para junto dela. Beijou-a. Ela beijou-o. Abraçou-a. Ela abraçou-o. Ele deitou-se ao lado dela. Olharam-se a entender a tristeza. Ele afastou-se. Ela fechou os olhos.

[150]

Ele aproximou-se do roupeiro. Olhou para o seu interior, a ver os meus olhos abertos. Abraçou-me. Ficámos durante muito tempo, a chorar com lágrimas, com as bocas a sufocarem a vontade de gritar, porque a tristeza dentro de nós era muito maior do que nós, muito maior do que lágrimas ou do que a noite.

O tempo aumentava o meu medo. Outros dias. Dias a passar. Tempo, medo e dias. Às vezes, fechava os olhos, ainda a procurá-la. Ainda a esperança. Mas, ao reparar que ela desaparecera definitivamente, abatia-se sobre mim o peso de uma solidão negra, como se a montanha que durante toda a vida vi em frente da casa fosse a minha solidão e, de repente, todo o seu peso caísse sobre mim e me soterrasse só de solidão e abandono. Os dias nasciam contra a minha crença de que os dias não podiam nascer. Sentia, lentamente, o espaço da minha mão invisível a desistir de tremer. Lutava sozinho contra a manhã. A luz aumentava devagar na janela e os corpos deitados no chão, os objectos pequenos do quarto, tornavam-se também luminosos. O som dos pássaros a cantar. Eram cada vez mais os pássaros a cantar cada vez mais alto na janela. O céu. O céu era também luminoso e cantava também. Imaginava o céu, imaginava a janela, porque, dentro do roupeiro, não conseguia ver nem o céu, nem a janela. Mas imaginava, e tudo o que imaginava era contra mim, porque tudo o que existia era contra mim, porque tudo o que existia era contra mim e as coisas imaginadas existiam naquelas manhãs em que estava tão sozinho. Lentamente, os corpos começavam a mexer-se. Um braço, uma perna, um corpo inteiro a mudar de posição. O meu corpo ficava imóvel. Eu não tinha nem braços, nem pernas. Mesmo que tivesse forças, eu não podia mexer-me. Não podia levantar-me e correr e fugir durante muito tempo, por estradas, por caminhos de terra e de pedras, por entre as ervas, atravessando rios quase secos com água até aos joelhos. Mas eu não queria correr, não queria fugir. Eu sabia que não havia estradas por onde pudesse fugir, sabia que já não havia caminhos de terra e de pedras, sabia que já não havia campos só de ervas e papoilas, sabia que não havia rios quase secos, com água a correr lentamente.

[151]

Para mim, tudo tinha parado. Mesmo que o dia nascesse, mesmo que as coisas vivas comessem lentamente a acordar. Para mim, tudo tinha parado. O dia podia nascer, os pássaros podiam cantar, que, para mim, o tempo tinha parado num tempo de noite e de morte. Para mim, os pássaros não existiam, porque eu não acreditava nos pássaros a cantarem. Mas os corpos começavam a mexer-se. Os pássaros cantavam. Os dias nasciam. O céu brilhava. Eu sabia tudo aquilo em que não acreditava e estava ainda mais sozinho, ainda mais sozinho por isso. Eu estava tão sozinho que a minha solidão, eu, tinha sido recortada com precisão do mundo. Os meus contornos eram exactos a isolarem-me do mundo. Eu não queria existir. Eu não queria que o meu rosto fizesse parte das coisas que podem ver-se. Eu queria que os espelhos não me reflectissem, que ninguém me ouvisse, que ninguém soubesse da minha voz ou se lembrasse do meu nome, do meu rosto, das minhas memórias. Eu queria não ser sequer algo que se esquece.

Lutava sozinho contra as manhãs. E a escrava miriam acordava, e o príncipe de calicatri acordava, e o visconde de dedodida acordava, e o violinista acordava, e o ninguém acordava. Eu e a minha mãe estávamos demasiado cansados para acordarmos. Respirávamos. As manhãs venciam-me e venciam a minha mãe. A vida vencia-nos. O príncipe de calicàtri aproximava-se do roupeiro, levantava-me e pousava-me no chão do quarto. Eu não tinha forças e apetecia-me cair, apetecia-me perder completamente as forças e cair e ficar sem ver, sem ouvir, sem sentir o chão debaixo de mim. As manhãs eram impossíveis de suportar.

O tempo aumentava o meu medo. Houve uma manhã em que alguém, talvez o príncipe de calicatri, me pousou no chão da sala dos brinquedos e saiu. Algumas crianças aproximaram-se de mim e, com as suas caras de crianças, imitaram a expressão da minha cara. Na distância que existia entre nós, olharam-me com gravidade. Uma delas, uma menina de olhos azuis e de lábios finos, disse ouaeuo, oia euoiu. Os seus lábios pequenos quase sussurraram.

[152]

As outras crianças abriam mais os olhos a ouvi-la, porque percebiam. A manhã estava no pátio e entrava pela janela. As crianças respeitavam o meu sofrimento. Nesse dia, foram quase silenciosas a brincar. Não me tocaram. Às vezes, olhavam-me ao longe e eu sentia a ternura e algum conforto. Nessa manhã soube que as crianças eram boas. À hora de almoço, chegou a escrava miriam e chegaram as mulheres e chegou a mulher feia. Olhou-me uma vez e voltou logo a seguir a olhar-me e voltou logo a seguir a olhar-me e não mais parou de olhar-me. O seu rosto, como os das crianças, compreendia-me. A escrava miriam não me compreendia.

As outras mulheres não me compreendiam. A mulher feia compreendia-me. As crianças compreendiam-me. A minha mãe queimada estava no quarto. Eu sabia que o seu corpo surdo e queimado estava estendido sem vontade no chão do quarto. Por isso, ninguém me ofereceu colheres de sopa ou de papa. Se alguém o tivesse feito, talvez eu tivesse tido força suficiente para fechar os lábios, ou talvez não tivesse tido força e ficasse com a boca cheia de sopa ou de papa, sem força e sem vontade de engolir. A mulher feia olhava-me e tinha pena de mim e, talvez por isso, o seu olhar era de um afecto sincero. Eu sentia-me a morrer, sem morrer realmente. Só o sofrimento de morrer. A escrava miriam, as mulheres e a mulher feia foram-se embora. A mulher feia olhou-me sempre, como se, apesar de se ir embora, quisesse deixar o seu olhar sobre mim. Fiquei eu e ficaram as crianças em silêncio. A tarde passou.

Nos últimos instantes dessa tarde, quando a tarde morria lentamente, quando a noite ainda não se imaginava, eu estava no quarto. A minha mãe estava deitada no chão. O ninguém estava de pé diante da janela, como se olhasse pela janela, como se conseguisse olhar pela janela. Nós os três juntos éramos qualquer coisa inútil. O ninguém cego e também surdo e também mudo. A minha mãe quase morta, queimada, sem a música que tinha amado com a mesma obsessão maravilhosa com que se amam as pessoas que não podem desiludir-nos. Eu sem nada. O tempo passava lentamente.

[153]

O tempo passava ainda mais lentamente nas nossas vidas. O tempo passa depressa quando queremos sentir cada instante. O tempo passa lentamente quando se espera. O tempo passa ainda mais lentamente quando já não se espera nada, quando já não há nada a esperar. Nós os três juntos éramos qualquer coisa inútil. Éramos talvez pessoas que se tinham transformado em pedras. O príncipe de calicatri entrou no quarto. Não me perguntou nada, não me disse nada. Levantou-me no ar e levou-me ao colo com o seu entusiasmo. Sentou-me na varanda. Acendeu um cigarro e enfiou-mo na boca. Os seus olhos sorriam. Desceu as escadas, saltando os degraus dois a dois. Desapareceu por instantes e voltou a aparecer, vindo da garagem. Montado numa bicicleta, os braços esticados na direcção do guiador, como uma criança, dizia olha, olha. Eu, que tinha vontade de não ser ninguém, que tinha vontade de não ser nada, que tinha vontade de

não existir, de ser apenas um espaço vazio, apenas um lugar de asfixia ou de ar para se respirar sem se sentir; eu, que sofria, senti o meu peito ficar mais leve por um momento, como se o peso da escuridão dentro de mim tivesse sido levantado. Cuspi o cigarro. Os meus lábios não se moveram, mas sorri. A montanha estava lá longe, grandiosa, rodeada pelo fim da tarde.

E era já de noite. O sítio do meu braço tremia. O príncipe de calicatri subiu as escadas. O seu entusiasmo era muito de criança. As crianças esquecem o medo. As crianças ignoram o medo. Vinha transpirado e cansado, como uma criança depois de correr, depois de brincar a correr. Contava-me da bicicleta, e a sua alegria era maior. Aproximou o rosto de mim, iluminado pela lua, como uma criança. Perguntei-lhe amanhã podes levar-me a um sítio? Ele sorriu. O príncipe de calicatri já não sabia a resposta a todas as perguntas do mundo, já não esperava apenas a morte, e sorriu. Sorriu, porque me ouviu falar e imaginou que eu já não estava tão triste e tão desesperado. O príncipe de calicatri já não sabia a resposta a todas as perguntas do mundo. Essa noite e o dia seguinte passaram comigo a esperar que chegasse a hora de o príncipe de calicatri me levar.

[154]

Durante a noite, a minha mãe queimada, imóvel com a pele a estalar; o ninguém em silêncio num mundo de solidão; o visconde de dedodida a perguntar-me pelas crianças, a falar sozinho, palavras, palavras sem importância, palavras neutras, palavras nulas; os soldados a usarem a escrava miriam; o príncipe de calicatri a abraçá-la a seguir; eu a não conseguir dormir. Esperava que chegasse a hora de o príncipe de calicatri me levar. Durante o dia seguinte, as crianças a brincarem comigo devagar, com cuidado, como se eu tivesse deixado de ser um brinquedo de carne para passar a ser um brinquedo de vidro; a mulher feia a olhar-me durante horas; as mulheres a darem comida às crianças; as crianças a brincarem de novo comigo, a fazerem-me festinhas; eu a esperar o tempo. Esperava que chegasse a hora de o príncipe de calicatri me levar. O tempo era tão devagar. As crianças aproximavam-se de mim. Os seus rostos ternos. As crianças eram puras. As meninas davam as mãos e faziam uma roda. Os rapazes tinham brinquedos nas mãos e corriam na sala com as camisas fora das calças. As crianças mais pequenas, deitadas sobre xales, olhavam em volta e abriam a boca. O tempo era tão devagar. Mas o tempo passou. Chegou, de novo, o fim de tarde e tinha passado um dia. O príncipe de calicatri pousou-me num degrau das escadas enquanto tirava a bicicleta da garagem. Contava-me que num país distante todas as pessoas andavam de bicicleta. Nesse país, as crianças aprendiam a andar de bicicleta mais cedo do que aprendiam a andar. Nesse país, quando alguém morria, o corpo era levado ao cemitério por uma multidão de bicicletas. Era o fim de tarde. Eu estava num degrau das escadas do pátio. Ouvia o príncipe de calicatri. O fresco era perfumado pelas flores que rodeavam a oiaia no jardim. Havia uma aragem breve que trazia esse perfume durante um instante de que não distingui o fim, porque, depois do fim, permaneceu a sua memória. O príncipe de calicatri, à minha frente, encostou a bicicleta à parede. Tinha na mão dois elásticos com ganchos na ponta. Levantou-me no ar e pousou-me nos ferros que estavam atrás do selim, sobre a roda traseira.

[155]

Eram ferros que serviam para levar qualquer coisa pouca. O príncipe de calicatri pousou-me, e passou os elásticos pelos meus ombros e pelo meu peito, e prendeu os ganchos nos ferros. Certificou-se de que eu estava bem preso e montou na bicicleta. A primeira pedalada foi a mais difícil, foi a que pesou mais. Depois, o nosso peso embalou a bicicleta. Avançámos pela estrada solitária que ligava a casa ao mundo. O sol amarelecia tudo para onde podíamos olhar. O pneu fino da bicicleta terricava pequenos grãos de areia no alcatrão. A estrada, longa, tinha árvores de um lado e de outro. Às vezes, copas de árvores de lados opostos da estrada tocavam-se no ar e formavam um pequeno túnel de ramos novos e de folhas verdes. Avançávamos lentamente

e a estrada parecia abrir-se para acolher a nossa passagem. Era como se a estrada nascesse à nossa frente. Passávamos entre copas de pássaros a cantar nas árvores, escondidos atrás das folhas. Vistos do ramo mais alto de uma árvore, nós éramos uma bicicleta que se afastava lentamente com um homem levantado a pedalar e um peso atrás, atado aos ferros. O vento passava-me pelo rosto, e também o cheiro da terra. O sol era tão suave sobre a terra. O céu era um rio porque era tranquilo e límpido. O príncipe de calicatri pedalava e, naquele fim de tarde, parecia que não havia destruição e medo, parecia que tudo era aquela primavera que avançava lentamente, numa bicicleta numa estrada, para o verão. Depois de tempo, entrámos na auto-estrada que ia para a cidade. O príncipe de calicatri já não sabia a resposta a todas as perguntas do mundo, mas era e seria sempre o meu maior amigo. Por isso, sem que precisasse que eu lhe dissesse, sabia exactamente para onde eu queria ir. O príncipe de calicatri, sem coração, já não sabia a resposta a todas as perguntas do mundo, mas sabia que eu sofria e sabia que eu queria ver aquela que tinha desaparecido dentro de mim. Eu e ele éramos amigos para sempre. O coração do príncipe de calicatri tinha dentro de si as respostas mais importantes, as conclusões. Ao rasgarem-lhe o peito, ao arrancarem-lhe o coração, os invasores tinham-lhe arrancado as respostas mais importantes.

[156]

Sem coração, o príncipe de calicatri sabia apenas os pormenores, os factos. Sabia as histórias de países distantes. Mas tinham-lhe arrancado do peito, tinham abandonado, mortas e secas, entre ervas, as conclusões que se tiram dos factos, as conclusões que se tiram das histórias de países distantes. O príncipe de calicatri sabia coisas, mas tinha perdido a sabedoria. O príncipe de calicatri sabia que eu queria ir para o cemitério. O príncipe de calicatri sabia que eu amava aquela que tinha desaparecido dentro de mim e que por isso sentia tanto a falta dela. Sabia que eu a conhecia como a mulher mais bonita do mundo e sabia que eu queria ver o seu rosto diante de mim, mais do que vê-lo apenas na memória. O príncipe de calicatri já não sabia o que era exactamente o amor que eu sentia, sabia como eu sentia, mas já não sabia aquilo que eu sentia. O príncipe de calicatri já não sabia o que era sentir falta de alguém, já não sabia o que era querer ver um rosto e não conseguir respirar por causa disso, sabia como era sentir, mas não sabia o que se sentia de facto. Tinham-lhe arrancado a sabedoria do peito. O príncipe de calicatri já não sabia as lições do mundo, mas sabia exactamente como todos os elementos se relacionavam para chegar a essas lições. Não sabia as respostas, mas sabia os mecanismos. Conhecia as formas, mas ignorava o significado das forças. Conhecia cada passo da vida de uma pergunta, conhecia como nascia, como existia, sabia cada peça, cada palavra que constituía essa pergunta, sabia histórias de países distantes que respondiam a essa pergunta, mas não sabia a resposta. Aliás, sabia a resposta, mas não sabia reconhecê-la. O príncipe de calicatri não tinha coração e não sabia a resposta a todas as perguntas do mundo, mas sabia que eu sofria e sabia que eu queria ver aquela que tinha desaparecido dentro de mim. Sabia que eu queria ir para o cemitério. Eu e ele éramos amigos para sempre.

Na auto-estrada, íamos na berma e, quando os carros passavam por nós, as mãos do príncipe de calicatri tremiam no guiador. Ao entrarmos na cidade, começámos a ver as pessoas mutiladas.

[157]

Havia muitos soldados com roupas de ferro e barbas até à cintura. Havia pessoas que aminhavam resignadas. Pessoas sem um braço, sem nenhum braço, sem uma perna ou sem pedaços do corpo. Mulheres sem olhos, sem lábios, sem seios. Homens sem mãos ou sem braços, sem pés ou sem pernas. Escravas marcadas com uma cicatriz em forma de cruz no ventre. Homens cortados pela cintura. Mulheres cortadas pela cintura. De bicicleta, avançávamos pelas ruas. Havia pessoas, homens, mulheres, que estavam parados junto às paredes, nos cantos mais

escuros. As outras pessoas caminhavam nos passeios e não diziam nada, e não olhavam. Nos cantos mais escuros, junto às paredes, havia pessoas, homens, mulheres, que choravam convulsivamente. Se tiuham mãos, tapavam a cara com as mãos. Se não tinham braços, se não tinham mãos, as suas caras eram um desenho de escuridão na escuridão: o desespero. De bicicleta, avançávamos pelas ruas. Parávamos nos semáforos e os carros apitavam quando ficava verde. Quando chegámos ao cemitério, era quase de noite. O príncipe de calicatri desamarrou-me e pegou-me ao colo. De encontro ao seu peito, sentia-lhe o buraco no lugar do coração. Sentia a mão que me faltava a tremer. A mão a tremer sem o braço. Atravessámos o portão. Entre as campas, havia uma aragem muito fresca e havia uma luz a escurecer o ar quase cinzento. Era nessa aragem e nessa luz que avançávamos. Lembranças daquele rosto: a primeira vez que a vi, as noites que passei a escrevê-la, os ciúmes transformados num sentimento ridículo. Havia silêncio sobre o mármore. Havia também o céu. Lembranças: o seu rosto a falar comigo, a sua voz, a felicidade quando ouvimos juntos a música pela primeira vez. E cada movimento das coisas era solene: nós a avançarmos, os ciprestes a agitarem algumas folhas, os últimos pássaros a deslizarem para o ramo onde iriam passar a noite. Lembranças: a ternura do vestido branco sobre a sua pele, os seus cabelos longos, o seu rosto a desaparecer tão lentamente dentro de mim. Antes de chegar à campa dos seus pais, o príncipe de calicatri pousou-me na terra, encostado ao tronco de um cipreste. E vi-o aproximar-se devagar, vi-o ajoelhar-se e, sem que o pudesse ouvir, reparei que falava.

[158]

Passaram instantes de silêncio. Muito cansado e velho, voltou a aproximar-se de mim. Os passos na areia. Entre as campas, caminhávamos na direcção dela. Eu não caminhava porque não tinha pernas, mas sentia-me como se caminhasse. Passámos pelo jazigo onde estava o meu pai. O meu coração ardia. No colo do príncipe de calicatri, olhei para o jazigo e não lhe pedi que parasse. Olhei para o jazigo que se afastava. Via o jazigo, via o rosto do meu pai e via a minha mãe humilhada. Via-me com dezoito anos a entrar no cemitério, via o caixão do meu pai. Via o meu pai a levantar o machado sobre o rosto da escrava madalena. Via a minha mãe humilhada. Via a minha mãe deitada no chão do quarto, via o seu corpo queimado. Via a minha mãe nem viva, nem morta. No colo do príncipe de calicatri, olhei para o jazigo e não lhe pedi que parasse. Olhei para o jazigo que se afastava. Entre as campas, caminhávamos na direcção dela. Ao longe, o sítio onde o meu editor tinha sido enterrado continuava como no dia em que eu, o príncipe de calicatri e ela, dentro de mim, chegámos atrasados ao seu enterro. As invasões tinham mudado a vida. Ninguém tinha tido tempo para construir uma campa sobre o meu editor. Como no dia em que chegámos atrasados ao seu enterro, havia um monte de terra sobre o corpo do meu editor. Um monte de terra que tinha o mesmo volume do seu corpo magro. Um monte de terra e o tempo: algumas ervas, a chuva que tinha arredondado a terra e que tinha deixado as pedras a brilhar. O príncipe de calicatri nunca conheceu o meu editor. Caminhávamos. Entre as campas, caminhávamos na direcção dela. Dentro de mim, no lugar de, onde ela tinha desaparecido, estavam as lembranças dela. Cada lembrança era como uma brasa que se acendia. Dentro de mim, uma brasa que ardia e que me queimava muito fundo. Cada lembrança era uma urgência que me asfixiava. Se pudesse, teria corrido o mundo inteiro só a procurá-la. E comecei a distinguir a sua sepultura entre as outras. Estava lá longe. O sítio onde estava a sua sepultura tornou-se mais distante no momento em que o distingui.

[159]

Os passos do príncipe de calicatri tornaram-se mais lentos. O ar tornou-se mais difícil de respirar. Cada passo demorava um dia. Eu sabia exactamente cada movimento de um passo: junto à terra, um pé a avançar lentamente no ar, o joelho pouco dobrado, a manhã; esse pé a pousar lentamente no chão, primeiro os dedos, depois, depois o calcanhar, a tarde; esse pé a puxar o

corpo, e o corpo no ar, lentamente, lentamente, a avançar, toda a noite. Os passos, como dias longos. Os dias a demorarem mais do que dias. O meu braço tremia. O rosto do príncipe de calicatri estava sério e olhava em frente. Eu não olhava para o rosto do príncipe de calicatri. Eu olhava apenas para a sepultura, tão distante, daquela que tinha desaparecido dentro de mim. As lembranças eram eclipses de fogo. Caminhávamos. Cada passo na areia. Cada lembrança. E apesar do tempo, apesar dos dias que eram o tempo de cada passo na areia, apesar da angústia que se demorava em cada lembrança, quando chegámos ao pé dela, pareceu-me que tinha sido de repente. De repente, a fotografia no mármore. De repente, o seu rosto simples e infinitamente belo, e, nesse instante, senti uma mão a apertar-me. Pedi ao príncipe de calicatri que me pusesse em cima da sepultura. Pousou-me sobre o mármore e afastou-se para me deixar sozinho. Sem braços e sem pernas, estava sobre a pedra que estava sobre ela. A noite era já a escuridão que me cobria e me envolvia e me atravessava. Olhava a fotografia daquele rosto que amava, aquela fotografia desenhada na escuridão. Tentava dizer-lhe qualquer coisa que não sabia e que não sabia como dizer. O mármore era tão frio, era como a infância congelada, como os rostos dentro de blocos de pedra, os dias, toda a memória dentro de blocos de pedra. O frio atravessava o meu corpo como a morte poderia atravessar o meu corpo. Aproximava os lábios da fotografia e tocava-a suavemente. Depois, enquanto a olhava, era como se lhe perguntasse se ela ainda se lembrava do seu rosto a falar comigo, a sua voz, a felicidade quando ouvimos juntos a música pela primeira vez. A sua fotografia bela era cruel porque era imóvel. Eu, perdido, olhava os seus lábios e esperava que se abrissem.

[160]

Olhava-os, imaginava-os a abrirem-se devagar, ouvia a sua voz. Depois, olhava-os e estavam imóveis. Os seus lábios não se tinham aberto. A sua voz não existia. Tudo o que tinha desaparecido dentro de mim era angústia e dor e tristeza e sofrimento e mágoa. Não havia mais mundo do que aquele que tinha desaparecido de dentro de mim. Olhava-a, como se a enumerasse: a ternura do vestido branco sobre a pele, os cabelos longos, o rosto a desaparecer tão lentamente dentro de mim. Depois, no sítio onde dizia o silêncio destas palavras, dizia um silêncio ainda maior, mais profundo, absoluto. Olhava a sua fotografia cruel, o passado, aquilo que desapareceu e que, da beleza, deixou apenas a amargura. Sobre a campa que a fechava, aos poucos, também eu me transformava em pedra. Como se a pedra me transformasse em pedra através do frio. Como se o musgo, que estava colado à pele da pedra, comesse a crescer também na superfície da minha pele. O meu corpo mutilado transformava-se aos poucos naquele mármore negro e frio, naquele mármore de cemitério. Aos poucos, eu era feito daquele mármore que a cobria. O seu rosto parado na fotografia crescia na minha pele. O seu nome, escrito na pedra, gravava-se na minha pele. O meu corpo transformava-se devagar. Sob a pele, as veias enchiam-se de veneno. Eu sentia o veneno a correr nas minhas veias e a chegar a cada lugar do meu corpo. O meu coração bombeava veneno que corria pelas artérias mais grossas, e que avançava, e que alastrava até chegar ao fim da última veia, da veia mais fina, da grossura de um risco ou de um cabelo. O veneno era a peste. O frio no meu corpo era a peste. A peste era a mágoa infinita, era as minhas pernas e os meus braços arrancados, era o luto de mil mortes. A peste era ela ter desaparecido dentro de mim. Houve um instante, quando o meu corpo não tinha forças, quando estava sobre o mármore da sepultura dela, em que acreditei que ela nunca mais regressaria. Foi nesse instante que a peste, o frio, a escuridão, atravessaram a sepultura e entraram no meu corpo.

[161]

E a noite sobre nós. A noite dentro do túmulo que a guardava do mundo, e dentro de mim, e dentro do mundo. A noite, até o príncipe de calicatri se aproximar por trás, me agarrar num abraço e me levar. Amarrado na bicicleta pela noite, havia uma brisa que passava no meu rosto

a recordar-me o rosto dela. A mágoa de a ter perdido era também uma brisa dentro de mim. Na minha pele, estava o frio do mármore, o frio da sepultura, o frio do cemitério, o frio da morte, o frio de acreditar que a tinha perdido para sempre. Na cidade, não vi nem os soldados com roupas de ferro e barbas até à cintura, nem as mulheres, nem os homens amputados, nem as pessoas que choravam convulsivamente junto às paredes, nos cantos mais escuros. Na estrada, não vi a estrada, nem os carros, nem a noite. Amarrado na bicicleta, era cego. Não fazia perguntas a mim próprio. Não inventava respostas. Quando chegámos a casa, o príncipe de calicatri subiu todas as escadas que me levaram do pátio ao quarto. Estavam todos a dormir. O príncipe de calicatri pousou-me dentro do roupeiro. Baixou as pálpebras sobre os olhos durante um instante, e afastou-se. Entre a respiração que eu não ouvia, estava o meu corpo sem força. O meu corpo era a peste mas, nesse momento, eu não sabia o que era a peste. O meu corpo era a tristeza se a tristeza fosse um céu muito negro e gelado. Sem força, imaginei a morte, e diluí-me nessa imagem negra e, com a noite indistinta de mim, adormeci.

[162]

5. A Peste

[164]

Senhor, não me repreendais com o Vosso desdém, nem me castigueis com o Vosso furor!
As Vossas setas penetraram em mim, pesou sobre mim a Vossa mão.
Nada há de são na minha carne, perante o Vosso furor, nada há de intacto nos meus ossos por causa do meu pecado.
De facto, os meus pecados elevaram-se acima da minha cabeça, como pesada carga oprimem-me em demasia.
As minhas chagas são fétidas e purulentas, por causa da minha loucura.
Estou encurvado e extremamente abatido; caminho todo o dia na tristeza.
As minhas entranhas ardem em febre; não há parte alguma sã na minha carne.
Estou enfraquecido e grandemente alquebrado; grito alto, de tal maneira se agita em mim o meu coração.
Senhor, diante de Vós estão todos os meus suspiros e o meu gemido não Te é oculto.
Salmos, 38, 1-10

[167]

Só AO ACORDAR percebi que tinha conseguido adormecer. O momento de acordar foi como se um véu de trevas se rasgasse diante dos meus olhos. Acordado, acontecia a manhã e acontecia distinguir lentamente que as trevas eram a luz da manhã. As coisas da manhã, a luz na janela, os primeiros pássaros no céu, existiam indiferentes a mim. Eu não sabia ao certo se existia. Acordava cada vez mais. Regressava cada vez mais a existir. Acordava e, ao sentir-me, não imaginava o fim do mundo, porque não imaginava o fim das manhãs. Depois do terror, depois do medo, as manhãs apareciam sempre como a névoa, como a névoa, como a névoa. As manhãs cresciam da terra, envolviam a terra de névoa repetida, que era a maneira mais sólida de existirem em todos os sítios. Naquela manhã, eu não imaginava o fim do mundo, porque não imaginava o fim do sofrimento. Acordava devagar dentro do roupeiro. A manhã e a luz entravam pela janela. O som da respiração daqueles que dormiam misturava-se com o vento depois das paredes e com o silêncio. em todo o lado. A linha fina e evidente que distingue a madrugada da manhã tinha passado, afastava-se e só eu a via afastar-se. No quarto de tanta gente a dormir, só eu, acordado, reparava na manhã cada vez mais forte, na cor da manhã a tingir-se de tempo, nos instantes consecutivos que eram os degraus que eram a vertigem do tempo. Acordava e

tinha o frio colado por dentro da pele. Longe da manhã, dentro de mim, o mesmo frio do mármore. A sepultura congelada para sempre dentro de mim.

[168]

Dentro de mim, havia aquele cemitério a anoitecer, o frio insuportável de um inverno distante, um inverno na memória e frio, mais frio, ainda mais frio, insuportável e mais frio ainda. Um inverno que se recorda por ter sido o inverno mais frio da vida. Um inverno inteiro. Todas as noites de um inverno passadas naquele cemitério. Um inverno frio de mármore. O frio daquela campa, daquele corpo e daquele amor definitivamente sepultado no interior da minha pele, em cada instante da minha pele de mármore, na cara, no pescoço, no peito. O meu corpo de carne ou de mármore: carne congelada, sangue congelado, escuridão congelada. Olhava a janela. Sabia que a montanha existia. Sem ver, eu sabia exactamente como era ser manhã e estar a olhar a montanha. Mas tudo isso, mesmo essas memórias, me era distante, porque eu era de mármore, eu era o frio mais limpo e mais puro.

O mundo, para existir, estendia-se na distância que começava no frio da minha pele.

Num instante da manhã, a escrava miriam acordou, levantou-se da cama e saiu. Depois, o príncipe de calicatri acordou, levantou-se e aproximou-se de mim. Deve ter visto os meus olhos congelados, porque, percebendo que não estava bem, perguntou-me se estava bem. Pedi-lhe que me fosse buscar as folhas que tinha escrito sobre ela. Levantou o colchão, trouxe as folhas. Levantou-me no ar e reparou então que a minha pele estava gelada, que o meu corpo era igual a um corpo de mármore no inverno. Pousou-me no chão e olhou para mim como se perguntasse, mas não perguntou e eu não respondi. As folhas, diante dos olhos, eram uma parede branca de palavras escritas que eram uma lonjura de lâminas, e o meu corpo, a minha cara, os meus olhos, entravam nessas palavras, afundavam-se nessas palavras que me cortavam a pele e que desapareciam dentro da carne, abrindo caminhos de sangue que me atravessavam. As folhas, diante dos olhos, eram a terra sem acabar por ser infinita e eterna, e eu era um caminhante cansado. A terra infinita e eterna, palavras escritas a crescerem da terra, campos que eram uma lonjura de lâminas a enterrarem-se no corpo, a tocarem os ossos com uma dor fria, palavras ou lâminas a avançarem rente aos ossos, palavras ou lâminas a descarnarem cada osso, como letras que fossem machados invencíveis.

[169]

Eu nunca mais poderia ter um momento de felicidade.

Finalmente, sabia que nunca mais poderia ter um momento de felicidade. Pedi ao príncipe de calicatri que voltasse a guardar as folhas debaixo do colchão. O quarto: a minha mãe deitada no chão, a pele queimada, o seu peito a encher-se lentamente de ar; as paredes a serem paredes eternas no mundo; o ninguém encostado a um canto, talvez sem existir; o chão de madeira tão velho; o visconde de dedodida com vontade de falar, de um lado para o outro, à procura de alguém com quem falar; o roupeiro com pedaços de verniz seco que podiam arrancar-se com a ponta dos dedos; o violinista sozinho; a janela que dividia o mundo entre o que pode ver-se à distância e o que existe realmente; o príncipe de calicatri a acabar de arrumar as folhas e a olhar para mim. O quarto: as paredes, o chão, o roupeiro, a janela. O quarto: a minha mãe, o ninguém, o visconde de dedodida, o violinista, o príncipe de calicatri. O visconde de dedodida abriu a janela e entrou uma manhã de maio. Respirámos uma aragem de folhas verdes, de terra fresca, de qualquer pureza longínqua. O frio, dentro de mim, sufocava-me.

Nessa manhã, quando o príncipe de calicatri me levou à sala de baixo, encostou-me muito ao meu peito. Tentava aquecer-me. Pousou-me no chão, no mesmo sítio onde me pousava todos os dias. Olhou para mim. Subiu as escadas a olhar para mim. Quando as crianças entraram, quando entraram as mulheres para pousarem as crianças mais pequenas sobre os xales, houve algumas meninas que se aproximaram do meu corpo frio. Sorriam e disseram ai uia. Houve um

pequeno sorriso nos meus lábios. Um sorriso que não era de sorrir. Era um sorriso de ternura. Entre as mulheres que pousavam braçadas de crianças pequenas sobre os xales, a mulher feia era a única que olhava para mim. Uma das meninas que me rodeavam tocou-me no rosto. Retirou a mão de repente como se o frio da minha pele a tivesse queimado.

[170]

Com as sobrancelhas pequenas erguidas sobre o olhar sério, teve uma conversa com as outras meninas, e todas me tocaram no rosto. Viraram-me as costas e começaram a revolver os brinquedos de plástico. Voltaram todas ao mesmo tempo. Traziam as mãos cheias de batons e de lápis e de caixinhas com pó de muitas cores. A manhã passou com essas crianças. A pintarem-me os lábios, e a passarem-me esponjas carregadas de pó e de vermelho no rosto, e a atravessarem-me as linhas dos olhos com vários lápis de bico macio. À hora de almoço, quando voltaram as mulheres, a escrava miriam foi a primeira a entrar. Traziam tabuleiros de sopa ou de papa. A mulher mais feia voltou a olhar-me. Enquanto todas se entretinham a dar comida às crianças, a mulher mais feia estava parada a olhar para mim. Eu sentia todas as cores que estavam pintadas na minha cara. Havia uma luz que eu sabia que era suave e que atravessava as grades da janela. Havia uma luz que eu sabia que era uma luz da infância e que era uma luz dos dias em que a minha mãe sorria. A mulher mais feia estava parada a olhar para mim. Eu sentia todas as cores que estavam pintadas na minha cara. Em tudo no meu corpo estava o mármore de um sepulcro. Em cada ponto que sentia estava o frio acumulado do medo e das noites de medo. Na minha pele, estava o frio da escuridão que me tinha tocado quando toquei a campa daquela que partira de dentro de mim, que desaparecera num caminho dentro de mim, dentro da minha própria escuridão, para regressar talvez ao seu sepulcro, à escuridão fria de mármore da sua campa. Rodeado de mulheres que davam comida a crianças, com a mulher mais feia parada a olhar-me, com uma luz que eu sabia que era uma luz suave e que atravessava as grades da janela, eu era a escuridão, eu era o frio, eu era o mármore. As crianças acabaram de comer. As mulheres insistiram algumas colheres a crianças que viraram a cara e que resmungaram vogais com os lábios apertados. Segurando os tabuleiros, as mulheres levantaram-se e saíram. A escrava miriam foi a primeira a sair. A mulher mais feia, parada a olhar para mim, fazia todos os movimentos mais devagar.

[171]

Nas escadas, havia uma fila de mulheres muito direitas a olharem para a frente e a subirem com tabuleiros na mão. Quando as pernas da última mulher desapareceram, quando as crianças voltaram às suas brincadeiras, a mulher mais feia estava ainda na sala e aproximava-se muito devagar de mim. O seu olhar, como uma coisa sólida. Já muito próxima, vi os seus lábios abrirem-se e sussurrarem o meu nome. No meu olhar nasceu outro olhar que tentava compreender. Esperou um momento e voltou a sussurrar o meu nome. O seu olhar e a sua voz eram feitos de medo. Há momentos em que o medo é difícil de distinguir do pudor. A vergonha e o pudor são uma parte do medo. O seu olhar era preocupado. Esperou outro momento e, com o mesmo medo, vergonha, pudor, perguntou-me está a sentir-se bem? Não lhe respondi, e o meu silêncio não foi uma resposta. Ela falava a língua do meu país. Eu olhava-a como se, por ela ter falado a minha língua, não a entendesse. Do meu silêncio, ela percebeu que, antes que eu lhe dissesse alguma coisa, teria de ser ela explicar aquilo que eu não entendia. Sem aguentar os olhos em mim, apontou o olhar sobre o meu ombro e começou a explicar: disse-me que, no país dela, era tradutora. Disse-me que tinha sido ela que traduzira os meus livros para a sua língua. Eu estava calado a ouvi-la. Continuava a explicar: falava-me do meu romance. Olhou-me de novo nos olhos quando me falou do pai e do filho que tinham morrido, dos irmãos siameses que tinham morrido, do homem muito velho que tinha morrido. Disse-me que, na língua do seu país, o meu romance se chamava oioio ou oioau. Eu estava calado a ouvi-la. Acabou de explicar: disse-me que o meu

último livro a tinha deixado exausta. Disse-me que tinha sido a sua vida obsessivamente durante um ano. Disse-me que, durante esse tempo, as palavras tinham sido o que acreditava. Depois, suspendeu um olhar calado. Eu, porque não sabia o que dizer-lhe, disse estou bem. Ela sabia que queria falar comigo, mas também não sabia o que dizer, e disse se puder ajudá-lo em alguma coisa, e deixou a frase incompleta. Afastou-se. Tinha os olhos carregados de uma tristeza triste e autêntica.

[172]

Subiu as escadas. As crianças brincaram durante toda a tarde, como brincariam durante todo o tempo do mundo se tivessem todo o tempo do mundo. Durante essa tarde, pensei em tantas coisas. Pensei naquela que partira de dentro de mim, pensei na minha mãe, pensei na mulher que era tradutora dos meus livros. A tarde passou, a minha pele fria era feita de mármore, a tarde passou, a minha pele era feita de escuridão, a tarde passou, a minha pele era fria e feita de mármore e de escuridão e de medo.

O fim de tarde, e o príncipe de calicatri sentou-me na varanda. Acendeu um cigarro. E enfiava-me o cigarro entre os lábios, eu puxava o fumo, ele retirava o cigarro, eu soprava o fumo, ele esperava um pouco e enfiava-me o cigarro entre os lábios. Sacudia a cinza. Depois, apagou o cigarro. Sentou-se ao meu lado e ficámos os dois. Lá ao fundo, a montanha debaixo do céu. Aos poucos, o silêncio da minha mão a tremer, como um objecto na memória. A escrava miriam chegou da cozinha com o ninguém pela mão. Deixou-o num canto e saiu. O príncipe de calicatri não me queria dizer nada sobre a escrava miriam e eu não lhe queria dizer nada sobre aquela que partira de dentro de mim. Por isso, não queríamos dizer nada um ao outro. Estávamos em silêncio. Ao mesmo tempo, ele sabia que eu sabia. Eu sabia que ele sabia. O príncipe de calicatri tinha tocado o meu corpo frio. Eu tinha tocado o buraco onde lhe faltava o coração e tinha visto os seus olhos muitas vezes. Estávamos em silêncio, como se falássemos, como se disséssemos. Olhávamos a montanha indefinida e sabíamos que, sobre ela, existia o céu indefinido. O visconde de dedodida e o violinista chegaram ao mesmo tempo. O violinista enfiou os cotos nos bolsos das calças e ficou de pé ao nosso lado a olhar para onde nós olhávamos, a deixar o seu olhar esmorecer. O visconde olhou rapidamente para a montanha e virou-se e saiu, entrando na cozinha. Voltou com cadeiras encavalitadas. O violinista sentou-se numa das cadeiras. O visconde foi buscar o ninguém. Sentou-o na cadeira da ponta e sentou-se entre mim e o violinista.

[173]

Ficámos sentados diante da montanha e do céu. O céu era a tarde a terminar lentamente. Houve o silêncio durante quase um momento que o visconde de dedodida interrompeu. Disse hoje o homem gordo e importante riu-se do violinista. Não foi, violinista? E, quando ele ia para responder, o visconde disse os soldados trouxeram um tabuleiro com um monte de grãos de arroz misturados com grãos de cevada, o homem gordo e importante mandou o violinista separá-los e riu-se toda a tarde. Quando o violinista acabou de separá-los, o homem gordo e importante lançou o tabuleiro ao chão e riu-se ainda com mais vontade. Continuámos todos a olhar na direcção da montanha, menos o violinista que estava sentado com os cotos enfiados nos bolsos das calças e a cabeça baixa. O príncipe de calicatri disse eu e o ninguém estivemos todo o dia a descarregar sacas de cevada e de arroz. O violinista começou a contar que o seu avô vendia cevada e milho e centeio. Contou que as escravas chegavam com sacos e pediam três litros de cevada, quatro litros de milho, ou cinco litros de centeio. O visconde de dedodida, que estava sentado ao meu lado, sussurrando, perguntou-me se eu tinha passado o dia entre as crianças. O violinista contou que, quando era pequeno, ia à loja do avô e mergulhava os braços até ao cotovelo dentro da cevada, do milho e do centeio. Respondi que sim.

O visconde perguntou-me se as crianças eram bonitas. O violinista contou que o avô ralhava e que dizia que ele estragava a cevada, o milho e o centeio. Respondi que sim. O visconde perguntou-me se as crianças brincavam. O violinista contou que a cevada, o milho e o centeio estavam divididos dentro de grandes caixas de madeira, e que havia caixas pequenas de madeira para medir os litros, e que havia uma ripa para alisar os cereais com que o avô enchia as medidas. Respondi que sim. O visconde perguntou-me se as crianças pareciam felizes. O violinista contou que, quando era pequeno, ia à loja do avô e gostava mesmo de mergulhar os braços até ao cotovelo dentro da cevada, do milho e do centeio. Respondi que sim. O violinista parou de falar. O visconde parou de fazer perguntas.

[174]

A montanha debaixo do céu. Mais perto, depois do pátio, a olaia sozinha e a estátua. Estávamos sentados na varanda. Olhávamos a montanha. O ninguém estava muito direito, com a cara apontada para a frente, como se visse a montanha e o céu que nós víamos, como se soubesse onde estava. O violinista pensava ainda no avô e na loja de quando tinha sido pequeno. O visconde de dedodida pensava talvez nas crianças. Eu pensava no violinista, que tinha sido pequeno, e pensava no visconde de dedodida a perguntar-me pelas crianças. Eu estranhava que o violinista tivesse algum dia sido pequeno, e estranhava que o visconde de dedodida me tivesse perguntado pelas crianças, como se me perguntasse por um segredo, com os olhos diferentes, com os olhos tristes. Fazendo pausas entre as palavras, o príncipe de calicatri disse estou a pensar que é quase de noite e é melhor subirmos para o quarto. Respondi que sim, sabendo que não era nisso que ele estava a pensar.

Passaram-se dias até junho. Passaram-se dias maiores, porque as tardes demoravam muito tempo a morrer. Quando o príncipe de calicatri descia as escadas e chegava à sala de baixo para me levar, as tardes começavam a transformar-se em claridade morrente. Depois, ficava na varanda. O príncipe de calicatri, de bicicleta, dava voltas ao pátio, pedindo-me para olhar quando tirava as mãos do guiador, quando se punha de pé em cima do selim ou quando inventava e fazia habilidades. Às vezes, passavam soldados que se riam. O príncipe de calicatri parava imediatamente de fazer as suas habilidades e, olhando para o chão, continuava a dar voltas ao pátio na bicicleta. Às vezes, passava a mulher mais feia do homem gordo e importante, a tradutora dos meus livros. Houve um dia que se sentou ao meu lado, a ver o príncipe de calicatri. Olhámos um para o outro, mas não falámos. Enquanto estava na varanda, em alguns desses fins de tarde, estava também o violinista, ou o visconde de dedodida, ou o ninguém, ou os três ao mesmo tempo. Quando o violinista contava histórias do seu passado, ficava triste. O visconde de dedodida falava, falava e, em momentos, ficava sério, e perguntava-me pelas crianças. O ninguém não tinha orelhas, nem olhos, nem nariz, nem língua.

[175]

Depois de passar o dia inteiro na sala de baixo, durante esses momentos na varanda, eu ficava numa cadeira, e não tinha pernas, não tinha braços. A minha pele era fria. A minha pele era como mármore, como escuridão, porque dentro de mim sentia sempre o vazi? e a falta daquela que me tinha deixado, daquela que um dia tinha surgido dentro de mim e me tinha deixado sempre a pensar nela, a sentir amor por ela, quase feliz até ao dia em que desapareceu para só deixar uma falta e um vazio muito grande dentro de mim.

Num desses dias, no instante em que o lugar do meu braço começou a tremer, levantei a voz para pedir ao príncipe de calicatri que me levasse ao quarto. Encostou o guiador da bicicleta ao muro do jardim, atravessou o pátio, subiu as escadas e levantou-me de encontro ao seu peito. Senti a sua respiração no meu pescoço. O corpo do príncipe de calicatri não era mais quente do que o meu. O meu corpo era frio e o corpo do príncipe de calicatri era frio. Como se também a sua pele fosse quase feita de mármore. Era como se o frio que passou do mármore da sepultura,

e que entrou na minha pele, tivesse depois passado da minha pele e entrado na pele do príncipe de calicatri. Não dissemos nada. Deixou-me no quarto, e os seus passos nas escadas de madeira. A minha mãe estava deitada no chão. A claridade que entrava pela janela era a luz de um fim de tarde de junho. Lá fora, os pássaros a voarem na claridade, vozes distantes sopradas pela aragem. Alguém tinha tapado a minha mãe com um cobertor fino de criança. A minha mãe estava deitada de lado. Tinha as mãos juntas. Respirava devagar. O seu rosto era sereno. As cicatrizes do seu corpo queimado eram feitas de pele com outra cor. Olhei para as suas mãos. Os dedos de uma mão estavam desarrumados sobre os dedos da outra mão. Olhei para o seu rosto. As orelhas que não ouviam, os lábios, os olhos fechados. Passou tempo. O fim da tarde era o início da noite. De repente, as pálpebras da minha mãe mexeram-se. Durante um instante, olhei melhor. Durante um instante, acreditei que as pálpebras da minha mãe não se tinham mexido.

[176]

Durante um instante, pensei pareceu mesmo que as pálpebras da minha mãe se mexeram. Depois, os olhos da minha mãe abriram-se. A minha mãe levantou-se até ficar sentada no chão. Olhou para mim. A minha mãe que tinha estado deitada, como morta, durante mais de um mês, olhou para mim. Era de noite e estávamos iluminados pelo brilho da lua cheia que caía pela janela. O olhar da minha mãe carregava muitos anos. Gostava que o meu olhar tivesse sido um olhar de braços estendidos, mas eu não tinha braços e só tinha estendido os braços à minha mãe quando era pequeno e ainda não tinha medo do significado de estender os braços às pessoas de quem gostava muito. A minha mãe olhou para mim. Olhámos um para o outro durante tanto tempo. A lua cheia, através da janela, através da noite, através dos nossos olhares, era brilhante.

Nessa noite, depois de todos chegarem ao quarto e depois de todos se espantarem por a minha mãe estar acordada, o príncipe de calicatri enfiou-me dentro do roupeiro, a escrava miriam deitou-se na cama e adormeceu, o ninguém adormeceu sentado no chão, o violinista puxou o cobertor com os cotos dos braços e adormeceu, o visconde de dedodida adormeceu a meio de uma frase, o príncipe de calicatri aconchegou-se no chão debaixo da cama e adormeceu. A minha mãe, como se o mundo existisse longe de si, estava de pé, a olhar pela janela. Eu não conseguia dormir. Havia no meu corpo um ressentimento comigo próprio, uma angústia insone. Eu não conseguia dormir. O príncipe de calicatri, a meu pedido, tinha-me deitado de lado. Estava deitado de lado, com o rosto virado para a porta aberta do roupeiro. Via a minha mãe à janela: a lua cheia no alto do céu, no ponto do céu que fica sobre todas as coisas, a iluminar o rosto e o corpo da minha mãe, vestido com uma combinação branca de tecido: os seus cabelos longos, brancos e cinzentos, desalinhados sobre a pele dos ombros, as costas direitas debaixo da combinação, a forma do seu corpo riscado de cicatrizes debaixo da combinação, o seu olhar a perder-se depois da janela: os campos debaixo da lua, as árvores cinzentas, árvores de fumo, árvores de cinza.

[177]

Eu não conseguia dormir. A minha pele de sepultura estava rodeada por outra pele feita de culpa, feita de medo como culpa. O meu coração rodeado de negro. O meu coração vazio. O lugar do meu coração sem o meu coração, e esse lugar vazio cheio de culpa. Eu tinha medo. Tudo me tinha sido tirado, e eu tinha medo ainda. Para adormecer, tentei virar-me. Deixei o meu corpo cair para ficar virado para cima. No silêncio das respirações do quarto, ouviu-se o meu corpo a cair na madeira do roupeiro. Depois, tentei virar-me para o interior do roupeiro. Fiz força com a cabeça. Tentei erguer o peso inteiro do meu corpo com a cabeça. Sentia o sangue a encher-me as veias do pescoço. Ao tentar virar-me, mexia os braços que não tinha e as pernas que não tinha. Sem braços e sem pernas, tentava virar-me como se o corpo inteiro de quando eu era inteiro se tentasse virar. Era como se os meus braços e as minhas pernas tentassem virar-me e

não conseguissem. Era como se os meus braços e as minhas pernas existissem. Era como se o roupeiro não existisse. Os meus braços e as minhas pernas, o meu corpo inteiro a tentar virar-se e a não conseguir. Em momentos, quase desistia. De olhos abertos para o tecto do roupeiro, sentia o cansaço na minha pele fria. Sentia a minha pele fria. Deixava, por instantes, que a culpa me envolvesse completamente. A angústia e o medo.

Depois, não sei que força me puxava para tentar resistir. Voltava a cabeça num impulso, estremecia os ombros, e o meu corpo balançava ligeiramente. Tentava virar-me. Quando estava inclinado, fazia força para dar a volta completa, fazia força, tentava, e caía. Tentava outra vez, e caía. E voltava quase a desistir, e voltava a tentar, e voltava a cair. A culpa insuportável. Num desses instantes, desisti mais e tentei adormecer. Fechei os olhos. Vi aquilo que se vê quando se tem os olhos fechados: a cor negra e os pequenos seres de luz que a habitam. E não conseguia olhar fixamente nem para o negro, nem para a luz. Os pontos ou as linhas ou as figuras de luz fugiam da atenção.

[178]

O negro era tão absoluto, tão profundo e tão infinito que o olhar avançava por ele sem encontrar um lugar onde pudesse deter-se. Nessa escuridão, a culpa que sentia e que me envolvia preenchia-me. A culpa, obsidiante, até ser tudo. Tudo a ser ressentimento, angústia e medo que eram culpa. Fechava os olhos e a escuridão, dentro de mim, era feita de culpa. Os pequenos pontos de luz que atravessavam a escuridão dentro de mim eram a culpa. O medo era a culpa. A culpa era a angústia. A angústia era o ressentimento e a culpa. O medo era o medo e o ressentimento e a angústia e a culpa, a culpa, a culpa. Com os olhos fechados, a indefinição de pontos de luz que se agitavam dentro de mim começou muito devagar a definir-se. Os pontos de luz eram qualquer coisa que se ordenava. E a esperança breve de ser ela que regressava dentro de mim, mas lentamente a descobrir que se formava um corpo e um rosto que não era nem o corpo, nem o rosto dela. Um corpo de pontos de luz que se moviam lentamente na escuridão e que paravam em formas, em contornos. Um rosto desconhecido onde eu pousava toda a minha atenção. Um rosto, lentamente: os contornos da cara, os cabelos: era um rosto de homem: os lábios, um sorriso, os olhos, um olhar: era o meu editor. Dentro de mim, a razão do medo, a razão da culpa. Dentro de mim, o meu editor olhava-me com um sorriso simples. Eu, com os olhos fechados, via-o dentro de mim. Nenhum de nós dizia nada, mas o silêncio do meu editor era como se dissesse a condenação de um sorriso. E a condenação de um sorriso era a pior condenação, porque se o meu editor dissesse abandonaste-me, se o meu editor dissesse deixaste-me morrer sozinho, se o meu editor dissesse palavras, eu encontraria maneira de contrariar as palavras e a culpa dentro de mim, encontraria maneira de compreender-me a mim próprio dentro de mim, e zangar-me-ia com o meu editor, e por estar zangado não sentiria culpa, sentir-me-ia injustiçado, incomprendido, mas não sentiria culpa. Mas o meu editor, calado, olhava-me apenas, e sorria. Nenhum de nós dizia nada, mas o meu silêncio era a humilhação da culpa. Se passou muito tempo, foi um tempo negro e frio.

[179]

Em momentos, fixava detalhes do rosto do meu editor, pormenores da sua pele ou do seu olhar. Em momentos, não acreditava que o meu editor morto estivesse dentro de mim, e fixava detalhes do seu rosto para acreditar. O meu editor estava dentro de mim. Quando acreditava, a culpa era uma faca com a lâmina toda espetada no meu peito. Eu, vivo, a viver, com uma faca toda espetada dentro de mim. E nesse silêncio de tempo, de escuridão, de frio e de culpa, o meu editor disse vim ver se estavas bom. Não respondi. O meu editor morto sorria ainda dentro de mim. O seu rosto era uma angústia dentro de um pesadelo. Sempre a sorrir, o meu editor olhou-me como se estivesse a despedir-se. Eu olhava-o, e lembrava o seu rosto atravessado por uma lança no telhado da prisão, e lembrava o pequeno monte de terra que era a sua sepultura no

cemitério. O meu editor, morto na terra que o envolvia, vivo dentro da escuridão do meu interior, começou lentamente a afastar-se. Avançava por um caminho que escurecia dentro de mim. E afastava-se, e parava, e virava-se devagar para me olhar mais uma vez, e mais uma vez, e mais uma vez. Quando desapareceu completamente, ficou só a escuridão e a desordem dos pontos de luz. Abri os olhos. A noite dentro do roupeiro. O cheiro a madeira velha e seca, o cheiro a roupas que apodreceram e a insectos que comeram madeira e roupa antes de morrerem e apodrecerem e secarem. Eu pensava na culpa, sentia, e pensava que o meu interior era um jardim negro e frio, onde os mortos apareciam. Eu pensava que o meu peito era uma casa assombrada. Eu pensava que o meu peito era um cemitério. Eu era frio e negro. Eu era noite e culpa. Eu era o frio do mármore e a pele dos mortos. Deitado de costas no roupeiro, tentei virar-me por várias vezes. E sempre o frio. Sempre a culpa. Sempre a escuridão. Talvez a meio da noite, consegui finalmente virar-me. Frio. Culpa. Escuridão. E finalmente virado para o interior do roupeiro, continuei sem conseguir adormecer. A cor da madrugada e a manhã. O dia seguinte. Estavam todos acordados. O príncipe de calicatri vestiu-me uma camisa e uns calções lavados.

[180]

Todas as semanas trocávamos de roupa. Tínhamos um par de cada peça de roupa: dois calções, duas camisas. Quando trocávamos de roupa, ficávamos nus durante um instante. O visconde de dedodida era o único que nunca se despia completamente. Quando trocava de roupa, o visconde de dedodida ficava sempre em ceroulas. Nesses momentos, acontecia eu parar-me a ver a sua pele tão clara, o seu rosto imberbe e, sobre o buraco grande e circular que lhe atravessava a barriga, os seus mamilos pequenos e perfeitos. O visconde de dedodida nunca despiu as ceroulas. Com a roupa lavada a tocar-me na pele, o príncipe de calicatri levantou-me e pousou-me numa roda de todos sentados no chão a esperar. A minha mãe continuava de pé, junto à janela. Olhava através dos vidros como se estivesse no sítio distante onde os seus olhos estavam pousados. A escrava miriam entrou com um tabuleiro de leite, pão, tigelas e colheres. Eu, o violinista e o ninguém não nos mexemos. A escrava miriam, o príncipe de calicatri e o visconde de dedodida, compenetrados, migaram pão e encheram as tigelas de leite. A escrava miriam comia e dava colheradas ao ninguém. O visconde de dedodida comia e dava colheradas ao violinista. O príncipe de calicatri comia e queria dar-me colheradas que eu recusava. E levantava a colher com uma mão, e levava-a até à minha boca, e parava-a no ar, e tinha a palma da outra mão por baixo da colher a receber um pequeno lago de gotas de leite. Depois, desistia. Depois, voltava a tentar. Numa dessas vezes, fez um ar sério, pousou a colher cheia de pão e leite na tigela e disse o que é que tens no pescoço? Era uma mancha castanha na pele. Passou-me os dedos na pele do pescoço e os dedos, sobre a mancha, entraram-me dentro da pele. O príncipe de calicatri retirou a mão assustado e olhou-a longamente. O visconde de dedodida e o violinista aproximaram-se também para ver. O príncipe de calicatri tinha um monte pequeno de pele castanha na mão, um monte de carne castanha, carne que tinha a espessura húmida da papa das crianças. O príncipe de calicatri fez uma cara que tanto podia ser de nojo como de tristeza e disse estás a apodrecer. Com a excepção da escrava miriam e do ninguém, todos pousaram as colheres nas tigelas e pararam de comer.

[181]

O príncipe de calicatri abraçou-me com muita força. Não chorávamos, mas os nossos rostos eram muito tristes. Pedi ao príncipe de calicatri que fosse buscar as folhas que estavam debaixo do colchão. Eram as folhas que tinha escrito num tempo que, ali, parecia um tempo muito distante, parecia um passado impossível. Eram as folhas que descreviam a mulher mais bonita do mundo, a mulher que estivera dentro de mim, a mulher pela qual sentira amor, a mulher que partira de dentro de mim, não vou aguentar, amor, a mulher que deixara dentro de mim apenas um vazio feito de frio, escuridão e medo. Da sua sepultura, a doença tinha entrado em mim: o

frio a envolver-me e, a partir daquela manhã, a minha carne a apodrecer. O príncipe de calicatri chegou com as folhas que diziam o nome da forma do rosto daquela que amava tanto. Chorei, e as palavras escritas estavam nos meus olhos entre a água. As palavras escritas eram atravessadas pelas lágrimas. Nos meus olhos, as folhas brancas, as palavras sobre o branco das folhas e a água, a mágoa, das lágrimas sobre o significado das palavras.

O príncipe de calicatri, depois de guardar as folhas debaixo do colchão, olhou-me e não pôde fazer nada. Olhou-me e, num instante, decidi respeitar o meu sofrimento, e não me levoo ao colo para a sala de baixo, e não se aproximou. Olhou-me e, depois de um instante, saiu com o ninguém pela mão. Depois deles, outro instante, e todos saíram em silêncio. Quando ficou só o silêncio que deixaram, só o silêncio, a minha mãe aproximou-se. O seu olhar, que tinha sido toda a distância dos campos, entrava pelos meus olhos e estendia-se dentro de mim.

A minha mãe era os seus olhos a brilharem uma cor de água profunda. Os seus olhos reflectiam os meus olhos. Nesse reflexo estava aquilo que ambos sabíamos: as nossas certezas: o tempo, as palavras que dissemos quase sem perceber que eram tão importantes. Naquele momento, não existiu mais nada. A minha mãe olhava-me, e eu soube que a minha mãe me tinha olhado assim quando me vira pela primeira vez.

[182]

Acabado de sair de dentro dela, foi com aqueles olhos que a minha mãe me viu. Ainda vermelho de sangue a cobrir-me a pele, sangue ainda vivo, eu pequeno, nos braços da minha mãe, e aqueles olhos verdadeiros a verem-me completamente. Eu pequeno, e aqueles olhos a saberem tudo sobre mim. Eu acabado de nascer, e aqueles olhos a que pertencerei sempre porque a eles pertença desde o início. E ali, no quarto que naquele instante era o único quarto do mundo, os olhos da minha mãe reflectiam os meus olhos. Eu via a minha mãe a ver-me a vê-la. Éramos dois espelhos virados um para o outro. Éramos, cada um de nós, um espelho que reflectia o espaço infinito do interior de outro espelho. Entre nós, não havia distância porque éramos atravessados um pelo outro. Fazíamos parte de um lugar infinito que era igual em cada um de nós. Não éramos fronteiras dentro desse lugar, porque esse lugar não tinha fronteiras. Esse lugar era infinito. Esse lugar era o amor nos nossos olhos.

Antes de sentir a mão da minha mãe a tocar-me no rosto, senti o calor dos seus dedos sobre a minha pele, sem me tocarem, a uma distância, quase longe, quase perto, só o calor da sua pele. Muito lentamente, aos poucos, senti depois, devagar, a sua mão assente na pele do meu rosto. A mão da minha mãe no meu rosto era a sua pele quente na minha pele. A sua pele de mãe na minha pele. A sua mão completa sobre a minha face. Toda a sua mão a sentir-me. A minha mãe não me ouviria se eu tivesse falado naquele momento. Se tivesse dito alguma das palavras que sentia, a minha mãe não ouviria. Quando a minha mãe ainda podia ouvir-me, nunca lhe disse nenhuma das palavras verdadeiras que sentia por ela e, só naquele momento, quando ela estava surda, pensei em dizer-lhe alguma dessas palavras. Não disse. A minha mãe estava surda. A minha mãe não podia ouvir-me. Foi a minha mãe que, como se falasse, como se dissesse uma palavra grande, me segurou nos braços. Dentro dos braços da minha mãe, o frio pareceu extinguir-se por um instante. Pousei a cabeça cansada no seu ombro.

[183]

A minha mãe levantou-me no ar. Eu, com a cabeça pousada no seu ombro, via aquilo que deixávamos para trás enquanto avançávamos: o quarto a ficar sozinho, os degraus negros das escadas, o corredor vazio. Depois, as escadas e a sala de baixo. As crianças, admiradas, rodearam as pernas da minha mãe. As crianças a fazerem barulho. As crianças a calarem-se. A minha mãe aproximou-se do sítio onde o príncipe de calicatri me deixava todas as manhãs e, num movimento suave, baixou-se para me pousar no chão. Deu dois passos para trás e o seu olhar disse-me que era ali que deveria ficar. O seu olhar era tão bonito. Não posso esquecer o olhar

lindo e triste da minha mãe naquela manhã. Mãe. Eu olhei-a como se dissesse mãe, como se repetisse mãe. A minha mãe quis que eu ficasse ali, e virou-se lentamente, e subiu as escadas, cada degrau, e saiu. A porta a fechar-se. Em silêncio absoluto, todas as crianças estavam paradas a olhar para mim.

A luz que estava no pátio e que caía do céu entrava pela janela. Através dessa luz que fazia a manhã, as crianças aproximaram-se devagar em passos de pés pequenos. O frio envenenava-me o sangue. Os olhos das crianças caminhavam. Eram os olhos de meninas com vestidos brancos, com vestidos de um vermelho desvanecido, com vestidos de um amarelo que podia ser cansado, ou vivo como o sol, ou apenas um amarelo que tinha sido lavado muitas vezes. Havia uma menina com um vestido de vermelho muito garrido, parecia uma papoila, parecia mais feliz. As meninas tinham os cabelos encaracolados sobre os ombros, canudinhos viçosos que lhes caíam sobre os ombros. A meninas eram tão bonitas. O brilho dos seus olhos sérios aproximava-se devagar. Os olhos das crianças caminhavam. Eram os olhos de meninos com camisas brancas, com camisas aos quadrados, com camisas de muitas cores diferentes, camisas passadas a ferro, camisas lavadas, de manga curta. Eram olhos de meninos com calças de fazenda, limpas, passadas a ferro, presas por cintos pequenos com fivelas brilhantes. A pele do rosto dos meninos não tinha barba e era suave.

[184]

Os seus cabelos estavam penteados com riscos para um lado ou para o outro. Quem os tinha penteado molhara o pente numa bacia com água. Os seus cabelos, mais escuros ou mais claros, tinham sido molhados e tinham secado. Os meninos eram tão bonitos. O brilho dos seus olhos sérios aproximava-se devagar. Ao longe, deitados sobre xailes, enrolados em fraldas, os mais pequenos não deixavam que um único som se ouvisse no silêncio. Torcidos na minha direcção, ou deitados de barriga, com o queixo levantado do chão, olhavam-me também. Eram bonitos. Os seus olhos brilhavam. As crianças chegaram perto de mim e pararam. Um menino aproximou-se de mim. Pousou-me a mão sobre a cabeça. Sentiu o frio e perguntou aioi ei eiaui? Não respondi porque não entendi. Gostava de ter entendido, gostava de ter respondido. O menino, com a mão sobre a minha cabeça, sentia o frio do meu corpo, o frio que me enchia, o frio que era o meu sangue, o frio do veneno dentro de mim, o frio que me fazia apodrecer, o frio da peste, o frio da morte. As suas sobranceiras erguiam uma expressão triste enquanto esperava a resposta que não dei. Olhei para os seus olhos. Vi o seu braço pequeno, a sua mão aberta a afastar-se da minha cabeça. Uma menina disse ouaeuo, aia euoiu. Era uma menina que percebia. Há tanta tristeza nos olhos de uma criança triste. Outra menina disse eoio ea. A sua voz frágil, como a manhã. E todas as crianças que estavam diante de mim aproximaram-se mais. Os mais pequenos continuavam ao longe, sobre xailes, em silêncio atento. E todas as crianças abriram os braços. E todas as crianças juntaram os seus corpos ao meu: os vestidos, as camisas, os corpos pequenos e braços sobre braços sobre braços a envolverem-me. Eu, rodeado de crianças que me abraçavam, tentando aquecer-me. Eu, apertado por tantos corpos de crianças que tocavam o meu e que se sobrepunham uns aos outros. Crianças a abraçarem crianças a abraçarem crianças que me abraçavam. Os cabelos encaracolados das meninas tocavam-me no pescoço, as mãos pequenas dos meninos tocavam-me nas costas e no peito e nas cicatrizes que fechavam os buracos de onde, antes das invasões, saíam os meus braços.

[185]

As crianças tentavam aquecer-me, mas o frio que eu tinha dentro de mim não era o frio das coisas frias, não era o frio do inverno. O frio do meu corpo era maior e nem o afecto de dezenas de crianças, nem os corpos de dezenas de crianças, o conseguiam apagar. As crianças apertavam os seus corpos de encontro ao meu, tentavam aquecer-me, mas era o frio do meu corpo que entrava nos corpos pequenos das crianças. E o frio era o veneno, era a peste, era a escuridão,

era o medo, era a morte. Lentamente, lentamente, os corpos das crianças começaram a soltar-se do meu. As camisas, os vestidos lavados e passados a ferro. E os olhares e, depois, a manhã. A luz da manhã como o tempo. Nesse tempo, nessa luz, chegou a tradutora dos meus livros. Entrou como se tivesse medo, como se entrasse numa sala às escuras e precisasse de pousar cada pé com cuidado. Aproximou-se de mim. As crianças quase não repararam na sua presença. Aproximou-se de mim. E a sua voz, a língua do meu país com um sotaque doce, um sotaque de vogais," e os seus lábios, perguntou-me está a sentir-se bem? Olhei para ela. Tentei sorrir. Os seus cabelos negros. Os seus olhos tristes. Havia amargura na minha voz quando respondi estou bem. A pergunta dela e a minha resposta haviam sido inúteis, pois os nossos olhares foram mais fortes do que as palavras. E olhámo-nos. Ao seu olhar quase a fugir do meu, eu disse não tenhas medo de mim. Ela sorriu como uma menina. Ela disse não tenho medo, tenho vergonha. Eu disse não tenhas vergonha de mim. E olhámo-nos. Eu pedi-lhe se me podia ajudar a falar com as crianças. Com todo o gosto. Ela, curiosa, chamou as crianças. As crianças, curiosas, aproximaram-se. E eu falava para a tradutora, e ela dizia as minhas palavras às crianças, e as crianças falavam para a tradutora, e ela dizia-me as palavras das crianças. Eu disse estou muito doente. E as crianças, uma menina com um vestido branco e um rosto fluvial. E a tradutora disse elas dizem que já sabiam. Eu disse não devem aproximar-se de mim, a minha doença é muito má. E as crianças, um menino com uma camisa aos quadrados.

[186]

E a tradutora disse elas dizem que não faz mal. Os olhos da tradutora e os olhos das crianças brilhavam. Os olhos da tradutora e os olhos das crianças eram como o mundo depois da chuva. Havia a manhã. Eu disse gosto muito de vós. E as crianças, as meninas de vestido, os meninos de camisa de manga curta. E a tradutora disse nós também gostamos muito de si. E a tradutora e as crianças aproximaram-se de mim e abraçaram-me. E tempo. A manhã infinita. Tempo e a manhã. Tempo através da manhã. Num instante do infinito, as crianças começaram a soltar-se desse abraço grande. A tradutora afastou. o seu corpo do meu. Olhou-me com firmeza. E saiu. Comigo, ficaram as crianças a brincar e a manhã infinita.

Ninguém me contou. Ninguém me contou que a minha mãe, depois de me deixar na sala de baixo, me levou consigo quando caminhou pelo corredor. Devagar, os seus passos e eu ainda com ela. O seu olhar a avançar apenas porque o seu corpo avançava. O seu olhar parado um passo à frente dos seus passos. Ninguém me contou que a minha mãe pensava em mim e tinha pena, tinha tristeza. Tinha amor. A minha mãe levava-me sempre consigo porque eu era seu filho. Depois, a minha mãe entrou na cozinha. Ninguém me contou que a minha mãe entrou na cozinha. A escrava miriam desfazia legumes cozidos dentro de uma panela para a sopa das crianças. E parou. A escrava miriam parou o olhar para a minha mãe. O rosto da minha mãe tinha os olhos fundos. Pela primeira vez, a minha mãe olhou a escrava miriam com aqueles olhos. Ninguém me contou que a escrava miriam, sob os olhos da minha mãe, encolheu o seu corpo fraco. Quase como se perdesse as forças todas do corpo. Tinha as mãos sem vida, perdidas, sobre o avental. E a idade da minha mãe era os seus olhos. A minha mãe era firme porque era forte. Na cozinha, a manhã suspendeu-se na luz. Havia a luz que entrava pela janela e havia a luz dos olhares. Ninguém me contou que havia sombra nos lugares escondidos, nos cantos da cozinha, e havia sombra nos olhares. E a minha mãe deu um passo na direcção da escrava miriam.

[187]

E a minha mãe deu outro passo. E a minha mãe deu outro passo. Havia a luz e havia a sombra. O olhar com que a minha mãe olhava a escrava miriam vinha de dentro de si. Ninguém me contou que a escrava miriam sentiu vontade de chorar. As suas pálpebras desceram sérias num instante sobre os olhos. A pele suave do seu rosto, algumas madeixas de cabelos lisos sobre a testa quando baixou o olhar. A minha mãe, ainda imóvel, olhava com a mesma força o rosto

baixo da escrava miriam. Ninguém me contou que estavam muito perto uma da outra. A minha mãe, sem deixar de olhar para o rosto da escrava miriam, muito lentamente, estendeu as mãos abertas diante de si, diante do seu ventre. A escrava miriam, com o olhar baixo, com os cabelos a cobrirem-lhe o rosto, pousou as mãos pequenas dentro das mãos da minha mãe. Como as mãos de uma criança. A minha mãe fechou as mãos e apertou suavemente as da escrava miriam com calor e ternura. Ninguém me contou que, a partir desse instante, deixou de existir culpa entre as duas, deixou de existir remorso porque, nesse instante, existiu apenas perdão. As mãos. Ninguém me contou quem perdoou o quê a quem. Deixou de existir culpa. Deixou de existir remorso. Existiu apenas perdão. Ninguém me contou que o silêncio era o significado das palavras muito verdadeiras. As mãos. Ninguém me contou.

Depois, foi esse dia lento a passar. Esse dia interminável. Esse dia de momentos inumeráveis e longos, momentos em que, dentro deles, não se imaginava o fim. Depois, foi esse dia de momentos encadeados a passar, esse dia que foi um momento longo e fastidioso, esse dia de cansaço, esse dia de minutos que pesavam, esse dia lento, fastidioso, interminável. Na hora do almoço, chegou a escrava miriam e chegaram todas as mulheres carregadas com tabuleiros de sopa e de papa. A tradutora dos meus livros olhava-me e tinha ternura no olhar. A escrava miriam escondia o rosto. Como em todos os dias, as crianças mais velhas estenderam as mãos para receberem os pratos de sopa. Uma das mulheres tocou nas mãos de uma menina. O rosto da mulher mudou e disse uoae.

[188]

O rosto da mulher era preocupado e repetiu uoae. As outras mulheres aproximaram-se para tocar na menina. A menina tentava fugir das mãos que a perseguiam e as mulheres falavam umas com as outras. A escrava miriam escondia o rosto. A tradutora dos meus livros olhava-me e partilhávamos um segredo: a menina estava gelada. A menina, com um vestido branco, tinha a peste. Depois, as mulheres aproximaram-se das outras crianças e tocaram-nas. Disseram aei uoae. Ao tocarem cada criança, disseram aei uoae. Todas as crianças estavam geladas. Todas as crianças tinham a peste. As mulheres, preocupadas, tentaram dar colheres cheias de papa ou de sopa às crianças e todas elas, mesmo as mais pequenas, fecharam os lábios com muita força. As mulheres insistiam, e a sopa, e a papa, escorria pelo queixo e pelo pescoço e pelo peito das crianças. Nesse instante, o meu olhar era triste e desviei-o para a janela. E atrás da janela, no pátio, estava o rosto da minha mãe. Não olhava para a preocupação das mulheres que tentavam forçar as crianças a comer. Olhava para mim. E o rosto da minha mãe, encostado à janela, foi muito importante para mim. Filho. Como um pedido, como uma palavra. Lembrei-me da voz da minha mãe. Filho. No tempo daquele olhar soube que começava o fim, mas soube também que aquele rosto parado atrás da janela iria existir para sempre. Era um rosto eterno. Sem que a minha mãe ouvisse, sem que ninguém ouvisse, disse mãe, és tão bonita. Sem que ninguém ouvisse, os cabelos, a testa, as sobrancelhas, os olhos, os lábios. Mãe. Nesse momento, deve ter nascido uma árvore nova na montanha. Um carvalho alto e velho deve ter visto, debaixo dos seus ramos, um rebento furar a terra e erguer-se inocente perante o mundo. Mãe. O rosto da minha mãe, os dias em que me dava banho, os dias em que me acordava cedo, os dias em que caminhávamos de mãos dadas na cidade. Despenteada, tinha uma poupa de onde muitos fios de cabelo se tinham soltado. A testa era pequena, delgada, como nas fotografias de quando era nova e sorria. O rosto da minha mãe, os dias em que perdoava as minhas maldades, os dias em que me encorajava, os dias em que me chamava para junto dela. Filho.

[189]

Filho. As sobrancelhas eram uma linha triste. Os olhos eram qualquer lago que brilhava. Os lábios eram um beijo. Mãe. Nasceu uma árvore nova na montanha. Mãe. O rosto impossível da minha mãe. Filho. E o rosto da minha mãe, impossível, afastou-se da janela, desapareceu. Ficou a luz

do dia no pátio e, depois da luz, ficou um pedaço do corpo da montanha. Nessa superfície grande e distante, eu sabia que tinha nascido uma árvore nova, eu sabia que um carvalho alto e velho tinha visto, debaixo dos seus ramos, um rebento furar a terra e erguer-se inocente perante o mundo. Ao meu lado, as mulheres tinham desistido de dar comida às crianças. A tradutora dos meus livros olhava-me. A escrava miriam escondia o rosto.

Quando as mulheres saíram, derrotadas, as crianças continuaram a brincar. Num canto, as meninas estavam todas juntas, sentadas no chão, numa roda. Tinham as mãos dadas e faziam uma brincadeira em que cantavam e paravam de repente, e cantavam e paravam de repente, e riam-se. Os meninos estavam em vários grupos: conversavam, escondiam-se uns dos outros, corriam e riam-se. Os mais pequenos reboavam-se sobre os xales e tentavam dizer ditongos. As crianças continuaram a brincar e, das suas vozes, dos seus risos, nascia uma serenidade que enchia a sala. Era a música. As crianças cantavam. A música que a minha mãe nunca mais poderia ouvir, a música pela qual se tinha apaixonado, a música era então cantada por aquelas crianças inocentes, aquelas crianças felizes. A música era feliz. Eu, que olhava para as crianças e pensava na peste e pensava que crianças que brincam não merecem sofrer, comecei a sentir essa serenidade, como uma luz plena. Era o mês de junho. Havia pássaros que diziam o mês de junho: o cheiro fresco de junho, o ar, o céu. O frio do meu corpo parecia mais fácil de suportar junto das crianças em junho. O meu corpo parecia que tinha parado de apodrecer. A música cantada pelas crianças parecia vencer a peste. O tempo enganava-me. A voz das crianças não me enganava. A luz enganava-me. A música não me enganava. Junho enganava-me. A peste progredia em junho, na luz, no tempo.

[190]

A serenidade, que parecia infinita, foi aquilo que mais recordei desse dia lento. A paz dos gestos. A paz. Ao fim da tarde, quando as crianças saíram, olharam-me. Sorriam. Fiquei sozinho durante um instante. O príncipe de calicatri desceu as escadas e levantou-me de encontro ao seu peito sem coração. Subimos as escadas. Atravessámos o corredor. Atravessámos a cozinha. A escrava miriam. O príncipe de calicatri deixou-me na varanda. Sentou-se ao meu lado. O silêncio e o fim de tarde cobriam os nossos olhares pousados na montanha.

A mão direita, que não tinha, que não sabia onde estava, começou a tremer como no primeiro dia. Essa mão distante a tremer levantou a mágoa dentro de mim. A montanha, longe, era grandiosa sobre a casa. O dia perdia as cores. O príncipe de calicatri tinha as mãos pousadas sobre o colo. Anoitecia sobre a tarde. Havia soldados no pátio. Não sei onde estava o violinista, nem o visconde de dedodida, nem o ninguém. Os soldados caminhavam pelo pátio. Não sei quantos eram. Existia a olaia e existia o céu. Eram talvez quatro soldados. Existia a montanha. Eram talvez cinco soldados. A terra estava fresca. Os soldados tinham espadas, fatos de ferro e barbas até à cintura. Eu olhava para a montanha. Olhava. Eu não olhei para o soldado que se chegou ao poço e disse eoao. Eu não vi o seu rosto aterrorizado quando disse eoao. Eu não conseguia imaginar o rosto de um soldado aterrorizado. Eu não vi nem quando outro soldado se aproximou do poço, nem quando os outros soldados se aproximaram. Um soldado, o primeiro a chegar-se ao poço, atravessou o pátio. Vi quando subiu as escadas, chegou à varanda e segurou no braço do príncipe de calicatri. Levou-o até ao poço. Vi o rosto aterrorizado do príncipe de calicatri. E atravessou o pátio, subiu as escadas, chegou à varanda. Levantou-me no ar. Segurou-me e abraçou-me ao mesmo tempo. Caminhou comigo: a varanda, as escadas, o pátio. Os soldados olhavam para nós a aproximarmo-nos. O fim de tarde era estranhamente real. Os soldados a olharem para nós, e os passos do príncipe de calicatri, e uma aragem que havia. Aproximávamo-nos.

[191]

Aproximámo-nos. O príncipe de calicatri inclinou-me levemente sobre o poço. Na água morta do poço, água parada, verde, água, estava o corpo da minha mãe. Boiava na água morta, parada, verde. Tinha um pedaço das costas sobre a superfície da água. As pernas e os braços estavam mergulhados na água. Não boiavam. Tinha a cabeça mergulhada na água como se estivesse a ver algo naquela água morta, parada, verde. Era como se estivesse a ver o fundo do poço, como se o fundo do poço existisse e ela estivesse a vê-lo. Era como se ela estivesse já, no fim de tarde, a olhar para dentro da noite. Depois, num momento difícil, imaginei que a minha mãe me tinha visto através da janela e tinha caminhado para o poço. Depois de me ver, a minha mãe caminhou para o poço. E a minha mãe teve o mundo à sua volta quando se atirou para dentro do poço. Antes de a minha mãe se deixar cair na água do poço, teve o mundo em total silêncio à sua volta. O príncipe de calicatri levou-me e foi a minha voz que lhe pediu que me deixasse na varanda. O mundo era pesado. Eu tinha tanto frio. Eu apodrecia. À varanda chegaram as mulheres todas da casa, chegou a tradutora dos meus livros, chegou o visconde de dedodida com o ninguém pela mão, chegou o violinista, chegaram as crianças todas e, por fim, chegou a escrava miriam. Ficámos a olhar para os soldados que tentavam, usando cordas, tirar o corpo da minha mãe de dentro do poço. O fim de tarde estava dentro de mim. O violinista era o único que chorava algumas lágrimas. O visconde de dedodida olhava apenas para as crianças. O ninguém não sabia o que estava a acontecer. O ninguém não sabia quem éramos. O fim de tarde estava também dentro da escrava miriam. E, quando os soldados conseguiram levantar o corpo da minha mãe, ouvimos a água que escorria do seu corpo sobre a água do poço. Água sobre água. Água sobre água. Os soldados puxavam as cordas, e o corpo da minha mãe chegou aos braços dos soldados que a esperavam. O corpo da minha mãe a dobrar-se sem vontade. Um soldado carregou o corpo molhado da minha mãe nos braços. Não respirávamos. No silêncio, havia o ruído das roupas de ferro do soldado a atravessar o pátio.

[192]

Acompanhávamos o soldado com o olhar. Subiu as escadas. O corpo da minha mãe nos seus braços passou entre nós. Não respirámos. O soldado entrou com a minha mãe na casa. Passou o instante dos seus passos a afastarem-se. As mulheres foram-se embora e levaram consigo as crianças. O visconde de dedodida foi atrás delas com o ninguém pela mão. O violinista foi atrás do ninguém. A escrava miriam, de cabeça baixa, foi para a cozinha. O príncipe de calicatri pegou-me ao colo. O chão da varanda tinha um caminho de gotas de água. O príncipe de calicatri levou-me. As escadas de madeira tinham gotas de água nos degraus. Chegámos ao quarto. O príncipe deixou-me e saiu. O corpo da minha mãe estava estendido sobre a cama. O seu rosto branco e sereno. Os seus cabelos molhados. A noite estava dentro de mim.

A escrava miriam chegou ao quarto como chegam os segredos, como nascem os segredos. Súbita. Lenta. Definitiva. Eu estava no chão, encostado ao roupeiro. Ela ficou ao meu lado. Estávamos ainda sozinhos com a minha mãe morta sobre a cama. Sentíamos a presença um do outro e as nossas presenças não tinham valor porque olhávamos apenas para a minha mãe. O seu rosto de olhos fechados, a pele das suas mãos exovalhadas pela água. Estávamos lado a lado, reunidos num mistério. A escuridão sobre a minha mãe era a luz dos nossos olhares. Éramos irmãos sobre um destino. Eu tinha a tristeza daquele dia misturada comigo. Eu sentia que aquele dia era o último instante possível antes de morrer. Eu acreditava que merecia morrer. O corpo da minha mãe, sereno, belo, existia onde estava a peste e o frio, onde estava a escuridão, onde a carne apodrecia lentamente sobre si mesma. Onde a carne, os músculos sobre a pele, os ossos, o coração cansado, apodreciam, transformando-se em qualquer coisa de lixo, qualquer coisa morta, qualquer coisa com o cheiro dos cadáveres abandonados, lentamente, muito tempo a passar devagar sobre os relógios parados e esquecidos das casas vazias, sobre si mesma, dentro de si, consigo própria e comigo a ser o seu prisioneiro vencido. Eu e a escrava miriam éramos duas árvores na paisagem.

[193]

A minha mãe era o horizonte. A minha mãe era a terra. A minha mãe era o ar. Olhávamos um horizonte morto, sob uma terra morta, respirando morte. Éramos duas árvores na paisagem e sabíamos que já não existia paisagem. Éramos duas árvores que tinham morrido juntas quando morreu o rio, a terra, a montanha, o céu, os pássaros que um dia pousaram nos nossos ramos, a primavera que um dia nos deu flores, a tarde que um dia nos fez nascer.

Entrou o visconde de dedodida com o ninguém pela mão. Entrou o violinista. Entrou, de novo, o príncipe de calicatri. Estávamos em silêncio. O corpo da minha mãe brilhava sobre a cama. Eu e a escrava miriam. O visconde de dedodida fez um movimento na minha direcção. Vi que queria falar comigo, talvez sobre as crianças, mas parou no momento exacto de dizer o primeiro som. Foi o príncipe de calicatri que se aproximou de mim e, com os dedos, tirou um pedaço de pele apodrecida que eu tinha no peito, debaixo do pescoço, junto do botão da camisa. Com os dedos, retirou esse pedaço podre da minha pele e, no seu lugar, ficou um pequeno buraco de carne castanha que apodrecia para dentro de mim. O príncipe de calicatri limpou os dedos num lenço que tinha no bolso. Passou tempo. Como pode passar tempo quando tudo no mundo parou? Os lugares, os gestos, perdem sentido, e o tempo, como uma inclemência maior do que a morte, passa nas casas mais distantes e, pior, passa dentro das coisas paradas e impossíveis. Todos os homens deixam, depois de si, o tempo. Nas suas memórias mortas, o passado mistura-se com o presente. No mundo, o tempo é imparável e é sempre presente. O futuro não chega nunca. O passado nunca existiu. O tempo corre parado. A eternidade existe agora. A eternidade do tempo é igual a este preciso instante. E, no entanto, quando estávamos no quarto, passou tempo. Tenho a certeza de que passou tempo. Todos sentimos que passou tempo. A minha mãe morta soube, com mais certeza do que qualquer um de nós, que passou tempo. Depois desse tempo que passou, as pessoas deitaram-se sobre os cobertores que estavam no chão.

[194]

O príncipe de calicatri tocou-me no peito, tocou-me com o olhar no rosto, e disse tenta dormir. Pousei as pálpebras sobre os olhos e isso foi um sinal de que o ouvi. E levantou-me no ar e pousou-me dentro do roupeiro. Pela porta aberta, via os vultos tapados por lençóis brancos, via a minha mãe imóvel sobre a cama. A minha mãe tão bela. A minha mãe como um objecto de mármore, uma pedra inocente de mármore polido, a minha mãe. O seu rosto, ali, distante, era o mesmo e era tão diferente do rosto que um dia me disse palavras, que um dia me chamou filho. Era o seu rosto sem a sua voz. Sei que quando era pequeno, talvez ainda não tivesse nascido, ouvia a voz da minha mãe como se ouvisse um silêncio apaziguador. Tudo está bem, dizia essa voz quando dizia qualquer palavra. Quando ainda não tinha nascido, estava dentro daquele ventre de mármore, aquele ventre parado que já não respirava. Olhava a minha mãe morta e pensava que gostava de pousar a mão sobre o seu ventre, gostava de pousar a mão sobre o ventre da minha mãe grávida de mim. Mas eu já não tinha mãos e a minha mãe estava morta e o tempo, como uma inclemência maior do que a morte, negava-me para sempre aquilo que eu merecia, aquilo que todos os homens merecem. Todos os homens merecem pousar a mão sobre o ventre das suas mães grávidas. Todos os homens, por estarem vivos, por serem obrigados a viver, merecem sentir na palma da mão a forma do ventre da sua mãe quando, dentro de si, tinha aquele que haveria de tornar-se seu filho. E a noite de momentos indistintos. A noite. Num momento da noite, entraram sete soldados. Fatos de ferro. Barbas até à cintura. Eu olhava para a minha mãe morta e os soldados, um por um, deitaram-se em cima da escrava miriam. O primeiro soldado afastou o corpo morto da minha mãe. Empurrou o cadáver da minha mãe antes de atirar as costas da escrava miriam sobre o colchão. Debaixo de cada um dos soldados, a escrava miriam virava o rosto todo para um lado. O seu rosto como se não sentisse.

Os soldados, em cima dela, respiravam a pouca distância do corpo da minha mãe. Um soldado, depois outro, depois outro.

[195]

Cada um deles. Cada um deles, a demorar tempo sobre o corpo da escrava miriam. A sua pele sob os fatos de ferro. As barbas a tocarem-lhe o pescoço e o peito. O príncipe de calicatri fechava os olhos com muita força ao fingir que dormia. E cada soldado a demorar tempo. E os outros soldados a esperarem. E cada soldado que saía de cima da escrava miriam saía do quarto sem olhar para trás. E outro soldado, sobre o corpo da escrava miriam, com a cara quase a tocar o corpo morto, o cadáver da minha mãe. Quando o último soldado saiu do quarto, o príncipe de calicatri, como se continuasse a dormir, virou-se para a escrava miriam e pousou-lhe o braço sobre o peito. A escrava miriam, nua, com o corpo ainda a sentir cada um dos soldados, continuava com o rosto todo para um lado, como se não sentisse. Era como se a sua pele estivesse ainda sob os fatos de ferro, como se as barbas lhe tocassem ainda o pescoço e o peito, como se a carne dos soldados, húmida, viscosa, repulsiva, entrasse ainda dentro de si. A noite, em junho, era fresca. A noite existia através da janela. Talvez existissem estrelas que estavam espalhadas pela superfície do céu. Talvez a superfície do céu estivesse espalhada sobre um mundo que existia. Eu olhava para a minha mãe morta. O seu rosto, como um desenho triste do seu rosto, perdera as horas que passámos juntos. No entanto, era no seu rosto que eu via ainda um sorriso antigo. E pensava o teu sorriso, mãe. As suas mãos eram um gesto perdido para sempre. No entanto, era nas suas mãos que eu via ainda o instante antes de adormecer, os lençóis a tocarem-me o pescoço, o peso dos cobertores quando os puxava sobre mim para me aconchegar. E pensava as tuas mãos, mãe. Pensava no corpo da minha mãe e não era o mesmo que os soldados, nesse dia, ao fim da tarde, tinham erguido do poço, o seu corpo a escorrer água sobre a água do poço. Pensava no corpo da minha mãe e bastava-me nomeá-lo no pensamento: os braços, as pernas, os cabelos. Os braços, mortos, eram onde eu dormira um dia, onde eu pousava um gatinho que acabara de nascer, onde eu pousava as mãos e puxava quando tinha fome, ou frio, ou medo.

[196]

As pernas, mortas, eram onde eu sentia que não estava sozinho quando brincava com os meus carrinhos no chão, onde eu me sentava para andar a cavalo, sobre os joelhos, a minha mãe a dizer upa, upa, cavalinho. Os cabelos, mortos, eram onde eu pousava o olhar quando descobria a beleza. Perante a morte, eu pensava que alguém me tinha roubado os braços, as pernas, os cabelos da minha mãe. Perante o corpo da minha mãe, eu compreendia devagar que já não tinha mãe, como não tinha nem braços nem pernas, como não tinha aquela que desaparecera dentro de mim, como não tinha maneira de escrever, ainda que as palavras e as frases se acumulassem: frases e palavras que se acumulavam num monte, onde as mais antigas se perdiam, esquecidas, e onde chegavam frases e palavras novas que iria, inevitavelmente, esquecer. Eu compreendia devagar que tinha muito pouco. Eu pensava que alguém me tinha roubado quase tudo. E apodrecia. Sentia no meu corpo, deitado no roupeiro, a carne tão gelada a arder de algo que a corroía como parasitas a avançarem dentro dela. A minha mãe morta sobre a cama não era os seus braços estendidos para mim no corredor. E não encontrava dentro de mim aquela que era palavras fundamentais no mundo. Havia parasitas com dentes afiados a comerem a minha carne gelada. A minha mãe nunca mais seria o seu olhar e as suas mãos ternas. E não imaginava a memória daquela que desaparecera dentro de mim, porque o espaço que deixara era negro. Havia parasitas a avançarem pela minha carne, a digeri-la e a abandoná-la podre, iriam chegar aos meus ossos, iriam contorná-los, iriam deixá-los limpos e secos. Não havia mais mundo. Se tivesse pensado muito, teria pensado que naquele momento havia cidades e países distantes, havia semáforos com luzes a mudarem de cor para ninguém.

Na noite, em estradas desertas, vermelho, e amarelo, e verde, luzes a mudarem de cor para ninguém. Mas não havia mais mundo. Havia a minha mãe morta, havia aquela que desaparecera dentro de mim, havia o meu corpo a apodrecer. Um cadáver é um cadáver é um cadáver. Um cadáver não podia ser a minha mãe. Um cadáver não podia ser a memória de um amor dentro de mim.

[197]

Um cadáver não podia ser eu. A minha mãe, e aquela que estivera dentro de mim, e eu, juntos, existíamos em algum sítio distante daquele quarto fechad. Eu estava cansado. Féchei os olhos, sabendo que não poderia. descansar nunca. Adormeci lentamente, sabendo que nunca mais poderia descansar.

[199]

6. O Amor é a solidão

[201]

Só em Deus repousa a minha alma, d'Ele vem a minha salvação.
Só Ele é o meu rochedo e a minha salvação, a minha fortaleza; jamais vacilarei.
Até quando Vos lançareis sobre um homem, para, entre todos, o abaterdes, como uma parede inclinada ou um muro em ruína?
Planeiam derrubá-lo do seu posto, comprazem-se na mentira; bendizem com a boca mas amaldiçoam com o coração.
Só em Deus tu repousas, ó minha alma, d'Ele vem a minha esperança.
Só Ele é o meu rochedo e a minha salvação, a minha fortaleza; jamais vacilarei.
Em Deus estão a minha salvação e a minha honra, o meu rochedo e o meu refúgio.
Salmos, 62, 2-8

[203]

ACORDEI ONDE ESTAVA O FRIO E O CANSAÇO. Acordei dentro do meu corpo dentro do roupeiro dentro do quarto dentro da casa. A madrugada do céu e dos campos era muito longe, era outro lugar. Acordei na madrugada do quarto. Abri os olhos e vi a minha mãe morta. Subitamente, o mundo. Subitamente, os instantes de luz ainda ténue que aconteciam sem que fosse possível voltar atrás. Os instantes quase imperceptíveis e, no entanto, cada vinco do seu tempo breve a ser tão impossível de desfazer. Acordei e era de novo a realidade triste. Fiquei a olhar para a minha mãe morta. Era tão pouco o tempo desde que a música chegara à nossa casa, inventada num país distante. Era tão pouco o tempo desde que a minha mãe, com o meu primeiro livro na mão, olhara para mim cheia de ternura. Era tão pouco o tempo desde que a minha mãe me chamara para almoçar quando eu tinha nove anos e perseguia gafanhotos no jardim. Era tão pouco o tempo desde que dormira nos braços da minha mãe, envolvido num xaile branco. Era o tempo, pouco, de instantes definitivos. Acordei. O cansaço era um rio porque o cansaço era o tempo a passar. A água desse rio vinha de muito longe, mas a sua viagem era pequena porque era a mesma água que existira noutros lugares. A água desse rio trazia os instantes em que o meu pai se levantava da escrivaninha, depois de escrever sonetos, e a minha mãe se levantava atrás dele, e ele se virava para trás e dizia não saias daí. A minha mãe voltava a sentar-se, pousava as mãos sobre as pernas e ficava parada a tentar perceber o mundo através do som dos passos no corredor, através dos pequenos sons, através da respiração à distância.

[204]

E o cansaço era um rio porque o cansaço era o tempo a passar. A água desse rio trazia os instantes em que a minha mãe adormecia no sofá grande, e a escrava miriam se aproximava devagar, lhe segurava nas mãos e, sob o peso de um dos seus braços, caminhava com ela para o quarto, atravessando a distância escura dos corredores. A água desse rio trazia os instantes em que a minha mãe estava sentada no salão, o seu rosto encantado com a música, o início do amor. E o cansaço era um rio porque o cansaço era o tempo a passar. A água desse rio trazia os instantes em que a minha mãe foi lançada para o chão, e um soldado lhe pousou um joelho de ferro sobre a barriga e lhe espetou uma agulha nos ouvidos, um fio de sangue, de sangue, sangue. E o cansaço era um rio porque o cansaço era o tempo a passar. A água desse rio trazia os instantes em que a minha mãe foi erguida do poço, a água a escorrer sobre a água do poço, o corpo morto da minha mãe a ser levantado do poço, o corpo da minha mãe deitado na cama quando a madrugada era um rio de cansaço e o frio estava no meu corpo apodrecido dentro do roupeiro dentro do quarto dentro da casa. Acordei. Abri os olhos e vi a minha mãe morta.

Houve um instante em que todos acordaram. Qualquer coisa em mim esperou que a minha mãe acordasse também. Nesse lugar de mim, esperei um momento e fiquei mais triste. O sol entrava no quarto e a sua luz humilhava-nos. O príncipe de calicatri veio ter comigo, levantou-me e, quando foi buscar as minhas roupas, pousou-me no chão. Olhei para ele e vi que tinha uma mancha na pele, debaixo da orelha. Era a sua pele a apodrecer. Com a voz sumida, contei-lhe dessa mancha. Ele, assustado, chamou a escrava miriam. Ela aproximou-se devagar e, devagar, com os dedos, começou a raspar essa mancha de pele podre. O visconde de dedodida e o violinista estavam à sua volta, a olhar. O príncipe de calicatri, sob os dedos da escrava miriam, com o rosto virado, tinha uma cara de sofrimento quando reparou na mancha que estava no braço do violinista.

[205]

Devagar, com a lentidão do medo, o violinista esticou o braço sem mão e olhou para a mancha. O visconde de dedodida aproximou-se para lhe limpar o braço e, nesse momento, viu uma forma podre que crescia nas costas da sua própria mão. O príncipe de calicatri olhou para a escrava miriam e viu-a puxar o vestido para esconder uma mancha de pele podre na pele branca do seu ombro magro. O príncipe de calicatri baixou o olhar. A escrava miriam saiu do quarto. O visconde de dedodida ficou parado com os olhos abertos. O violinista chorou. Sobre a cama, estava a minha mãe morta. Encostado ao roupeiro, estava eu. De pé, diante da janela, estava o ninguém. A sua cara era atravessada por uma mancha de pele a apodrecer.

O sol entrava no quarto e a sua luz humilhava-nos. A escrava miriam chegou com um tabuleiro de tigelas com sopas de leite. Só ela e o ninguém comeram. Ela levantava colheres brancas para a boca do ninguém e para a sua boca. Senti que o corpo da minha mãe sobre a cama era como um objecto abandonado. O príncipe de calicatri chegou. Os seus olhos de pedra gasta pelo tempo. Trazia roupas lavadas na mão. Começou a despir-me. Nas suas mãos frias, o meu corpo frio e apodrecido. Vestiu-me uma camisa preta e uns calções pretos. Depois, o violinista, sem mãos, vestiu-se também com roupas lavadas e escuras. O visconde de dedodida despiu o ninguém e vestiu-o também com roupas pretas. O príncipe de calicatri vestiu-se lentamente com roupas pretas. Olhámos para o visconde de dedodida que nem se despiu, nem se vestiu. Ele ficou, como se não estivéssemos a olhar para ele. Nesse dia, já sabíamos que o visconde de dedodida nunca se despia à nossa frente. No centro do quarto, a escrava miriam começou a despir-se. Desatou o avental atrás das costas e tirou-o pela cabeça. Os seus cabelos eram tão longos. Depois, o vestido cobria-lhe o corpo. O vestido branco era as linhas ténues do corpo: o início do ventre, liso, como se a palma de uma mão passasse suavemente pela sua superfície; os seios sob o vestido branco eram uma forma perfeita que nascia num ponto que

não se conseguia distinguir completamente, pois a sua perfeição era uma curva delicada e perfeita.

[206]

O vestido caiu-lhe aos pés. O seu corpo era como uma luz que brilhasse. A sua pele branca era suave aos olhos. As suas pernas eram o silêncio absoluto onde não se distingue sequer o mistério que existe no silêncio. Os contornos da sua cintura eram linhas vagas e definidas, vagas e definidas. Os seus seios eram uma forma perfeita, uma curva delicada e perfeita. Os seus mamilos tinham a cor de rosas novas. Com um dedo, poderia sentir-se a linha em que os mamilos, pequenos círculos, começavam. Tinha uma cicatriz com a forma de uma cruz, rasgada pela espada dos soldados, a atravessar-lhe o ventre e o peito. Tinha pele a apodrecer no ombro. Olhávamos e não dissemos nada. A escrava miriam com as suas mãos pequenas, com os seus dedos finos, segurava um vestido preto. Vestiu-o lentamente, cobrindo o corpo, deixando apenas a memória do corpo nas linhas negras do vestido.

O príncipe de calicatri caminhou muito devagar até chegar ao corpo da minha mãe. E parou. A minha mãe tinha as roupas coladas ao corpo e os cabelos colados à cara. Do seu corpo, crescia um cheiro de lodo podre. O príncipe de calicatri olhou para o visconde de dedodida, que deu três passos e ficou a seu lado. As mãos do príncipe de calicatri seguraram a minha mãe pelos ombros. As suas mãos apoiaram-lhe a cabeça, o rosto mais magro, o pescoço rígido. As mãos do visconde de dedodida seguraram os tornozelos da minha mãe. Saíram. A escrava miriam saiu com o ninguém pela mão. O violinista olhou para mim e saiu. Ao ficar sozinho, pareceu-me que o quarto cresceu. E chegou o príncipe de calicatri. O seu olhar era tão preocupado. Tive pena dele. Um dia, soubera tudo, soubera as respostas a todas as perguntas do mundo, e esse dia, ali, era tão distante. Agarrou-me, levantou-me no ar e fizemos o caminho de escadas e corredores até chegarmos ao pátio. A luz da manhã. Entrámos na garagem. O corpo da minha mãe estava pousado sobre o meu carro. O meu carro tinha pó a cobri-lo. A cor do meu carro era a cor do pó. O príncipe de calicatri abriu a porta de trás e o gemido da porta foi o único som.

[207]

Entrou a escrava miriam com o ninguém pela mão. Entrou o violinista, e o banco de trás ficou cheio. O príncipe de calicatri e o visconde de dedodida agarraram a minha mãe e pousaram o seu corpo atravessado sobre o colo da escrava miriam, do ninguém e do violinista que estavam sentados no banco de trás. O príncipe de calicatri abriu a porta da frente e disse ao visconde de dedodida para entrar. O visconde disse que não ia. Disse que não havia espaço no carro e que não fazia mal. Ele ficava. O príncipe de calicatri disse que podia ir e que me levava ao colo.

Ele disse que não, que não fazia mal. Baixou o olhar e disse que não podia levar nenhuma pessoa ao colo. Ficámos a olhar para ele, sem entender. Ele voltou a dizer que não fazia mal. Ele ficava. O príncipe de calicatri agarrou em mim, pousou-me no banco da frente e pôs-me o cinto de segurança. O príncipe de calicatri rodou a chave e o carro esforçou um ruído do motor. Depois, parou. Depois, o motor. Depois, parou. Depois, o motor e, como se superasse uma falta de fôlego, continuou a trabalhar. Continuou. Era um motor a trabalhar serenamente. À nossa frente, o visconde de dedodida abriu o portão da garagem. Devagar, o carro atravessou o pátio. Os soldados estavam parados a olhar para nós. O homem gordo e importante tinha dado autorização para usarmos o carro nesse dia. Entrámos na estrada.

Sobre a superfície dos campos, havia uma superfície de nuvens. O céu tinha nuvens em toda a sua distância, nuvens, separadas ou unidas, misturadas. Os espaços entre essas nuvens do início de julho eram atravessados por raios de sol desenhados no ar, linhas que uniam o céu à terra. As nuvens estavam todas à mesma distância da terra. Eram um campo branco que, sobre a cidade, se tornava negro. Sobre a cidade, o céu era negro, negro. Atrás de nós, a montanha chejava às nuvens e desaparecia no interior do seu mundo. O carro levava-nos pela estrada que

parecia infinita. As árvores, na berma da estrada, protegiam-nos da imensidão do céu e da terra demasiado grande. Dentro do carro, íamos calados.

[208]

O cadáver da minha mãe, atravessado sobre o colo dos que estavam no banco de trás, dizia talvez as palavras que não dizíamos. Fechei os olhos porque tentei ver aquela que tinha desaparecido dentro de mim. Por um momento, tive a esperança que tinha perdido, havia tanto tempo, entre os armários velhos da casa ou nas mãos pequenas das crianças. Era a esperança que tinha esquecido dentro de alguma gaveta. Sentir esperança, ali, naquele carro, era recordar os dias de verão no meio do inverno. Por um momento, tive essa esperança antiga e fechei os olhos. Procurei-a lentamente na escuridão. Procurei-a em cada canto da escuridão que podia ver dentro de mim. E não encontrei mais do que a escuridão. Imaginei o sentido da escuridão. Imaginei que aquilo que eu era, aquilo que eu era mesmo: o meu rosto verdadeiro, o rosto que os espelhos eram incapazes de reflectir, o rosto que via no meu pensamento quando dizia eu, eu, quando pensava em mim e dizia eu, eu verdadeiramente: imaginei que aquilo que eu era só podia ser aquela escuridão. Ela desaparecera dentro de mim. Naquele instante, foi como se a perdesse de novo. Senti mais a sua falta e, no entanto, a sua falta tinha sido permanente durante todos os dias, todos os instantes. Numa memória de escuridão, vi o seu rosto mas, quando olhei para ver, apenas vi a escuridão única. Abri os olhos e tinha perdido mais. E havia a presença do cadáver da minha mãe no carro. O seu corpo continuava atravessado sobre o colo dos que estavam sentados no banco de trás. Avançávamos na direcção da cidade. O som do motor era como uma voz tranquila. Sobre a cidade, o céu era negro, negro. Depois da auto-estrada, estava a cidade. Naquela manhã, o céu era como se segurasse a noite e estivesse preparado para a deixar cair sobre nós. Era uma manhã que carregava um crepúsculo terrível. Assim que entrámos na cidade, assim que cruzámos as primeiras casas que eram o início da cidade, ouvimos o céu rasgar um trovão de ferro. O céu era todo feito de ferro negro e o trovão foi aquele céu de ferro a rasgar-se. E entrávamos na cidade. E entrávamos na cidade abandonada. Nas ruas, havia soldados que tinham pressa.

[209]

Havia mulheres e homens que choravam convulsivamente porque tinham perdido tudo. Havia mulheres e homens mutilados, com a pele a apodrecer, que tinham pressa. Debaixo da sombra daquele céu, a cidade era o lugar do medo. O carro, conduzido pelo príncipe de calicatri, com o corpo da minha mãe atravessado sobre o colo dos que estavam sentados no banco de trás, passava lentamente pelas ruas. Rebentou outro trovão, a voz profunda e negra da terra, e começou a chover. As ruas ficaram desertas. Escorria água pelas paredes das casas. Escorria água pelas ruas que subíamos. Rebentavam trovões, como se explodisse o mundo. Aquela manhã era negra. Havia uma noite de pesadelos naquela manhã. A água caía do céu e era como fogo, como uma chuva de fogo. A água caía do céu e era sofrimento que purificava.

A água, o fogo, inundava o mundo de dor. O céu lançava relâmpagos que desenhavam riscos de luz no mundo negro, no sofrimento do mundo. Dentro do carro, levávamos o corpo da minha mãe por um mundo negro que gritava sofrimento e que chorava convulsivamente uma dor com o tamanho do tempo, com o tamanho dos séculos. Quando chegámos ao cemitério, quando o carro parou, ficámos a receber a raiva do mundo durante instantes. Depois, o príncipe de calicatri abriu a porta do carro. Depois, saíram todos. O príncipe de calicatri pousou-me sobre os braços do violinista. O príncipe de calicatri puxou a minha mãe para fora do carro. A escrava miriam ajudou o ninguém a agarrar os pés da minha mãe e deixou-o sozinho para segurar a picareta e a pá. O príncipe de calicatri segurava a minha mãe pelos ombros. Entrámos no cemitério. O violinista levava-me ao colo. O príncipe de calicatri e o ninguém levavam a minha mãe. Éramos pessoas vestidas de negro. Tínhamos água a escorrer pelo corpo. Os passos nas

veredas eram silenciosos porque a explosão do céu era o único som do mundo. A minha mãe e aqueles que a carregavam iam à frente. O violinista, a equilibrar-me nos seus braços sem mãos, ia atrás. A escrava miriam, a segurar a picareta e a pá, ia atrás.

O príncipe de calicatri parou com a minha mãe em frente do jazigo do meu pai e olhou para mim, como se assim me perguntasse o que deveria fazer.

[210]

Olhei para ele, como se assim lhe pedisse para avançar. Chegámos a um pedaço vazio de terra entre campos desconhecidas. Pousaram a minha mãe no chão. O violinista pousou-me ao seu lado. Ficámos a olhar para o príncipe de calicatri que levantava a picareta e, depois de um arco, a espetava na terra enlameada. Estávamos rodeados pelas construções de pedra do cemitério, a água colava-nos as roupas negras à pele, os trovões explodiam a escuridão, os relâmpagos eram palavras de medo na escuridão. Olhávamos para o príncipe de calicatri e, nos nossos rostos, escorria a água da chuva. A nossa pele, sob a água grossa e fria, continuava serena. A pele dos nossos rostos era serena sob a chuva. A escuridão e a água eram um grito de sofrimento. A minha mãe, estendida na terra, já não podia sentir a água. Os trovões eram a voz do seu mundo. A escuridão iluminava o seu mundo. O príncipe de calicatri parou de cavar porque a cova tinha já o tamanho suficiente para o corpo da minha mãe. No fundo da cova, havia uma poça de água. A escuridão toda e os trovões pousaram dentro da cova. Foi nessa água negra, nessa terra de trovões a gritarem a imensidão e a tristeza que o príncipe de calicatri e o ninguém, com a ajuda da escrava miriam, pousaram o corpo da minha mãe. A chuva caía sobre o seu rosto. A chuva caía sobre o seu corpo. O príncipe de calicatri lançou uma pá cheia de terra sobre a minha mãe. Um trovão gritou o desespero. O desespero era um coro de mil homens mutilados. A terra cobriu a minha mãe. O seu rosto branco coberto lentamente de terra. Terra sobre a sua pele molhada e branca. E o seu corpo completamente coberto de terra. Eu a olhar para a terra, o céu a gritar a minha angústia em trovões negros e o príncipe de calicatri a lançar pás de terra sobre a minha mãe, e eu a ver ainda o rosto da minha mãe naquela terra negra. Depois de o príncipe de calicatri me levantar no seu colo, quando ficou parado, antes de começar a caminhar pelas veredas do cemitério, olhei para o monte de terra enlameada onde estava a minha mãe, como se olhasse para a minha mãe, e, como se falasse, pensei despedimo-nos por agora, mãe.

[211]

Por agora, acenamos adeus. Avançávamos por veredas traçadas entre o branco escurecido das campos de mármore. Havia água sobre as campos. Havia água que escorria pelas letras dos nomes nas campos. Havia água que escorria pelas fotografias dos rostos mortos. A escrava miriam, no silêncio que existia sob a tempestade, saiu de perto de nós e caminhou na direcção da vala das escravas. Ficámos parados. A escrava miriam caiu de joelhos diante da vala tapada por terra. No silêncio que existia sob a tempestade, vimo-la mexer os lábios finos, cobertos de água. Contava novidades à sua mãe morta, a escrava madalena morta. Contava novidades. Contava segredos, talvez. O príncipe de calicatri voltou com o olhar à vereda sob os seus pés. E levou-me para junto da campa daquela que desaparecera dentro de mim. Tocou os meus olhos com os seus e afastou-se. Caminhou para a campa dos seus pais. Sei que se ajoelhou. Sei que falou com eles. Eu, quase encostado ao mármore da sepultura, fiquei em silêncio. Não tinha esperança de ser ouvido. Olhava para a fotografia daquela que amei com amor. Amor. Amor. Amor, gostava de dizer esta palavra até gastá-la ainda mais. Amor, gostava de dizer esta palavra até perder ainda mais o seu sentido. Amor. Amor. Amor, até ser uma palavra que não significa nem sequer uma ilusão, uma mentira. Amor, amor, amor, nem sequer uma mentira, nem sequer um sentimento vago e incompreensível. Amor amor amor, até ser nem sequer uma palavra banal, nem sequer a palavra mais vulgar, nem sequer uma palavra. Amoramoramor, até ao momento em que alguém diz amor e ninguém vira a cabeça para ouvir, alguém diz amor e

ninguém ouve, alguém diz amor e não disse nada. Sozinho, diante da campá. O amor é a solidão. Se houve lágrimas nos meus olhos, misturaram-se com a chuva que me escorria pelo rosto e pelo corpo. O céu negro lançava trovões sobre o mundo que chegavam ao interior das pessoas. Junto à vala das escravas, a escrava miriam estava sozinha, ajoelhada na terra. Junto à campá dos seus pais, o príncipe de calicatri estava sozinho, ajoelhado na terra.

[212]

No caminho entre as campas, abandonados, sozinhos, estavam o violinista e o ninguém. Junto à campá da mulher que, desaparecera dentro de mim, estava eu: Estávamos todos, sozinhos, abandonados. A chuva vergava-nos as costas. Éramos como árvores vergadas sob a chuva. Como se fosse lentamente, o som dos trovões afastou-se. O som dos trovões afastava-se. Era o som de trovões a afastarem-se na memória. E as nuvens afastaram-se. Avançaram juntas pelo tamanho do céu, à mesma velocidade, na mesma direcção, eram nuvens que partiam como se as tivessem chamado em algum lugar distante. Os trovões transformavam-se em silêncio. As nuvens partiam e deixavam a luz. Uma linha de luz avançava pelo cemitério, iluminando-o. A água brilhava sobre as campas do cemitério, e brilhavam os rostos das fotografias, e brilhavam os nomes gravados no mármore. A escrava miriam levantou o olhar ao céu, tinha o corpo envolvido por água, levantou-se e caminhou na direcção do violinista e do ninguém. O príncipe de calicatri levantou o olhar ao céu, tinha o cabelo, e o rosto envoltos em água, levantou-se e caminhou na minha direcção. Levantei o olhar ao céu, tinha água a envolver-me o corpo e a entrar-me dentro da carne onde a carne apodrecia. O príncipe de calicatri levantou-me e caminhou comigo até chegarmos ao olhar da escrava miriam. O portão de ferro estava ao fundo. Avançávamos como se regressássemos. O cemitério brilhava à nossa passagem.

O caminho para casa foi feito debaixo da luz da manhã, mas eu não vi o caminho. Fiquei fechado dentro de mim. A minha solidão, que era a minha miséria, que era o meu desespero, criou muros sobre os meus olhos. Não vi nem o resto da manhã, a luz, nem a escuridão que, existia dentro de mim. Vi quando chegámos ao pátio. O príncipe de calicatri levou-me para a sala de baixo. Quando cheguei, as crianças olharam para mim. Foi a inocência que não deixou que vissem a minha tristeza quando lhes sorri. Continuaram a brincar. Havia as suas vozes cheias dessa inocência. Naquele momento, gostava de ter pedido a alguém que não tirasse nunca a inocência às crianças.

[213]

Mas não havia ninguém a quem pedir. Não se podem fazer pedidos à vida. De repente, a tradutora dos meus livros entrou na sala. De repente, aproximou-se de mim e abraçou-me. Pousou a cabeça sobre o meu ombro. Largou-me de repente, quanto se ouviu o som da porta de cima a abrir. A escrava miriam e as mulheres todas desceram as escadas. Traziam papa e sopa para as crianças. Tentaram forçar as crianças a comer. Colheres cheias de sopa e de papa. Colheres cheias empurradas de encontro às bocas fechadas das crianças. Sopa e papa a escorrer pelos queixos, pelos pescoços, pelos peitos das crianças. Desistiram todas ao mesmo tempo. A escrava miriam parou de tentar quando viu que todas as mulheres tinham desistido. Ordenadas, saíram da sala. Nos seus rostos pesava uma preocupação, a angústia. A tradutora dos meus livros quis ficar para trás. Fingindo que fazia qualquer coisa com as mãos vazias, olhava para as mulheres que subiam a escada em fila. Quando a última mulher subiu o último degrau da escada, a tradutora dos meus livros correu para mim, deu-me um abraço e saiu a correr. A tarde. O silêncio todo do mundo, a agonia lenta, dentro da minha cabeça durante a tarde. A tarde: a tarde: a tarde: reflectida em si própria, repetida no espelho da sua agonia. Lenta. Demorou mais de tantas tardes aquela tarde. Tantas tardes, tempo, tristeza toda tempo. Quando as crianças saíram, o príncipe de calicatri, sem forças, levou-me para a varanda. Fiquei sozinho. Do outro lado do pátio, estava o poço. No pátio deserto, por instantes, vi os soldados a

rodearem o poço e a levantarem o corpo da minha mãe. Eram as suas sombras na minha memória. Depois, vi o pátio deserto. O meu braço, longe de mim, apodrecido sob a terra, começou a tremer. O espaço do meu braço. No jardim, a olaia e a estátua. A olaia envelhecia. A estátua estava triste. E, como se estivesse cada vez mais distante, a montanha. Distante e, no entanto, algo da montanha me tocava. A montanha parecia ter braços" que esticava na distância e que chegavam ao meu corpo para me tocarem. O seu toque era uma pureza grandiosa que tornava a mágoa mais límpida, nítida.

[214]

A tradutora dos meus livros aproximou-se de mim com passos silenciosos que distingi, porque o seu silêncio não era tão grande como o silêncio da montanha. Sentou-se na cadeira que estava ao lado da minha. Era a cadeira do príncipe de calicatri se ele tivesse ficado. A tradutora dos meus livros era feia e era bonita. Os seus olhos eram feios. O seu olhar era bonito. Os seus lábios eram feios. O seu sorriso era bonito. Era feia e era bonita. O seu rosto era feio, mas ela era bonita. Era a mais feia das mulheres do homem gordo e importante. Ao mesmo tempo, era a mais bonita das mulheres do homem gordo e importante. Sentou-se, e o seu olhar, e o seu sorriso. Mostrou-me a mão fechada. Abriu-a devagar e, na palma da mão, tinha um cigarro. O seu sorriso. Pousou-me o cigarro nos lábios. Riscou um fósforo. O seu olhar. Inspirei. Soprei fumo que, à minha frente, existiu por um instante e desapareceu. Um alívio valioso de instantes. Quando o cigarro chegou quase ao fim, a tradutora atirou-o para o pátio. O cigarro ficou triste até se apagar. Depois, o seu olhar, e perguntou-me como é que é ter escrito livros que foram a sua vida e, de repente, não poder escrever? Olhei para ela. Falou a mágoa límpida do meu olhar, falaram os trovões do céu negro sobre o cemitério. Ela disse desculpe. Eu, pedindo-lhe que falasse para mim, disse-lhe não faz mal. Depois, o seu sorriso, e disse-me não fique triste. Sorri-lhe também, porque queria dizer-lhe para ser feliz. Ela, olhando para a montanha, falou-me do pai e do filho que morreram no meu romance, falou-me dos dois irmãos siameses que morreram, falou-me do homem muito velho que morreu no meu romance. E, quando me falou do pai e do filho, não me falou daqueles que eu conhecia, daquele pai e daquele filho que eu escrevera, falou-me de outro pai e de outro filho que eu escrevera mas que eu não conhecia e que encontrava ali, pela primeira vez, contados pelo seu olhar e pelo seu sorriso. E falou-me dos irmãos siameses, e aqueles irmãos siameses que estavam nas suas palavras não eram aqueles que nasceram devagar nas coisas que inventei, não eram aqueles que conheci a cada palavra escrita.

[215]

Falou-me de uns irmãos siameses que eram aqueles que eu tinha escrito, mas que eram mais maravilhosos, mais verdadeiros, porque eram aqueles que foram encontrados em cada palavra lida, aqueles que nasceram devagar no interior do significado de cada palavra. E falou-me do homem muito velho que morreu no meu romance. Disse-me esse homem foi muito importante para mim. Disse-me aprendi muito com esse homem velho. Olhou para os meus olhos e disse-me sofri muito nas páginas em que esse homem velho morreu. Ficou em silêncio. Eu disse-lhe também eu sofri muito nas páginas em que esse homem velho morreu. Eu disse-lhe também eu aprendi muito com esse homem velho. Olhei para os seus olhos e disse-lhe esse homem foi também muito importante para mim. Olhámo-nos nos olhos. A montanha afastava-se. A olaia envelhecia. A estátua ficava mais triste. O poço era cada vez mais fundo. Não vi como anoiteceu. Não vi uma mancha de pele que rodeava os ossos da coluna e que apodrecia nas costas da tradutora dos meus livros.

No quarto, estava a desolação. O príncipe de calicatri deixou-me entre aqueles que estavam sentados e encostados às paredes. O visconde de dedodida aproximou-se e perguntou, sem interesse, pela minha mãe e falou, sem interesse, da chuva e perguntou, abrindo os olhos,

pelas crianças. Não sei que palavras murmurei. Ele, abrindo os olhos, fez mais perguntas sobre as crianças. Murmurei palavras. E o visconde afastou-se porque não lhe disse tudo o que ele queria ouvir. Eu não sabia que palavras ele queria ouvir. Entraram seis soldados. Levantaram o vestido da escrava miriam e um deles pôs-se em cima dela. O corpo da escrava miriam era abandonado sob o corpo de ferro do soldado. Com as mãos de ferro, o soldado agarrava aquele corpo abandonado. A força do ferro mudava as formas da carne. E o corpo do soldado em cima do corpo da escrava miriam. O soldado não existia para a escrava miriam. Existia apenas o seu corpo de ferro. Havia naqueles corpos qualquer coisa que os transformava apenas em corpos. A solidão da escrava miriam era distante do seu corpo. A sua tristeza era distante.

[216]

O príncipe de calicatri olhava para outros lados, mas o seu olhar, virado para a janela, virado para o roupeiro, virado para a parede, estava sempre a ver a escrava miriam. Via a sua tristeza e a sua solidão. Os soldados sucediam-se e o cheiro dos seus corpos, o seu suor, o cheiro a sexo, adensavam-se. A escrava miriam era cada vez mais o seu corpo abandonado. A respiração dos últimos soldados foi o fim e início de qualquer coisa. Quando o último soldado saiu do quarto, o violinista deixou-se cair e adormeceu. O príncipe de calicatri pousou-me dentro do roupeiro, recolheu o corpo da escrava miriam e adormeceu ao seu lado. O visconde de dedodida e o ninguém adormeceram. Eu perdi todas as minhas forças e adormeci.

De manhã, fui acordado pelo príncipe de calicatri que tinha sido acordado pela escrava miriam. O príncipe de calicatri acordou também o violinista que acordou o visconde de dedodida que acordou o ninguém. Estávamos ainda a dormir, quando, sentados no chão, comemos sopas de leite. Acordámos devagar. Na manhã que estava na janela, não havia nenhuma lembrança da trovoada do dia anterior. Ouviam-se os pássaros entre a claridade. Dos pássaros, imaginavam-se os ramos das árvores, as folhas verdes, a sombra. Era julho novamente. Era julho. Os nossos corpos estavam frios e apodreciam. O príncipe de calicatri não me disse nada. As suas mãos deixaram-me no chão da sala de baixo e saiu sem palavras. Não falava porque pensava. No seu pensamento, contrariava tudo aquilo que poderia dizer. Ficava calado e pensava, tentando encontrar alguma palavra, alguma frase que pudesse dizer e na qual acreditasse, por ser verdadeira, por não poder ser contrariada. O príncipe de calicatri, sem coração, estava confundido pela vida. As crianças brincavam na sala de baixo. Sorriam tanto. Nunca vi as crianças tão felizes como naquela manhã. Por qualquer coisa, por uma menina que tropeçava, por um menino dos mais pequenos que dizia a primeira palavra, aeee, as crianças riam-se muito. Julho entrava pela janela e havia pequenas gargalhadas misturadas com a luz do sol, entre os ramos das árvores, atrás das folhas verdes e sob as penas dos pássaros.

[217]

Na sala, julho estava entre os brinquedos. Debaixo do tecto, havia a sombra das árvores. Os carrinhos, empurrados pelos meninos, deslizavam pelas vozes dos pássaros. As construções de plástico eram feitas à volta das árvores, torres altas com buracos atravessados por ramos que saíam do interior das suas paredes coloridas. As bonecas abriam e fechavam os olhos se estivessem de pé ou se estivessem deitadas, e fechavam os olhos quando adormeciam sob mantas de folhas verdes. Eu, que era um brinquedo, estava todo rodeado pela luz do sol, como se me tivessem pintado dessa cor. Julho estava na sala de baixo, entre os brinquedos, porque a claridade, as árvores e os pássaros estavam na alegria tão grande das crianças. Naquela manhã, quase parecia que a minha mãe não tinha morrido, quase parecia que a mulher que amara tanto não tinha desaparecido dentro de mim. Naquela manhã, quase senti que também eu era novamente uma criança. A minha mãe podia chegar a qualquer hora, podia chegar e chamar-me para comer. A vida estava toda à minha frente. Tudo iria correr bem. Era novamente criança e um dia iria encontrar uma mulher que seria a mais bonita do mundo e, juntos, seríamos felizes.

Por instantes, eu era uma criança no meio de outras crianças. Talvez o príncipe de calicatri, quando era uma criança da minha idade, antes de ir correr mundo, antes de os seus pais morrerem, antes de se apaixonar pela escrava miriam, talvez o príncipe de calicatri estivesse ali também. Julho naquela manhã parecia o tempo em que eu e o príncipe de calicatri éramos os maiores amigos. O mundo era apenas isso. Não havia nada a separar as nossas vidas, quando brincávamos no jardim ou no pátio ou na casa dele, entre os móveis dourados. Como uma criança, eu sabia que o frio me consumia, sabia que a minha carne apodrecia debaixo das roupas, mas o riso e a luz e julho eram o riso e a luz e julho. A peste nada podia contra o riso, a luz e julho. As crianças mais pequenas gatinhavam pela sala. As meninas iam atrás delas, agarravam-nas por baixo dos braços e tentavam ensiná-las a andar. Os meninos faziam torres muito altas de plástico que caíam sob o seu próprio peso ou que caíam quando outro menino empurrava um carrinho que deslizava, deslizava pelo chão, até acertar na base da torre.

[218]

Quando as torres caíam, os meninos riam-se e recomeçavam a construí-las. Eu era quase uma criança. Lembrei-me daquilo que o príncipe de calicatri dissera nos primeiros dias quando regressou depois de correr mundo. O príncipe de calicatri sentado na varanda, eu ainda com braços e pernas, cego pelo amor. E o príncipe de calicatri disse-me que em todos os países do mundo, mesmo nos mais distantes, as crianças, quando caminham nos passeios, tentam não pisar os riscos das pedras. Se as pedras forem quadradas, se forem rectangulares, as crianças de todos os países do mundo caminham, tentando assentar o pé apenas no seu interior, sem pisar os riscos. Como se os riscos tivessem um veneno, como se não fosse certo pisar os riscos, como se fosse um desafio não pisar os riscos. Em todos os países do mundo, as crianças caminham, dando passos maiores ou mais pequenos do que o habitual, porque tentam não pisar os riscos que separam as pedras do passeio. Lembrei-me disso porque aquelas crianças eram iguais a mim quando eu era uma criança e, em manhãs de julho, brincava e ria. Na sala, sob a manhã, havia uma brisa que passava pelos rostos e pelos objectos. Era uma brisa que enchia a sala de claridade. A porta abriu-se quando a tradutora dos meus livros entrou. Caminhou na minha direcção. Muito perto de mim, à minha frente, baixou os joelhos sobre o chão e sentou-se em cima dos calcanhares. Juntou as mãos sobre as pernas. Sorriu e disse hoje, sonhei com o homem velho do seu romance, sonhei com os irmãos siameses e sonhei com o pai e o filho do seu romance. Contou-me que estavam todos no seu país, junto à casa onde nasceu. Quando me falou mais deles, os seus olhos brilharam. Ao ouvi-la, os meus olhos brilharam. Na sua voz, aqueles que eu tinha escrito um dia e que carregava ainda comigo, escritos, eram outros, iguais e diferentes. Perguntei-lhe como se chamavam na língua do país dela. O pai e o filho, que tinham o mesmo nome, chamavam-se uoué; os irmãos siameses chamavam-se uoiueu e euiau; o homem velho chamava-se uauoiueu.

[219]

E enquanto ela, no seu olhar brilhante, falava das palavras com palavras, eu percebi que aquelas páginas nunca foram mais minhas do que eram dela. Aquelas palavras eram minhas e eram dela. Aquelles nomes eram meus e estavam dentro de mim, como estavam dentro dela. Éramos duas pessoas que tinham um segredo de palavras. Éramos duas pessoas que, ao longe, tinham partilhado um instante. Éramos duas pessoas. Tudo em nós era igual. Se a língua que aprendêramos em crianças era diferente, esse era um detalhe muito pequeno, porque partilhávamos o mundo e o significado das palavras. E, no entanto, as palavras que eu dissera, que eu escrevera, eram diferentes das palavras que ela entendera, longe, num país distante, porque éramos duas pessoas, e as pessoas são diferentes, mas partilham o mundo, o significado das palavras, e essa partilha tem exactamente a mesma importância para todos os que vivem e são felizes e são tristes. Quando ela acabou de falar, pedi-lhe que se encontrasse comigo nesse

dia, ao fim da tarde, no jardim. Disse-lhe que estaria no jardim, no banco velho que está debaixo da oiaia. Disse-lhe que a esperaria lá, ao fim da tarde. O seu sorriso não estava nos lábios, estava no olhar. Levantou-se com esse sorriso e saiu. Deixou as crianças e a luz de julho. Eu sentia que era quase uma criança, porque estava rodeado de risos de crianças, de pássaros que voavam depois da janela, de ramos de árvores com folhas verdes, sob uma sombra fresca que tornava a luz límpida e tranquila. Havia uma brisa, lenta, leve, que passava, como um gesto gentil, em tudo.

À hora de almoço, eu e as crianças sentimos a porta a abrir-se. Continuámos o olhar. As mulheres e a escrava miriam desceram as escadas com tabuleiros que levavam sopa e papa, mas as mulheres, todos os dias, à hora de almoço, desciam as escadas com os mesmos tabuleiros. Nesse dia, depois de entrar a última mulher, entrou também uma fila de soldados: fatos de ferro, barbas até à cintura. As mulheres pararam no centro da sala e ainda não tinham entrado todos os soldados.

[220]

As mulheres, com os cotovelos em ângulos rectos, esperavam. O último soldado ficou na ponta de uma linha, onde estavam todos os outros soldados e onde as suas espadas, alinhadas, brilhavam entre os pontos de ferrugem. As mulheres seguravam os tabuleiros e, olhando os soldados por cima dos ombros, fingiam que olhavam para a frente. As crianças continuavam a ser crianças: brincavam. Houve um instante em que começou o silêncio. As mulheres separaram-se. As mulheres chamaram as crianças. Cada mulher ficou com um grupo de crianças a rodeá-la. Os olhares dos soldados atravessavam toda a sala. Os seus olhares eram linhas que se cruzavam no ar. Não havia um ponto da sala onde não pousassem os olhares dos soldados. A tradutora dos meus livros era a única mulher da casa que não estava na sala. Houve um instante em que senti a sua falta. As mulheres baixaram os olhos quando mergulharam as colheres dentro da sopa ou da papa. Levantaram devagar as pálpebras quando seguraram as colheres cheias. Depois, as colheres no ar a avançarem na direcção da boca de uma criança. Essa criança a apertar os lábios com força e a murmurar um som através dos lábios fechados. Depois, as mulheres a levarem as colheres à boca de outra criança. Os mesmos lábios fechados. E outra criança, e os mesmos lábios fechados. Todas as crianças tiveram a ponta das colheres a tocar-lhes os lábios. Nenhuma criança abriu a boca. As mulheres disseram palavras às crianças que estavam à sua volta. Só a escrava miriam ficou calada. Os seus pulsos não tinham força. Os olhos das mulheres eram desesperados quando falavam para as crianças. Era um desespero que tentavam esconder porque tentavam falar baixo. Mas o tom dos seus sussurros era desesperado. As palavras que diziam talvez fossem desesperadas. E lentamente, como se desenhassem um segredo, as mulheres levantaram de novo as colheres cheias e, sussurando um pedido, pedindo com os olhos, as mulheres, sob os rostos firmes dos soldados, as mulheres, sob os olhares de ferro dos soldados, as mulheres levaram as colheres muito devagar em direcção à boca das crianças. Os lábios fechados e o desespero a explodir nos gestos das mulheres.

[221]

O desespero, a angústia multiplicada pelo desespero no olhar das mulheres. Não querendo acreditar, as mulheres levavam as colheres à boca de outras crianças. Encontrando sempre a mesma recusa, as mulheres levavam as colheres desordenadamente à boca de crianças. Nos rostos serenos das crianças, os olhares sérios fixavam as mulheres. A escrava miriam, como as crianças, via tudo em silêncio. As mulheres tentavam que as crianças comessem. Não escondiam já o desespero. Pediam alto às crianças. Os cabelos despenteados cobriam-lhes a cara. Os olhos, vermelhos, atravessavam os cabelos sobre a cara. Num instante, os soldados, que eram estátuas, começaram a mexer-se. Pousaram as mãos de ferro sobre os ombros das mulheres e afastaram-nas. O desespero transformou-se em terror nos olhos das mulheres. Os soldados aproximaram-se lentamente das crianças. Cada movimento muito devagar. Entre os soldados e as crianças

havia confiança. Cada movimento muito devagar. As mãos de ferro dos soldados tocaram as crianças. Afastaram os colarinhos das camisas dos meninos. Procuraram nas costas e nos ombros das meninas. Procuraram nos corpos dos mais pequenos, nos braços fininhos, nos pescoços onde nascia uma penugem frágil. Quando encontravam manchas de carne a apodrecer, começavam a procurar no corpo de outra criança. As crianças continuavam a ser crianças. As mulheres estavam encostadas às paredes. Entre elas, a escrava miriam afastou-se. Subiu as escadas e foi-se embora. Ninguém a impediu. As mulheres, encostadas às paredes, como se os seus corpos se misturassem com as paredes, tinham olhos de desespero e de pânico e de terror. Quando as mãos dos soldados deixaram de tocar as crianças, ficaram só os seus rostos. Ficaram a olhar-se durante um instante. Houve silêncio. Houve uma brisa que se sentiu na pele e que era o silêncio a passar pelos rostos. Não existia medo. As mulheres estavam demasiado distantes e o medo estava todo nos seus rostos. Os soldados e as crianças olharam-se. Houve um instante em que os soldados levantaram as espadas. Num caminho escolhido, uma linha, um caminho que existia invisível, as espadas cortaram o ar.

[222]

As lâminas atravessaram os corpos das crianças. As espadas e os corpos das crianças sob os olhares negros dos soldados. Não eram olhares de raiva. Uma espada espetou-se no corpo de um menino. Atravessou-lhe a camisa, as costelas, os pulmões. A ponta saiu pelas costas do menino. A ponta da espada estava vermelha de sangue que pingava. O soldado puxou a espada para si. O corpo do menino caiu. Uma espada cortou o ar antes de acertar no peito de uma menina. A sua lâmina abriu um golpe profundo que abria o peito da menina. A cor vermelha do sangue avançava pelo seu vestido branco. Uma espada espetou-se debaixo do pescoço de um dos meninos mais pequenos. Estava deitado de costas e a espada fez barulho quando a sua ponta, depois de atravessar o corpo do menino, bateu no chão. As vozes das crianças existiam entre os gritos das mulheres. As suas vozes eram ainda as mesmas que chegaram um dia ao pátio pela primeira vez, eram as mesmas que um dia se aproximaram de mim pela primeira vez, a olhar-me, a imaginar-me. As espadas cortaram pescoços de crianças, acertaram-lhes na cara, fizeram-lhes buracos na barriga. A última criança de pé era uma menina. O seu vestido, lavado, passado a ferro, era de um amarelo desvanecido. Tinha o cabelo encaracolado a cair-lhe sobre os ombros. À sua frente, estava um soldado. O seu fato de ferro pesava muito. As barbas chegavam-lhe à cintura. Segurava a espada com as duas mãos. A espada entrou pela barriga da menina. A sua barriga era lisa sob a fazenda do vestido. A espada rasgou-lhe a pele e a carne, as entranhas. O corpo da menina perdeu a força nos joelhos. Os soldados, antes de subirem as escadas e saírem em fila, tentaram não olhar para o chão da sala: os corpos das crianças. Cheirava a sangue. Nos rostos dos soldados, havia o reflexo do sangue. Entre o som dos fatos de ferro a moverem-se, ouvia-se o sangue. O sangue aquecia a sala. O chão estava coberto de corpos de crianças mortas cobertas de sangue. Braços pequenos entrelaçados em pernas. Cabeças com cabelos baços. Pescoços de veias. Mãos abertas, dedos abandonados em posições sem sentido. Os rostos das crianças eram inocentes como quando estavam vivos.

[223]

Uma menina tinha um fio de sangue que lhe escorria pelo canto dos lábios finos. Os corpos sobrepostos das crianças. As barrigas abertas com as entranhas a brilhar. Os peitos abertos. A alegria das crianças era uma tristeza profunda sobre os seus corpos mortos. Debaixo do sangue, havia ainda as manhãs em que cantavam, havia a música, as manhãs em que brincavam. Nessas manhãs, a claridade. Quando o último soldado saiu, as mulheres lançaram-se a chorar sobre os corpos das crianças. Eu, que apodrecia com a peste que tinha matado as crianças, chorei também. As minhas lágrimas eram como brasas porque os gritos das mulheres eram como chamas. A luz da tarde mudou muitas vezes de cor sobre os corpos das mulheres deitadas sobre

as crianças mortas. A tarde passou enquanto sofríamos. Os gritos das mulheres perdiam a força. A misericórdia não existe. A tarde passou. O sofrimento era imóvel na tarde a passar. Não existe misericórdia no mundo. A tarde passou sem que, na sua passagem, se distinguisse o mais pequeno instante de misericórdia.

O príncipe de calicatri desceu as escadas. O chão era os corpos mortos das crianças, o sangue que ainda secava e as mulheres deitadas sobre esses pequenos corpos ensanguentados. Olhando o chão de crianças mortas, o príncipe de calicatri desceu as escadas e cada degrau era um abismo onde parava porque, a cada degrau, via melhor aquelas luzes e aquelas sombras, luminosas e sombrias como um eclipse impossível. Aproximou-se de mim. Os seus olhos não procuravam explicações. Eu, que tinha passado a tarde dentro da morte pior que a morte, dentro da morte onde apenas existe morte, olhei-o também. Não pensámos em nós. Os pés do príncipe de calicatri estavam rodeados de crianças mortas. Os seus rostos perdiam lentamente as expressões. O mais triste do mundo são as coisas que se perdem. Eu e o príncipe de calicatri não pensámos em nós porque nós estávamos perdidos havia muito tempo. Uma brisa estava prisioneira naquela sala. Passou pelos nossos olhares, humedecendo-os. Não sei quantas vezes tive vontade de chorar assim. O príncipe de calicatri levantou-me para o seu colo.

[224]

Pousei a cabeça no seu ombro. Precisava de pousar a cabeça. Senti, no seu peito, o lugar de onde lhe tinham arrancado o coração. Senti os seus braços a envolverem-me. Enquanto ele olhava para as mulheres, eu olhava pela janela, fugia ao sangue, à tristeza absoluta. Sem saber se me escutava, muito baixo, disse-lhe mataram as crianças porque tinham a peste. Não sei se me escutou. Olhou os corpos mortos das crianças e os corpos quase mortos das mulheres durante mais alguns momentos. Depois, saiu. Enquanto subíamos a escadas, deixávamos para trás algo da nossa tristeza, do frio que apodrecia dentro de nós e que, para onde quer que fossemos, levaríamos sempre connosco. Enquanto o príncipe de calicatri caminhava pelo corredor, eu era alguém que tinha lembranças terríveis. No corredor limpo, via ainda os corpos das crianças. Eu, sem braços e sem pernas, a assistir. Eu, como se apenas tivesse olhos. Quando o príncipe de calicatri chegou à varanda, pedi-lhe que me levasse para o jardim. Pousou-me no banco que está debaixo da olaia e olhou para o meu rosto. Pedi-lhe que me fosse buscar as folhas que estavam debaixo do colchão. Não me perguntou nada. Olhou-me apenas. Eu guardei para sempre aquele olhar. Dizia-me que era meu amigo, que sofria a meu lado. Os passos do príncipe de calicatri afastaram-se onde eu não olhava. Eu olhava para a estátua. O seu corpo de mármore era ainda a beleza que, um dia, fora toda a beleza que conhecera. Naquele instante do fim de tarde, senti o lugar amputado do meu braço a tremer e lembrei-me daquela que desaparecera dentro de mim. No rosto branco da estátua, vi o seu rosto. Vi a sua pele no mármore. Crescia musgo na sua pele. Senti tanto a falta dela. Naquele fim de tarde, como nas noites em que não conseguia dormir, como quando fechava os olhos a procurá-la, sentado no banco que está debaixo da olaia, senti tanto a falta dela. Por um momento, pensei que não tinha aproveitado o tempo em que a tiverá dentro de mim. Mas, depois, outro momento substituiu esse. Outro momento, depois de uma parede de separar momentos, e pensei que, quando a via dentro de mim, eu era feliz. Pensei que, nesse tempo, não poderia ter feito mais do que ser feliz.

[225]

O príncipe de calicatri chegou com as folhas. A brisa que estivera toda a tarde na sala, sobre os corpos das crianças, era livre no mundo. Passava pela nossa pele. O príncipe de calicatri levantou-me um pouco e pousou-me sobre as folhas. Éramos dois amigos a olharem-se. A olaia protegia-nos. Atrás de mim, estava a montanha, enorme, grandiosa como a presença de um olhar. Atrás do príncipe de calicatri, estava a estátua, linda, e estava o poço. Éramos amigos. Queríamos o bem um do outro. Desejávamos a felicidade um ao outro, mas cada um de nós

sabia de si próprio que não mais a poderia encontrar. Éramos amigos. O príncipe de calicatri disse chegará, de novo, o dia em que nos vamos separar. A brisa passava pelas folhas debaixo de mim. As folhas escritas faziam um restolhar de asas. Eu disse estaremos sempre juntos enquanto te lembrares de mim. A brisa passava pelo corpo de musgo e de mármore da estátua, antes de passar por nós. O príncipe de calicatri disse estaremos sempre juntos, mesmo depois de nos separarmos. Podíamos ter sorrído, mas os nossos olhos brilharam. O príncipe de calicatri afastou-se, atravessou o pátio, subiu as escadas e entrou na casa. Era julho. O fim de tarde avançava dentro de si. Entre os arbustos do jardim abandonado, havia grilos que repetiam a sua voz estridente, moldada pela brisa. Passou esse tempo. A tradutora dos meus livros desceu as escadas. Os seus passos eram silenciosos. Todos os seus gestos. Aproximou-se de mim. Eu disse pensava que não vinhas. Ela baixou o olhar. Quando levantou o olhar para mim, eu sabia que ela pensava no pai e no filho do meu romance, nos irmãos siameses, no homem muito velho. Ela a olhar para os meus olhos era um gesto silencioso. Ela a pensar era, para mim, o silêncio. Eu disse-lhe quero que fiques com estas folhas que escrevi. Ela não soube o que dizer. Tirou as folhas devagar de baixo de mim. Eram as folhas onde estava o meu amor. Às vezes, pensava que eram as folhas onde estava a minha vida. Nos meus olhos, aquelas eram folhas vivas. As palavras mexiam-se, trocavam de lugar. As palavras eram todas importantes.

[226]

Cada palavra dizia o significado que só aquela palavra única poderia dizer. A palavra amor, que é a palavra mais impossível, era, naquelas folhas escritas, uma palavra tão verdadeira como qualquer outra. A tradutora dos meus livros olhou para mim. Sorria. Eu disse-lhe quero que fiques com estas folhas que escrevi. Ela sorria. Ela não sabia que aquelas eram as palavras mais importantes da minha vida. Eram as folhas onde estava aquilo que tentara dizer em tudo o que escrevera antes, aquilo que não conhecia antes de viver. Vivi aquelas palavras. Um dia, perdi-as. Naquele fim de tarde, ofereci aquelas folhas como se oferecesse a minha vida. A tradutora dos meus livros era a pessoa que levaria aquelas palavras para longe de mim, era a pessoa que lhes daria muitas vidas no seu interior. As palavras, dentro dela, acender-se-iam como fósforos. Dos seus olhos, sabia que tudo seria verdadeiro. As palavras deixariam de ser apenas minhas, mas eu sabia que as palavras nunca tinham sido apenas minhas. Ninguém possui as palavras, como ninguém possui a vida. As palavras que, para mim, significavam, significariam outros mistérios dentro daquela mulher, bonita e feia, que me olhava, como se esperasse. As palavras, com ela, continuariam verdadeiras. Era por causa dessa certeza que lhe tinha oferecido aquelas folhas escritas, aquelas palavras, aquela vida. Eu sabia que ela lhes encontraria verdade. A brisa estava no seu rosto. Eu disse-lhe podes ler. Ela olhou-me com os olhos brilhantes. Ela sorriu-me. Segurava as páginas com as duas mãos. Os seus olhos atravessavam as palavras escritas. As palavras entravam dentro dela por essa linha que existia entre as palavras e os seus olhos grandes. Eu senti que tinha tanta pena de não ter braços e pernas. Tremia o braço que não tinha. Eu gostava de poder escrever uma palavra. Eu, naquele momento, senti que gostava de poder escrever uma só palavra. Eu sabia exactamente qual seria a palavra que escreveria se tivesse de novo braços e pudesse escrever uma só palavra. Enquanto ela lia, havia a montanha, a oiaia, a estátua, o poço e a casa. Havia uma brisa que levava qualquer coisa de nós, do nosso tempo, para o mundo.

[227]

Atravessando o pátio, chegaram três soldados. Quando se aproximaram de nós, a tradutora dos meus livros baixou as páginas numa mão estendida ao lado do corpo. Os soldados tocaram-lhe o pescoço para lhe analisarem um pedaço de pele castanha que apodrecia. Os soldados perguntaram-lhe auoao oea? Ela não respondeu. Os soldados, com outra voz, voltaram a perguntar-lhe auoao oea? A tradutora não respondeu. Olhou para mim com olhos tristes. Um

dos soldados lançou-lhe a espada de encontro ao peito. A lâmina da espada explodiu-lhe no corpo. O sangue. Enquanto o seu corpo perdia as forças, os seus olhos abertos enfureceram a brisa. A mágoa ou a revolta. A brisa cresceu e o seu corpo invisível e frágil transformou-se num corpo negro de vento que passava pelas coisas a destruí-las. Quando a tradutora dos meus livros caiu, lentamente, olhando-me nos olhos, com o peito cheio de sangue, abriu a mão. As folhas separaram-se dos dedos. O vento levantou as folhas no ar. As folhas voaram muito alto. Espalhadas no céu, as folhas eram como um bando de pássaros a fugir. As folhas brancas e as palavras escritas no céu. O corpo morto da tradutora estava estendido sobre a terra. Tinha os olhos abertos. Olhava para o céu onde as folhas voavam. Os soldados voltaram costas e regressaram para dentro da casa. A luz do fim de tarde escurecia devagar a claridade. Como se fossem engolidas pela imensidão do céu, as folhas desapareceram. Ficou apenas o céu. Apenas o vazio que existe depois das coisas para nos fazer duvidar de que alguma vez existiram. À minha frente, estava o corpo morto da minha tradutora estendida sobre a terra, tinha um buraco de sangue no peito, tinha os dedos afastados e sem força, tinha os olhos abertos para o céu.

Os instantes que restavam da tarde desciam devagar pela montanha. Num dos últimos instantes da tarde, o pátio encheu-se de carros impacientes. Da porta da cozinha, começaram a sair soldados que encheram a varanda e, depois, o pátio. Atrás deles, saíram as mulheres que choravam ainda. Atrás delas, saíram quatro soldados que carregavam o homem gordo e importante, sentado ainda no seu cadeirão.

[228]

Atrás dele, saíram o príncipe de calicatri, a escrava miriam, o violinista, o visconde de dedodida e o ninguém. Ficaram na varanda. Os soldados, as mulheres e o homem gordo e importante desceram as escadas e encheram o pátio. O pátio estava cheio de carros e de soldados e de mulheres. O homem gordo e importante saiu do cadeirão para entrar num carro e se sentar num banco que tinha a mesma forma do cadeirão. Entraram dois soldados para esse carro. E as mulheres e os soldados entraram para os outros carros. As vozes esmorecidas das mulheres e as vozes grossas dos soldados. As portas dos carros a fecharem-se em estrondos. A última porta a fechar-se. Os carros saíram do pátio em fila. Um atrás do outro, os carros saíram. O príncipe de calicatri, a escrava miriam, o violinista, o visconde de dedodida e o ninguém estavam parados na varanda. Quando o último carro saiu, sabíamos que tinham partido para sempre. A noite subiu ao alto da montanha. A sua luz negra, cada estrela, brilhou a partir do alto da montanha, do céu. Havia a paz protegida por cadáveres. O visconde de dedodida agarrou na mão do ninguém e entraram dentro da casa. O violinista, como se não tivesse vontade, seguiu-os. A escrava miriam voltou à cozinha. Ficou o príncipe de calicatri a olhar para a montanha. Eu sabia que ele pensava nos invasores, rodeados de noite, a avançarem nas estradas distantes que ele conhecia. Eu estava no banco velho que existe sob a olaia. Diante de mim, estendido sobre a terra, estava o corpo morto da tradutora dos meus livros.

A noite: as estrelas, os grilos e uma camada de escuridão misturada com claridade. A lua cheia era um olho a ver-nos. O seu olhar chegava a todos os sítios aonde chegava a sua claridade. O seu olhar atravessava a escuridão e misturava-se com ela. O meu corpo estava frio. Apodrecia o meu corpo. O príncipe de calicatri desceu cada degrau da escada. Deu cada passo no pátio. Aproximou-se de mim em cada passo no jardim. Olhou para o corpo da tradutora. Olhou para mim, dividindo a tristeza. Levantou-me. Caminhámos pelo pátio. Entrámos na casa. Os corredores onde tinham acontecido tantas coisas.

[229]

Subimos as escadas. Estavam todos no quarto. Ninguém tinha de continuar no quarto, a casa estava vazia, mas ninguém tinha forças. O príncipe de calicatri deixou-me qçntro do roupeiro. Deitou-se ao lado da escrava miriam. O visconde de dedodida, o violinista e o ninguém estavam

deitados no chão, tapados por cobertores finos. Eu sentia o meu corpo a apodrecer. Havia chagas que caminhavam para dentro do meu corpo frio. A noite, a sua luz negra, entrava pela janela. Foi essa luz que cobriu os meus olhos no momento em que adormeci.

[231]

7. A Morte

[233]

Feliz aquele que socorre o necessitado; no dia da desgraça, o Senhor o salvará.
O Senhor o guardará, o fará viver e lhe dará felicidade sobre a terra, e não o entregará à mercê dos seus inimigos.
O Senhor assisti-lo-á no leito da dor, reconfortá-lo-á completamente na sua cama de enfermo.
Eu exclamo: «Senhor, tende compaixão! Curai-me já que pequei contra Vós!»
Salmos, 41, 2-5

[235]

ERA DE MANHÃ. Parecia começar um novo dia. Acordei. Foi muito devagar. Foi perceber que era de manhã, o sol, os primeiros pensamentos vagos e, só depois, acordar. Esperei, e todos acordaram. A escrava miriam saiu do quarto e não voltou com comida, como nas outras manhãs. Pela porta aberta, entrou um gato. Era um gato admirado. Era um gato que descobria a casa. O príncipe de calicatri aproximou-se de mim. Atrás dele, o violinista, o visconde de dedodida e o ninguém levantavam-se. Aproximou-se de mim. O seu rosto estava junto ao meu. Havia uma mancha de pele podre que lhe contornava a orelha. Com o rosto no interior do roupeiro, disse-me agora já posso partir. Olhei para ele numa maneira de não entender. Ele não disse mais nada. Levantou-me do roupeiro. Ficámos parados. A manhã existia na janela. Reparei que o visconde de dedodida estava em silêncio havia muito tempo. A sua voz, nos dias em que chegara, era uma voz viva. As suas palavras existiam menos do que a sua voz. Quando chegara, respondia a perguntas que não lhe faziam. Perguntava palavras que ficavam sem resposta. As suas palavras eram menos importantes do que a sua voz. No entanto, reparei que havia muito tempo que nem a sua voz nem as suas palavras interrompiam o silêncio. Antes de sair do quarto, antes de descer as escadas seguido por passos, o príncipe de calicatri olhou para o visconde de dedodida, para o violinista e para o ninguém. O visconde de dedodida deu a mão ao ninguém e seguiu-o. O violinista seguiu-os. Eu ia ao colo do príncipe de calicatri.

[236]

Fizemos o mesmo caminho de todas as manhãs. No corredor, estava outro gato que caminhava e desconfiava de nós. Depois da porta, depois das escadas, os corpos das crianças estavam espalhados pelo chão da sala de baixo. Estavam nas mesmas posições em que os soldados os tinham deixado. O sangue tinha secado na pele seca das crianças e no chão. Havia na sala o cheiro dos corpos que começam a apodrecer. O príncipe de calicatri pousou-me no chão e ficámos parados. Os nossos olhos viam aquilo que sempre tinha sido impossível e que, naquele momento, estava diante de nós. Ficámos parados. Não queríamos ter imaginado nunca aquilo que víamos ali. Ficámos parados. E admirámo-nos quando o visconde de dedodida, como as mulheres, se lançou a chorar sobre os corpos das crianças. Deitado sobre corpos mortos, o visconde chorava. A sua voz angustiada era igual à voz das mulheres que tinham partido. Como as mulheres, o visconde de dedodida chorava. Debaixo do seu corpo, os corpos das crianças. Pelo buraco grande e circular que lhe atravessava a barriga, podia ver-se a cara de uma menina

morta. Depois do instante em que não soube o que havia de fazer, o príncipe de calicatri abriu a janela, abriu as portas de baixo que davam para o pátio e começou a carregar os corpos das crianças. O violinista carregava corpos ou pedaços de corpos nos seus braços sem mãos. Quando levantavam uma criança do chão, ouvia-se o seu corpo a descolar-se do soalho de madeira. Pela janela, eu via aumentar o monte de crianças mortas que iam juntando no centro do pátio.

Antes de levantarem os corpos das últimas crianças, o príncipe de calicatri e o violinista aproximaram-se do visconde de dedodida e ajudaram-no a levantar-se. Eu e o ninguém estávamos encostados à mesma parede. O ninguém não viu quando o violinista consolou o visconde. Eu vi tudo. O violinista não sabia o que havia de dizer porque não sabia as razões que o visconde de dedodida tinha para chorar assim. Todos conhecíamos o terror. Todos conhecíamos a morte. O violinista, como nós, não sabia por que razão o visconde de dedodida chorava perdido.

[237]

O violinista, como poderia ter dito qualquer outra coisa, disse pronto, já passou. O visconde de dedodida, com os olhos vermelhos, disse não passou, nunca passará, aquilo que roubaram nunca mais poderá ser devolvido. E gritou da mesma maneira que gritaram as mulheres. O príncipe de calicatri aproximou-se dele. Eram o príncipe de calicatri e o violinista a olharem para o visconde de dedodida. Foi nesse instante que o visconde de dedodida baixou o olhar sobre as mãos. Tinha as mãos diante do buraco que lhe atravessava a barriga. Sem que ninguém lhe perguntasse, contou tudo. Tinha a voz húmida de suspiros e de soluços de chorar ainda. Contou tudo. O príncipe de calicatri e o violinista ouviram. O ninguém não ouviu. Eu ouvi tudo. O visconde de dedodida contou que nos tinha mentido. O visconde de dedodida contou que, no dia em que os invasores tinham chegado, ele não estava num restaurante, não estava a beber um café e não foi esse almoço semidigerido que lhe arrancaram da barriga. Estava na rua. Estava numa das ruas da cidade e estava grávido. Estava grávida. O visconde de dedodida era uma mulher que estava grávida quando as invasões chegaram à cidade. O visconde de dedodida era a viscondessa de dedodida. Olhámos para ele com outros olhos, porque ele era ela. A viscondessa de dedodida. Chorava. As lágrimas do seu rosto pareceram-nos diferentes. Foi como se olhássemos para ela pela primeira vez. Vindo da rua, entrou um gato pela porta aberta. Aproximou-se de uma poça de sangue seco e lambeu-a. A viscondessa de dedodida disse aquilo que roubaram nunca mais poderá ser devolvido. O príncipe de calicatri e o violinista olharam para as mãos da viscondessa de dedodida. Nas mãos da viscondessa, estava o olhar dela. Por detrás das suas mãos estava o buraco grande e circular de onde lhe tinham arrancado um sonho importante. A viscondessa de dedodida chorava e falava das noites que tinha passado a bordar desenhos em roupas pequenas: borboletas, flores. A viscondessa de dedodida dizia que tinha imaginado tantas coisas. O violinista deu-lhe o braço, deu o outro braço ao ninguém e subiram as escadas juntos.

[238]

O príncipe de calicatri voltou para o pátio. Através dos vidros e das grades da janela, vi-o carregar o corpo da tradutora dos meus livros. Vi-o atirá-la para cima dos corpos das crianças. Depois, como um trabalho que fazia com método, vi-o entrar na garagem, o som do motor, e vi-o sair no meu carro. Parou o carro junto ao monte de corpos. Abriu as portas e encheu o porta-bagagens e o banco de trás e o banco da frente com cadáveres. O único espaço que continuou livre foi o banco do condutor. De encontro aos vidros do carro, havia rostos de crianças mortas. O príncipe de calicatri entrou de novo na sala. Limpou as mãos às calças e levantou-me. Levou-me pela porta de baixo, deu dois passos no corredor e saiu para o pátio. Subiu as escadas e deixou-me na cadeira que estava na varanda. Do interior da casa, soavam os gritos da viscondessa de dedodida e a voz do violinista. Diante de mim, estava a montanha. Quando eu

tinha braços, podia abri-los e, àquela distância, os meus braços abertos não conseguiam segurar o tamanho da montanha. O príncipe de calicatri desceu as escadas. Entrou no carro, o som do motor, e saiu. O carro afastava-se na estrada que existe diante da casa, depois do jardim. O som do motor, lentamente, deixou de ouvir-se. Desapareceu. Olhando para a montanha, imaginei o príncipe de calicatri a chegar ao cemitério. Imaginei-o a enterrar as crianças. Imaginei-o a enterrar a tradutora dos meus livros. Antes de chegar à campa dos seus pais, antes de cair sobre os joelhos e lhes contar os segredos que só se contam aos mortos, talvez o príncipe de calicatri tenha passado pela campa daquela que desapareceu dentro de mim. Talvez tenha passado pelo espaço de terra onde está enterrada a minha mãe. Talvez tenha passado pelo jazigo do meu pai ou pelo lugar do meu editor. Imaginei o príncipe de calicatri a enterrar as crianças e a tradutora dos meus livros. Lembrei-me de que tenho tantas partes de mim enterradas naquele cemitério.

Depois do fim da manhã, o sol era mais quente. A escrava miriam chegou com um prato de sopa e deu-me colheres cheias.

[239]

Eu abria a boca. A sopa descia pelo meu corpo gelado. A sopa descia dentro de mim, como se me preenchesse. O calor do sol e da sopa não aqueciam o meu corpo. Era o meu corpo que arrefecia a sopa e o sol. O meu corpo a apodrecer. As manchas de carne podre que me cobriam parte do corpo entravam dentro da minha carne fria. A carne a apodrecer era feridas na carne. Quando o príncipe de calicatri entrou no pátio com o carro vazio, a escrava miriam pousou a colher dentro do prato e voltou a entrar na cozinha. O príncipe de calicatri chegou junto de mim, iluminado pelo sol de julho que era luminoso. Sentou-se a meu lado. Dentro da mão, trazia um cigarro. Inclinou-se para mim e pousou-o entre os meus lábios. Acendeu-o com um fósforo. Quando eu inspirava o fumo, a pequena brasa que ardia no cigarro tornava-se viva e queimava. O cigarro acabou. O príncipe de calicatri lançou-o na direcção do pátio. Caiu sobre os rebentos de hera que começavam a crescer sobre as paredes da casa. A sua voz, como se não saísse dos seus lábios, como se não saísse do seu rosto, começou a contar-me que, num país distante, os homens queriam ser mulheres e as mulheres queriam ser homens. Nesse país distante, os homens eram mulheres e as mulheres eram homens. Depois, os homens, que eram mulheres, perceberam que eram quase iguais às mulheres, que eram homens. As mulheres, que eram homens, perceberam a mesma coisa. Depois os homens e as mulheres, que eram mulheres e que eram homens, perceberam que não eram quase iguais, perceberam que, naquilo que era mais importante, eram completamente iguais. Não chegaram a essa conclusão num dia, mas quando chegou o dia em que todos e todas, que eram todas e todos, perceberam isso, as mulheres e os homens perceberam que eram indistintos entre si. Nesse país distante, ninguém sabia dizer quem eram os homens que eram mulheres, ou quem eram as mulheres que eram homens. As crianças que nasciam, fossem meninos ou meninas, passaram a ser pessoas que não eram nem homens, nem mulheres. As gerações mais novas passaram a ser apenas pessoas e mesmo as palavras homem e mulher desapareceram.

[240]

O príncipe de calicatri contou-me que, nesse país distante, as pessoas quando se apaixonavam eram felizes, depois deixavam de ser. Exactamente como nos países onde há homens e mulheres. Eu e o príncipe de calicatri ficámos a pensar nisso. Não percebemos bem. A viscondessa de dedodida chegou à varanda. O violinista e o ninguém vinham atrás dela. A viscondessa vinha com os olhos chorosos. Um gato subiu as escadas, atravessou a varanda e entrou dentro de casa. A viscondessa de dedodida aproximou-se dos nossos olhares. Não esperou que a olhássemos durante muito tempo e disse agradeço-vos por tudo. Chegou a hora de partir. O violinista e o ninguém estavam em silêncio. A viscondessa disse agradeço-vos por tudo, mas chegou a hora de partir. Vou procurar a minha casa. Vou procurar tudo o que deixei. O príncipe de calicatri

levantou-se e ofereceu-se para a levar no carro. A viscondessa de dedodida, que se estava ainda a recompor, disse que não com a cabeça. Passou por nós quando se dirigia para as escadas. Fizemos-lhe uma vénia com a cabeça. O violinista deu um passo e abraçou-nos demoradamente. Antes de sair, deu o braço ao ninguém e puxou-o. Sem saber como podia cumprimentá-lo, quando passou por nós, o príncipe de calicatri deu-lhe uma palmada no ombro. Estávamos sentados quando atravessaram o pátio. O sol era muito forte. Ficámos a vê-los afastarem-se na estrada. À frente, ia a viscondessa de dedodida. Caminhava, como se naquele momento pensasse em tudo o que quisera esquecer. Atrás ia o violinista de braço dado com o ninguém. O violinista transpirava. O ninguém caminhava com a cabeça muito levantada e, às vezes, tropeçava. Ficámos a vê-los afastarem-se na estrada. Dentro de mim, na escuridão, tentei imaginar se aqueles três poderiam alguma vez ser felizes.

Passaram dias. A escrava miriam arrumou novamente o meu quarto. As folhas de hera voltaram a cobrir a casa. O príncipe de calicatri encontrou a escrivainha e trouxe-a de volta para a sala. Os gatos entravam na casa e ficavam, tinham filhos. Ao fim da tarde, sentia que o braço que não tinha começava a tremer. Ficava a tremer enquanto passava a noite.

[241]

De manhã e durante todo o dia, ficava na varanda. Os dias estavam bonitos. A montanha era diferente todos os dias. Ao longe, ouviam-se sons de pessoas que existiam. Muitas vezes, lembrava-me de coisas que doíam: a minha mãe morta, as crianças mortas, aquela que amara a desaparecer dentro de mim. Havia cada vez mais feridas sobre a superfície da minha pele. Era cada vez maior o espaço da minha pele a apodrecer. As feridas cobriam o meu corpo e avançavam dentro da minha carne, dirigiam-se aos ossos. Entre as lembranças que doíam, o rosto daquela que desaparecera dentro de mim surgia, às vezes, desenhado na forma das árvores da montanha, no rosto da estátua visto ao longe, nas linhas invisíveis que o vento espalhava no ar. Mas, devagar, o tempo transformava tudo em tempo. Essa é a explicação da eternidade. Devagar, o tempo transforma tudo em tempo. O ódio transforma-se em tempo, o amor transforma-se em tempo, a dor transforma-se em tempo. Os assuntos que julgámos mais profundos, mais impossíveis, mais permanentes e imutáveis, transformam-se devagar em tempo. Por si só, o tempo não é nada. A idade de nada é nada. A eternidade não existe e, no entanto, a eternidade existe. Os instantes dos olhos dela parados sobre mim eram eternos. Os instantes do sorriso dela eram eternos. Os instantes do seu corpo de luz eram eternos. Foi eterna até ao fim. A peste avançava pelo meu corpo, destruía-me mais, quando me lembrava do seu rosto. Durante o dia, a escrava miriam andava pela casa a tratar dos seus mistérios. O príncipe de calicatri sabia sempre onde ela estava. Mesmo quando o príncipe de calicatri estava no jardim a arrancar ervas, se a escrava miriam saía do meu quarto para a sala de jantar, ele sabia. Diziam poucas palavras um ao outro. Olhavam-se e abraçavam-se. Quando passavam um pelo outro, quando estavam no mesmo lugar, olhavam-se. Às vezes, o príncipe de calicatri estava no jardim, ou estava na garagem, ou estava no pátio, e largava de repente aquilo que estava a fazer, avançava com passos urgentes pelo caminho mais rápido até chegar à divisão da casa onde estava a escrava miriam.

[242]

No instante em que se viam, abraçavam-se com força, como se assim se protegessem de um terramoto do mundo. À noite, o príncipe de calicatri sentava-me à mesa da sala de jantar. Ele sentava-se noutra cadeira. A escrava miriam entrava com a comida e ficava a meu lado. Cortava a carne em pedaços pequenos e enfiava-mos na boca e esperava que eu mastigasse. O príncipe de calicatri, quando levantava um pouco o guardanapo que tinha no colo e baixava um pouco a cabeça para limpar a boca, olhava para a escrava miriam. Havia momentos em que ela olhava para ele. Depois, ele deixava-me na sala, sobre o sofá grande. Sentava-se a meu lado. A escrava

miriam ficava de pé, encostada à porta. Em certas noites, quando se lembrava, o príncipe de calicatri contava histórias de países distantes. Nessas noites, eu sentia tremer o braço que estava longe de mim, esquecido debaixo da terra, olhava para a escrivaninha e não podia fazer nada.

Numa manhã, depois de acordar, sentindo que não conseguira adormecer, o príncipe de calicatri chegou ao meu quarto para me levar para a varanda. Quando levantou o lençol que me tapava, olhei para ele de uma maneira que o fez parar-se a olhar-me, esperando aquilo que via nos meus olhos. Nesse silêncio, pedi-lhe que me levasse ao cemitério. Fez um movimento com a cabeça e continuou a arranjar-me. Vestiu-me uma camisa e uns calções lavados. Na casa de banho, com uma só mão, inclinou-me sobre o lavatório e, com a outra mão, abriu a torneira. Pousou os dedos debaixo da água e esfregou-me a cara com essa mão molhada. A água fazia os pedaços de pele podre escorrerem-me pela cara abaixo. Passámos pela escrava miriam na cozinha. Entrámos na garagem. O príncipe de calicatri pousou-me no banco da frente. Abriu o portão e sentou-se ao volante. A estrada para a cidade. A montanha. A auto-estrada. Percebi que eu e o príncipe de calicatri já não precisávamos de falar. Chegámos ao início da cidade. Nos passeios, havia pessoas mutiladas, a apodrecer. Cruzámo-nos com carros conduzidos por homens que só tinham um olho e que tinham manchas de pele a apodrecer-lhes na cara, na testa. Passámos pelo centro da cidade.

[243]

Havia mulheres que só tinham uma perna e que caminhavam aos saltinhos, amparadas por escravas. Havia rapazes novos que passavam sem braços. Tentei ver a viscondessa de dedodida, ou o violinista, ou o ninguém, entre a multidão de mutilados que caminhava na praça. Olhando ao longo das ruas que se estendiam na direcção do rio, vi uma fila de pessoas que esperavam diante da porta onde eu tentara tratar do assunto da minha mãe. Eram pessoas que apodreciam. Havia um homem que, do braço, apenas tinha o osso. Havia mulheres a quem caíam madeixas de cabelos longos. Havia mulheres e homens que esperavam, mutilados, a apodrecer. Parámos em semáforos. À nossa frente, a estrada era atravessada por gente a quem tinham cortado os dedos, gente sem o topo do crânio. Tinham a pele branca, manchada de castanho, como maçãs que apodrecem na mesa de uma casa fechada. Chegámos ao cemitério. O portão de ferro. Negro, com manchas de ferrugem. Eu, que não tinha braços, conhecia ainda o toque da ferrugem. O príncipe de calicatri avançou comigo para o portão de ferro. Entrámos. Havia uma fronteira que era atravessada quando entrávamos pelo portão de ferro. Antes do portão, estávamos no mundo e olhávamos para dentro do cemitério com temeridade. Antes do portão, estávamos perto, mas estávamos muito longe do cemitério. Depois do portão, estávamos no cemitério e olhávamos para fora como se fosse um mundo aonde não podíamos voltar. Depois do portão, estávamos longe do mundo e parecia-nos que nunca mais poderíamos sair dali. Entrámos. Havia malvas a crescer em redor das campas. O som dos passos do príncipe de calicatri ouvia-se na luz do sol sobre a pele. O tempo atrasou-lhe os passos quando, ao longe, começámos a ver a campa daquela que amei tanto. Amor. Era como se o príncipe de calicatri caminhasse na manhã, como se o príncipe de calicatri subisse a escada interminável da manhã. Como a eternidade, cada passo foi eterno até ao seu fim. Quando chegámos perto da sepultura, tinham passado muitas eternidades. O príncipe de calicatri deixou-me sozinho. Foi para a campa dos seus pais.

[244]

Ajoelhou-se. Olhar para a fotografia do seu rosto puro fazia arder os pedaços de carne que apodreciam no meu corpo. Os meus olhos eram limpos. Em momentos, eu acreditava que os seus olhos me viam. A pele que nunca toquei do seu rosto. Tantas vezes imaginei como seria tocar a pele do seu rosto, passar os dedos muito devagar pelo seu rosto, os dedos muito devagar a deslizarem suavemente pela linha da pele do seu rosto. Os seus cabelos de menina. O sorriso envergonhado dos seus olhos. Em momentos, eu acreditava que me viam. Quase cheguei a

dizer-lhe uma palavra. Amor. Mas, o cemitério, o mármore, as feridas que apodreciam no meu corpo. O sangue gelado que corria dentro de mim. O sol. Fiquei a vê-la. Os seus olhos, se eu pudesse mudar de posição, seguir-me-iam sempre. Aquele tempo passou no meu olhar e nas feridas putrefactas do meu corpo. O príncipe de calicatri tocou-me no ombro. As suas palavras perguntaram-me se podíamos voltar para casa. Disse-lhe que sim. As nossas vozes eram a realidade depois de acordar. Depois da noite negra, a manhã que agride e que salva. As nossas vozes eram isso. Ao colo do príncipe de calicatri, quando nos dirigíamos para o portão, cada vez mais perto, vi ao longe o lugar onde estava enterrada a minha mãe, o lugar onde estava o meu editor. Passámos à frente do jazigo do meu pai. Saímos. O portão de ferro era uma fronteira entre o cemitério e o mundo. Saímos. O sol era mais forte. Ouviam-se os pássaros. As sombras dos ciprestes caíam sobre os muros e estendiam-se fora do cemitério. Os ciprestes, vistos de fora, eram diferentes. As suas sombras, fora do cemitério, eram menos frescas. O príncipe de calicatri pousou-me no banco do carro e fechou a porta. Deu a volta diante do pára-brisas. O som do motor. De novo, a cidade. Lentamente, o carro a atravessar as ruas. O carro parado nos semáforos. Não dizíamos nada porque não precisávamos. Víamos a gente mutilada que apodrecia enquanto caminhava nos passeios. Quando saímos da cidade, a auto-estrada, e chegámos ao pátio. A montanha olhava-nos, como se perguntasse aonde tínhamos ido sem o seu consentimento.

[245]

O príncipe de calicatri estacionou o carro. Voltou a deixar-me na varanda. Era o início da tarde. Nesse dia, o príncipe de calicatri haveria de abraçar a escrava miriam muitas vezes. Existia um olhar triste no momento em que os corpos se separavam, antes de se abraçarem de novo. À noite, depois de jantar, o príncipe de calicatri contaria histórias de países distantes. Eu e a escrava miriam ficaríamos nos nossos lugares, parados, e não escutaríamos nenhuma história, pois estaríamos a pensar em palavras que existiam em países ainda mais distantes, que existiam na escuridão profunda que existia dentro de nós.

Foram dias em que envelheci. A peste crescia para mim. Eram poucos os espaços na minha pele que ainda não tinham apodrecido. Havia sítios onde a carne tinha apodrecido até aos ossos. A peste demorava-se nos pedaços de carne que permaneciam agarrados aos ossos. Quando a escrava miriam me dava banho, a água levava todos esses pedaços de carne castanha e podre. O meu corpo nu e molhado era cravado de buracos. O meu rosto. No fundo dos buracos mais fundos, via-se a superfície dos ossos brancos. A escrava miriam vestia uma camisa e uns calções sobre o meu corpo podre. O meu corpo a desfazer-se. As suas mãos e os seus braços finos apodreciam também e levavam-me para a varanda. Às vezes, passava uma brisa que tentava curar-me as feridas. Entrava pelas mangas da camisa e saía vencida. Ao longo dos dias, eu adormecia muitas vezes na varanda. A dor entrava dentro de mim, dentro dos meus olhos, e eu começava a ver a montanha puxar-me para o seu interior, o céu descia para me envolver, a escuridão que via quando fechava os olhos cercava-me. Foi num fim de tarde. Havia umà brisa que refrescava a paisagem. A escrava miriam e o príncipe de calicatri eram tão importantes para mim. Antes do dia em que chegaram os dois à varanda, passaram dias em que lhes distinguia a tristeza nos olhares. Chegaram os dois à varanda. Vinham de mãos dadas. Traziam a mesma tristeza nos olhares. Aproximaram-se de mim. Foi a escrava miriam que falou. Disse vamos partir. Eu olhava-os e não podia dizer nada.

[246]

O príncipe de calicatri disse nós sentimos amor um pelo outro e nunca poderemos ser felizes aqui, agora. Amor. A escrava miriam olhou-me, como se dissesse a mesma coisa. Despedíamo-nos em cada momento do fim de tarde que passava na varanda, pois sabíamos que aqueles eram os últimos momentos. Foi o príncipe de calicatri que me agarrou ao colo. Senti o buraco de onde

lhe tinham arrancado o coração. Ia nos seus braços e, se pudesse, tinha-o abraçado. Éramos amigos para sempre. Atravessávamos sombras. Os gatos enchiam o chão do corredor e afastavam-se, abrindo um caminho por onde passavam o príncipe de calicatri e a escrava miriam. O meu quarto arrumado. A escrava miriam levantou o lençol novo que cobria a minha cama. O príncipe de calicatri pousou-me no lençol branco e fresco que estava sobre o colchão. Por baixo das minhas costas e da minha cabeça, tinha almofadas grandes que me deixavam inclinado, quase vertical. A última luz do dia chegava-me aos olhos. A cama estava encostada à janela e eu podia ver tudo: a montanha ao longe. A escrava miriam tapou-me com um lençol. O seu toque, branco e fresco, era muito frágil. Era como uma teia de aranha, como um véu, como uma brisa, como uma imagem da memória. O príncipe de calicatri e a escrava miriam olharam para mim durante momentos. Despedíamo-nos em cada momento. O príncipe de calicatri baixou-se sobre mim, pousou-me as duas mãos por baixo da cabeça e apertou a sua cara de encontro à minha. Ficámos assim. Quando se afastou, os seus olhos eram a tristeza. A escrava miriam olhou para mim. Despedimo-nos assim. Os nossos olhares eram a vergonha que acumuláramos durante toda a vida. Os nossos olhos eram iguais. Olhámo-nos e, pela primeira vez, apeteceu-nos dizer as palavras irmã, irmão. Ficámos em silêncio. O silêncio foi os nossos olhos a brilharem, a tristeza. Num momento que ninguém escolheu, saíram juntos, de mãos dadas. Deixaram a porta aberta. Os gatos entravam e olhavam para mim. Alguns deitavam-se no chão. Tremia o braço que eu apenas tinha na memória. Voltei a cabeça para olhar pela janela.

[247]

A paisagem. O príncipe de calicatri e a escrava miriam entraram de mãos dadas na paisagem. A aura do sol descia atrás da montanha. Quando chegaram à estrada, abraçaram-se num tempo em que o sol parou. Depois, viraram-se de costas um para o outro. Cada um deles, à mesma velocidade, começou a andar para uma direcção oposta. Afastavam-se cada vez mais. Nenhum deles olhou para trás. Afastavam-se cada vez mais. Caminhavam. Pensei nas palavras do príncipe de calicatri. Nunca poderemos ser felizes aqui, agora. Amor. Enquanto se afastavam cada vez mais, eu pensava que talvez voltassem a encontrar-se no outro lado do mundo. Se isso acontecesse, não seria aqui, seria na outra parte do mundo; não seria agora, seria depois de cada um deles ter caminhado por metade do mundo. Nesse dia, talvez pudessem ser felizes. Enquanto a tarde terminava, vi-os afastarem-se cada vez mais. Vi-os desaparecerem em pontas diferentes da estrada. Quando desapareceram, houve um instante e chegou a noite.

Dias e semanas. Os gatos caminhavam pela casa, simulando sons. Deitado na cama, de manhã, ou durante a noite, ou a meio da tarde, pareceu-me ouvir a voz da minha mãe a falar ao telefone com a dona do palácio de siliae. Noutras ocasiões, pareceu-me ouvir as mulheres a gritarem sobre os corpos mortos das crianças, ou os passos do príncipe de calicatri quando ia buscar-me à sala de baixo ao fim da tarde, ou a voz daquela que desaparecera de dentro de mim quando me dizia não aguento mais, amor. Às vezes, olhava pela janela, via o vento a agitar as ervas e ouvia claramente, como no primeiro dia, a música. Ao longe, estava a montanha. A montanha erguia-se ao céu, como se o medo crescesse todo da terra. Diante da janela, em tudo o que podia ver, não havia horizonte. A montanha era uma parede depois das paredes da casa. Passou agosto. Os dias de agosto. A minha pele a transformar em frio os dias de agosto. Passou setembro. Na cama, eu ficava cada vez mais fraco. A luz doce de setembro iluminou com a cor do mel o meu corpo. Eu era como uma vida que, em cada instante, desaparece mais. Houve dias, antes do início de outubro, em que pássaros vieram pousar no parapeito da janela.

[248]

Pararam a olhar para mim. Eu levantava as minhas pálpebras pesadas para os ver. A sua presença ágil na madeira velha do parapeito da janela trazia-me mais um pouco da vida que desaparecia nos meus membros enterrados, no meu corpo podre e no meu interior gelado e

negro. Os seus corações pequenos de pássaros eram um instante em que me parecia ver qualquer coisa com os olhos de quando eu era criança. Quando eu era criança, os pássaros a voarem tanto no céu, os pássaros que não se deixavam apanhar, eram um mistério maravilhoso. Os pássaros, no parapeito da janela, foram instantes que passaram dentro de dias, antes do início de outubro. Os dias ficaram cinzentos quando começou a ser outubro em todo o mundo. Mas os dias foram iguais. Dias e semanas. Tempo em que acordava de noite com o som do telefone a tocar. Acordava e lembrava-me de que o telefone tinha sido arrancado da parede pelos invasores, quando eu via sofrimento nas dores pequenas que tinha. Os dias avançavam dentro de outubro. No lençol branco que me cobria, o meu corpo estava marcado por uma mancha castanha que tinha exactamente a minha forma. Era o meu corpo a apodrecer. O lençol absorvia os restos da minha carne. O tempo secava-os. A memória era a única pessoa com quem podia falar. Na minha memória, encontrava a minha mãe quando ela estendia a manta e se sentava a meu lado a contar-me histórias. A respiração distante do meu pai e da escrava madalena. Encontrava o príncipe de calicatri quando ele me deixava entrar no seu quarto e me contava o tamanho do seu entusiasmo. Os seus pais atrás da porta com medo. Na minha memória, encontrava a escrava miriam com o olhar baixo. Soldados em cima dela. O seu olhar tímido. Encontrava aquela que desaparecera dentro de mim na noite em que vira o seu rosto desenhar-se no centro da escuridão dos meus olhos fechados. A memória doía-me e era a única coisa. Os corpos dos gatos moviam-se no chão do quarto vazio. Passavam pela porta aberta. Eu sabia que o corredor estava cheio de gatos. A casa toda estava cheia de gatos. Foi no olhar dos gatos, foi na montanha, foi nos campos e no mundo que podia ver da janela, foi dentro de mim que chegou o mês da noite.

[249]

No mês da noite, as horas eram todas iguais. De manhã era noite. De tarde era noite. De noite era noite. Durante o mês da noite, não entendi o tempo a passar. A escuridão dentro do meu corpo existia em toda a casa. Existia depois da janela, ao longo dos campos. Existia na montanha, entre as árvores. Durante esses dias negros, sentia que o meu corpo apodrecia cada vez mais. As forças fugiam de mim. As forças que um dia existiram no meu corpo tinham aproveitado a escuridão absoluta do mundo para se transformarem, também elas, em escuridão. O quarto era a minha respiração de moribundo e os movimentos dos gatos no chão. Os gatos eram pequenos seres negros que mudavam de lugar numa multidão impaciente de formas negras. O chão estava cheio desses seres negros que se mexiam num silêncio de corpos a mexer-se e a respirar. Se eu olhasse para o chão e ficasse muito atento, via o brilho fugaz e espaçado dos olhos dos gatos. A escuridão, sem formas, fazia com que eu procurasse aquela que desaparecera dentro de mim. Olhava para a escuridão e sofria porque me lembrava de que, num dia que passara, podia procurar um rosto que dormia tranquilo, um rosto que acordava suavemente e me olhava com um sorriso. Essa mágoa fazia-me apodrecer mais. O som da minha respiração enchia o quarto. Debaixo do lençol que me cobria, debaixo do frio, na escuridão, as minhas costelas descarnadas de carne podre. Os meus pulmões, fracos, entre as costelas, esvaziavam-se de ar. Os meus pulmões apodreciam por dentro.

Dentro dos meus pulmões, havia pedaços de carne podre que tapavam o caminho do ar. A garganta era rouca quando respirava. A carne que apodrecia dentro da minha boca tornava-se uma massa viscosa que me descia pela garganta. A escuridão, dentro de mim, em todo o mundo, sufocava-me lentamente. As horas passavam, depois passavam os dias, depois passavam as semanas. Tempo indistinto no mês da noite. Tempo e tempo, tempo que eu não entendia enquanto passava o mês da noite. Eu sentia que morria devagar. Não sabia se esperava. Não sabia se a vida era já a morte.

[250]

Na escuridão absoluta, a escuridão absoluta. Na escuridão, o silêncio. O frio. O medo de qualquer coisa desconhecida. E o tempo era o rio lento, negro, frio, que levava consigo o tempo de quem perdeu tudo. Eu sentia que morria devagar. A minha vida, a minha morte, era arrastada por esse rio de vozes que gritavam a escuridão em todos os lugares. Mas o tempo.

O tempo. O tempo existiu até ao momento em que a casa se ergueu brilhante na noite do mês da noite. O cheiro do fumo. O som da madeira a crepitar sob as chamas. A casa ardia com chamas que a envolviam, como um farol na noite do mundo. Havia chamas que brilhavam no fundo do corredor. Através da porta aberta, eu via a sua luz reflectida nas paredes brancas. Os gatos, subitamente iluminados, continuavam a mudar de lugar com a mesma lentidão. Alguns continuavam a dormir um sono antigo. As chamas chegaram à porta do meu quarto e envolveram-na. Arderam durante instantes. Os meus olhos viam a porta a arder, os tapetes a arder no chão, as vigas a arder no tecto. Os móveis do quarto ardiam. A janela, diante do meu rosto, ardia. Chamas pequenas subiam pelos pés da cama. Os meus olhos viam. Entre o som de partes do telhado que se afundavam no sótão, de móveis que caíam, de gatos que caminhavam indiferentes, distingui o som de passos pequenos e não consegui acreditar. Passos pequenos, frágeis. Talvez os passos de uma criança. Talvez os passos de alguma menina que caminhasse devagar, escolhendo o seu caminho. Os meus olhos viam. E, entre o fogo, atravessando chamas, vi o rosto daquela que desaparecera dentro de mim. O seu corpo. O seu vestido leve a moldar-lhe cada forma do corpo. De encontro às chamas, os seus cabelos longos e lisos. O seu rosto: os olhos, os lábios. Olhou para mim. Eu vi os seus olhos parados em mim. Estava diante de mim. Nunca a distância que nos separara havia sido tão curta. Eu não tinha braços para lhe estender. Eu só tinha os meus olhos para a abraçar. Estava diante de mim. Os nossos olhares eram atravessados pelo corpo fino de chamas que se levantavam no quarto.

[251]

Ela disse a tua vida foi muito importante. Eu amava-a ainda. Ela disse deste a tua vida para entender que o amor é impossível. O amor é o sangue do sol dentro do sol. Algo dentro de qualquer coisa profunda. Ela disse deste a tua vida para entender que o amor é a solidão. Ela disse estavas certo desde o início, o amor é tudo o que existe. As suas palavras eram talvez as chamas. As suas palavras misturavam-se com as chamas. Eu não conseguia distinguir as suas palavras das chamas. Eu entendia as suas palavras porque entendia as chamas que envolviam a casa, que enchiam o quarto. Dentro de mim, havia chamas. Ela olhava-me. Ela era a mulher mais bonita do mundo. Ela existia dentro e fora de mim. Eu conseguia entender a razão por que morria devagar. O meu corpo, sob o lençol que ardia, tinha apodrecido completamente. Eu olhava para ela. Não vi quando, na janela, começou a nascer a primeira manhã depois do mês da noite. Eu olhava para ela. Os gatos atravessavam as chamas. Sei que, na sala, ardia a escrivaninha onde o meu pai escrevera sonetos, ardia o sofá grande onde a minha mãe se deitara tantas noites. Na cozinha, ardia o fogão onde a escrava miriam se encostava a sofrer. No quarto onde estivéramos juntos, ardia a cama e o roupeiro. Na sala de baixo, ardia o chão onde as crianças foram felizes. Ardiam os retratos esquecidos no corredor. Em todo o lado havia gatos que caminhavam altivos entre as chamas. Eu e ela olháamo-nos. Os nossos olhares e as palavras eram atravessados pelas chamas. Ela era o seu rosto que era a pureza que existia em lagos distantes, água límpida através do fogo. Ela olhou muito para mim. Ela era o seu rosto de menina, a sua pele pura. Lembrei-me dos meus dedos sob a água limpa de uma fonte. Ela era a mulher mais bonita do mundo. Ela era a manhã sob o céu a iluminar de claridade. Ela disse amo-te. Ela, o seu rosto puro, diante de mim, as chamas, o fogo, disse amo-te. Como palavras impossíveis e como as únicas palavras. Eu sorri tanto. Fui feliz e, nesse momento, morri.

[contracapa]

A casa vive um mês por ano na escuridão. O escritor está fechado na casa, no seu mundo.

A escrita e a mulher amada brotam de um único lugar onírico, luminoso. Na casa vivem também uma mãe embrutecida pela dor, uma escrava silenciosa, uma multidão de gatos que se apropria do espaço e dos humanos que o habitam.

O mundo fora da casa é um país que vive na impassibilidade das regras estabelecidas, arrastado pela inércia, depurado pelas prisões, embalado pela literatura. Mais eis que chegam os invasores e, com eles, a escuridão absurda da barbárie que aquela civilização já não sabe como encarar nem combater. A casa transforma-se então num asilo de seres mutilados, violados, brutalizados quotidianamente. Mas é também, ainda, um jardim: o jardim de infância dos filhos dos invasores.

Amputado na sua capacidade de escrever, sonhar e amar, o escritor é salvo da morte em vida apenas pela força amorosa das crianças, transportado para o absoluto pelo manto unificador da podridão que se abate sobre todos os humanos, invasores e invadidos.

Podendo ser lido como uma magistral alegoria do fim de uma civilização que é, sem dúvida, a nossa ou comouma denúncia, violenta na sua doçura, dá barbárie que nos submerge sem que nos demos verdadeiramente conta, *Uma Casa na Escuridão* é um romance onde José Luís Peixoto consegue um equilíbrio miraculoso entre o pensamento do negrume que nos ameaça enquanto espécie e o júbilo da ternura que nos resgata, e que resgata, sempre, a escrita do autor para um espaço verdadeiramente intocado e novo.

Em simultâneo com *Uma Casa na Escuridão*, José Luís Peixoto publica *A Casa, A Escuridão*, livro de poemas relacionado com o universo e personagens deste romance.

[badana da contracapa]



José Luís Peixoto nasceu em 1974 em Galveias, concelho de Ponte de Sor. Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas, foi professor do ensino secundário e é colaborador regular de vários jornais e revistas como o UNA (Diário de Notícias) e o Jornal de IJitras, entre outros. Em 2000, publicou a ficção *Morreste-me* e, logo a seguir, o romance *Nenhum Olhar*, que fez agitar o panorama literário português e foi finalista dos prémios da APE e do PEN Glube, acabando por ganhar o Prémio José Saramago. Foram estes dois livros que, já traduzidos e publicados em quatro línguas e em negociação para várias outras, lhe garantiram o lugar que hoje ocupa como um dos jovens romancistas de maior destaque na Europa. O livro de poesia *A Criança em Ruínas*, lançado em 2001 e com edições sucessivas, constituiu um novo êxito de público e de crítica. Fendo representado Portugal em diversos eventos literários internacionais (Paris, Madrid, Frankfurt, Zagreb, entre outros), foi em 2002 o primeiro autor português convidado para a residência de escritores Ledig House em Nova Iorque, encontrando-se já a preparar o seu terceiro romance.